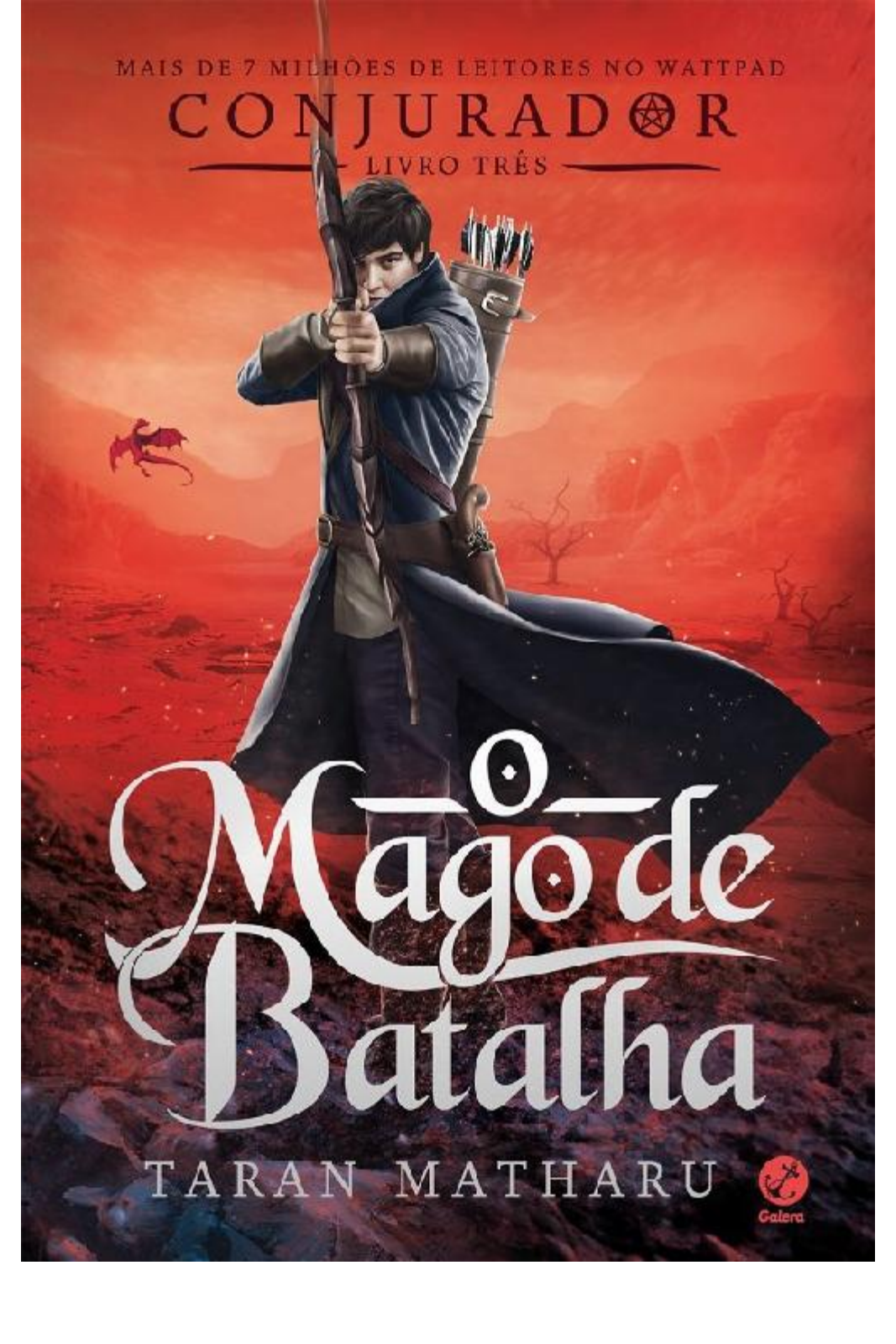


MAIS DE 7 MILHÕES DE LEITORES NO WATTPAD

CONJURADOR

LIVRO TRÊS



Magô de Batalha

TARAN MATHARU



Galera

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

MAIS DE 7 MILHÕES DE LEITORES NO WATTPAD

CONJURADOR

LIVRO TRÊS



Mago de Batalha

TARAN MATHARU



Obras do autor publicadas pela Galera Record:

Série *O Conjurador*

O aprendiz

A inquisição

O mago de batalha

TARAN MATHARU

Magô de Batalha

—LIVRO TRÊS—

Tradução

Ana Carolina Mesquita

1ª edição

— **Galera** —

Rio de Janeiro | 2017

M378m

Matharu, Taran

O mago de batalha [recurso eletrônico] / Taran Matharu ; tradução Ana Carolina Mesquita. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera , 2017.

recurso digital (O conjurador ; 3)

Tradução de: The battlemag

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web ISBN 978-85-01-11299-6 (recurso eletrônico) 1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Mesquita, Ana Carolina. II. Título. III. Série.

17-46046

CDD: 823

CDU: 821.111-3

Título original:

The Battlemage

Copyright do texto © Taran Matharu, 2017

Copyright do Compartilhamento ©Black Phantom digital books, 2017

Publicado originalmente na Grã-Bretanha em 2016 por Holder Children's Books.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11299-6



Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.
Atendimento e venda direta ao leitor: mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

A meu pai, por ter me dado os instrumentos para escrever
E a meu irmão e minha irmã, pela amizade de toda a vida



Sumário

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

Epílogo
Demonologia



1

Um caleidoscópio violeta cruzou a visão de Fletcher. Em seguida, ele se viu em um abismo, com água escura inundando a boca e o nariz.

Algo borrachudo lhe acertava o tornozelo enquanto ele se debatia, lutando contra o arrasto inexorável rumo à escuridão negra. Seus pulmões ardiam, frios como gelo, conforme ele engasgava com o líquido ferroso.

Sua consciência tornava-se um borrão, mingando junto ao calor de seu corpo. Ele sentiu-se entorpecido e leve.

A cada instante, lembranças lampejavam por seu cérebro sufocado. Sariel, esmagado sob os destroços da pirâmide. O rosto zombeteiro de Jeffrey, pisando nos corpos paralisados de seus amigos, uma zarabatana nas mãos. O portal, girando. Sua mãe.

Ele pairava no vazio.

No entanto, dedos grossos agarraram seu pulso estendido e o puxaram para cima. Ele ofegou quando o ar frio lhe bateu no rosto, depois sentiu a batida de um punho carnudo em suas costas enquanto vomitava o líquido que engolira.

— Isso aí, põe tudo para fora — murmurou Otelo, conforme Fletcher piscava para afastar a água dos olhos e via o novo mundo ao redor.

Estavam em uma ilhota rochosa com a forma de uma tigela virada de cabeça para baixo e coberta por uma camada espessa de algas verdes.

Percebeu que estavam no meio de um canal de águas escuras, com árvores submersas, semelhantes às de um manguezal, formando uma barreira grossa de ambos os lados. O céu acima era de um azul desbotado e melancólico, como um anoitecer de inverno.

Cress, Sylva e sua mãe também estavam ali, trêmulas e ensopadas, encolhidas ao lado de Lisandro, enquanto Tosk aninhava-se no colo do dono. Ignácio parecia ocupado, secando a desgrehada Atena a

lambidas, e Salomão, de bruços, abraçava a ilha, como um náufrago, ofegando com o esforço hercúleo que devia ter sido necessário para conseguir alçar a si mesmo e o paralisado Grifo para fora da água.

— Está se mexendo — disse Sylva, apontando para o portal que se contraía a uns 3 metros da ilha, semissubmerso nas águas plácidas. — Foi por isso que vocês foram parar lá longe quando atravessaram o portal da câmara. — Diante dos olhos de Fletcher, a abertura, encolhendo, pareceu afastar-se mais e mais antes de desaparecer com um ruído baixo de estouro.

— Nada disso — discordou Otelo, apontando para as árvores que se moviam ao lado. — Somos nós que estamos nos mexendo.

Era verdade. Pouco a pouco eles se moviam pelo rio escuro. Era quase como se a ilha estivesse... flutuando.

Fletcher engatinhou até a beira das rochas. Lá embaixo, nas águas pantanosas, uma cabeça reptiliana virou-se de lado, revelando uma íris salpicada de dourado que piscou para ele.

— Não é uma ilha — sussurrou Fletcher, vendo uma pata palmeada deslizar pelas águas. — Estamos em cima de um Zaratan.

Ele recuou bem devagar, tomando cuidado para não escorregar na superfície do casco. Pois é o que aquilo era: um casco. O demônio sobre o qual se moviam podia ser descrito como uma gigantesca tartaruga anfíbia. Ele supôs que aquele fosse razoavelmente jovem, pois os seres daquela espécie podiam ficar muitas vezes maiores que o espécime onde se acomodavam. Fletcher olhou para as árvores submersas ao lado, considerando as opções. Sem nenhuma terra à vista, não tinham para onde ir enquanto não encontrassem alguma coisa melhor.

Um clarão azul veio das árvores em torno; Fletcher se virou, percebendo que a forma rochosa de Salomão havia desaparecido, infundido através do couro de conjuração encharcado de Otelo.

— Salomão afundaria como uma pedra se nossa carona aqui decidisse mergulhar — explicou o anão, olhando para a água escura com um estremecimento.

— Boa ideia — elogiou Fletcher, sentindo uma pontada de medo por Lisandro. O Grifo, ainda paralisado devido aos dardos com que Jeffrey o atingira, provavelmente teria se afogado se o Zaratan não estivesse passando por perto.

Quanto a Ignácio, ele se enrodilhara em torno de Atena para aquecê-la com o calor do próprio corpo, enquanto ela, por sua vez, o envolvera com as asas, como se fossem um cobertor. Fletcher deixou que ficassem assim. Seria bom para os dois demônios criar laços. Agora, mais que nunca, ele precisava de que ambos se tornassem uma equipe.

O grupo ficou em silêncio. O único som que se ouvia era o do estalo das árvores ao vento. A cada rajada, a superfície plácida da água estremecia, como uma criatura viva.

— O único problema agora é: o que vamos fazer? — finalmente perguntou Cress, piscando ante o céu escuro.

— Esperar — respondeu Sylva, apoiando a cabeça no ombro de Cress. — Até encontrarmos terra firme ou algum lugar para nos esconder. Vamos torcer para que o Zaratan nos tire daqui rapidinho.

— Por que precisamos nos esconder? — indagou Otelo.

— Você acha que os orcs não vão adivinhar para onde fomos? — retrucou Sylva, apontando para todos eles. — Quando virem o rastro de sangue no chão, vão saber que escapamos por um portal até sua região no éter. Claro, as chaves não nos transportam até um local preciso, mas eles saberão mais ou menos onde estamos.

— Talvez nos deixem ir embora — sussurrou Cress, meio que para si mesma.

— Acabamos de invadir o coração do lugar mais sagrado para os orcs, destruímos metade do exército que levaram anos para formar — argumentou Sylva, balançando a cabeça. — Não, eles não nos deixarão escapar assim tão fácil. Em questão de horas, os cavaleiros e suas Serpes começarão a nos caçar; entrarão no éter assim que voltarem da busca pelas outras equipes. Temos sorte de Fletcher ter enterrado uma grande quantidade dos demônios dos xamãs mais próximos, porque assim eles ficarão desorientados, pelo menos por algum tempo.

— Ela tem razão — concordou Fletcher. — Vamos esperar até encontrar terra firme e a cobertura de uma floresta. Aqui estamos expostos demais.

Ele voltou, arrastando os pés, e se aconchegou junto à mãe. Era estranho tocá-la. Ele mal conseguia acreditar que ela era real. Seria mesmo ela... depois de todo aquele tempo?

Todos aqueles anos inspecionando os rostos das mulheres que encontrava, pensando na desalmada que tivera a coragem de abandoná-lo nu na neve... para agora descobrir que, na verdade, ela o amara e fora afastada dele durante todo aquele tempo.

Com a cabeça apoiada em seu ombro, Fletcher se deu conta de que a mulher tremia; o corpo estava tão exaurido que não lhe fornecia proteção alguma contra o frio. Os trapos imundos que usava estavam encharcados.

— Cress, onde estão os alforjes? — perguntou Fletcher.

— Hã... sabe o que é... — murmurou Cress, retorcendo as mãos no colo. — A gente aterrisou na água, e eu precisava das mãos para boiar. Só consegui ficar com um dos sacos de pétalas e dois dos alforjes. O seu e o de Jeffrey. Tome.

Ela empurrou um dos alforjes ensopados para Fletcher. Ao pensar na perda das pétalas preciosas, um estremecimento de medo espalhou-se pelo peito do jovem — eram sua única imunidade contra o veneno natural da atmosfera do éter —, mas ele afastou aquela preocupação por um momento. Em vez disso, abriu o alforje e ficou aliviado ao descobrir que o duro estojo de couro impedira a penetração da maior parte da água. Revirando o fundo, ele retirou a jaqueta que Berdon lhe dera de aniversário e a envolveu bem apertado em torno dos ombros da mãe, cobrindo-lhe a cabeça com o capuz. Ela esfregou o rosto no pelo macio de coelho.

Pela primeira vez, os olhos de Fletcher encontraram os da mãe. A água do pântano lavara a maior parte da sujeira do rosto da mulher, e Fletcher ficou maravilhado ao ver a semelhança impressionante com a irmã gêmea, Josefina, a mulher que vira ao lado de Zacarias Forsyth em seu julgamento. Entretanto, elas não eram idênticas, pelo menos não nas atuais condições de sua mãe. Os olhos estavam fundos, mirando inexpressivamente um ponto distante. Fletcher lhe afastou uma mecha de cabelo do rosto, magro quase esquelético. Quem poderia saber o que ela havia sofrido nos dezessete anos de cativo?

— Alice, você consegue me ouvir? — perguntou Fletcher, tentando encontrar seu olhar, mas não havia nenhuma luz atrás dos olhos da mãe. — Mãe?

— Mãe? — repetiu Otelo, suavemente. — Fletcher... você está bem? Essa é lady Cavendish.

— Não — retrucou Fletcher, ajudando a mulher a enfiar os braços finos na jaqueta. — Lady Cavendish morreu ao cair; ela jamais foi a prisioneira. Esta mulher ficou lá por muito mais tempo... minha vida inteira. Ela reconheceu Atena e chamou por seu filhinho, e eu reconheço esse rosto, do sonho que tive. Esta é minha mãe. Os orcs a capturaram quando eu era criança.

Otelo franziu a testa, então entendeu. Quando, contudo, abriu a boca para falar, seus olhos se viraram na direção das águas pantanosas atrás deles.

— Pra trás! — berrou, mergulhando em direção ao casco.

Ele imobilizou Fletcher no chão, e o rapaz ouviu o estalo oco de mandíbulas acima de sua cabeça. Um hálito fétido com cheiro de peixe o encobriu, e então a criatura se foi, deslizando de volta para as águas escuras, sem fazer praticamente nenhum ruído.

Fletcher viu de relance uma cabeça reptiliana e, por um instante de pânico, pensou que os Serpes os tivessem alcançado. Foi então que notou os vultos encurvados e cilíndricos nas águas ao redor, e suas aulas na Academia Vocans cintilaram em sua mente sem que ele as invocasse.

Sobeks. Enormes criaturas bípedes, semelhantes a crocodilos, que usavam as garras e mandíbulas para destroçar seus oponentes — isso se suas grandes caudas não os espancassem até a morte antes. Encurvado, com 1,50 metro de altura, o Sobek era um demônio de nível nove.

E, agora, eles estavam rodeados por dezenas deles.



2

Fletcher recuou, arrastando a mãe consigo. Eles pressionaram o corpo ao lado do de Lisandro, juntamente aos demais, porém, ainda assim, continuavam a poucos centímetros de distância da água... e dos vultos curvos espreitando sob a superfície.

— De onde eles vieram? — perguntou Cress baixinho, desembainhando o seax.

— Devem ter sentido a presença do Zaratan — respondeu Sylva. — Os Sobeks caçam criaturas menores, como nós.

O casco abaixo chacoalhou, e Fletcher percebeu que seu avanço lento pelas águas havia cessado. Ouviu um ruído na água quando o Sobek mais próximo agitou a cauda com empolgação.

Eles tinham encurralado suas presas.

— Nossa carona vai mergulhar — avisou Otelô, esforçando-se para ficar de joelhos. — Lisandro já se recuperou? Ele vai morrer afogado!

Outro tremor os sacudiu, mas eles não afundaram. O Zaratan manteve a posição, mesmo quando os Sobeks começaram a rodeá-lo, os cristados dorsos negros mal rompendo a superfície da água.

— Por que ele não mergulha? — indagou Fletcher, espiando na direção da água. Os olhos dourados do Zaratan o fitavam de volta. — Ele está... nos protegendo — sussurrou. — Sabe que, se cairmos na água, vamos morrer.

— Bem, ele vai simplesmente acabar morrendo também se não fizermos alguma coisa! — vociferou Sylva, puxando o arco dos ombros. Ela esticou o braço para apanhar uma flecha, mas a aljava estava vazia, seu conteúdo perdido no pântano.

Um Sobek investiu contra o Zaratan. O demônio tartaruga deu um solavanco, inclinando o casco para o lado, e Lisandro deslizou pela superfície. Ele lutou debilmente para subir de novo, mas, enquanto tentava se agarrar na inclinação suave, os Sobeks mais próximos perceberam ali sua chance. A água espumou, branca, quando dois se

separaram do bando, as caudas grossas chicoteando para a frente e para trás conforme nadavam rumo ao pobre Grifo.

Os outros aguardaram: eram mais pacientes que seus irmãos.

— Não! — berrou Fletcher, sacando seu khopesh e saltando sobre o corpo inerte de Lisandro.

Sylva o seguiu, erguendo a falx bem alto enquanto os dois monstros avançavam a toda a velocidade. Olhos verde-amarelados cintilaram, e então o primeiro Sobek saltou da água. Agachou-se bem baixo apoiado nas duas pernas e arranhou o casco com suas garras, deixando sulcos na cobertura de algas. O focinho comprido se abriu, revelando uma cavernosa bocarra amarela, repleta de dentes afiados.

O demônio atacou tão depressa que Fletcher mal teve tempo de se defender, fazendo com que as cinco garras em forma de gadanha se chocassem com a lâmina curva do khopesh. A força dos braços do Sobek era imensa, e Fletcher mal conseguia impedir que as garras afiadas se enganchassem em seu rosto. Ele forçava a espada com ambas as mãos, desesperado.

O demônio levantou o segundo braço, e apenas um movimento frenético da falx de Sylva conseguiu aparar o golpe. Nesse momento, contudo, o outro Sobek saiu da água e a elfa foi obrigada a virar-se para enfrentá-lo. Dentes se fecharam sobre a lâmina de Fletcher, forçando-o a se inclinar para trás e quase cair, devido à cobertura escorregadia do casco. Então o Sobek se afastou, abaixou o corpo e girou. Sua cauda pesada chicoteou e passou uma rasteira em Fletcher, que bateu a cabeça no casco. Sua visão transformou-se em um borrão, e o khopesh caiu de seus dedos inertes.

A mandíbula amarela do Sobek reluziu ao descer sobre ele, mas, no exato momento que seu hálito quente o envolveu, uma bola de fogo arremessou o demônio na água, deixando o cheiro de carne queimada nas narinas de Fletcher.

Ignácio viera em seu socorro.

Confuso devido à pancada na cabeça, Fletcher se colocou debilmente de joelhos e viu Otelo, Cress e Sylva avançarem juntos, atacando e se defendendo do Sobek restante. Ao perceber que seu parceiro tinha sido derrotado, ele mergulhou com um berro irado, deixando o trio ofegante perto da beira d'água.

— Não podemos lutar contra todos — arquejou Fletcher, apanhando novamente o khopesh enquanto Ignácio vinha em disparada até seu ombro. Atena continuou ao lado da mãe do garoto, impedindo que a mulher confusa deixasse a relativa segurança do centro do casco.

O Sobek chamuscado não parecia muito ferido depois do ataque de

Ignácio, mas deslizou até o grupo de árvores do outro lado. Sua retirada não deteve os outros, que já estavam se aproximando em círculo, talvez encorajados pela débil resistência do grupo naufragado. Não demoraria muito mais.

— Fogo não vai adiantar, pelo menos não na água — sibilou Otelo.
— Explosões cinéticas também não.

— Raios! — exclamou Cress, e de repente Tosk surgiu em seu ombro, a cauda peluda estalando com centelhas elétricas.

— Não! — gritou Fletcher, erguendo a mão. — O feitiço se espalharia pelas águas e acabaria atingindo o Zaratan também. A gente terminaria afundando.

— Talvez seja nossa única opção — retrucou Cress. — É o único feitiço que vai dar certo.

— Nem adianta desperdiçar seu mana — disse Sylva, apontando para os Sobeks em formação. — Não vai ser poderoso o bastante para matar todos.

Lisandro gemeu a suas costas, lutando contra os vestígios da poção paralisante. Um Grifo de nível dez combatendo a seu lado podia equilibrar as chances, mas Lisandro mal conseguia subir a suave inclinação do casco.

Outro Sobek se separou do bando e se aproximou, deslizando, para testar suas defesas. Uma pata palmada emergiu do rio, espirrando água para todos os lados ao enviar o réptil pelos ares. Tonto e meio atordoado, ele caiu entre seus irmãos com um forte baque. O Zaratan estava se defendendo.

— *Pense* — Fletcher murmurou para si mesmo.

Repasseu todos os feitiços que conhecia. Feitiços de escudo eram inúteis contra demônios; a energia demoníaca os atravessava, como se fossem papel de arroz. Existiam feitiços para anestesiá-la dor, abrir e fechar cadeados e fechaduras, retirar umidade do ar. Feitiços que amplificavam e amorteciam o som, feitiços que permitiam ao feiticeiro detectar qualquer movimento próximo. Tudo isso era inútil.

Mas então, ao observar o mangue ao redor, lembrou-se de outro pântano, nas florestas dos orcs. E de Malik, testando o feitiço do gelo de Jeffrey naqueles lagos negros, transformando a água escura em gelo sólido. Os Sobeks congelariam da mesma maneira.

Ele fez um gesto no ar, tentando lembrar-se do padrão que Jeffrey lhes havia mostrado. Era um glifo complexo, em forma de floco de neve.

— Espere aí... — disse Otelo, arregalando os olhos. — Isso pode funcionar.

O padrão soltou um chiado, mas o ano de treinamento que Fletcher passara nas masmorras de Pelego veio à tona, e sua mente conseguiu manter com facilidade a pulsação de mana que se movia tanto na

direção de seu dedo quanto através dele. Como se incitados pela luminosidade azul do símbolo, três Sobeks se separaram do círculo, em uma formação de V.

Uma gota de suor desceu pela testa de Fletcher. Seu dedo agitava-se de um lado para o outro, a ponta queimando e congelando quando a última linha foi traçada no ar. O trio de Sobeks estava tão perto que ele pôde ver suas pupilas verticais focadas nele, cheias de intenções malévolas. Um disparo do arco de Cress fez estremecer o ar sobre o ombro do jovem, mas a flecha não atingiu o alvo, desaparecendo na água escura sem causar sequer uma ondulação.

Então, quando o primeiro Sobek saiu do rio, uma comprida faixa branca espirrou dos dedos de Fletcher, atirando cristais de gelo na água. Ele sentiu o mana sendo drenado de si, mas redobrou os esforços, enviando pulsações seguidas na direção dos demônios até que o ar se enchesse com uma tempestade de flocos de neve. Foi somente quando metade de seu mana já havia sido gasto que ele parou, caindo de joelhos, ofegante pelo esforço.

Lentamente os flocos se acomodaram na água, revelando a extensão total do plano de Fletcher.

O Sobek pairava imóvel em um cristal recortado, as mandíbulas entreabertas, as garras esticadas na direção da garganta do jovem. Somente sua cauda e suas pernas traseiras permaneciam descobertas, pendendo flácidas da parte de trás do iceberg flutuante. Dava para ver os outros dois demônios semissubmersos, os corpos congelados, enquanto uma lâmina de gelo estalava a seu redor na superfície do pântano.

— Caramba! — murmurou Cress. — Funcionou perfeitamente.

— O Zaratan está bem? — perguntou Fletcher, preocupado por ter estado tão próximo do demônio ao lançar o feitiço de gelo.

Como se em resposta, o casco abaixo estremeceu quando o Zaratan começou a nadar. Fletcher manteve o símbolo de gelo fixo no ar, mas os Sobeks remanescentes já estavam se afastando ao ver os companheiros atingidos, de início de um em um, mas logo de dois em dois e, então, em grupos de três, à medida que o Zaratan se aproximava da beira do bando.

Em pouco tempo eles estavam novamente sozinhos no pântano, o silêncio sendo interrompido apenas pelo chacoalhar suave dos galhos das árvores quando um vento frio os atravessava. Eles tinham sobrevivido.

Por enquanto.



3

O Zaratan continuou a nadar enquanto o céu escurecia, parando de vez em quando apenas para mascar um pouco das flutuantes algas do rio. Nadava com nova determinação, e, portanto, eles cobriram a distância rapidamente, apesar de o cenário não mudar muito. Todo minuto passado era uma bênção, pois significava que se afastavam cada vez mais da região do éter dominada pelos orcs, onde os xamãs orcs e as Serpes que eles cavalgavam sem dúvida já teriam se lançado na busca.

Enquanto esperavam alcançar o final dos pântanos, o frio tornou-se o maior inimigo; o ar úmido sugava o calor de seus corpos e os deixava trêmulos, aninhados contra o calor fraco do corpo peludo de Lisandro. Fletcher deixou Ignácio enrolado em volta dos ombros da mãe, enquanto Atena enrodilhava-se no colo. Alice retorcia os dedos distraidamente pela pelagem do demônio, um sorriso distante brincando nos lábios, enquanto a Griforuja ronronava e chilreava.

Uma letargia entorpecente começou a tomar conta do grupo com o passar do tempo — Fletcher mal conseguia reunir energias para se mover. Seria algum efeito colateral dos dardos de Jeffrey... ou apenas o veneno do éter dominando-os lentamente?

Quando a noite caiu, eles invocaram um pequeno fogo-fátuo e comeram o que restava dos suprimentos da missão — porco salgado da cozinha de Briss e bananas meio amassadas, colhidas na selva. Era uma refeição simples, mas Alice devorou a carne de porco com movimentos ferozes, como se não sentisse o gosto de carne havia anos. Fletcher cedeu a própria porção, sem saber se ria ou chorava quando ela se recostou para trás com um grunhido inconsciente, segurando a barriga estufada. Momentos depois Alice estava quase adormecida, a cabeça apoiada no ombro do filho.

A visão que tinha de sua mãe, pelo breve período que a conhecera

como Alice Raleigh, era de uma mulher gentil, bela e cheia de amor pelo único filho. Agora ele se via cuidando de uma alma perdida, com a mente destruída e sem memória alguma de si mesma, quanto mais do filho. Apesar disso, enquanto limpava as manchas de gordura dos cantos da boca de Alice, descobriu que sentia um aperto no coração por ela. Como poderia se sentir desapontado com a mãe, depois de tudo o que ela havia suportado? Ele a amava mesmo assim.

Eles aproveitaram a última luz do crepúsculo — se é que dava para chamá-lo assim naquele mundo exótico — para checar os suprimentos. Ainda tinham algumas roupas extras secas, que trocaram disfarçadamente, usando o corpo de Lisandro como barreira improvisada entre garotos e garotas.

Para surpresa de Fletcher, descobriram que haviam conservado todas as suas armas, ainda que a maior parte da pólvora acabasse encharcada. Sylva perdera todas as flechas, mas Fletcher tinha algumas para dividir, e ainda sobrara a Cress sete setas. Porém, naquele ambiente, todos sabiam que seus demônios seriam as armas mais úteis, e Fletcher sentiu uma pontada de pena de Sylva. Ela não tinha mais demônio nem mana.

Enquanto embainhavam as armas a fim de se preparar para a noite, a mente de Fletcher se voltou para as pétalas. Havia mais ou menos cem no saco que Cress conseguira salvar, embora no escuro fosse difícil dizer ao certo. E, mesmo no momento que verificavam e contavam as remanescentes, Fletcher pôde sentir o efeito passar, a estranha letargia crescendo a cada minuto. Logo cada respiração se tornou um esforço, até ele ter a sensação de que acabara de subir a escada oeste de Vocans. Ficou alarmado com a rapidez com que o poder protetor das pétalas dava a impressão de estar no fim, e subitamente o suprimento reduzido do saco lhe parecia uma proteção ridícula contra o ar mortal do éter. Vendo que os outros cambaleavam de sono, Fletcher se deu conta de que dormir seria perigoso demais; ele poderia nunca mais despertar caso os efeitos das pétalas se extinguissem durante a noite.

— Preciso de outra pétala — ofegou.

— Eu não queria ser a primeira a dizer isso — suspirou Cress, abrindo os olhos e apanhando uma do saco.

Sylva e Otelo os imitaram, e até Alice permitiu que Fletcher colocasse uma pétala em sua boca sem reclamar, engolindo-a quando o rapaz lhe afagou delicadamente a garganta.

— Quanto tempo se passou, cinco horas? — perguntou Fletcher, sentindo no mesmo instante as forças retornarem.

— Mais ou menos — concordou Otelo. — São quase cinco pétalas por dia. Bem, pelo menos no tempo de nosso mundo: sei que os ciclos de dia e noite variam no éter.

— Sério? Eu devia ter prestado mais atenção às aulas — resmungou Cress.

— Relaxe, a gente aprendeu isso no segundo ano — continuou Otelo. — Os dias no éter duram mais ou menos dez horas no inverno, e quarenta horas no verão, mas os anos e as estações têm a mesma duração que os do nosso mundo. É assim que conseguimos prever as migrações que atravessam a região do Hominum no éter. Agora estamos no inverno, portanto... acho que seria melhor dormirmos um pouco; daqui a aproximadamente cinco horas já estará claro.

Fletcher ouviu com toda a atenção. Ele estava um ano atrás de Otelo e, como focara no torneio, tinha se esquecido de boa parte do que aprendera em suas aulas de demonologia e assuntos do éter.

— Você não está vendo o todo — argumentou Sylva, rispidamente. Sua voz atravessou a escuridão e assustou Fletcher. — Vamos consumir cinco pétalas a cada cinco horas. Quanto tempo até o suprimento acabar e a sermos lentamente envenenados até a morte? Não existem mais que cem pétalas naquele saco. Isso significa cem horas para cada um. Dez ciclos de dia e noite no éter.

Fletcher se pôs a pensar depressa. Isso significava pouco mais que quatro dias no tempo de Hominum. Quatro dias até que perdessem o controle de seus corpos e que acabassem... morrendo.

— Bem, com certeza por aqui devemos encontrar algumas dessas flores — sugeriu Fletcher, mas o coração já afundava no peito.

— Você está vendo alguma? — perguntou Sylva, apontando para os arbustos submersos ao redor. — Tenho certeza de que na parte órquica do éter, em algum lugar, deve haver flores... afinal, que outra explicação para o fato de existirem tantas delas? Mas não creio que seja aqui. Estas terras pantanosas devem estar nos limites do território dos orcs; provavelmente este é o único motivo pelo qual ainda não nos encontraram.

— Tá, mas isso tem importância? — murmurou Cress.

— Como assim, “tem importância”? Lógico que tem, merda! — retrucou Sylva.

Fletcher franziu o cenho. Xingar não era do feitio de Sylva.

— Gente, calma — pediu Otelo, nervoso.

— Não, eu quero saber — grunhiu Sylva, afastando a mão de Otelo enquanto este tentava acalmá-la. — Quero saber por que ela acha que a única coisa que nos impede de cair mortos, espumando pela boca e nos contorcendo no chão, não tem *importância*!

— Não tem importância porque vamos acabar morrendo aqui de um jeito ou de outro! — berrou Cress. E então, para espanto de Fletcher, caiu no choro. — Cem horas, duzentas horas. Que diferença faz! — soluçou, escondendo o rosto entre as mãos. — Não há volta.

Sylva congelou, seu comentário raivoso morrendo nos lábios.

— Ei — disse Sylva, aproximando-se. — É que... com Sariel morto, e agora as pétalas... eu estava desopilando. Foi mal.

Ela abraçou Cress e enterrou a cabeça no ombro da anã.

Apesar das circunstâncias, Fletcher e Otelo trocaram um sorriso. Depois de toda a desconfiança e suspeitas de Sylva, parecia que ela e Cress finalmente estavam abaixando as defesas e enxergando uma a outra como de fato eram.

Fletcher deixou que ficassem assim abraçadas por mais um tempinho, mas sabia que não podia demorar muito mais: eles precisavam de um plano, um pingo de esperança que fosse. Pigarreou.

— Não temos cem horas até morrer — disse ele, investindo a voz de uma confiança que não sentia.

Sylva se afastou de Cress, e ele viu que seu rosto também estava molhado de lágrimas.

— Como assim? — perguntou ela.

— Só precisamos encontrar mais algumas pétalas — continuou Fletcher. — Só isso. Pensem: deve existir flores no éter tanto na região do Hominum quanto na dos orcs; ou seja, deve ser uma planta comum. Aposto que o diário de Jeffrey tem todas as informações de que precisamos sobre sua aparência e onde crescem.

— Certo — disse Cress, a voz pouco mais alta que um sussurro. — Então vamos procurá-las. Mas... e nossa volta para casa?

— Não vamos conseguir criar um portal de volta a nosso mundo aqui, nem em qualquer outra parte do éter, não sem alguma espécie de nova chave — conjecturou Otelo rapidamente. — Isso já foi tentado antes.

— Que ótimo — respondeu Sylva, desapontada.

— Mas... podemos voltar por um portal já criado por alguém em *nosso mundo*.

— O que está sugerindo, então? — murmurou Cress. — Que a gente dê um jeito de fazer esse Zaratan dar meia-volta, retornar até o ponto inicial, evitar as Serpes e os xamãs, encontrar um portal que tenha sido recém-aberto, saltar para dentro, enfrentar os perigos que encontrarmos no lugar onde formos parar, e depois atravessar a selva até a fronteira de Hominum com metade dos orcs do continente em nosso encalço? Não, obrigada.

— Você tem razão — ponderou Fletcher, levantando as mãos em sinal de rendição. — Definitivamente não vamos fazer isso. Vamos nos afastar o máximo possível da região órquica do éter.

— E depois? — perguntou Otelo. Ele e Cress pareciam confusos, mas Fletcher pôde ver o início de um sorriso dançando no rosto de Sylva. Ele respirou fundo.

— Vamos sair desses pântanos e atravessar o éter, até encontrarmos a região de Hominum.



4

Fletcher acordou. Ouviu o barulho abafado de algo caindo no chão e virou-se de lado. Outro barulho se seguiu ao primeiro, e ele rolou o corpo, encostando-se à barriga de Lisandro.

— Oquequ... — conseguiu dizer, abrindo os olhos.

Havia árvores ao redor. Árvores de verdade, com galhos que pendiam como os de salgueiros, obscurecendo os céus pálidos. O rosto de Cress entrou em seu campo de visão, com um largo sorriso estampado ali.

— Sheldon está andando — disse ela, puxando o casaco de Fletcher. — Estamos saindo do pântano.

Fletcher se sentou, estremecendo de dor ao sentir uma pontada nas costas. Não tinha sido um sono reparador, e ele dormira bem menos do que desejaria.

Seu primeiro pensamento foi sobre Alice. Ela estava acordada, mastigando uma pétala, sentada perto da cauda do Zaratan e mirando com um olhar vazio as árvores acima.

Havia um floco amarelo em seu lábio superior. Fletcher o limpou com gentileza e lhe arrumou o casaco para que envolvesse mais seus ombros, cuidando para não incomodar Ignácio, que ainda dormia. Atena estava alerta, mas não tinha saído do colo de Alice. Ele sentiu uma grande melancolia da parte da Griforuja e se deu conta de que ela amava Alice tanto quanto seu pai a havia amado. Afagou a cabeça de Atena e deixou as duas sozinhas.

— Sheldon? — perguntou ele, quando se tocou das palavras de Cress.

— Nosso Zaratan; a gente decidiu dar um nome a ele — explicou Sylva, entregando uma pétala para Fletcher comer. — Coma. Já faz cinco horas, ou pelo menos é o que diz o relógio de bolso de Cress.

Enquanto mastigava o ornamento azedo, ele percebeu que Sylva estava ocupada contando as pétalas do saco e empilhando-as

cuidadosamente no espaço entre suas coxas.

— Como sabe que é ele, e não ela? — perguntou Otelio, ainda esparramado ao longo da metade de cima do casco, os olhos fechados.

— Eu chequei — respondeu Cress, corando.

Fletcher deu risada e engatinhou até a frente do Zaratan. Sheldon virou-se para encará-lo, piscando seus olhos dourados pensativamente. Era uma bela criatura, com bico macio e amarelo, e pescoço comprido e ágil. Seu ritmo, apesar de ponderado, era mais veloz do que parecia, as longas passadas percorrendo uma boa distância sob suas patas espalmadas com garras.

Por um instante Fletcher ficou na dúvida se valeria a pena conjurar o demônio. Um Zaratan, entretanto, era um demônio de nível quinze — muito elevado para Sylva.

— Noventa pétalas — declarou Sylva, interrompendo seus pensamentos. — Exatamente como pensei. Restam noventa horas.

Os olhos de Fletcher voltaram-se para o solo, buscando pelo menor sinal de algo amarelo, mas só viu uma mistura de verdes e castanhos: nenhum demônio ou botão de flor à vista.

— Devíamos ficar com Sheldon — sugeriu Fletcher.

Ele olhava para a frente, onde o chão ainda era pantanoso, mas já começava a tornar-se um pouco mais seco, com um ou outro trecho de grama áspera à vista. Mais além, as árvores tornavam-se mais altas, apesar de aquela região se ver obscurecida pelas sombras profundas das copas.

— Concordo; ele é mais rápido que nós a pé — argumentou Sylva. — Além disso, não é completamente indefeso: suas patas e bico parecem bastante afiados.

— E também podemos continuar seguindo caminho enquanto dormimos, se um de nós montar guarda — concordou Cress, se aproximando desajeitada de Fletcher.

Ela estendeu o braço para acariciar Sheldon, e Fletcher sorriu ao ver o Zaratan grunhir de prazer ao ser acariciado na base do pescoço. Nos dias que se seguiriam, aquele gigante gentil seria um poderoso aliado.

Um guincho atravessou os ares, seguido por um grito de Sylva. Fletcher virou-se e viu que Lisandro finalmente havia se recuperado... mas avançava sobre Tosk com os pelos da nuca eriçados, perseguindo-o como um leão a uma gazela. Os olhos estavam de certa maneira diferentes, as pupilas dilatadas e despidas da inteligência que antes brilhava ali.

— Lisandro! O que está fazendo? — gritou Fletcher. Sabia que Lisandro não comia nada desde que fora paralisado, mas aquilo era mais que simplesmente fome.

— Sua ligação com Lovett se rompeu quando o portal fechou —

explicou Sylva, horrorizada. — Ele está ficando selvagem novamente.

Lisandro deu mais um passo na direção do Raiju aterrorizado, cuja pelagem azul parecia todo arrepiada. A cauda de esquilo de Tosk se arqueou, soltando estalos elétricos. Em resposta, o Grifo abriu bem o bico e soltou um rugido; o timbre aumentou até terminar em um guincho.

— Precisamos fazer alguma coisa — gritou Otelo, o som abafado pelo Grifo prestes a investir. — Ele vai matá-lo!

A mente de Fletcher disparou em busca de uma solução. O pergaminho de conjuração de Lisandro estava guardado na lateral de seu alforje. O único problema era que o alforje estava embaixo da barriga do Grifo.

— Não vou deixá-lo machucar Tosk! — disse Cress, e em um instante a besta estava armada, com a ponta mirando a cabeça de Lisandro.

— Fletcher! Alguma ideia? — berrou Sylva.

Sylva. Sem Sariel, ela talvez conseguisse conjurar um demônio de nível dez como Lisandro. Dois anos antes, tivera nível sete de conjuração.

— Prepare-se — disse ele, agachando-se bem baixo.

— Como assim? O que você quer dizer com isso? — respondeu a elfa, com irritação, mas não havia tempo para explicar.

— Atena, agora! — gritou Fletcher, subindo em disparada a inclinação do casco do Zaratan.

Deslizou para baixo da barriga de Lisandro e enfiou a mão no bolso lateral do alforje. O mundo acima se iluminou quando Lisandro saltou para cima de Tosk... mas ele logo viu sua presa ser arrancada para longe pelo veloz Griforuja.

— Leia! — berrou Fletcher, atirando o pergaminho para as mãos espantadas de Sylva.

— O que...? — disse Sylva, confusa, mas em seguida começou: — *Lo ro di mai si lo.*

Lisandro soltou um guincho e rodopiou, as garras arranhando a superfície do casco do Zaratan. Seus olhos perfuraram Fletcher com uma fome profunda e animalesca. Fletcher teve de se esforçar para não se afastar.

Ignácio estava rodeando os dois, tendo sido acordado de onde dormia, no pescoço de Alice, pelo grito de Sylva. Ele aguardava uma chance para atacar, mas Fletcher ordenou que ficasse no lugar. Precisavam de tempo; um ataque de Ignácio apenas forçaria uma confrontação cedo demais.

O casco de Sheldon estremeceu sob seus pés, como se ele pudesse sentir a comoção. Os tremores fizeram o grifo parar, e ele mudou de posição, esparramando-se, como um urso que atravessa um lago

congelado. Fios brancos já começavam a aparecer entre ele e Sylva, retorcendo-se para formar um brilhante cordão de luz.

— Depressa... — sussurrou Fletcher baixinho, apressando mentalmente a entoação de Sylva enquanto as palavras rodopiavam a seu redor.

Lisandro deu um passo hesitante. O feroz bico aberto revelava uma boca rosada. Ele se debatia, e sua ligação com Sylva crescia a cada palavra pronunciada por ela. Fletcher permanecia imóvel, sabendo que qualquer movimento repentino poderia atrapalhar o processo.

Mais um passo, e agora Fletcher podia sentir a respiração quente e ofegante do grifo, úmida graças à goela do demônio. Ele fechou os olhos.

O frio bico duro roçou sua face, e então ele sentiu o ruflão suave das penas do demônio quando este o afagou, enterrando sua cabeçorra no peito de Fletcher. A entoação de Sylva chegara ao fim... Lisandro voltara.

Fletcher envolveu o pescoço do grifo com os braços, mas, segundos depois, não havia nada mais ali. Abriu os olhos e viu o grifo se dissolver em uma névoa de luz branca enquanto Sylva segurava um couro de conjuração sob ele.

Depois que o último clarão de luminescência flutuou para dentro da elfa, ela recostou-se para trás, punhos cerrados, estremecendo de euforia por ter infundido um novo demônio pela primeira vez. Por fim ela se deitou, com um sorriso delicado nos lábios.

Fletcher caiu sobre o casco a seu lado, então Ignácio o derrubou de costas, chilreando de alívio. Era estranho, mas o demônio parecia de alguma maneira mais pesado. Deu uma mordidinha de reprovação na orelha de Fletcher por ele tê-lo assustado e prontamente abraçou seu pescoço.

— Certo, alguém precisa me dizer que diabos acabou de acontecer aqui — grunhiu Cress.

Fletcher virou-se e a viu pisando duro pelo casco em sua direção, os olhos redondos e negros de Tosk espiando por baixo de sua jaqueta, onde ele se escondera.

— Isso acontece quando os demônios perdem seus mestres — explicou Otelo, esfregando a nuca. — Eu devia ter me lembrado, a gente aprendeu no segundo ano. Os demônios só se tornam verdadeiramente conscientes quando são capturados e conjurados por um conjurador; antes disso, não são mais inteligentes que qualquer outro animal. Sem essa conexão, retornam ao estado inicial, até se religarem a um novo mestre e lembrarem-se de quem são. Tivemos sorte por Lisandro ter ficado paralisado tanto tempo: em geral, tudo isso acontece muito depressa.

— É verdade — concordou Fletcher, recordando-se da lembrança

de Atena da noite em que ele foi deixado diante dos portões de Pelego. Como ela sentira o chamado selvagem do éter atraindo a essência de seu ser.

— Você bem que podia ter avisado — resmungou Cress.

Fletcher se levantou e tentou desvencilhar-se do abraço de Ignácio, mas o demônio recusava-se a soltá-lo. Suspirou e desceu apressado a inclinação do casco em direção a Alice, que estava sentada, como um índio, as pernas cruzadas, olhando para a frente com um olhar inexpressivo. Ela não tinha se movido, nem mesmo quando Lisandro soltara seu rugido. Apenas o afagar ocasional da mão da mãe nas costas de Atena dava a Fletcher alguma esperança de que um dia ela poderia se recuperar.

Ele havia perdido o pai biológico, Edmund, mas não perderia a mãe de novo. Não agora, quando tinham passado tão pouco tempo juntos. Devia haver uma maneira.

Olhou para a terra desolada, em busca de algum sinal que lhe desse esperança, mas não havia comida nem flores, apenas lama e plantas sem graça.

— Não se preocupe, Ali... mãe — murmurou Fletcher, a palavra parecendo estranha em sua boca. — Vamos levá-la para casa. Prometo.



5

A luz do dia mudava depressa no éter, transformando-se do dourado da manhã para um céu cinzento no intervalo de uma hora. A região em torno continuava desolada; o único sinal de vida vinha de um Kappa solitário: um esquelético humanoide de pele verde, que se enfiou em uma poça de água escura assim que se aproximaram. Fletcher teve tempo apenas de identificá-lo e ver a estranha endentação, parecida com uma tigela, no alto de sua cabeça, onde ele armazenava água quando se deslocava em terra.

De certa forma, ficou feliz pela ausência geral de demônios, pois para eles isso tornava mais seguro o ato ocasional de se aliviarem. Cress tinha assumido o papel de cuidadora de Alice, levando-a para longe de Sheldon e guiando-a até os arbustos a intervalos regulares depois que Tosk fazia um reconhecimento da área em busca de possíveis perigos. Ela disse a Fletcher que fizera o mesmo pela própria avó, quando ela se tornara velha demais para cuidar de si mesma. Ele sentiu uma imensa gratidão; sabia que não conseguiria desempenhar essa função ainda.

Com o passar das horas, Fletcher foi se sentindo estranhamente sonolento, como se seu corpo não conseguisse reconhecer os ritmos daquele novo mundo. Desconfiou de que eles já haviam passado mais tempo no éter que qualquer ser humano, elfo ou anão.

Não era o único que sentia aqueles efeitos — Cress e Otelo cochilavam, apoiados um no outro no centro do casco. Sylva se sentava abaixo do pescoço do Zaratan, de costas para ele, a cabeça inclinada, como se observasse o próprio colo.

Curioso, Fletcher acomodou-se a seu lado.

— O que você está lendo? — perguntou ele, vendo um livro aberto apoiado em suas panturrilhas. Era mais ou menos parecido com o de James Baker, com esboços de pequeninos demônios, semelhantes a insetos, nas margens.

— O diário daquele traidor, Jeffrey — vociferou Sylva, e Fletcher quase pôde sentir a raiva irradiando da elfa, como uma fornalha.

— Desculpe — pediu ele, sem querer se intrometer.

Começou a levantar-se, mas Sylva percebeu a expressão em seu rosto e segurou seu pulso.

— Não, desculpe digo eu — sussurrou, suavizando o rosto. — Por culpar você... quando Sariel morreu. Se você não tivesse agido, nenhum de nós estaria vivo agora.

Ela abaixou a cabeça e o olhou nos olhos. Havia sinceridade ali, além de... algo mais.

Por um instante, a mente de Fletcher voltou para o momento que enterrou Sariel embaixo dos entulhos da pirâmide, junto aos demônios inimigos que avançavam sobre eles. Não tivera escolha... tivera?

— Não precisa pedir desculpas — disse Fletcher, sentindo uma pontada de culpa, apesar das palavras de Sylva. — Não sei o que eu teria feito se tivesse perdido Ignácio.

Ele parou, procurando algum assunto para lhe desviar a atenção de Sariel. Infelizmente, seu primeiro pensamento não foi muito mais animador.

— Apesar disso, não consigo parar de pensar que a única coisa que fiz foi adiar o inevitável — comentou. — Não estamos mais perto de encontrar aquelas flores do que estávamos ontem.

Fletcher meio que esperava ver a frustração de Sylva aumentar ainda mais, porém, para sua surpresa, ela sorriu.

— É aí que você se engana — disse ela, folheando algumas páginas e correndo o dedo sobre o papel amarelado. — Olhe.

Era o desenho de uma flor, com caule delicado e pétalas grandes que se curvavam umas sobre as outras no formato de uma concha. Abaixo, Fletcher pôde ler um trecho curto, escrito com a caligrafia surpreendentemente bonita de Jeffrey.

Experimento 786 — As Três Flores Irmãs

A busca do capitão Jacoby no éter rendeu frutos hoje — ou melhor, plantas. Um trio de plantas em flor, todas parecendo quase idênticas, exceto pela cor das pétalas — vermelhas, azuis e amarelas. Obviamente estão relacionadas umas às outras de alguma maneira. Pelo que Jacoby conta, as flores vermelhas (gênero: Medusa) tendem a crescer perto das areias também rubras das terras mortas — talvez seja alguma espécie de camuflagem.

As flores azuis (gênero: Stheno) crescem perto da água salgada, o que é uma pena, pois fora um ou outro mangue ocasional de água salobra, o lugar mais próximo de água salgada é o mar, que fica a certa distância da região de Hominum, no éter. Imagino que ele

possa ter usado uma pedra de carregamento para manter o portal aberto por tempo suficiente para que seu Chamrosh viajasse para lá e depois voltasse. Impressionante.

Por fim, as flores amarelas (gênero: Euryale). Aparentemente só crescem perto da lava. O estoque foi encontrado na cratera de um vulcão próximo. É uma boa coisa que vulcões sejam comuns perto de nossa região do éter.

Embora nossa dissecação das plantas tenha gerado resultados insatisfatórios, a capitã Lovett se ofereceu para consumi-las a fim de determinar se possuem alguma propriedade medicinal. As chances de envenenamento são muito maiores que as de resultados positivos, mas voto para arriscarmos. Afinal, para que mais ela serviria?

Fletcher fechou os punhos ao ler a última frase. Como podia ter julgado Jeffrey tão mal? Ele sentira pena do jovem e adoentado servo, tinha inclusive visto nele um pouco de si mesmo. Mas as aparências podem enganar. Jeffrey fora tão cruel quanto os Forsyth.

— Não percebe? — perguntou Sylva, interrompendo seus pensamentos. — A flor que estamos procurando cresce perto de lava.

Ela estava com um sorriso que ia de orelha a orelha, porém Fletcher não sentia muita esperança.

— Bem, você viu algum vulcão por aqui? — perguntou ele, apontando para a baía pantanosa ao redor. — Sei que existem alguns perto da região de Hominum no éter, mas provavelmente estamos a quilômetros de distância de lá, e talvez nem estejamos seguindo na direção certa.

— Bem, mande Atena subir para dar uma olhada! — retrucou Sylva, exasperada. — Precisamos de um plano, Fletcher. Olhe ao redor. Você acha mesmo que ficar aqui sentado, torcendo pelo melhor, é a coisa certa a se fazer? Sei que você acabou de encontrar sua mãe, mas você continua sendo nosso líder. Então, lidere.

Fletcher sabia que o que ela falava fazia sentido, mas a ideia de enviar Atena como batedora o enchia de pavor. Tinha medo do que poderia ver. Um horizonte vazio, sem as colunas típicas de fumaça vulcânica? Um mar de verde, aparentemente sem fim? Ele não queria saber a resposta. Ainda não.

Olhou para Alice, para o gentil afagar de sua mão sobre as costas do demônio. Sua mãe parecia quase satisfeita. Por que não permanecer no casco, esperando, e deixar que o destino decidisse? Ele já estava cansado de tomar decisões, de jogar os dados para decidir a sorte. Ali estavam seguros.

Como se pudesse sentir suas dúvidas, Sylva pousou a mão sobre a dele, a palma fria e macia ao toque. Ele levantou a cabeça, e seus olhos se encontraram.

— Graças a você estamos aqui — suspirou ela. — Lisandro é grande demais... você é o único que pode fazer isso. — Seus olhos estavam cheios de esperança, e ele sentiu nojo de si mesmo, de seu medo, de suas dúvidas.

— Não quero arriscar — disse ele, odiando-se a cada palavra. — Ela pode acabar sendo vista. É melhor esperarmos, pelo menos até nos afastarmos mais... ainda há tempo. Não quero tomar nenhuma decisão apressada.

Sylva baixou os olhos e desvencilhou-se, enfiando o livro dentro do casaco.

— Ficar sem fazer nada também é uma escolha, tanto quanto fazer alguma coisa, Fletcher — avisou ela. — E pode ser a mais arriscada de todas.

Ela se levantou, oscilando de leve conforme o casco se inclinava a cada passo pesado de Sheldon.

— Pense no assunto — aconselhou, afastando-se dele.

Para surpresa de Fletcher, ela foi sentar-se ao lado de sua mãe. Enquanto ele olhava, retirou um objeto cor de marfim do coque de tranças, deixando-as cair em torno de seus ombros, em uma onda dourado-clara.

Era um pente feito de osso de veado esculpido. Sylva o levantou e gentilmente penteou os cabelos de Alice. O coração de Fletcher deu um salto quando um sorriso brincou nos lábios da mãe e ela fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, desfrutando da sensação.

Sylva não pareceu notar nada, continuando a pentear o cabelo de Alice com movimentos longos e cuidadosos até que ele lhe descesse pelas costas, sem a lama que o cobrira antes, com seu tom amarelo encardido logo tornando-se uma camada polida de cor de linho polvilhada de fios brancos nas raízes. Sylva guardou o pente no bolso, ergueu as mãos, e logo seus dedos ágeis dançavam de um lado para o outro, torcendo e trançando o cabelo.

— Pronto — disse ela, dando um último ajuste no cabelo de Alice, agora preso numa trança pesada que lhe caía pelas costas.

Fletcher sorriu. A mulher selvagem tinha desaparecido, deixando em seu lugar uma beldade frágil e elegante.

— Obrigado — disse ele baixinho, indo depressa até onde as duas estavam. — Ela precisava disso. E a trança ficou linda.

— Foi só uma coisinha que minha mãe me ensinou — disse Sylva, encolhendo os ombros com timidez.

Fletcher tornou a sorrir.

— Queria ter tido tempo de conhecê-la depois da reunião do conselho — disse ele.

Sylva olhou para as próprias mãos.

— Ela morreu quando eu era muito pequena.

Fletcher se arrependeu do que disse. Claro. Como nunca lhe perguntara sobre a mãe?

De repente ele se deu conta de que conhecia muito menos sobre Sylva do que sobre qualquer outro de seus amigos. Desde que se conheciam, ela jamais revelara de onde vinha, e raramente mencionava a própria família. Quando o fazia, sempre falava sobre o pai.

— Sinto muito — desculpou-se ele. — Eu devia ter me tocado.

— Não... eu nunca falo de minha mãe — respondeu Sylva, a voz tensa de dor.

Fletcher não disse nada. Não queria pressioná-la. O silêncio se alongou, até que Sylva voltou a falar:

— Talvez eu devesse falar — disse, a voz um fiapo. — Você teria gostado dela. Ela era corajosa, leal. Mas confiava demais nos outros. Foi envenenada e... não pudemos salvá-la.

Ela virou a cabeça para o outro lado e enxugou uma lágrima do olho.

— Eu... isso é horrível, Sylva — lamentou Fletcher.

Tudo começava a fazer sentido. A dificuldade que Sylva tinha de confiar, de importar-se com os outros. Sua desconfiança constante de seus motivos. Tudo se resumia àquilo.

— Por que alguém faria uma coisa dessas? — sussurrou Fletcher.

— Foi minha irmã — disse Sylva, e seu rosto endureceu mais uma vez. — Ela era mais velha. Queria ser a chefe do clã, e sabia que era a próxima na linha de sucessão. Quando encontraram cicuta em seu quarto, soubemos que tinha sido ela, mas não podíamos provar nada, por isso ela foi banida de nossas terras. Não a vejo há oito anos.

Fletcher balançou a cabeça, horrorizado. Imaginara, sem saber bem o porquê, que os elfos estivessem acima de maldades como aquela.

— Então... por que você não virou a chefe do clã? — indagou Fletcher, desejando mudar de assunto.

— Eu não tinha idade suficiente. Ainda não tenho. Meu pai assumiu a posição. Em nossa sociedade, a liderança é passada da mãe para a filha mais velha ou, se não houver nenhuma, para o filho mais velho.

Então, por isso a maioria das chefes de clãs élficos eram mulheres. Um contraste gritante com a sociedade de Hominum.

— Mas, enfim, chega desse assunto — pediu Sylva, ajoelhando-se. — Fico feliz por você ter tido a chance de conhecer sua mãe. Ela é um amor.

A elfa se inclinou para a frente e beijou o topo da cabeça de Alice. E então algo impressionante aconteceu: Alice levantou a mão e a pressionou contra a bochecha de Sylva.

— Mãe? — disse Fletcher, com o pulso acelerado. — A senhora consegue me ouvir?

Ele se inclinou para a frente e a olhou nos olhos. Por um brevíssimo instante, sua mãe devolveu seu olhar. Em seguida, ela baixou a mão para o colo e encarou com olhar vazio os arvoredos.

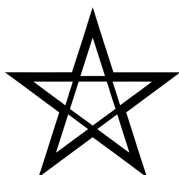
A esperança inundou Fletcher.

Talvez a mãe pudesse ser salva. Ela precisava de normalidade, conforto e cuidados, e ele sabia que eles não conseguiriam encontrar nada daquilo ali, naquela terra desolada e soturna. Sylva tinha razão: ele precisava fazer alguma coisa.

— Atena — chamou, puxando a Griforuja do colo da mãe.

Ela soltou um bocejo descontente, mas abriu as asas relutantemente e olhou para ele, cheia de expectativa.

— E aí, o que acha de fazer um reconhecimento?



6

As folhas verdes passavam como um borrão enquanto Atena atravessava a copa das árvores a toda a velocidade, em busca de uma árvore alta para pousar. Ela não queria se embrenhar em céu aberto — ainda não, pelo menos. Em vez disso, encontrou uma conífera, semelhante a um pinheiro, com casca retorcida e folhas afiadas feito agulhas, que assomava acima das outras árvores ao redor, e ali aterrissou com as garras abertas. Cuidando para não ser detectada, subiu pelo tronco e enfiou-se entre as agulhas do topo.

Algumas centenas de metros para trás, e bem mais abaixo, Fletcher e seu grupo olhavam para o cristal de Verity, que Cress sem a menor vergonha confessara ter “pegado emprestado” quando a jovem nobre não estivera olhando.

— Não consigo ver nada — murmurou Otelo, chegando mais perto.
— Tem galhos demais na frente.

Com um pensamento, Fletcher incitou Atena a ir um pouco mais adiante. Estranhamente, ela não parecia estar com medo algum. Fletcher sentiu nela, em vez disso, empolgação, e percebeu que, em meio a copa das árvores, ela estava em sua zona de conforto. Griforujas eram nômades solitárias por natureza; jamais permaneciam em um mesmo lugar por muito tempo, e, portanto, aquele território desconhecido não a intimidava.

Enfiada entre os galhos, Atena usou as garras para afastar as agulhas verdes, depois meteu a cabeça pelo meio para inspecionar a paisagem em torno. Virou seu pescoço flexível, parecido com o de uma coruja, para proporcionar a eles uma visão panorâmica do horizonte.

— Puta merda! — xingou Cress baixinho.

Montanhas erguiam-se na direção dos céus, o tom vermelho-ferrugem contrastando com o amarelo-claro do céu na decrescente luminosidade. Elas curvavam-se para o leste, semienvolvendo-os em

uma serra de picos acidentados, tão altas que as montanhas do Dente de Urso pareciam colinas em comparação. A oeste, cintilava um oceano de águas verdes rasas que lentamente se escureciam até se transformarem no azul-cinzentos de profundezas insondáveis.

Os céus não exibiam quase nenhum sinal de vida, salvo por alguns poucos pontinhos que se movimentavam tão ao longe que era impossível identificá-los. Uma mortalha de nuvens pairava baixo, impedindo a visão do que estava diretamente acima. Um Ropen que voava baixo a um quilômetro de distância era a única criatura identificável — um grande híbrido de morcego e pássaro, sem penas, com asas de membrana, bico de pelicano e dentes, crista alongada na parte de trás da cabeça.

— Estamos presos — declarou Sylva, tracejando o dedo ao longo do topo das montanhas. — Mar à esquerda, montanhas à frente e à direita. Não podemos atravessar e ver o que está além. Por isso, precisamos voltar e nos arriscar a ficar na região órquica do éter.

— Sim — concordou Otelos, balançando a cabeça.

Fletcher rangeu os dentes; o coração batia forte em frustração. Eles haviam perdido quinze horas desde a chegada — e o caminho de volta implicava na travessia de pântanos e de águas infestadas de Sobeks. Sem falar que precisariam de Sheldon para atravessar as águas: e ele não havia se desviado nem uma vez do curso, nem mesmo quando o caminho estivera obstruído com galhos caídos.

— Sheldon — disse Fletcher, pensando alto. — Ele não mudou de direção sequer uma vez.

— Do que você está falando? — Quis saber Sylva, arrancando um punhado de líquen do casco e atirando-o raivosamente na direção das árvores.

— Sheldon está seguindo reto na direção daquelas montanhas — respondeu Fletcher, levantando-se e olhando na direção do Zaratans. Como se reconhecesse seu nome, Sheldon balançou a cabeça pesada em sua direção, e piscou devagar, antes de retomar seu passo lento pelas terras pantanosas.

— E daí? — perguntou Sylva, embora os olhos tivessem se iluminado.

— Ele está indo na direção de alguma coisa, e não foi feito para escaladas. Deve existir um caminho por entre as montanhas. Gente, o que vocês lembram sobre os Zaratans? Eles são bons em orientação? — perguntou Fletcher.

Ele jamais havia pensado que suas aulas de demonologia serviriam de alguma coisa, pelo menos não aquelas sobre demônios obscuros, tais como aquele em que viajavam.

— Eles podem ficar bem grandes, talvez três ou quatro vezes

maiores que Sheldon — disse Cress. — Mas acho que só os muito velhos. Sheldon provavelmente está na flor da idade.

— Eles migram todos os anos, assim como muitas outras espécies de demônios — emendou Otelo, coçando a barba. — Reúnem-se para se acasalar e colocar ovos... embora *onde* não esteja especificado.

— Quando? — perguntou Fletcher. — Quando eles fazem isso?

— No inverno — respondeu Otelo, com um meio sorriso espalhando-se lentamente em seu rosto. — Tipo... nessa época.

— Então, a não ser que ele jamais tenha feito essa jornada antes, é provável que saiba exatamente para onde está indo. — Fletcher sorriu, sentindo-se de repente como se um peso enorme tivesse sido erguido de seus ombros. — Se ficarmos aqui por tempo suficiente, ele nos levará para além das montanhas.

— Seu demoniozinho safado — disse Cress, dando um tapinha no casco de Sheldon. — Está indo encontrar uma namorada, não é?

Fletcher caiu na risada. Era bom rir, e os outros juntaram-se a ele, até as laterais do corpo doerem e Fletcher não conseguir respirar direito. Até mesmo Ignácio parecia mais feliz, latindo e rodopiando. Atena veio unir-se novamente a eles, e se acomodou no colo de Alice. Pelo menos por algum tempo, eles sentiram-se felizes.

Mas logo a luz começou a diminuir, e, com ela, a felicidade. Seus estômagos roncavam, e seus frascos de água estavam quase vazios. Apesar da aparente desolação dos arredores, ruídos estranhos ecoaram do topo das árvores, e eles ouviram o som de criaturas noturnas se aproximando. Agora os mangues haviam ficado para trás, e a vegetação começava a se tornar tão espessa que Sheldon tinha de se esforçar para atravessar as árvores.

Tosk ficou de sentinela à noite, mas a cada estalo de galho e farfalhar Fletcher sentava, encarando a escuridão. Não enxergava nada além de sombras e mais sombras. Apesar disso, Tosk parecia não se incomodar, nem mesmo quando ouvia um rugido baixo a poucos metros de distância.

Um instante mais tarde, na escuridão quase total, surgiu um brilho azul, e a luz fria combinou com o medo gelado que lhe invadiu.

— Gente, acordem — sussurrou Fletcher, sacudindo os outros.

— Você achou que eu estivesse dormindo? — disse Otelo, virando de lado e esfregando as costas. — É impossível, com esse casco que mais parece um abacaxi e aquela algazarra...

— Silêncio! — sibilou Fletcher, cobrindo com a mão a boca do anão.

Sylva estava quieta, mas rolou o corpo e ficou bem agachada, com a falx meio retirada da bainha às costas.

— Fogo-fátuo... bem ali — sussurrou Fletcher, apontando para o brilho que aumentava de intensidade a cada segundo. Ele pôde ver

vultos escuros passando por eles; pequeninos demônios fugindo da luz artificial.

Fletcher ouviu o estalo de madeira e metal quando Cress lentamente preparou seu arco, e, ao olhar para a escuridão, o coração bateu com força no peito.

— Xamãs? — sibilou Sylva.

O primeiro pontinho então surgiu com clareza, emitindo um brilho azul-elétrico na escuridão. Logo outros se seguiram. Eram pequenos, talvez menores que um fogo-fátuo normal, no entanto mais brilhantes e mais numerosos, e centenas estavam espalhados em uma linha ao longo da floresta, até onde a vista alcançava. O mais estranho é que seu movimento parecia decidido e coordenado.

Então eles os viram: vultos andando atrás do enxame de luzes com o passo vagaroso dos sonâmbulos.

— Estão vasculhando a floresta atrás de nós — disse Cress, a voz engasgada, afastando o corpo enquanto um halo de luz fazia com que o casco de Sheldon assumisse um tom claro de azul. — É melhor a gente subir nas árvores!

— Não, espere — grunhiu Otelo, levantando a mão. — Olhe.

Os vultos escuros eram demônios. De início, eles confirmaram as suspeitas de Fletcher de que havia xamãs por perto, pois havia uma mixórdia de espécies raramente vistas juntas. Um Canídeo de pelo desgrenhado tropeçou em uma raiz de árvore, os olhos fixos nas luzes acima. Três Lavellans, roedores parecidos com ratos de presas venenosas, seguiam em fila ali perto. Uma dúzia de Carunchos de cores variadas avançava com dificuldade no chão ao lado deles, os tamanhos variando do de um gorgulho ao de um escaravelho. Havia até mesmo um Baku, um demônio raro, do tamanho de um porco, com tromba e presas de elefante, o pelo alaranjado e listrado de um tigre. Mas todos caminhavam como os zumbis lendários, mesmerizados com as luzes acima.

— Demônios de fogos-fátuos — constatou Otelo, a testa crispada com preocupação. — Não há motivo para nos preocuparmos.

— Como assim? — perguntou Fletcher, recuando depressa à medida que os pontinhos tremeluzentes de luz azul se aproximavam do casco.

— Eles preenchem seus abdomens translúcidos com fogo-fátuo e o utilizam para se mover, como vaga-lumes minúsculos e sem patas.

Enquanto Otelo respondia, Fletcher viu pequeninos ciscos negros sob as luzes.

— O que eles estão fazendo? — sussurrou Sylva, agitando a mão quando um flutuou por eles.

— Guiando-os até a morte — respondeu Otelo.

O Canídeo bateu contra a pata troncuda de Sheldon, mas pareceu

não notar, e simplesmente continuou seguindo caminho por baixo do ventre do Zaratan.

— Eles hipnotizam os demônios com suas luzes e os conduzem até mangues, ou areias-movediças, ou qualquer outro lugar onde as vítimas possam morrer. Depois se alimentam de seus cadáveres e colocam ovos sobre eles. Provavelmente é por esse motivo que essa região é tão sem vida... deve estar infestada deles. Por sorte, isso só funciona com os demônios menores e selvagens.

Fletcher estremeceu e puxou o casaco para mais perto do corpo. Eles lhe haviam parecido muito belos, mas seu objetivo real lhe deixou uma sensação gelada na boca do estômago.

Percebeu que Otelo era o único do grupo que tinha estudado por dois anos na Vocans, e o conhecimento do anão seria útil nos dias que viriam. Esperava apenas que pudessem evitar os demônios mais perigosos do éter.

O grupo observou em silêncio a luz azul se dissipar, e os demônios hipnotizados desaparecerem na escuridão. Fletcher se aproximou da mãe, mas percebeu que ela estava adormecida, enrodilhada junto a Ignácio, Atena a seu lado.

— Devíamos tê-lo matado — murmurou Sylva, tão baixo que Fletcher mal pôde ouvir sua voz por cima do som seco dos passos de Sheldon.

— Matado quem?

— O Baku — respondeu ela, apontando para o caminho pelo qual os demônios tinham sumido. — Ele é um demônio-presa, baixo na cadeia alimentar. Tem muita carne.

— Você quer comer demônios? — perguntou Cress, meio horrorizada, ouvindo a conversa.

— Você está comendo demônios desde que chegou aqui... que diabo, desde *antes* de chegar aqui — retrucou Sylva, apontando para o suprimento reduzido de pétalas. — Electra não disse que, tecnicamente, as plantas do éter são demônios?

— Sim, mas... não parece certo — respondeu Cress, puxando Tosk para junto do peito e afagando-o protetoramente.

— Bem, é isso ou morrer de fome — respondeu Sylva. — A menos que a região de Hominum no éter esteja logo ali virando a esquina, coisa que não está, pela aparência dessas montanhas: em algum momento teremos de nos alimentar.

— Nunca ouvi falar de ninguém ter comido um demônio antes, embora já tenha ouvido dizer que os xamãs fazem isso em algumas cerimônias — refletiu Cress.

A ideia de comer um demônio jamais passara pela cabeça de Fletcher. Aquilo o repugnava de certa maneira, mas os demônios comiam carne proveniente da dimensão do rapaz. Por que ele não

poderia fazer o mesmo ali?

— Fletcher, o que você acha? — perguntou Otelo, observando seu rosto enquanto o rapaz pensava no assunto.

Fletcher sorriu e balançou a cabeça melancolicamente, de súbito tomando consciência aguda do estômago vazio.

— Vão dormir — disse ele, indo até onde estava a mãe, e deitando-se a seu lado. — Amanhã iremos caçar.



7

O céu já estava escurecendo, e o estômago de Fletcher se contorcia, gorgolejando, sem digerir mais nada além da pétala consumida horas antes. O grupo tinha passado o dia inteiro caçando, deixado por Lisandro vários quilômetros à frente do caminho de Sheldon; mas não encontraram nada. Haviam se separado para cobrir mais terreno.

Fletcher já passara esse tipo de fome antes, quando o inverno chegou mais cedo em Pelego e as trilhas nas montanhas estavam tão cobertas de gelo que era difícil demais as percorrer. Caçar servira para afastar a fome. Naquelas circunstâncias, assim como agora, os sentidos se tornavam mais aguçados, afiados pelo desespero, porém, por outro lado, ele também ficava mais fraco e vagaroso. A diferença era que nas florestas de Pelego uma tentativa fracassada significava mais um dia de fome. Ali, significava a morte.

Agachado nas sombras de um arbusto retorcido, Fletcher escutou o barulho de cascos sobre o solo úmido ali perto, e, em seguida, um resfolegar grave. Depois o ruído baixo e rítmico de folhas sendo ruminadas até se transformarem em polpa. Era o primeiro sinal de vida que lhe aparecia pela frente.

Fletcher arriscou uma discreta aproximação, colocando um pé na frente do outro com a cautela nascida de muito tempo de prática. Não se atreveu a preparar o arco, porque o rangido da corda poderia denunciar sua presença. Outro passo, e ele pressionou a flecha no arco para evitar a possibilidade que ela, solta, o acertasse e fizesse ruído. Atrás da cobertura de folhas que cada vez menor, Fletcher avistou a presa.

Era um animal enorme, grande como um búfalo, com um formato parecido: ombros poderosos no meio dos quais crescia uma crina não muito diferente da de um cavalo selvagem. A cauda tinha um tufo que se agitava de um lado para o outro, em sinal de inquietação, o que deixou Fletcher incomodado.

Como se sentisse observado, o animal balançou a cabeça bem baixo e para o lado, resfolegando e farejando, umedecendo o ar com seu muco.

Protegido por não mais que umas poucas folhas e ramos, Fletcher estacou, torcendo desesperadamente para que o animal enxergasse mal. Ele tinha olhinhos pequenos e vermelhos, afinal, e uma cabeça de porco que lembrava um pouco a de um javali, mas com um par de chifres curvos na testa, presas bem mais proeminentes. O focinho era manchado de verde nas extremidades, e Fletcher viu a pilha de agulhas de coníferas que o bicho estivera ruminando.

Naquele momento descobriu o que estava adiante. Não era uma presa fácil, embora carnívoros de níveis mais avançados as caçassem e comessem. Um ser humano, por outro lado, seria louco de atacar uma daquelas criaturas, mesmo que estivesse morrendo de fome e desesperado. Era um Catoblepas.

Aquela espécie só comia plantas venenosas que poucos outros demônios consumiriam, tendo, portanto, bastante alimento. Poderia perfurar um atacante com as presas ou os chifres, o que viesse primeiro, mas nenhum dos dois era a arma mais potente daquele demônio. Não: era a saliva esverdeada, onde as toxinas naturais das plantas se concentravam. Uma mordida apenas era praticamente uma sentença de morte, e seu hálito era tão tóxico que podia cegar qualquer atacante, ou matar quem o inalasse. E, agora, ele estava olhando para Fletcher com os olhos vermelhos de porco e virando-se bem devagar, os flancos musculosos unindo-se e flexionando-se a cada passo lento e deliberado.

Um guincho do alto ecoou pelas árvores: Atena, tentando distrair a fera. O barulho só fez o Catoblepas agitar as orelhas, nada mais. Ignácio ficara com Sheldon para proteger Alice, a um quilômetro de distância. Os outros caçavam ainda mais longe. Ele e Atena estavam por conta própria.

O demônio grunhiu, borrifando uma nuvem de fumaça pelas narinas. A umidade queimou o monte de folhas castanhas que recobria o chão.

Feitiços não eram muito eficientes contra demônios, e escudos muito menos, pois a energia demoníaca que formava seus corpos era capaz de atravessá-los com facilidade. Ele pensou em suas pistolas — ambas estavam carregadas, mas o ruído da explosão da pólvora poderia chamar a atenção dos xamãs próximos que procuravam por eles nos céus, alertando-os de sua presença. O arco teria de bastar.

Muito lentamente ele preparou a flecha, puxando a corda, e o esforço forçou seus músculos fracos. Ele estava exausto até os ossos, de modo que a ponta da flecha parecia entrar e sair de foco, retorcendo-se, enquanto os tendões de seu braço se retesavam e

travavam. Centímetro a centímetro, o arco rangeu até estar completamente teso. Apesar disso, ele não disparou, nem mesmo quando o monstro cavou a terra com o casco, o lombo curvando-se em uma silhueta arredondada à fraca luz do crepúsculo.

A cabeça da fera era enorme, mas Fletcher tinha uma decisão a tomar. O crânio era espesso demais para ser perfurado — apenas um tiro certo na carne macia de seus olhos mataria o monstro. Um tiro difícil, mesmo para o mais experiente dos arqueiros.

Embaixo, o peito amplo apresentava um alvo maior. As chances de uma flecha atravessar a caixa torácica eram melhores, mas o animal talvez não morresse rápido; poderia ficar enraivecido e atacar, destruindo o corpo de Fletcher antes de sucumbir. Então, como se tivesse sentido sua indecisão, o Catoblepas soltou um rugido e investiu contra ele.

Fletcher afrouxou a flecha, e o cabo chocou-se com sua mão ao voar. Xingando, ele mergulhou para o lado, aterrissando dolorosamente entre as raízes de uma árvore próxima. Bem na hora, pois o monstro arrasou a fina cobertura de galhos meio segundo mais tarde, batendo as mandíbulas com abandono feroz.

Havia sangue no solo; a flecha tinha se alojado profundamente na barriga do bicho, pendendo da ferida como um cordão umbilical macabro. Tinha atingido o intestino, um ferimento que levaria horas para matar.

Com um rugido gutural de dor, o demônio deu meia-volta, buscando seu algoz. Fletcher parou onde estava, imóvel feito um lago plácido. O animal farejou o chão, uma língua comprida lambendo o solo, como se para sentir o gosto de seu rastro. Não podia vê-lo, pois Fletcher tinha se escondido na sombra da árvore, e a última luz do dia havia quase acabado.

O rapaz esticou a mão para apanhar outra flecha, mas sua mão só encontrou ar. Olhou por cima do ombro e viu sua munição espalhada pelo chão, fora de alcance atrás dele, pois seu mergulho desesperado soltara a aljava de suas costas.

Ele deixou que a mão pousasse no cabo do khopesh, mas não o desembainhou: o ruído rascante da lâmina na bainha chamaria a atenção da fera. Ele teria de fazer isso em movimento, num ataque definitivo, que significaria a morte para um dos dois.

Um pio do alto lembrou-lhe de que Atena continuava por ali. Ele notou o desespero frenético da Griforuja e sabia que Ignácio também podia senti-lo. Fletcher percebeu que a Salamandra estava correndo, mas ele se afastara demais de Sheldon para que qualquer resgate chegasse em tempo. O focinho do Catoblepas já o farejava, e o animal, babando e grunhindo sobre a terra úmida, vinha em sua direção.

Ele precisava alterar o curso da criatura. Uma expiração, uma gota

de saliva, poderia matá-lo no mesmo instante. Atena podia... não, seria arriscado demais.

A Griforuja, contudo, sentiu sua ideia e, de repente, veio deslizando pelos ares na direção de ambos. Fletcher ordenou que desse meia-volta — esforçou-se tanto que os olhos rolaram para o interior da cabeça, mas, enquanto ele fazia o máximo para controlá-la e fazer com que se desviasse, Atena fez o impensável. Dobrou as asas e despencou como uma pedra. Houve um momento de pânico cego, em seguida ela investiu contra o flanco da fera e, então, girou para o chão. A mente de Fletcher recebeu uma ordem de Atena: corra!

O Catoblepas rodopiou, espalhando salpicos de saliva com um urro gutural, mas eles passaram por cima da cabeça de Atena, pois ela estava colada ao chão, atônita com a colisão com a lateral da fera, dura como um barril.

Os flancos do Catoblepas encheram o campo de visão de Fletcher, a longa cauda chicoteando para os lados. Ele se levantou de um pulo e saiu correndo na direção do monstro, sacando até a metade o khopesh da bainha.

Com um grito irado, enfiou a lâmina bem no fundo da espinha da besta, atingindo os órgãos vitais abaixo. A respiração lhe saía do corpo em rompantes conforme ele esfaqueava as costas do demônio. A única coisa que o impedia de cair de cima do animal era o cabo da espada.

Sentiu o cheiro cru e animalesco do monstro, que caiu de joelhos em agonia. O pelo áspero ao longo de sua espinha raspava nas mãos de Fletcher enquanto ele girava a lâmina, sendo jogado para os lados a cada coice do Catoblepas. Uma massa de vapor tóxico foi lançada no ar, mas Fletcher estava fora de alcance. Ele inclinou-se sobre a lâmina com abandono desesperado, até que quase metade do cabo da espada estivesse enterrada na espinha da criatura.

Então, abaixando-se suavemente e quase com um lamento, a criatura caiu de vez e soltou seu último e venenoso suspiro.

— Atena! — gritou Fletcher, deslizando do lombo do Catoblepas e indo até onde o demônio estava caído.

Uma das asas havia sido esmagada pela barriga do monstro, mas seus olhos estavam abertos e cheios de vida. Com um rosnado, ele ergueu o cadáver do Catoblepas para libertá-la, espirrando saliva com o esforço.

Atena conseguiu retirar a asa, mas Fletcher sentiu sua agonia quando ela moveu os ossos delicados, que tinham sido fraturados pelo peso descomunal da fera. Ele soltou o cadáver de qualquer jeito e se ajoelhou para apanhar a Griforuja.

— Por que fez isso? — perguntou ele, aninhando seu corpo quebrado.

Ela olhou para ele, e o amor em seus olhos azuis lhe revelou a

resposta.



8

Quando os outros enfim o encontraram, ele ainda segurava Atena nos braços. Enquanto Lisandro ajudava a arrastar o corpo do Catoblepas até o casco de Sheldon, Fletcher começou a cuidar dos ferimentos de Atena. Ficou feliz ao ver que ela não estava mortalmente ferida, ainda que tivesse de ficar sem voar por um bom tempo. Ignácio fez tudo o que podia para confortá-la, afagando-a com o bico e lambendo ineficientemente sua asa quebrada, mas sua saliva curadora não exercia efeito algum em ossos quebrados, e Fletcher não podia se arriscar a fazer um feitiço de cura, com medo de que os ossos se fixassem incorretamente.

Sentiu-se tentado a infundi-la e deixar que ela se curasse dentro de si, mas sabia que a visão noturna da Griforuja logo seria necessária: aquela seria a noite mais perigosa de todas até então, agora que carregavam uma carcaça sangrenta no casco de Sheldon. Não, eles teriam de lidar com aquela situação à moda antiga.

Por não haver muita madeira por perto, ele endireitou a asa quebrada com o cabo reto de uma de suas flechas e prendeu a asa contra a lateral do corpo do demônio. Atena andou bamboleante pelo casco, arrasada por ficar restrita ao chão. Seu desânimo, contudo, não durou muito, pois os dias de fome tinham acabado e um banquete começava a tomar forma diante de seus olhos.

A carcaça foi cortada com as lâminas de todos e separada em nacos enormes, cortes de carne escura e pilhas de órgãos gelatinosos. Os intestinos e outros órgãos venenosos foram retirados com cuidado e enterrados a alguma distância de seu caminho, pois o fedor era horrível e ajudaria a impedir que os animais necrófagos seguissem o rastro de Sheldon.

O restante foi cuidadosamente espalhado sobre o couro do monstro, que, esticado, era tão extenso que poderiam usar como tenda.

Cozinhar a carne era essencial, mas eles não queriam acender uma

fogueira diretamente sobre o casco de Sheldon, com medo de machucá-lo. Portanto formaram um monte alto de terra para isolar o casco, e usaram os galhos secos e meio apodrecidos espalhados pelo chão da floresta para fazer uma fogueira razoável.

Os órgãos comestíveis foram comidos primeiro, assados sobre as chamas formadas entre fogueiras de galhos que Fletcher cortara e raspava com seu khopesh. Cada órgão tinha um gosto diferente; o fígado era seco e macio, os rins, gordurosos e substanciais, e o coração, mesmo meio fibroso, não era ruim.

Salomão e Tosk, herbívoros, comeram brotos colhidos na floresta ao redor, mas os carnívoros Lisandro, Atena e Ignácio estavam famintos e comeram os pulmões crus, chegando a morder nacos dos miolos enquanto esperavam pela carne cozida. Ver seus bicos sangrentos banquetecendo-se daquela carne quase arruinou o apetite de Fletcher. Quase.

Os cortes foram devorados em seguida, assados em grandes grupos retirados apressadamente do monte de carne. A carne escura tinha veios de gordura da cor de manteiga que se derretiam e faziam o fogo chiar. Fletcher, Otelo, Sylva, Cress e Alice a comeram ainda bem quente e mastigaram com a boca muito cheia, inclinando a cabeça e arrancando os nacos com os dentes.

Foi a melhor refeição que Fletcher já comera. Havia cortes das patas, dos flancos, das costas e da corcova. Eles jantaram como os mais finos nobres de Hominum, saboreando cada corte e maravilhando-se com as variações de textura e sabor.

Desfrutaram felizes da luminosidade e do calor de sua pequena fogueira, pois tinham decidido que aquela seria a única noite em que se permitiriam acender uma — tinham medo de serem avistados do alto. Comeram em satisfeito silêncio, enchendo-o dos sons de mastigação e deglutição que mais pareciam os de cachorros atacando uma tigela que o de pessoas civilizadas fazendo uma refeição.

Otelo foi o primeiro a falar.

— Você ainda acha que comer demônios é errado? — murmurou ele, de boca cheia.

Cress mastigou, pensativa, por um momento.

— Que nada, esse treco aqui é delicioso — respondeu, continuando a roer um enorme fêmur.

Fletcher tombou de costas, grunhindo, o estômago cheio. Virou a cabeça e inspecionou a montanha de carne que ainda restava.

— Que desperdício — disse Cress, atirando um osso na escuridão e deitando ao lado de Fletcher. — Se tivermos sorte, talvez a gente consiga comer um pouco da carne no café da manhã, antes que ela se estrague.

— Pois é — disse Otelo, ouvindo a conversa de ambos. — É por isso

que vou encher a pança. Depois do que aconteceu com Atena, só quero voltar a caçar de novo quando for mesmo preciso. Banquete e fome; é assim que vai ter de ser.

Eles ficaram sentados por mais algum tempo, então Sylva disse:

— Seria tão bom se tivéssemos um elfo silvestre aqui... — suspirou, retirando as botas e as meias, e agitando os dedos perto do fogo.

Fletcher sorriu, lembrando que Otelo tinha feito exatamente a mesma coisa, muito tempo antes, quando eles se abrigaram da chuva em um barracão depois da tentativa de assassinato de Sylva. Houve uma época quando ela teria torcido o nariz para esse tipo de comportamento. Como as coisas tinham mudado!

— Por quê? — perguntou Cress. — E qual a diferença?

— Os elfos silvestres são caçadores natos. Passam a maior parte da vida no chão da Grande Floresta, cuidando de nossos bandos de veados e caçando a muitos quilômetros da terra natal. Eles saberiam o que devemos fazer para conservar a carne e até mesmo o couro.

— Fletcher, você não costumava caçar em sua terra natal? — perguntou Otelo.

Mas a cabeça de Fletcher já estava funcionando. Ele não era nenhum especialista em curtir couro, pois simplesmente o entregava aos coureiros antes de o processo começar. Porém ele sabia como secar carne para fazer charque. Tinha feito aquilo em Pelego, ao lado da fomalha de Berdon. De alguma maneira, aquilo lhe parecera ser impossível de fazer ali, naquela floresta estranha e úmida; contudo, de repente, Fletcher decidiu fazer uma tentativa.

— Vamos precisar de mais madeira para a fogueira — disse, sentando-se mais empertigado. — Mas acho que consigo fazer as duas coisas. Perfeito não vai ficar; que diabo, pode ser até que nem dê certo, mas acho que vale a pena tentar.

E, assim, Fletcher lançou-se ao trabalho. Foi difícil fazê-lo na escuridão, uma vez que só havia a fogueira para guiá-los, porém Fletcher tinha tudo o necessário por perto. Cortou galhos robustos das árvores de galhos baixos e construiu uma espécie de tenda, usando os tendões do Catoblepas para prendê-la. Depois entrelaçou tudo com raminhos finos para formar uma grade onde seria possível pendurar pedaços de carne para secar.

Enquanto os outros começavam a cortar a carne em tiras finas, ele se pôs a limpar a imensa pele, usando o seax de Cress para raspar o excesso de carne. Logo tinha em mãos uma membrana de couro retesada, peluda de um lado e branco-rosada do outro.

A parte mais repugnante vinha em seguida. Por não ter panela, Fletcher foi obrigado a cortar o crânio da cabeça do Catoblepas e usá-la para esse fim.

— Que diabo você está fazendo? — gemeu Otelo, observando

Fletcher cortar e macerar os miolos do Catoblepas até virarem uma pasta cremosa.

— E com meu seax! — exclamou Cress.

— Isso ajuda a curtir o couro — explicou Fletcher, fazendo uma careta enquanto mexia a mistura nojenta. — Os caçadores fazem isso há séculos.

Logo, estava relutantemente espalhando o líquido no couro com as mãos, enquanto Ignácio soprava o ar quente para secá-lo. O fogo estava quase apagado quando concluíram o trabalho.

— Agora só temos brasas, e coloquei algumas toras de madeira seca por cima, que irão arder lentamente e soltar fumaça a noite inteira. Agora, me ajudem com a pele — ordenou Fletcher.

Os outros foram um para cada lado da pele e juntos a levantaram. Depois seguiram a passos bambos até o fogo e com ela envolveram a armação repleta de carne. As tiras tinham sido presas ali como uma costura — primeiro eles as perfuraram com a lâmina do punhal de Sylva e depois usaram como linha o restante dos tendões do monstro, usando um feitiço para mantê-las no lugar.

Finalmente eles deram um passo para trás e admiraram seu trabalho. Uma nuvem fumegante de fumaça soprava do alto da estrutura, como uma chaminé. Por sorte a fumaça parecia fina o bastante para se dissolver no ar antes de alcançar a copa das árvores.

— Vamos alimentar o fogo com folhas verdes e mais madeira ao longo da noite — instruiu Fletcher. — Isso deve ao mesmo tempo curtir o couro e secar a carne. Só não se esqueçam de que não é para cozinhá-la, mas para secá-la. Então o calor deve ser muito baixo e constante: nada de fazer o fogo ficar muito alto. O couro vai providenciar uma cobertura bastante útil se chover, ou pelo menos deixará o casco mais confortável para as costas de Otelo.

— É isso aí — disse Otelo, esfregando o cóccix disfarçadamente.

— Eu fico com o primeiro turno de sentinela — ofereceu Sylva.

— Me acorde daqui a duas horas — respondeu Fletcher, apanhando Atena e Ignácio nos braços e deitando-se ao lado da mãe. Era bom estarem de barriga cheia, e com sorte eles teriam carne-seca para os próximos dias. Apesar disso, Fletcher viu-se com dificuldade para dormir.

Tentou não pensar no tempo que estava passando, ignorando as pontadas de frustração com aquele ritmo lento e pesado pela floresta úmida. Contudo, a cada respiração, sabia que o ar o envenenava, sugando a vida de seu corpo. Não havia nada que pudessem fazer: apenas esperar e torcer pelo melhor.

Ele se virava de um lado para o outro no casco duro, ouvindo o estalo de galhos e os estranhos barulhos noturnos da floresta.

Até que, por fim, quando o céu já começava a clarear mais uma

vez, Fletcher adormeceu.



9

O grupo olhou para a copa acima, comendo suas pétalas. Seus estômagos já estavam cheios — a carne-seca tinha sido um bom aperitivo, e Fletcher cozinhara alguns dos ossos enormes do Catoblepas sobre o fogo fraco, e depois os abriu para que pudessem comer o tutano nutritivo e amarelo que havia no interior. Só desejava que tivessem um pouco de pão para acompanhar — era como ele sempre comera tutano de veado quando a comida rareava em Pelego.

A água tinha sido reabastecida depois de uma breve chuva naquela manhã, que eles coletaram esticando o couro curtido do Catoblepas e depois usando-o para reabastecer os cantis. O líquido ficara com gosto de fumaça, mas era bem mais fresco que a água das poças que encontravam de vez em quando pela floresta.

Eles tiveram de apagar o fogo depois da refeição, porque a fumaça e o cheiro poderiam alertar caçadores de sua presença. Estranhamente, ao acordar, Fletcher encontrara Ignácio enrodilhado nas chamas, cochilando entre as brasas reluzentes. Fletcher imaginou que, depois de nadar em lava derretida, uma fogueira devia ser coisa de criança, mas ficou preocupado: Ignácio jamais fizera aquilo antes.

A voz de Otelo interrompeu seus pensamentos.

— Precisamos de outra pessoa para inspecionar o terreno, principalmente quando atravessarmos as montanhas — argumentou ele, palitando os dentes com um ramo afiado. — Atena não pode voar. Tosk e Ignácio poderiam subir em uma das árvores mais altas e inspecionar o horizonte, mas precisamos ver o que está adiante.

— Lisandro é grande demais. Pode ser visto — emendou Sylva depressa, porém ninguém discordou.

— Precisamos de um Caruncho — murmurou Cress, raspando o interior de um osso com seu seax. — Ou algo parecido.

Fletcher sabia que eles tinham razão. Estavam quase na metade do suprimento de pétalas, e as montanhas assomavam à frente. Sheldon

não tinha se desviado de seu caminho, mas ainda assim seria melhor saber o que os aguardava ao sopé da cordilheira.

— Seria melhor mandarmos os demônios caçarem sozinhos. Eles poderão se desviar de qualquer coisa grande demais, mas seriam capazes de capturar pequenos demônios voadores para um de nós conjurar — disse Fletcher.

Então o jovem se deu conta de que ele — e Sylva também, aliás — não tinha experiência alguma em caçar ou capturar demônios do éter; Rook nunca permitira que os plebeus caçassem em seu primeiro e único ano na Vocans.

— Você caçou bastante no éter, Cress? — perguntou Fletcher.

— Os alunos do primeiro ano eram proibidos de ir ao éter quando eu estudava lá — respondeu ela, dando de ombros. — Tinha algo a ver com o que aconteceu com a Capitã Lovett. Eu estava tão feliz com Tosk que nem me importava. Otelo caçou um pouco, porém, por estar no segundo ano.

— Sim, é verdade — confirmou o anão, coçando a cabeça melancolicamente. — Mas Salomão era completamente inútil. As mãos enormes e desastradas não conseguiam segurar nada pequeno, e ele é lento demais e ruidoso demais para capturar qualquer coisa, aliás.

— Bem, suponho que nenhum de nós, a não ser Sylva, tenha um nível de conjuração sobrando para capturar um Caruncho — disse Fletcher, sorrindo. — Você bem que poderia deixar Salomão esticar as pernas, por mais inútil que seja; ele já está infundido há tempo demais.

Assim, Salomão e Lisandro foram conjurados e enviados com os outros demônios para caçar na floresta, que vinha se tornando mais espessa e mais tropical a cada passo de Sheldon. Na verdade, ele agora se via obrigado a deixar o avanço em linha para seguir uma trilha natural na floresta, de tão cerrada que era a vegetação.

Logo estavam sentados em um círculo, e Fletcher colocou as lentes de visualização enquanto os outros miravam seus cristais. Até mesmo Alice veio juntar-se a eles, embora ele não soubesse se pelo cheiro da carne ou pelo desejo de ficar perto.

Todos os demônios partiram, menos Atena, que cuidava da asa quebrada aninhada no colo de Alice. As duas pareciam satisfeitas em descansarem juntas, portanto Fletcher se concentrou em seu cristal de visualização para acompanhar o avanço de Ignácio.

A Salamandra era ágil na floresta, correndo em disparada pelas silveiras e troncos caídos, olhando para o céu. Sua empolgação era contagiante, e o coração de Fletcher se acelerava a cada salto que levava Ignácio mais fundo na floresta e mais distante do tumulto ruidoso que Lisandro e Salomão inevitavelmente causavam enquanto

abriam caminho pelos arbustos.

Carunchos menores zumbiam aqui e ali, mas Ignácio os ignorou. Eles não serviam para um conjurador — exigiriam um nível completo de realização tal como um Caruncho Escaravelho, mas sem serem dotados das mesmas mandíbulas, ferrões e inteligência de seus primos de maior porte.

Ignácio, em vez disso, escutava atentamente o ar ao redor. Fletcher sabia que a Salamandra percebia a diferença entre os demônios apenas pela frequência e o timbre do bater de suas asas, pois, depois de centenas de anos caçando no éter, seus sentidos tinham ficado bastante afinados. Apesar disso, nada. Os demônios de fogo-fátuo haviam eliminado todos os demônios da floresta, exceto os de nível mais baixo na cadeia alimentar. O único outro demônio que ele avistou foi um solitário Coatl, pendurado em um galho mais acima; um demônio semelhante a uma serpente, coberto com as penas vistosas típicas de um pássaro exótico. Era, contudo, vagaroso e chamativo demais para ser de alguma utilidade.

Enquanto aguardavam, Fletcher explorava a mente do demônio, esperando ouvir o som de uma presa. Mas... havia algo diferente em Ignácio — e Fletcher, de fato, só o percebia agora, que se concentrava com tanta atenção. A consciência da Salamandra se ampliara em sua mente. Parecia inclusive que os níveis de mana contidos no pequeno demônio haviam aumentado também. Na verdade, “pequeno” era um adjetivo que não parecia mais apropriado para descrevê-lo, pois percebeu que Ignácio parecia ter crescido desde que haviam entrado no éter. Seu peso fora perceptível quando Fletcher o carregara naquela manhã, e suas costas haviam ficado penduradas para além dos ombros do rapaz.

Uma onda de empolgação atravessou a consciência de Ignácio, interrompendo os pensamentos de Fletcher. A Salamandra estava na base de uma árvore, subindo pela casca cinzenta com cuidado calculado. Lá no alto, o bater das asas de outro demônio havia chamado sua atenção. Fletcher pôde ouvi-lo também, um pulsar fraco que se intensificava de modo intermitente quando o demônio voava de um lado para o outro.

Então ele o viu; avistou o reluzir iridescente do estranho corpo. Era como se um lagarto alado tivesse sido formado a partir das partes do corpo de um inseto. Suas asas, embora tivessem o mesmo formato das de uma Serpe, eram feitas do mesmo material frágil das asas de uma borboleta, com um trecho translúcido e entremeado no centro, cercado pela mescla vívida de azul e verde típica de uma lagoa rasa. Seu corpo era malhado da mesma cor e parecia muito a carapaça de um besouro, segmentada nas articulações. Tinha apenas quatro patas, mas cada uma delas era coberta de pelos finíssimos e terminava em

pequenas garras. Uma cauda com um pequeno, mas potente, ferrão na ponta funcionava como leme e contrapeso.

Os olhos, no entanto... os olhos eram o traço mais artrópode de todos: negras esferas feitas de milhares de formas menores, posicionadas sob um par de antenas parecidas com as de uma formiga. Somente a boca permanecia sendo reptiliana, revelando uma língua comprida e camaleônica que chicoteou para fora a fim de apanhar um Caruncho menor no ar.

Era um *Pyrausta* — tão raro que não havia registros de sua captura, apenas descrições escritas às pressas de conjuradores que tinham catalogado as lembranças infundidas de seus demônios. Era mau lutador, porém famoso por dois talentos específicos, que ele demonstrou ao pousar em uma grande folha perto de Ignácio para devorar a presa.

No mesmo instante, o corpo assumiu o mesmo tom vivo de verde, camuflando-se com tanta perfeição que chegou a imitar os veios da planta. O *Pyrausta* engoliu o Caruncho com a ajuda das garras da frente.

Enquanto Fletcher fitava pasmo suas lentes, o demônio agitou as antenas e saiu em disparada em um acesso súbito de velocidade. As antenas eram seu segundo talento peculiar, conferindo-lhe sentidos apenas sonhados por outros demônios.

Ignácio já estava em pleno ar, tendo previsto o movimento repentino. Apesar disso, quase não conseguiu alcançá-lo com uma de suas garras. Mas prendeu-se na cauda e arrastou-o consigo enquanto o *Pyrausta* caía no chão. Ao atingir o solo, imediatamente Ignácio o aprisionou com a própria cauda, fazendo com que asas e ferrão ficassem imobilizados.

Foi tudo muito bem-feito. Fletcher enviou a Ignácio um pulso congratulatório cheio de orgulho, e a Salamandra soltou um guincho de empolgação antes de voltar em disparada para o casco.

— Apanhamos algo — anunciou Fletcher. — Chamem os caçadores de volta, temos um novo demônio para conjurar.



10

O Pyrausta tinha se tornado do mesmo tom intenso de vermelho-borgonha da pele de Ignácio quando a Salamandra chegou, segurando vitoriosamente o prisioneiro em pleno ar. O couro de conjuração de Otelo já havia sido colocado ao lado do fogo; fora o único que restara depois que perderam os suprimentos no pântano.

— Cacete, um Pyrausta! — exclamou Otelo, com um pouco de inveja. — Vai servir perfeitamente.

Fletcher se ajoelhou e esfregou a cabeça de Ignácio, depois recuou um passo e olhou para a palma da mão, atônito. A pele da Salamandra parecia fria ao toque.

— Ele está frio — comentou Fletcher, franzindo a testa. — Ele nunca fica frio.

— Que estranho — disse Sylva, agachando-se a seu lado. — Posso?

Em geral não era permitido tocar o demônio de outro conjurador; pelo menos não de propósito. Fletcher fez que sim, e ela passou a mão ao longo da espinha vertebral de Ignácio. Fletcher sentiu um pulso involuntário de prazer e corou. Virou a cabeça para o lado e se ocupou logo em ajeitar a jaqueta de couro em torno dos ombros de sua mãe, esperando que Sylva não tivesse percebido nada.

— É estranho *mesmo* — murmurou a elfa, endireitando o corpo. — Mas é uma sorte; provavelmente foi por isso que ele conseguiu capturar o Pyrausta.

— Como assim?

— Bem, a maioria dos conjuradores teoriza que os Pyraustas conseguem detectar muitas coisas com suas antenas. O calor deve ser o indicador mais óbvio para eles. Há quem diga que eles também são capazes de sentir a menor vibração no ar, e inclusive detectar umidade. A maioria concorda que seus sentidos de olfato, audição e paladar são tão bons ou até mesmo melhores que os de um Canídeo. O corpo frio de Ignácio deve ter confundido o Pyrausta; aposto que não

existem muitos demônios de sangue frio por aí.

Fletcher sorriu e olhou para o Pyrausta. Era de fato uma presa de sorte.

— Você acha que Ignácio é capaz de mudar de temperatura voluntariamente ou foi outra coisa? — perguntou ele.

Estudou a cauda de Ignácio, que parecia ainda mais comprida que antes. Estariam suas omoplatas mais proeminentes também, como as da Salamandra negra de Khan?

— Sylva, você acha que ele está se tornando maior?

A elfa não escutou a pergunta, ocupada inspecionando o belo demônio Pyrausta.

— Hã? — resmungou ela, olhando para Ignácio. — Acho que sim. Ele acabou de fazer uma bela refeição.

Fletcher não entendia. Talvez fosse uma estranha reação ao que acontecera na poça de lava embaixo da pirâmide... ou seria por ele haver retornado ao éter? Ou por comer a carne de um demônio? Sabia-se tão pouco sobre as Salamandras que podia ser uma combinação de todos esses fatores.

— E aí, quem vai conjurá-lo? — perguntou Cress, cheia de ansiedade.

— Eu não — respondeu Sylva, afagando a cabeça de Lisandro. — Este belo Grifo é um nível dez. Duvido que me restem níveis de realização para capturar um Pyrausta, seja lá a graduação.

— Se bem me lembro, essa espécie é nível dois — disse Otelo, ajoelhando-se e inspecionando o demônio capturado. — Talvez três. Quem tem níveis de realização excedentes? Eu conferi meu realizômetro antes do Torneio... agora sou nível catorze.

— Eu ainda sou dez... restam cinco níveis para mim — disse Cress, parecendo esperançosa.

— Quem acha leva, certo, Fletcher? — disse Sylva, balançando a cabeça.

Fletcher, entretanto, não tinha tanta certeza. Otelo precisava de um demônio como um Pyrausta, algo veloz e leve e útil. Salomão, por mais poderoso que fosse, não era um demônio versátil. O Golem era uma marreta, e o Pyrausta, um bisturi.

Otelo era seu melhor amigo, seu aliado em tudo. Ele devia muito ao anão e a sua família. E que utilidade um Pyrausta teria para Fletcher? Ele seria pouco útil em uma batalha com uma arma que parecia semelhante ao ferrão de um Caruncho, e Atena, embora ferida, era uma grande batedora. Fletcher não precisava de outro. Não. O Pyrausta tinha de ser de Otelo.

— Ele é seu, Otelo — decidiu Fletcher, sorrindo. — Você precisa mais que eu, e, de qualquer maneira, nem sei se meu nível de

realização está alto o bastante. Ano passado eu era nível nove, e já usei tudo.

— Eu aumentei em três níveis desde então — interveio Sylva, exasperada com a generosidade de Fletcher. — E Otelo, quatro. Faça uma tentativa!

— Está tudo bem, Sylva — assegurou Fletcher. — Ele precisa do Pyrausta. Salomão é mais lerdo que um bando de tartarugas.

— Você está falando sério? — indagou Otelo, os olhos iluminados com empolgação.

— Sim, ele é seu. Vá em frente, Ignácio irá segurá-lo sobre o pentagrama.

Otelo não precisou de mais convencimento: ajoelhou-se ao lado do pentagrama e sorriu pesarosamente quando Cress gemeu de modo invejoso.

— Eu o entregarei de novo a Fletcher se ele mudar de ideia — garantiu Otelo, notando as sobancelhas erguidas de Sylva. Fletcher pensou em outro motivo e falou depressa antes que a elfa pudesse dizer qualquer coisa.

— E, se acabarmos nos separando, todos terão demônios capazes de voar ou escalar bem alto para ajudar a nos reunirmos. Faz sentido.

Sylva suspirou e acenou para que prosseguissem, balançando a cabeça para Fletcher. Parecia de certa maneira desapontada com ele. Talvez Fletcher estivesse sendo bonzinho demais, mas ele não se importava.

Ignácio caminhou todo orgulhoso até o couro de conjuração e levantou o Pyrausta sobre ele. Um segundo mais tarde, o pentagrama reluzia em um tom de violeta enquanto Otelo o energizava. Capturar um demônio era bem parecido com infundir um, só que muito mais difícil. Imobilizá-lo costumava ser, em geral, a parte mais problemática.

Otelo tensionou e depois relaxou as mandíbulas. Uma veia latejava em sua testa, e ele deixou que a respiração lentamente silvasse por entre seus dentes enquanto se esforçava para realizar a tarefa, os dedos gorduchos pressionando o couro com força.

— Vá, você consegue — encorajou Cress, ao aproximar-se e espiar o Pyrausta.

Devagar, muito devagar, o demônio começou a se dissolver em faixas de luz branca. Otelo grunhiu alto, o rosto corando, enquanto esforçava-se para conjurar aquele demônio. Por fim, quando ele estava tão vermelho que Fletcher já começava a se preocupar, a última faixa de luz translúcida desapareceu no couro.

Otelo caiu para trás, o peito ofegante com o esforço. Então um olhar cheio de alegria apareceu em seu rosto quando a euforia de infundir um novo demônio tomou conta dele.

— Muito bem! — elogiou Fletcher, dando um tapinha no ombro de Otelo. — Quer saber, você é o primeiro aqui a capturar um demônio selvagem.

— Semicapturar, na verdade — corrigiu Sylva, mas a contragosto sorriu para Otelo.

Otelo levou alguns instantes para se recuperar, então o Pyrausta foi conjurado novamente. Sentou-se no centro do tapete assim que se materializou, trêmulo.

— É tão estranho — murmurou Otelo. — Minha mente parece tão... cheia.

— Nem me fale — disse Fletcher. — Mas você se acostuma. Acha que pode controlá-lo o suficiente para mandá-lo como batedor?

— Sim — respondeu Otelo, estendendo a mão.

O Pyrausta flutuou até lá e aterrissou em seus dedos, olhando para ele com seus olhos estranhos.

— Ah, e ele é ela, na verdade — continuou o anão, erguendo o demônio até a altura de seu rosto e olhando para ela cheio de admiração. — Vou chamá-la de Pria.



11

Pria esvoaçou de um lado para o outro, a barriga tornando-se azul-acinzentada para camuflar-se com o céu, e a parte superior de seu corpo assumindo um tom misto de verdes a fim de se misturar à copa das árvores — a camuflagem ideal caso algum predador que estivesse voando no alto olhasse para baixo.

Quando Otelo lhe roçou a grande pedra de visualização contra a cauda, Pria saiu em disparada até o céu, muito mais depressa do que Fletcher esperaria. Tivera sorte em capturá-la.

De início, eles viram uma imagem cristalina da floresta; em seguida, Otelo grunhiu, e a imagem tremulou em tons de vermelho, amarelo e laranja quando a Pyrausta deslizou ao vento, muito acima das árvores.

— Ela é capaz de enxergar o calor — explicou o anão, cheio de orgulho. — É como um interruptor em sua mente. Esperem, vejamos...

A pedra mudou mais uma vez. A floresta se tornou fantasmagórica, substituída por uma estranha massa ondeante de formas negras e brancas.

— Movimentos de som e ar, como os daquele demônio morcego. — O rosto de Otelo se retorceu quando ele tentou se lembrar do nome. — Como ele se chama mesmo?

Fletcher se lembrou dos gigantes morcegos peludos que alguns xamãs usavam como montaria, e estremeceu.

— Não importa. Ande rápido — incitou Fletcher. — Um Pyrausta raramente se arrisca acima da segurança das árvores. Se ela for avistada, pode levantar suspeitas.

Otelo assentiu, e em breve Pria deslizava pouco acima da linha das árvores, mudando a visão de vez em quando para verificar a presença de predadores. Acima, a cadeia vermelha estendia-se até o horizonte, devorando o céu que se acinzentava. Fletcher viu-se procurando um sol que sabia não estar ali; a fonte de luz do éter ainda não havia sido

determinada.

— O que é isso? — murmurou Otelo, desacelerando Pria ao se aproximar da base da montanha.

As árvores paravam abruptamente quando começavam as rochas vermelhas, como se os sedimentos ferruginosos as repelissem. Olhando de perto, pareciam arenito — ásperas e cobertas por uma fina camada de poeira que, para Fletcher, lembrava as terras áridas do éter. Mas não tinha sido isso que chamara a atenção de Otelo.

Havia uma rachadura na rocha, tão estreita que eles não a viram a distância. Era como se um terremoto tivesse dividido a serra impenetrável, deixando uma trilha fina no meio da cadeia. Sua largura mal comportava Sheldon, mas a trilha parecia bastante gasta; gerações de cascos, garras e patas haviam aberto um caminho livre no chão através da cadeia de montanhas.

— Bem que eu dis... — começou Fletcher, mas de repente Otelo levantou a mão, os olhos arregalados com pânico.

— Algo vem vindo — sussurrou ele, como se estivesse com Pria.

A tela reluziu em tom vermelho quando a Pyrausta voou a toda velocidade até um rochedo próximo, o maior e mais alto em meio a um monte de destroços que se espalhava ao redor da rachadura nas montanhas. Ela modificou sua visão para aquela estranha e sombria perspectiva de mundo, e voltou os olhos para o horizonte acima das árvores. Havia ondas bem alto no ar, como se ocorresse naquele instante uma grande perturbação no céu.

A visão retornou ao normal, revelando um grupo de sombras negras em formação de V ao longe, ainda distante demais para identificação. No início, Fletcher pensou que fossem demônios pássaros, talvez Picanços. Porém, à medida que se aproximavam, percebeu que eram grandes demais.

Eram Serpes. Fletcher contou sete — grandes monstros reptilianos, com asas unidas e chifres —, voando em uma espiral descendente, na direção do desfiladeiro das montanhas. Eram tão grandes quanto um trio de cavalos, e aterrissaram com impacto seco, fazendo o rochedo estremecer e a imagem do cristal balançar. Sulcos se abriram no chão quando elas foram deslizando até parar, as garras das patas de trás encurvadas e as asas abrindo ranhuras na terra.

Otelo estremeceu quando seus cavaleiros ficaram à vista: xamãs orcs, resplandecentes com cocares chamativos e cheios de penas, os torsos, pernas e braços desenhados com espirais de cores vivas. Cada um estava armado com uma aljava cheia de dardos e um macaná — um porrete de guerra achatado, com lascas de obsidiana incrustadas nas laterais.

Outros demônios aterrissaram no meio deles, atrás das Serpes. Vespes — híbridos de vespas tão grandes quanto pombos. Estirges —

demônios de quatro patas semelhantes a corujas, com penas de pontas vermelhas e bicos assustadores. Foi outro demônio, no entanto, que chamou a atenção de Fletcher, ainda circulando acima, como se relutando em desistir da busca. Era menor que uma Serpe, mas seu coração parou quando o monstro por fim veio descendo. Ele assomava gigantesco no cristal ao aterrissar no rochedo acima de Pria. A Pyrausta estava completamente imóvel.

— Mas que droga! — exclamou Cress.

Era um Ahool; o nome que Otelo tentara se lembrar antes surgiu de repente na cabeça de Fletcher. Parecia um morcego gigante com a musculatura, a pelagem e a boca ampla de um gorila macho, farejando o ar através de um focinho de porco e retorcendo as orelhas pontudas. Duas presas saíam dos cantos da boca, mais afiadas que agulhas e compridas o bastante para atravessar o peito de um ser humano.

Então o cavaleiro saltou das costas do demônio e aterrissou no chão, agachado.

O orc branco. Khan.

— Que os céus nos ajudem — disse Cress, em um fio de voz engasgada.

Khan parecia gritar, a pele perolada cintilava em contraste com o céu cinzento. Sua longa juba se agitava ao ar enquanto ele caminhava de um lado a outro, ordenando que os xamãs descessem das montarias, com os latidos guturais que Fletcher sabia ser a língua dos orcs.

Logo os xamãs vasculhavam a clareira, examinando o chão próximo do desfiladeiro na montanha. Não demorou para que determinassem que não havia pegadas, embora parecessem ficar empolgados com as marcas de cascos na terra seca. O orc branco bateu palmas ao vê-las e, em seguida, enxotou os xamãs da frente a fim de examiná-las por conta própria. Os xamãs retornaram às Serpes e as alimentaram com nacos vermelhos de carne retirados de cestos presos às costas dos demônios.

— Ei... eles não irão embora — comentou Cress, apontando para o cristal.

Os xamãs não levantavam tendas, abrigando-se, em vez disso, embaixo das asas de suas Serpes e montando pequenas fogueiras com feitiços invocados por símbolos tatuados na pontas dos dedos. Khan se juntou a um deles, agachando-se sobre suas ancas compridas e aquecendo os dedos junto às chamas.

— Por que Khan está aqui? — Sylva estremeceu, horrorizada ao ver o orc alto e branco. — Há uma guerra em nossa dimensão, e ele perdendo tempo nos caçando aqui. Não faz sentido!

Khan não usava nada além de uma tanga lisa, um contraste gritante com os xamãs espalhafatosos com suas penas de várias cores e

pinturas corporais chamativas. Seu corpo era formado de músculos magros e atléticos, e seu cabelo comprido parecia quase feminino em comparação à mistura de coques masculinos, cabeças parcialmente raspadas e cabelos com corte de cuia.

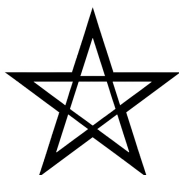
— O que eu faço? — sussurrou Otelo, apontando para a imagem do Ahool no cristal. O demônio montava guarda, a cabeça balançando vagarosamente para a esquerda e a direita. — Assim que Pria se mexer, ele sentirá sua presença. Caramba, estou surpreso de que não a tenha farejado ainda.

— Os Ahools têm vista ruim — explicou Sylva. — Deve sentir seu cheiro, mas não sabe onde ela está.

— Precisamos dela ali — sugeriu Fletcher. — Se esses orcs ainda estiverem lá pela manhã, poderemos topar direto com eles. Ela pode ficar vigiando.

— Sim — concordou Otelo, enxugando o suor da testa.

O grupo ficou sentado em silêncio, horrorizado, enquanto o céu começava a escurecer e os demônios menores dos orcs se acomodavam nos limites da floresta, em vigília.



12

De manhã os orcs partiram. Pria os viu saírem à primeira luz da manhã, voando baixo pelo desfiladeiro. Foi uma sorte, porque Sheldon chegou à entrada do desfiladeiro uma hora depois. Ao chegar, o Zaratan parou para pastar nos limites da floresta, como se soubesse que haveria pouca vegetação disponível durante o restante da jornada.

O grupo saltou para o chão e se espalhou, atentos para o caso de toparem com algum dos demônios orcs deixados como sentinelas. As cinzas das fogueiras ainda estavam quentes ao toque, e o esterco das Serpes deixara um fedor forte e pungente no ar.

— Eles devem saber que estamos indo naquela direção — disse Fletcher, balançando a cabeça. — O Ahool deve ter farejado nosso rastro. Só temos sorte de eles terem pensado que somos mais velozes que de fato somos, pois nos ultrapassaram.

— Se estivéssemos a pé, ainda estaríamos no pântano — disse Otelo, esfregando os olhos para afastar o sono. — Se estivéssemos a bordo de algum outro animal que não um Zaratan, como um Kirin ou um Hipalectrion, estaríamos muito para a frente. Eles acham que temos montarias, como o Corpo de Dracons.

— Foi por isso que ficaram tão empolgados ao ver aquelas marcas de cascos no chão — supôs Sylva, agachando-se perto dos sulcos que os xamãs haviam examinado. — Por sorte, um bando de demônios selvagens deve ter passado por aqui recentemente.

— Sim — concordou Cress, cutucando uma pilha de esterco de Serpe com um graveto. — Eles devem achar que temos demônios grandes de nível elevado como montarias... afinal, ninguém mandaria um bando de aluninhos com apenas um ou dois anos de experiência para a cova do leão, certo?

Fletcher sorriu com o sarcasmo, ainda que dentro de si existisse um turbilhão. Não fazia mal que seus perseguidores superestimassem seu poder, mas em algum momento eles poderiam pensar melhor e dar

meia-volta. Para piorar, a equipe já não tinha mais a cobertura das árvores e teria de ficar naquela trilha ao longo de muitos quilômetros. Demônios em migração ficariam afunilados no desfiladeiro, de matilhas de Canídeos selvagens a Manticoras nômades em busca de um parceiro. Aquilo não o agradava, mas eles não tinham outra escolha. O tempo se esgotava depressa.

Como se Sheldon pudesse ler sua mente, engoliu o restante da polpa das folhas que estivera arrancando da orla da floresta, e começou a entrar vagarosamente no valado, ignorando as paredes altas e acidentadas da montanha que o flanqueava. O grupo apressou-se em subir no casco trêmulo que se inclinava de um lado para o outro, os pés pendurados acima do chão.

Logo estavam todos de volta ao casco de Sheldon com Alice, que agora contava também com Tosk no grupo de demônios enrodilhados a ela, como se encontrassem tranquilidade em seu temperamento calmo. Ignácio chegava até mesmo a trazer-lhe tiras de carne-seca quando o grupo fazia as refeições, e passava a maior parte do tempo em seu colo: agora que haviam apagado a fogueira, sua temperatura voltara ao normal.

Cress parecia não se importar que seu demônio agora tivesse uma nova companheira ao dormir — ela mesma passava a maior parte do tempo atrás do pescoço de Sheldon, coçando-o de vez em quando e falando sozinha com ele. Tinha se afeiçoado bastante ao gigante gentil, queixando-se muitas vezes por ele ser de um nível alto demais para ela.

Fletcher achou graça daquele monte de demônios afeiçoados à mãe e a beijou na testa. Caminhando em direção à frente do casco, perguntou-se se seria estranho mostrar tamanha ternura por ela, mas aquilo lhe parecia natural e certo.

— É o lugar perfeito para uma emboscada — comentou Sylva, interrompendo os pensamentos do jovem e parando a seu lado.

A elfa tinha razão. Estavam em um precipício serpenteante que acompanhava a fissura natural na rocha, com curvas fechadas que não lhes permitia enxergar mais que uma dúzia de metros à frente. Mais acima, deformações nas paredes do desfiladeiro criavam plataformas e reentrâncias ideais para as Serpes emboscá-los.

— Vamos colocar Pria para vigiar — sugeriu Fletcher. — Assim pelo menos teremos alguma espécie de aviso.

Pria era a única entre os demônios que não seria reconhecida, pois todos os outros poderiam ser identificados pelos Nanauês ou goblins com quem tinham lutado na pirâmide. Otelo lhe roçou a grande pedra de visualização e entregou o cristal para Fletcher. O anão sentia-se relutante em se afastar de Pria; tinha passado uma hora

experimentando suas transformações, impressionado com a miríade de padrões que ela podia imitar com a carapaça.

Pria saiu voando por cima deles, e Fletcher achou estranho ver-se espelhado no cristal, impressionado com a mudança em sua aparência.

Suas roupas e seu rosto estavam sujos de terra, sangue e suor seco: não tomava banho havia dias, limitando-se a uma breve lavagem com a água das poças acres pelas quais Sheldon passava. O que não estava manchado estava rasgado pelos galhos espinhosos das selvas dos orcs e das florestas do éter. Seu cabelo estava sebento, grudado na testa, como se tivesse sido mergulhado em piche.

Ele jogou o cabelo para trás com a mão e depois limpou o rosto disfarçadamente, até receber um olhar divertido de Sylva. Ela conseguira, ele não sabia como, arrumar uma maneira de manter-se apresentável. O rosto estava limpo e fresco, e o cabelo, cuidadosamente trançado, embora o estado de suas roupas fosse apenas ligeiramente melhor que o das dele.

— Venha cá — disse ela, puxando Fletcher para que ele se sentasse de pernas cruzadas a seu lado.

Derramou um pouco de água em um pano razoavelmente limpo e foi lhe lavando o rosto, observando-o, a ponta da língua saindo pelo canto da boca.

— Se não encontrarmos nenhum vulcão do outro lado das montanhas, não vamos ter muitas opções — disse ela, em voz baixa.

— Achei que não teríamos *nenhuma* opção — respondeu Fletcher, sem saber para onde olhar quando ela se inclinou em sua direção para lhe limpar o rosto.

Ele percebeu que a pele de Sylva, que em geral era macia e branca, estava ligeiramente bronzeada e com uma nuvem de sardas, graças aos dias que passara na floresta dos orcs.

— Teremos de nos arriscar e voar em busca de um vulcão — murmurou ela, aproximando-se mais dele para que os outros não pudessem ouvir. — E levar algumas pétalas para a jornada.

— E abandonar os outros? — perguntou Fletcher, horrorizado.

— Vamos trazer as flores para eles, depois que encontrarmos um vulcão — retrucou Sylva, balançando a cabeça. — É nossa única chance. Naquele dia, quando precisamos de comida, nós nos dividimos para caçar; será igual, só que um pouco mais demorado.

— E como vamos nos reencontrar? — Quis saber Fletcher. — Dessa vez não estaremos separados por poucos metros de distância.

— Vamos dar um jeito — disse Sylva, franzindo o cenho.

Ele balançou a cabeça. Não queria abandonar a mãe, mas talvez fosse o único jeito.

— Bem, vamos torcer para que as coisas não cheguem a esse ponto — disse ele.

Ao falar isso, percebeu que estava ignorando o cristal em seu colo e olhou para baixo. O que viu fez seu estômago se revirar.

— Gente, vocês precisam ver isso — chamou Fletcher, o coração acelerado.

Ao dizer as palavras, soube que era tarde demais: Sheldon tinha acabado de virar pesadamente uma curva do caminho, e as paredes da ravina desabaram, revelando o que Pria acabara de ver momentos antes.

Um cânion. Um espaço gigantesco e vazio que se alargava e, em seguida, estreitava-se de novo, estendendo-se ao longe do outro lado. Entretanto, não era isso que o alarmava.

Ossos imensos assomavam acima, espalhados, feito os pilares destruídos de um templo esquecido. Eram grossos e altos como troncos de árvores, cada qual embranquecido até um tom ofuscante pelos anos de exposição à luz.

— O que é esse lugar? — perguntou Sylva, com voz vacilante, inclinando o pescoço para o lado enquanto eles passavam por baixo de uma caixa torácica.

Os ossos curvavam-se a seu redor, como os mastros de uma fragata encalhada, lançando faixas de sombra sobre o grupo. Mais adiante, uma caveira com um olhar malicioso nas órbitas os recebia sem o maxilar inferior, os dentes afiados enterrados na areia. Era tão larga e alta quanto o corpo inteiro de Sheldon, as cavidades oculares grandes o bastante para que Lisandro voasse por elas sem tocar os lados. Outros crânios entulhavam o caminho, revelando que dezenas de demônios tinham perecido naquela imensa ravina.

— Parece um cemitério de elefantes — disse Otelo. Inclinou-se para fora e bateu com o punho fechado em um dos ossos, fazendo o som ecoar por todo o cânion.

— Isso não são elefantes — refutou Cress.

E de fato não eram. Aqueles demônios eram muito maiores que um elefante. Fletcher não conseguia imaginar como teriam chegado àquele lugar, pois mal teriam conseguido passar pela ravina. Pria, que ainda voava acima, já chegara ao outro lado do desfiladeiro, e ele viu a resposta a sua pergunta: a trilha era bem mais larga ali, grande o suficiente para que uma frota inteira de navios a atravessasse.

— Não havia nenhuma descrição de demônios tão grandes assim em nossas aulas de demonologia — comentou Sylva, ainda horrorizada com o tamanho daqueles enormes esqueletos.

— Sei o que eles podem ser — arriscou Otelo, hesitante. — Existem lendas de criaturas deste tamanho, mas nenhum avistamento confirmado. Algumas pessoas dizem que estão extintas. Li sobre elas

em um livro antigo da biblioteca, quando estávamos estudando para os exames ano passado.

Ele olhou mais de perto a caveira ao passarem por ela.

— Os dentes são de um herbívoro, achatados e com ranhuras — disse ele, pensando alto. — Olhem os ossos da canela. Pelo seu tamanho, essa criatura devia ter sido alta o bastante para comer a copa das árvores. São os comedores de árvore. Beemotes.

— O que foram ou deixaram de ser não importa; aqui é assustador para caramba — retrucou Cress, estremecendo de medo e indo, em seguida, sentar-se ao lado de Alice, que parecia não se incomodar a mínima com aquele cemitério macabro.

Eles passaram a meia hora seguinte em estado de alerta, mas o terreno era tão sem vida e imóvel quanto os ossos que os rodeavam. Apesar disso, foi um alívio quando deixaram para trás o ossário silencioso e entraram na larga ravina do outro lado.

Sheldon apertava o passo, como se estivesse ansioso para alcançar a orla das montanhas. Devia estar desidratado, pois, embora os outros pudessem beber água de seus cantis, a última vez que ele havia tomado água fora de manhã, em uma poça estagnada da floresta. Para piorar, o tempo tinha mudado: o céu se tornava mais claro e quente a cada minuto.

O casco oscilava sob eles, e as paredes do desfiladeiro estavam afastadas demais para fornecer cobertura contra o calor opressivo do céu brilhante. Logo eles caíram em silêncio, agachados juntos sob a pele do Catoblepas para aproveitarem a fraca sombra. Parecia que, apesar de estarem distantes a apenas poucos quilômetros umas das outras, as diferentes regiões do éter tinham climas vastamente distintos.

Então eles viram algo reluzir vivamente como vidro, ondeando e rodopiando na pedra de visualização, conforme Pria voava do amplo desfiladeiro na montanha.

Era uma lagoa, preenchida por metros e mais metros de água de um tom azul intenso, rodeada por imaculada areia branca e rochosas paredes de terra cheias de trepadeiras. Mata verde rodeava suas margens, e um igarapé tortuoso estendia-se à esquerda, migrando em direção ao oceano distante, correndo ao longo da cadeia montanhosa até se unir às águas. À direita, cachoeiras caíam das formações salientes de rocha negra, alimentando as calmas lagoas menores que a cercavam.

Enquanto Sheldon se apressava na direção da água, o ar começou a ficar úmido, tanto que o cabelo ruivo de Cress se pôs a ficar arrepiado bem diante dos olhos de Fletcher. Sheldon soltou um gemido de felicidade, e o casco se balançou enquanto ele caminhava pesadamente à frente, as paredes da montanha cercand-o.

— Acho que chegamos ao destino — disse Cress, contente, saindo de baixo da tenda de pele e engatinhando até a frente do casco. Ela deu um tapinha carinhoso, alegremente, no pescoço do Zaratan, rindo em seguida quando ele caiu na água, molhando-a. Sheldon se deliciou ali, enterrando a cabeça sob a superfície. O pescoço pulsava com seus goles.

Cress esticou o braço e levou a mão em concha aos lábios.

— É água doce! Podemos tomar.

Fletcher não precisou que dissessem duas vezes: saiu correndo e saltou para dentro d'água, tão clara que dava para ver o fundo. Sentiu um choque pelo frio, mas logo a sensação do líquido gelado em sua pele se tornou deliciosa, banhando seu couro cabeludo sebento e fazendo seus cabelos flutuarem levemente.

A água se agitou a seu lado quando Sylva mergulhou ali perto, deixando um rastro de roupa branca e bolhas na água. Ela estava só com a camiseta de baixo e as calças curtas que iam até o joelho e que usava embaixo dos calções.

Fletcher subiu em busca de ar, e a elfa, gargalhando, atirou água em seu rosto.

— Você está parecendo um rato afogado! — provocou ela, sorrindo e tornando a atirar água.

Do outro lado do casco, Cress e Otelo já tinham entrado na água, e, apesar de não os ver, conseguiam ouvir seus gritos de alegria. Fletcher sabia que eles deviam estar inspecionando o horizonte em busca de um vulcão, mas naquele momento não dava a mínima. Isso podia esperar. A única coisa que via eram os olhos azuis cintilantes de Sylva. Ele lhe jogou água nas costas — e o olhar de ultraje incrédulo em seu rosto quando ele o fez acabou rendendo gargalhadas.

— Ok, foi você quem pediu — avisou Sylva, fingindo estar brava.

Ela enfiou a cabeça de Fletcher embaixo d'água, mas ele lhe passou uma rasteira e a arrastou consigo para o fundo. Os dois lutaram ali embaixo, peito contra peito, os braços e pernas magros da elfa envolvendo os do rapaz enquanto eles disputavam posição. O coração de Fletcher batia com força quando eles caíram aos trambolhões na areia do leito da lagoa, até que a necessidade de respirar os trouxe de volta à superfície.

Eles irromperam da água e se separaram, para recuperar o fôlego enquanto observavam o esplendor dos arredores uma vez mais. O céu reluzia, de modo que a água cintilava como um punhado de diamantes. Por um instante apenas, os temores dos últimos dias pareceram insignificantes diante de tamanha beleza.

Fletcher lhe atirou água de novo, só para garantir, depois nadou na direção de uma cachoeira cujas águas caíam de uma rocha escura ali perto. Por um breve momento desfrutou do impacto da água sobre as

costas cansadas, mas Sylva investiu contra ele, derrubando-o dentro da caverna vazia situada atrás da torrente de água cascadeante.

Ele caiu sobre um rochedo plano que tinha se tornado liso e arredondado pela ação da água. Ela montou seu peito, com uma perna de cada lado, e imobilizou seus braços, a água caindo às costas, como uma parede que os isolasse do resto do mundo, uma cortina reluzente e ondeante que ecoava na câmara sombria. O único som era o das águas e do anel de gotículas que caía das estalactites acima. Ela levantou as sobrancelhas triunfalmente e, então, quando Fletcher começava a levantá-la de cima do corpo, ela se inclinou para baixo... e o lugar escureceu. Otelo emergiu pela cascata, balançando a cabeça, como um cachorro molhado.

— Vocês dois, Sheldon está partindo — disse ele, borrifando neles a água de seu cabelo comprido e sua barba.

Sylva se empertigou, sentada.

E assim, subitamente, aquele instante especial terminou.



13

O sol havia se posto, e eles estavam sentados, em situação lamentável, no centro do casco, enrolados na pele do Catoblepas. Suas roupas continuavam úmidas, pois a luz do dia não durara o bastante para que pudessem se secar. Os únicos ruídos eram os que Sheldon fazia suavemente ao cruzar a lagoa. O ritmo era vagaroso e preguiçoso, sem nenhuma direção clara. Ele parecia estar à espera de algo. Não havia sinal de nenhum vulcão, e o humor do grupo era cabisbaixo, apesar de agora estarem limpos. Até a mãe de Fletcher tinha melhorado a aparência — Cress discretamente a banhara à luz fraca do anoitecer, enquanto os outros estudavam a paisagem.

Na distância à frente, as florestas davam lugar à areia vermelha, revelando as terras áridas, um deserto sem vida de areia. Mais além, a terra caía na escuridão sobre a orla curva, onde o disco do éter terminava, e onde começava o Abismo.

— Vou sair com Lisandro — avisou Sylva, quebrando a calma contida. — Se eu voar longe o bastante, poderei avistar a coluna de fumaça de um vulcão.

Ela abriu caminho para fora do manto de pele de animal e se levantou, espreguiçando-se. Lisandro olhou para ela ao ouvir o seu nome e soltou um pio triste. Pressentira as intenções de Sylva e não queria se separar do grupo.

— Como assim... agora? — perguntou Cress, alarmada com aquela decisão repentina. — Neste exato instante?

— Sabemos que orcs não viajam à noite. É o melhor momento. Vou me esconder sob a copa das árvores quando o dia raiar.

— E como vai se localizar no escuro? — perguntou Otelo. — Grifos não têm uma boa visão noturna. Você nunca conseguirá encontrar um vulcão, muito menos achar o caminho de volta.

— Fletcher... — Sylva hesitou, como se já não estivesse mais tão certa. — Fletcher virá comigo. Lisandro pode transportar nós dois, e

usaremos Atena para enxergar na escuridão. Sua visão noturna é melhor que a de qualquer um dos outros demônios, inclusive a de sua Pyrausta.

— Conseguiremos encontrá-los seguindo a cadeia de montanhas até avistarmos a lagoa novamente — acrescentou Fletcher. — Sheldon vai demorar ainda um pouco. Parece que ele está esperando alguma coisa.

Enquanto os outros ruminavam aquelas palavras, Fletcher se pôs a pensar: por que Sylva teria hesitado? Ela não desejaria ir embora sozinha, não é?

Seria devido ao que tinha acontecido na cachoeira? Ou melhor, do que não tinha acontecido? Fletcher sentiu uma pontada de arrependimento no peito. Independentemente de qual fosse o motivo, ela já estava apanhando sua parte do suprimento de pétalas do estoque diminuído do grupo, e dividindo-o em montinhos iguais de cinco. Fletcher enfiou alguns punhados de carne-seca na mochila e encheu o cantil com água da lagoa.

Depois de prender bem a espada, o arco e as armas, deu um abraço forte em sua mãe, desejando que seus braços sem forças o envolvessem também.

— Vamos levá-la de volta para casa, mãe — sussurrou, beijando-lhe a testa.

Um aperto de mão pouco à vontade de Otelo logo se transformou em um abraço de urso. Cress lhe beijou os dois lados do rosto, e ele sentiu a umidade de lágrimas no rosto da amiga. Foi tudo muito rápido, uma decisão tomada sem aviso. O tempo estava se esgotando.

Ele roçou o cristal de visualização em Atena e o prendeu no próprio olho, sentindo a vista se tingir de roxo quando ela pousou em seu ombro. Depois de um instante de hesitação, ele apontou a palma da mão para Ignácio, e a Salamandra dissolveu-se em um clarão de luz branca.

Então Fletcher içou o corpo para subir em Lisandro, a espinha vertebral com crista e o pelo cheio de penas deslizando desconfortavelmente embaixo de suas coxas enquanto a musculatura do Grifo se movimentava e flexionava.

— Pétalas, água, comida, armas — enumerou Sylva, baixinho.

Ela correu os dedos pelos arco e falx embainhados às costas. O cabo da espada bloqueava a visão de Fletcher; então, Atena saltou para o colo de Sylva, estremecendo de dor quando a tala da asa se chocou contra o ombro da elfa. Sua visão era clara no cristal de tom rosado, como se o mundo estivesse iluminado por uma dúzia de luas.

— Nós voltaremos — assegurou Sylva, embora falasse tão baixo que Fletcher não teve certeza se ela o dizia apenas para si mesma.

Otelo começou a dizer alguma coisa, mas Lisandro saltou para o ar. As palavras do anão se perderam conforme eles se lançavam aos céus,

ascendendo em grandes movimentos das poderosas asas do Grifo.

Fletcher estava abraçado à cintura de Sylva, mas isso pouco o ajudou a se equilibrar; ela estava equilibrada tão precariamente quanto ele. Ele se inclinava para a esquerda e a direita a cada bater de asas, e os músculos de sua coxa doíam enquanto ele se agarrava desesperadamente ao corpo de Lisandro. Foi somente quando o Grifo deslizou ao vento, bem acima da selva, que o coração de Fletcher desacelerou.

Lá embaixo, a lagoa diminuía até atingir o tamanho de uma moeda de prata, e uma linha fina indicava um rio serpenteante que despejava suas águas no vasto oceano a oeste. A cadeia de montanhas atrás deles se curvava em um semicírculo, e a mancha escura ao sul indicava o ponto onde começavam as terras pantanosas. Fletcher sabia que o território dos orcs situava-se em algum local mais além, e que provavelmente ali deveria haver flores Euryale. Apesar de as Serpes já os terem passado, não parecia bom voltar tanto e entrar em um território onde outros xamãs podiam estar a sua procura.

— Vamos para leste — decidiu Sylva, a voz mal discernível por causa do vento forte.

E, assim, Lisandro inclinou-se, e eles a reboque, as asas em uma curva fechada, de dar frio no estômago. Logo acompanhavam um arco áspero da serra, o mundo passando abaixo como um tapete rústico de copas de árvore.

Fletcher examinou o horizonte, desesperado para ver um sinal claro de pináculo rochoso a distância. Até observou a cadeia de montanhas, torcendo contra todas as probabilidades para que avistassem uma coluna de fumaça. Porém, em vez disso, continuaram voando para dentro da noite, a cadeia de montanhas curvando-se às costas da dupla até sumir ao longe. Lá embaixo, a floresta parecia não ter fim, interrompida apenas pelo deserto de areias vermelhas das terras áridas à esquerda, e o Abismo que assomava na extremidade deste.

Fletcher estremeceu ao ver a escuridão interminável ao longe, lembrando-se das criaturas atormentadas e cheias de tentáculos que ali ficavam à espreita. Os Ceteanos.

— Consegue avistar alguma coisa? — gritou Sylva, as palavras chicoteando sobre o ombro de Fletcher.

Nada. Nada além do constante alvorecer acima deles. Ele berrou a resposta no ouvido da elfa e lhe ouviu o som abafado do grunhido de frustração.

Seguiram em frente, com Lisandro subindo cada vez mais a fim de ver mais à frente. A temperatura caiu até que cada fôlego se tornasse uma nuvem de fumaça, nuvens brancas apanhadas pelo vento. Apesar disso, eles continuaram prosseguindo, tremendo juntos de frio enquanto corriam os olhos pela paisagem. Que bom seria se tivesse o

relógio de pulso de Cress, pensou Fletcher — a única coisa que lhe informava havia quanto tempo procuravam era a luz acima. Teria sido duas horas? Três?

Sylva prosseguiu até os últimos vestígios do céu escuro terem se tornado do mesmo tom de mel da aurora. Então, finalmente, eles começaram a descer em espiral até o calor úmido da selva abaixo.

— Ali! — gritou Fletcher, apontando, enquanto a visão aguçada de Atena focava uma abertura no meio da cobertura de vegetação. Escolher uma clareira lhe parecia melhor, pois, depois de aterrissarem ali, teriam certa visão caso fossem abordados por predadores. Não era incomum que os caçadores acabassem sendo vítimas de emboscadas sob a copa das árvores.

Contudo, à medida que o ar quente soprava sobre eles e seu destino se aproximava, Fletcher avistou um brilho na clareira para onde se dirigiam. Rochas brancas, reluzindo à luz da manhã.

— Que diabo é isso? — perguntou Sylva, enquanto Lisandro descia naquela direção. Ele pousou com as garras abertas arranhando o solo, deslizando sobre mármore polido.

Fletcher se deixou cair com um ruído seco, e a rocha achatada machucou seus joelhos. Esforçou-se para se levantar e olhou em torno.

Pilares de pedra clara estendiam-se para o alto, segurando um teto que já não estava mais ali, transformado que fora em uma pilha de destroços espalhados pelo piso de mármore. Havia estátuas quebradas, desgastadas por anos de abandono, organizadas em um formato de meia-lua à frente. Trepadeiras cascadeavam pelas orlas da selva, enroscando-se ao redor das colunas e paredes em ruínas, na direção da luz fraca filtrada através do teto quebrado. Havia símbolos entalhados ao longo de toda uma abóbada que se curvava entre dois pilares, mas não eram semelhantes a nada que Fletcher tivesse visto antes.

— Quem construiu esse lugar? — sussurrou Sylva. — Os orcs não poderiam ter feito isso. Poderiam?

Sua voz ecoou em torno dos dois. Estava tudo mortalmente silencioso, as paredes bloqueando os ruídos da selva. Parecia um santuário, construído para deuses esquecidos havia muito.

Sentindo-se vulnerável, Fletcher convocou Ignácio. A luz violeta brilhou de modo fantasmagórico no templo escurecido, e a Salamandra surgiu no chão.

Sempre curioso, Ignácio seguiu adiante para explorar o terreno. Fletcher o seguiu, até que os dois se aproximaram das estátuas em meia-lua. A luz filtrada pela copa das árvores os iluminava, atuando como uma claraboia natural.

Havia dez estátuas, todas sobre pedestais, cada qual de formato e tamanho diferentes. Fletcher se aproximou das cinco situadas na

extremidade esquerda. A parte superior de todas era humana — duas de mulheres e três de homens. Em vez de pernas, o primeiro homem tinha a cauda de um peixe, perfeita, com escamas curvas e barbelas. A mulher a seu lado era semelhante, porém com as nadadeiras e o corpo inferior de uma foca. Eram lindas, e cada qual trazia na cabeça uma coroa de conchas.

A estátua seguinte era de uma mulher com narinas feito fendas; as pernas, semelhantes à cauda de uma serpente, envolviam o pedestal. Ela usava uma coroa em formato de serpente, e seu cabelo era espesso e lustroso. O olhar de aço fez Fletcher estremecer e passar para a estátua seguinte.

Era de um homem com chifres de bode, os pés eram cascos peludos, as pernas exibiam articulações esquisitas. Ao lado, um homem de cabelos compridos com corpo inferior de cavalo, o torso humano surgindo sobre as pernas dianteiras do animal. Os dois tinham coroas de espinhos.

— São... demônios? — sussurrou Fletcher.

Havia uma enorme estátua ao lado de uma bem menor ao centro; a primeira, um gigante imenso, seu rosto desfigurado parecia o de um ogro. A seu lado, uma mulher pequenina com traços minúsculos e asas de borboleta ocupava orgulhosamente o próprio pedestal.

— Eu sei o que eles são — disse Sylva num fio de voz, apontando para a fila de estátuas examinadas por Fletcher. — Um Tritão, uma Selkie, uma Lâmia, um Sátiro e um Centauro.

— E aquele ali é um gigante, aquela uma fada — acrescentou Fletcher, apontando com a cabeça para as duas do centro, embora jamais tivesse ouvido falar das outras criaturas que Sylva mencionara.

As duas que ele conhecia vinham das histórias infantis de Berdon. O que estariam fazendo ali, nas profundezas do éter?

— São do folclore de meu povo. Minha mãe costumava me falar sobre eles, mas não eram reais — explicou Sylva, os olhos arregalados de surpresa. — Sabe o que é isso?

Ela apontou para um grande humanoide, tão alto quanto um orc. Parecia um gorila de pelos compridos que conseguia se pôr de pé como um ser humano. Os olhos da criatura eram gentis, e ela não usava coroa alguma.

— Não... mas aquele é... é um anjo, certo? — respondeu Fletcher, olhando para a estátua no penúltimo pedestal. Era um homem, só que usava saia e couraça peitoral. Sua coroa estava cravejada com o que deviam ter sido um dia joias, mas o que se destacava eram as gigantescas asas que emergiam de suas costas, com penas longas e elegantes como as de um cisne.

— Do mito de criação do mundo de sua religião — explicou Sylva, levantando uma sobrelanceira para Fletcher.

— Ninguém se lembra mais dessas coisas — disse Fletcher

E, de fato, a religião de Hominum não passava de uma sombra do que fora, as antigas histórias quase apagadas da memória, restando apenas um vago conceito de paraíso e inferno. Os sacerdotes pregavam, e os idosos iam às congregações, mas as complexidades dos pecados e acordos que aqueles homens descreviam estavam além da compreensão de Fletcher.

Pouca coisa restara no último pedestal. Praticamente sobravam apenas os tocos deformados do que antes deviam ter sido os pés da estátua. Algo ou alguém havia destruído aquela estátua cujos fragmentos no chão haviam sido quebrados novamente até se transformarem em pequenos cacos.

— Se um dia eu voltar para casa, pode apostar que a dama Fairhaven vai querer saber sobre essas estátuas — disse Fletcher, lembrando-se da boa bibliotecária.

— Acho que todos vão querer saber — argumentou Sylva, correndo os dedos pela fada esculpida.

Apesar de o vento e a chuva terem desgastado a imagem, os detalhes ainda estavam visíveis o bastante para que se pudessem ver os dedinhos minúsculos. Ela era muito pequenina, mal alcançando um palmo de altura.

— A gente devia descansar aqui — sugeriu Fletcher, apontando para o canto do templo, onde um pedaço do teto e as duas paredes ainda estavam de pé, e a luz era fraca por causa de sua sombra. — Parece que nenhum demônio se abriga neste lugar... não há ossos nem fezes no chão. É seguro.

Sylva concordou, distraída, sem conseguir tirar os olhos das estátuas à frente.

— Você acha que eles existiram um dia? — indagou ela, apontando para as imagens.

— Talvez. Mas este lugar não é tocado há centenas de anos, talvez milhares — respondeu Fletcher, pensando alto. — Seja lá quem o construiu, sumiu faz muito tempo.

Eles caminharam juntos até o canto e se acomodaram, fazendo da mochila um travesseiro improvisado, e, dos casacos, cobertores. Lisandro se enrodilhou a seus pés, o corpo grande os protegendo, como um casulo. Atena ficou de vigia, pois a asa quebrada doía demais para que conseguisse dormir.

Por um instante, Fletcher pensou que Ignácio tentaria enrolar seu corpo, agora maior, em seu pescoço, mas o demônio se acomodou entre ele e Sylva, o que o irritou mais do que ele gostaria de admitir. Ele ficaria feliz em deitar ao lado de Sylva, ainda que ela não aquecesse tanto quanto o diabrete crescido.

Estava quieto e silencioso no templo, e Fletcher se viu satisfeito por

dormir sem ouvir os estranhos gritos dos demônios selvagens da selva, mesmo que estivessem no meio do dia.

Os minutos passaram. Eles ficaram ali deitados em confortável silêncio, aquecidos e satisfeitos. Ou, pelo menos, no que Fletcher acreditava ser um confortável silêncio. Sylva pigarreou.

— Fletcher. Sabe, sobre ontem — gaguejou ela, fazendo em seguida uma pausa estranha.

— Hmmm? — murmurou Fletcher, sem jeito. Estava semiadormecido, mas, quando a lembrança dos dois na cachoeira subiu à superfície, rapidamente despertou.

Sylva pareceu refletir um instante, mas em seguida continuou.

— Em minha cultura... quando um... se um alto elfo e um elfo silvestre se juntam, os dois são banidos. Desprezados pelo próprio povo e até mesmo pela própria família. Pedem a eles para sair da Grande Floresta. Então os mandam sair. Então os forçam a sair.

Ela falava em rompantes rápidos, como se fosse um esforço forçar as palavras para fora.

— Certo — disse Fletcher.

— Não gostam que as castas se misturem — continuou Sylva, e Fletcher escutou em sua voz uma nota de vergonha.

— Me parece Jeffrey — comentou Fletcher. — Ele não queria nenhuma mistura também.

Pelo canto do olho ele viu o rosto de Sylva se retorcer ao ouvir o nome do traidor.

— Sim, como Jeffrey — concordou, em voz baixa.

— Por que está me contando isso? — perguntou Fletcher.

Silêncio.

— Que eles não gostam que se misturem... — murmurou ele.

Deixou a frase solta no ar. A compreensão se assentou como uma pedra fria em seu estômago.

— Eu só... eu não posso — sussurrou Sylva, tão baixinho que Fletcher não soube se ela queria ter sido ouvida.

Ficar com ele poderia destruir a vida da elfa. Era isso que estava dizendo.

Ela se virou de lado, para que ele não pudesse ver seu rosto. Fletcher se sentiu muito idiota.

— Achei que era contra isso que estávamos lutando — disse ele, enfim, sem conseguir disfarçar a amargura na voz.

Ela não respondeu. Era doloroso demais falar nesse assunto. Ele queria fingir que ela só estivera lhe contando coisas a respeito de sua cultura, que isso não significava o que ele sabia que significava, mas as palavras não ditas pareciam ainda mais altas que se tivessem sido pronunciadas.

Ele apanhou Ignácio, deixando um vazio entre ele e Sylva.

Passou-se um longo tempo antes que conseguisse adormecer.



14

Fez-se a noite, e, enquanto eles voavam para os céus escuros, o frio e o vento tornaram-se uma bênção disfarçada — eram uma desculpa para que Fletcher e Sylva não precisassem conversar. Era estranho, agora, abraçar a cintura da elfa. Ele odiou aquilo. Odiou tanto que quase não viu a fumaça.

Um fino traço negro, muito ao longe, apareceu no revestimento da pedra de visualização. Seria o vulto sombrio de uma montanha lá embaixo? Pela primeira vez em muitas horas, ele falou:

— Ali — indicou, apontando.

Sabia que Sylva não era capaz de ver o que tinha avistado, mas seu estômago revirou quando Lisandro corrigiu o curso.

Minutos se passaram enquanto eles voavam, olhando para a escuridão. O primeiro raio de luz já sinalizava a chegada da aurora. O tempo estava acabando.

— Meu Deus — sussurrou Fletcher, conforme a esperança o inundava, como se fosse uma droga. — Acho que conseguimos.

O traço se transformara em uma coluna de fumaça negra que se ampliava enquanto subia e se tornava um cogumelo cinzento que se perdia nos céus do éter. Embaixo havia um único pico, irrompendo do solo em uma vasta pirâmide, recoberto com florestas verdejantes e escuro solo vulcânico. O brilho alaranjado do zênite ficava mais visível à medida que se aproximavam; a lava derretida iluminando uma enorme caldeira. O lago de lava era tão grande quanto o átrio de Vocans, e a cúpula de terra onde ele se despejava tinha o dobro do tamanho.

Enquanto Lisandro voava em direção à orla da cratera, o calor os atingiu como uma onda. Os pelos dos antebraços de Fletcher se encolheram na aterrissagem e, então, *bum*: Fletcher virou a cabeça de lado quando uma nova onda de calor se irradiou do vulcão e atingiu

seu rosto com força total.

Havia um trecho espesso de solo fumegante ao redor da boca da cratera onde as botas mal conseguiam pisar, cheio de grandes rochas espalhadas, as superfícies pareciam cera de abelha. O lago vermelho alaranjado de lava borbulhava e fervilhava, atirando gotas de rocha derretida que caíam sobre a terra com um chiado. O solo onde estavam inclinava-se em direção ao lago mortal, e a mente de Fletcher inundou-se do medo irracional de que eles fossem sugados na direção daquele centro incandescente.

— Como alguma coisa cresce em um lugar desses? — perguntou Sylva, erguendo a voz de modo a ser ouvida por cima do rugido trovejante da lava.

— Precisamos nos separar — avisou Fletcher, convocando Ignácio. Sabia que aquilo era um risco, depois do que tinha acontecido na última vez que o demoninho estivera perto de lava.

Apesar dos pesares, entretanto, a Salamandra tinha sido feita para esse tipo de busca, pois era capaz de se aproximar de regiões tão quentes que nem ele nem Sylva poderiam alcançar. Ele adivinhou que, se fosse preciso, ele poderia usar um laço cinético para arrancar o demônio da lava, tal como fizera da última vez.

As garras de Lisandro não eram capazes de sentir a temperatura do chão, nem as de Atena, portanto os dois demônios ficaram acomodados na beirada da cratera em um merecido descanso. O Grifo estava exausto; as noites terríveis de voos extensos e sono intermitente fizeram com que fosse deitar-se na parte mais fresca do chão, os olhos fechados de esgotamento.

Ignácio correu na frente de Fletcher quando ele e Sylva se separaram. Foram obrigados a se abrigar atrás de rochas ao rodearem os limites da caldeira, correndo de rocha em rocha, usando-as como cobertura do calor radiante enquanto caçavam as flores escondidas. Não avistavam nada além da terra nua e fumegante.

O desespero começou a se instalar enquanto Fletcher inspecionava lentamente a caldeira do vulcão. Nada. Apenas terra, pedra e fogo. Eles estavam condenados a morrer naquele mundo, sufocados com o ar venenoso enquanto seus pulmões paralisavam.

Sylva devia ter gritado, mas, graças ao barulho da lava, ele só percebeu isso quando olhou para cima e a viu acenando para ele, do outro lado do lago de lava. Levou cinco minutos para que chegasse até lá; silvando de dor a cada vez que vencia o espaço entre uma rocha e outra para se abrigar atrás delas.

Seu coração fraquejou quando viu o que Sylva encontrara, a imagem borrando-se quando seus olhos começaram a lacrimejar por causa da segura opressiva. Um punhado de talos quebrados, era tudo o que havia descoberto, crescendo perto de uma grande rocha,

abrigados do vento. As flores tinham sido removidas, arrancadas grosseiramente. Aqui e ali havia um fragmento de pétala amarela, rasgado e insubstancial, mas o suficiente para confirmar que eram as plantas que estavam procurando.

— Eu tentei fazê-las reviverem — gritou Sylva, arrasada. — Mas não funcionou.

— Pode haver outro grupo de flores nas proximidades — respondeu Fletcher, olhando ao redor em desespero. Ignácio estava se aproximando, vindo do outro lado, depois de ter vasculhado a área que ele e Sylva ainda não tinham visto. O demônio guinchava, e Fletcher sentia sua frustração. Nada lá também.

Ele caiu de joelhos e apertou os olhos com força. Eles haviam chegado tão perto.

— Eu pensei que o diário de Jeffrey ia nos salvar — grunhiu Sylva, a voz mal discernível sobre o rugido do vulcão. — Mas ele só serviu para desperdiçarmos o pouco tempo que ainda nos restava.

Ela organizou os fragmentos restantes de amarelo na palma da mão até que assumissem a forma de uma pétala intacta. Então ela os levou até a boca e mastigou lentamente.

— É uma Euryale mesmo — disse ela, balançando a cabeça cheia de desapontamento. — O bastante para cinco horas.

Mal se ouvia sua voz baixa por sobre o barulho do vulcão, mas Fletcher não estava prestando atenção. Jeffrey... O nome havia lhe provocado uma memória. De maneira perversa, o traidor os ajudara a chegarem até ali. Agora, ele involuntariamente os ajudaria mais uma vez, com o feitiço que ensinara em seu primeiro dia nas selvas dos orcs. O feitiço de crescimento.

— Espere! — disse, erguendo a mão suja de terra e fez um desenho no ar.

Um símbolo gradualmente começou a se formar, similar a uma folha oval, com direito a veios que se espalhavam do talo central. Fletcher o fixou no lugar e depois o apontou para o trecho cheio de talos murchos.

— Espero que isso funcione — rezou, enchendo o corpo com mana.

Um fluxo de luz esverdeada fluiu de sua mão, fazendo uma linha de base para os talos quebrados. Seu mana foi drenado do corpo mais depressa que nunca, porém o efeito foi quase instantâneo. Os talos desabrocharam: pétalas gordas e cerosas se abriram e retorceram-se, como um botão em formato de concha.

— Fletcher, seu gênio! — gritou Sylva, abraçando-o com toda a força. Por um momento ela deixou as reservas de lado e se apertou a ele; somente quando Fletcher hesitantemente devolveu seu abraço, é que ela se afastou.

Envergonhada, ela evitou os olhos do rapaz e arrancou um botão de

uma das hastes. Descoladas do talo, as pétalas se separaram em uma pilha sobre sua mão. Havia uma dúzia delas. Olhando para as vinte e poucas flores, Fletcher calculou que tinham ganhado mais uns...

— Dez dias — disse ele, pensando em voz alta. — Não é suficiente.

— Não, Fletcher, você não entende? — indagou Sylva, sorrindo de orelha a orelha.

Ela já havia removido a maioria das flores, enchendo os bolsos com elas. Fletcher a ajudou, sem entender nada.

Ela ergueu os dedos depois que as últimas pétalas foram colocadas na mochila de Fletcher. Dessa vez, ela mesma desenhou o feitiço de crescimento no ar, apontando para as plantas que tinham acabado de desflorar.

O entendimento se espalhou pelo rosto de Fletcher quando outro clarão esverdeado fez com que as plantas florescessem mais uma vez.

— Vinte dias. — Ela deu uma piscadela, curvando-se para colhê-las outra vez.

Fletcher enfiou mais algumas pétalas no bolso. Depois parou... algo estava errado.

— Ignácio.

Ele girou o corpo, bem a tempo de ver a Salamandra travessa saindo em disparada em direção à lava, atravessando poças nas fronteiras do lago principal. Fletcher se levantou de um pulo e saiu correndo atrás do demônio, ignorando a explosão de calor que envolveu seu corpo quando ele deixou o abrigo na rocha.

— Pare! — gritou, a voz rouca pelo ar seco.

Lançou um laço cinético, mas a Salamandra já estava distante demais. Ignácio se atirou para um lado, desviando com facilidade da linha translúcida de mana reluzente. Fletcher caiu de joelhos. Era a segunda vez que um de seus demônios o desobedecia. Eles não tinham tempo para desperdiçar assim.

Fechou os olhos e se concentrou, agarrando-se à conexão de sua mente com a de Ignácio e ordenando que ele parasse. A consciência do demônio, no entanto, estava tão escorregadia quanto uma enguia, escapando de seu controle.

— Fletcher! O que você está fazendo? — berrou Sylva.

Ignácio estava no centro da poça de lava agora — Fletcher podia ver a cabeça rubra do demônio oscilando no líquido, como uma lontra nadando em um lago. Nunca conseguiria alcançar aquele alvo pequenino e longínquo com um laço cinético.

Pior: ele não podia se aproximar mais; era demasiado quente, seus pés já queimavam, mesmo através do couro que os protegia, e ele mal conseguia manter os olhos abertos sob a opressão daquele calor seco.

E se usasse o feitiço de escudo para se proteger do calor?

Então, para sua surpresa, a cabeça sumiu. Ignácio mergulhara. Não

havia nada que Fletcher pudesse fazer agora. A única coisa que lhe restava era esperar.

Ele se levantou, trêmulo, e virou-se, a temperatura opressiva tão esmagadora que ele tinha a impressão de que as sobrançelas chamuscavam no rosto. Xingando, voltou correndo até o abrigo da grande rocha e deixou-se cair em sua sombra.

— Maldito diabinho travesso! — grunhiu. — Ele escapou de novo para nadar na lava.

Sylva estava guardando pétalas na mochila. Estranhamente, ela havia retirado cada uma das plantas pelas raízes, deixando blocos de terra presos a elas. Viu a expressão no rosto de Fletcher e deu de ombros.

— Meu mana acabou, mas temos mais trinta dias no éter agora — disse ela. Em seguida, apontou para as plantas. — Se as levarmos conosco, talvez possamos replantá-las mais tarde.

— Será que não irão morrer sem o calor do vulcão? — indagou Fletcher. — Talvez seja melhor eu também usar meu mana para fazê-las crescer de novo, já que Ignácio vai exaurir tudo mesmo.

Porém ele não chegou a ouvir resposta de Sylva.

Medo. Súbito e total, preenchendo todo o seu corpo. Atena avistara algo, e a cobertura rosada de seu cristal entrou em claro foco quando ele começou a buscar o que era. Ficou paralisado.

Serpes. Elas estavam se dirigindo direto para o vulcão, já tão próximas que Fletcher conseguiu distinguir os cavaleiros espalhafatosos que as montavam e as caudas compridas que chicoteavam o ar. Na frente do bando estava o vulto pálido do orc branco, cavalgando o Ahool, de porte menor.

— Sylva, eles nos encontraram — disse Fletcher, enfiando freneticamente as plantas e pétalas na mochila. — Precisamos partir, agora!

Era tudo tão óbvio. As flores arrancadas... poucos demônios enfrentariam o calor e a altura de um vulcão para comê-las. Haviam sido os orcs. Eles tinham vido até ali para colher e depois ficar à espreita, sabendo que os fugitivos precisariam das pétalas cedo ou tarde.

Ouviu-se um baque quando Lisandro pousou a seu lado, curvando-se sob o abrigo da rocha. Sua plumagem estava chamuscada e fumegando: ele voara diretamente sobre o centro do vulcão.

Atena saltou das costas dele, e Fletcher rapidamente a infundiu. Seu peso adicional não os ajudaria em nada. Peso...

— Suba! — berrou Sylva, montando em Lisandro com o alforje pendurado de lado em seu ombro. — Mais tarde a gente volta para pegar Ignácio.

Mas Fletcher não podia fazer isso. Em um dia bom, Lisandro era

mais veloz que as Serpes, talvez até mesmo que o Ahool e as dúzias de demônios menores que havia no séquito das Serpes. Porém, com o peso sobre suas costas e em seu atual estado de exaustão? Não havia a menor chance.

— Jamais conseguiremos — disse Fletcher, as palavras como pedras em sua boca. — Não se formos nós dois. Ele está exausto.

Fletcher viu a compreensão nos olhos de Sylva, mas ela balançou a cabeça, como se para negar a verdade de suas palavras.

— Você está enganado — disse ela, e Fletcher viu uma lágrima abrindo uma trilha no rosto manchado de fuligem. Ela o encarou desafiadoramente.

— Não posso deixar Ignácio para trás — respondeu o rapaz, quase com suavidade.

Naquele momento, ele entendeu. Talvez sempre tivesse entendido, lá no fundo. Khan jamais conduziria pessoalmente todo o seu exército aéreo em uma missão perigosa pelo éter em busca de cinco simples fugitivos. Ou, pelo menos, não por tanto tempo, nem para tão longe.

Ele estava ali por causa de uma profecia. Pela Salamandra que tinha sido vista na batalha da pirâmide, a mesma que ele vira entalhada nas paredes de seu local mais sagrado. Ele estava ali por Ignácio.

As Serpes chegariam a qualquer instante. Fletcher deu um tapa no flanco de Lisandro, e o Grifo saltou para cima, como um cavalo assustado.

— Cuide de minha mãe! — berrou.

— Eu voltarei para te buscar! — gritou Sylva, as palavras quase se perdendo no ar.

E, então, desapareceram.



15

Fletcher nem se deu o trabalho de se esconder. Em vez disso, afastou-se ainda mais da lava, em direção ao ar mais fresco e onde podia ouvir os próprios pensamentos. Se tivesse sorte, os orcs pousariam ali, e não seguiriam Sylva. Ela precisava do máximo de tempo que ele pudesse lhe dar.

Fletcher sentiu Atena lutando dentro de si. Ela desejava ser convocada para lutar, mas ele se recusava a permitir — melhor manter o demônio ferido a salvo e infundido.

Quanto a Ignácio, dessa vez a Salamandra usava o mana de Fletcher com a mesma velocidade que o fizera na poça de lava sob a pirâmide, mas de alguma maneira o obtinha ainda mais velozmente de outra fonte desconhecida. Era como se o demônio estivesse convertendo o calor do vulcão em mana.

Fletcher afrouxou o khopesh na bainha e sacou as pistolas dos coldres. Três tiros — relativamente inúteis contra a pele encouraçada das Serpes, mas com sorte conseguiriam derrubar um dos xamãs, se ele mirasse direito. Quem sabe até o próprio Khan.

Reservaria Chama para isso: o cano mais comprido, como o de um rifle, permitiria um tiro mais preciso. E então sua morte não seria em vão.

Ao pensar na morte, Fletcher sentiu um aperto de medo na boca do estômago. Lutou para ignorá-lo, apesar de aquilo parecer apenas aumentar ainda mais.

As primeiras Serpes voaram sobre a outra extremidade do lago de lava, os vultos escuros cintilando no ar quente. Provavelmente conseguiam vê-lo, mas nenhuma se aproximou. Em vez disso, os xamãs desmontaram e espalharam-se em semicírculo do outro lado do lago fervilhante, dando bastante espaço de manobra a Fletcher. Pena que estavam fora do alcance das pistolas.

Não demorou para que Khan chegasse. Ele só estivera aguardando

até os outros garantirem cobertura. Fletcher o observou aterrissar, o vulto pálido contra o solo vulcânico escuro.

Para seu terror, uma única Serpe e o que parecia um bando inteiro de Picanços, Vespes e Estirges seguiu para cima, bem alto. Haviam localizado Sylva — Fletcher torceu para que ela tivesse conseguido obter uma boa vantagem para despistá-los.

Ele tentou fazer um feitiço de escudo, mas seu mana estava sendo extraído por Ignácio com muita intensidade, tanto que até mesmo o suprimento de Atena fora exaurido. Nenhum feitiço seria capaz de ajudar Fletcher agora.

Ele ouviu Khan bradar uma ordem qualquer, e viu algo estranho acontecendo do outro lado da lava. Uma luz branca saía dos xamãs, retorcendo-se pela terra e ao redor da cratera, e, então, seguia em sua direção. Era como uma enchente de água opaca, fluindo a poucos centímetros da terra. Feitiços de escudo.

Fletcher recuou, porém em questão de segundos o feitiço o alcançou. Por um instante ele pensou que a onda lhe engolfaria o corpo, mas então ela recuou alguns centímetros e o envolveu como uma bolha, deixando-o no interior de uma esfera de luz translúcida. Estava preso.

Atena conseguiria quebrar aquilo — a energia de que os demônios eram feitos era capaz de destruir tais escudos —, mas um demônio de seu tamanho levaria vários segundos para romper um escudo daquela espessura. Ele retirou Ventania do coldre, sua pistola menor de dois canos, e apertou a mão em punho, para esconder a tatuagem de pentagrama. Era a única carta que ainda tinha na manga.

Somente depois que o escudo envolveu Fletcher completamente é que Khan começou a se aproximar, caminhando casualmente pela borda, a saia flutuando no ar quente. Segurava o maior macaná que Fletcher já vira na vida. Era quase da altura de um homem, porém mais estreito que os porretes comumente usados pelos orcs, com apenas um palmo de largura no lugar de dois. Em vez dos costumeiros cacos de obsidiana cravejados de modo intermitente nas laterais da arma, os cacos daquele porrete eram enfileirados, formando uma única extremidade afiada ao redor. Era uma arma mortífera, e o orc a empunhava com experiente tranquilidade, apoiando-a no ombro enquanto suas pernas compridas o levavam adiante.

A respiração de Fletcher ficou presa na garganta, e ele se forçou a inspirar o ar em golfadas. Aquele era seu inimigo. Sua nêmesis.

Era isso.

A pistola estava escorregadia em suas mãos, mas se o suor era de calor ou de nervosismo, difícil saber. A única coisa que ele sabia é que o escudo ao redor do orc era espesso demais para ser rompido com um tiro. Ele apoiou a testa em sua parede, sentindo o frio escorregadio do

feitiço na pele.

O orc albino de 2,50 metros de altura parou ao lado do escudo. Era tão alto que Fletcher teve de dobrar o pescoço para ver-lhe o rosto. Os olhos vermelhos e funestos o encararam, as presas de elefante idênticas dos dois lados da boca formando um sorriso cruel.

Para surpresa de Fletcher, Khan caiu sobre um dos joelhos, de modo que o rosto do orc ficou a poucos centímetros do seu. Então, ele falou:

— É só um garoto — grunhiu, as palavras guturais em sua boca.

Fletcher sufocou um arfar surpreso, e o orc soltou uma gargalhada grave e rouca ao ver a expressão no rosto do prisioneiro.

— Ah, sim, eu sei falar sua língua — riu Khan.

Sua fala era mais clara que a da Mãe que encontraram nas selvas; as presas menores constituíam um impedimento menor.

— Como? — perguntou Fletcher, a pergunta saindo de sua boca antes que ele pudesse contê-la.

— A mulher que *vocês* roubaram de nós — respondeu Khan, apontando um dedo acusador para Fletcher. — Uma professora bastante útil — continuou o orc, coçando o queixo. — Ela acreditava que estávamos com seu filho, então eu disse que o mataria caso ela se recusasse a nos ensinar. Foi o suficiente. Claro que, quando ela deixou de ter utilidade, eu lhe disse que o havíamos matado de qualquer maneira. Tenho certeza de que você já viu o que aconteceu com ela depois disso.

Ele tornou a gargalhar, mas Fletcher notou que ele jamais desfazia contato visual. O orc o provocava. As palavras rasgaram a alma de Fletcher, mas ele se obrigou a abafar a raiva. Precisava fazer o orc perder a calma e reduzir a força do escudo, apenas pelo tempo suficiente para que pudesse lhe acertar um tiro.

— Meu nome é Fletcher Raleigh, e esse filho sou *eu* — disse então, desafiadoramente. — Eu matei seus goblins e enterrei os demônios de seus xamãs nos escombros de seu local mais sagrado. Copiei suas chaves até o éter e roubei seus escravos. Fui eu. Só um garoto.

Foi sua vez de gargalhar, embora o som tivesse saído falso e forçado.

O rosto de Khan parecia impassível, mas Fletcher notou que o havia afetado, pois as mãos do orc apertaram o macaná com mais força. Fletcher continuou:

— Você colocou todas as suas Serpes atrás de mim. Aposto que suas forças estão acéfalas em sua terra natal, enquanto eu o conduzia a uma caçada feliz até outro mundo. Aposto também...

— Basta! — Khan deu um soco no escudo, que rachou muito ligeiramente. — Sua mãe era uma cadela que alimentávamos com restos — sibilou ele, cheio de raiva, do outro lado do escudo,

espirrando saliva pela boca. — Ela latia para nós e dormia na própria sujeira. Nós a espancávamos por diversão até ela perder os sentidos, e, em seguida, nós a espancávamos mais um pouco. Estou me mijando para a memória dela.

Fletcher recuou diante daquela súbita torrente de ódio, completamente esquecido de fingir coragem.

Como se surpreso pela própria explosão de raiva, Khan alisou o longo cabelo para trás e recuou um passo. Havia um brilho desvairado em seu olhar, e ele sorriu.

— Onde está seu demônio? — perguntou ele.

— Morreu — respondeu Fletcher, com a mente em disparada. — E levou vários de seus demônios com ela.

Aquilo fazia sentido, também: que Fletcher estivesse sozinho e não tivesse mana para criar um escudo e se proteger.

— A Canídeo, não é? — indagou Khan. — Que pena, eu tinha esperanças de... — hesitou, e em seguida perguntou: — Qual de vocês tem a Salamandra? Sua amiga?

Ele fez um gesto na direção para onde Sylva tinha voado. A pergunta era casual, mas ele observava Fletcher muito de perto. Fletcher tinha se esforçado para não desviar os olhos para o lago de lava. Ignácio continuava pulsando com mana. Era difícil pensar, pois a consciência do demônio aumentava tanto que Fletcher tinha a sensação de que a mente poderia explodir.

— E então? — perguntou Khan.

Fletcher nada disse, simplesmente sustentou o olhar do outro com o máximo de confiança de que era capaz.

— Não importa, em breve descobrirei por conta própria — declarou o orc.

— Por que quer saber? Quer mais uma Salamandra?

Dessa vez foi a vez de Khan parecer surpreso.

— Nós o vimos com uma, na câmara central — explicou Fletcher.

— Estávamos escondidos nas vigas acima.

Khan torceu o nariz, cheio de irritação.

— As Salamandras são minha propriedade, por direito de nascença — rosnou Khan. — Está escrito nas paredes de nosso templo.

Fletcher olhou para a rachadura no escudo. Outro golpe talvez permitisse que Atena passasse por ela com velocidade o bastante. O buraco seria o suficiente para que ele conseguisse dar um tiro com Chama. Ele manteve a pistola ao lado do corpo e partiu de novo para a ofensiva.

— Já vi esses entalhes — disse Fletcher, cobrindo a voz com desdém. — Pelo que eu vi, uma Salamandra pode pertencer tanto a uma aberração como você quanto a um ser humano. Mas não que exista nada de mais nas Salamandras. São poderosas para um demônio

de nível cinco, mas uma Serpe, ou até mesmo um Canídeo, aliás, poderia comer uma no café da manhã.

— Não fale de coisas que você não entende! — rosnou Khan. — A importância não é o que a Salamandra é, mas aquilo que ela pode se tornar.

— Você está falando baboseiras — disse Fletcher, encolhendo os ombros. — Isso não passa de crenças irracionais dos bárbaros.

Khan soltou um urro de raiva.

— Você por acaso sabe o que é um Drake, garoto? Ou um Dragão? — perguntou Khan, com olhar enlouquecido. — Um ser humano pode até sonhar em controlar um Drake, o primeiro estágio da metamorfose de uma Salamandra, mas o estágio seguinte... um Dragão? Não, apenas alguém de *meu* tipo, uma “aberração” com meu nível de conjuração, seria capaz de fazer isso. É por isso que a profecia prevê que a chave da vitória é uma Salamandra. E agora eu vou ter as duas.

Khan estava falando a torto e a direito, a máscara da razão destruída, deixando apenas a insanidade crua atrás dos olhos vermelhos.

— Eu nasci para destruir sua raça. Vamos queimar suas cidades e salgar a terra na retaguarda. O sangue irá correr pelas ruas. Ninguém será poupado, nem as crianças nem os velhos. Vamos transformar Hominum em uma terra devastada. Daqui a cem anos, ninguém se lembrará sequer que sua raça um dia existiu.

Fletcher o ignorou. Drakes? Dragões? Jamais tinha ouvido aquelas palavras antes. Provavelmente deviam ser deuses antigos dos orcs ou alguma besteira parecida.

Era muito difícil raciocinar. A consciência de Ignácio estava imensa, como se o calor do vulcão houvesse inflado a presença do demônio. Por sorte, ele havia parado de aumentar depois de preencher as reentrâncias da mente de Fletcher. Juntos, eles haviam alcançado alguma espécie de marco, porém havia outro que Fletcher sentia que Ignácio estava almejando, muito maior que aquele já atingido. Fletcher tinha a sensação de que a mente se estilhaçaria caso eles seguissem em frente.

Não que isso tivesse alguma importância. A única coisa que importava era matar Khan. Talvez, se ele tentasse arrancar mana de Ignácio mais uma vez, e enfraquecesse a rachadura com dois tiros de Ventania primeiro...

Enquanto Fletcher tentava entender sua conexão com Ignácio, Khan, aguardando parado, suspirou. Sua explosão de raiva parecia havê-lo esgotado. Então, ele sorriu maliciosamente quando a mão de Fletcher pousou sobre a pistola no coldre.

— Talvez você queira que eu aumente essa rachadura para você, Fletcher — disse o orc.

Os olhos de Fletcher reluziram com culpa e se desviaram da fissura no escudo, enquanto o sorriso de Khan se alargava. Um facho de luz branca fluíu de seus dedos compridos, espalhando nova camada sobre o escudo, até a superfície ficar coberta de branco com a espessura da esfera.

Fletcher observou Khan levantar seus dedos curvos e lentamente fechá-los em um punho. Para seu horror, o escudo começou a encolher, contraindo-se e espessando-se enquanto as paredes brancas se aproximavam cada vez mais. Fletcher bateu na lateral com Chama, mas era como socar uma parede de tijolo.

Então alguma coisa agitou-se nos recessos da mente de Fletcher. Ignácio pressentira seu pânico — a consciência de Atena parecia estar gritando, emitindo sinais através da própria conexão com a Salamandra. Ignácio estava a caminho.

— Espere! — berrou Fletcher, socando o escudo escorregadio. — Eu vou lhe contar quem é o dono da Salamandra.

O escudo parou de se contrair, mas Fletcher precisou curvar-se para impedir que sua cabeça roçasse o topo. Sentiu Ignácio vir nadando até a superfície, movendo-se furiosamente pela lava. O demônio estaria ali em questão de segundos.

— Então me diga! — rosnou Khan, os olhos funestos emitindo um brilho cor de rubi através da superfície opaca. — E lhe darei uma morte rápida.

Fletcher se inclinou para perto, até seu rosto estar a centímetros do rosto do orc.

— Sou eu — sussurrou Fletcher.

Ignácio irrompeu da lava derretida em uma explosão cor de laranja.

Fletcher viu um clarão rubro quando o escudo foi destroçado, sentiu um pescoço sinuoso deslizar por baixo das pernas e erguê-lo, fazendo-o se assentar sobre ombros largos.

Fletcher virou o corpo e disparou Chama, vendo o orc branco recuar com o impacto da bala.

E então viu-se sobre a borda da caldeira, despencando no espaço vazio.



16

Não. Não despencando. Voando.

Havia asas dos dois lados, deslizando pelos ares, e ele viu os olhos cor de âmbar de Ignácio o encarando. Porém, para espanto de Fletcher, era um Ignácio que ele não reconhecia mais. O demônio agora estava tão grande quanto Lisandro. Tinha os mesmos bico de tartaruga, quatro pernas e cauda espinhosa de antes, mas o pescoço estava mais comprido, e agora havia dois chifres curtos, voltados para trás, em sua cabeça. O mais impressionante de tudo eram as asas enormes e coriáceas que irrompiam dos ombros e desciam pelas costas. Ele já não era mais uma Salamandra.

Em choque, Fletcher virou-se e viu o orc albino de pé na borda da cratera do vulcão, segurando o ombro ferido enquanto seu cabelo escuro chicoteava às costas. Khan soltou um berro de ódio e levantou o braço, agitando-o para indicar que os demônios podiam vir. As Serpes voavam acima, as bocas bem abertas em antecipação à refeição que teriam.

— Tire a gente daqui! — gritou Fletcher, enfiando Chama no coldre e sacando Ventania.

O mundo se inclinou quando Ignácio virou as asas para cima, batendo-as para que eles se elevassem ainda mais no céu. Mirava um banco de nuvens acima, uma névoa insubstancial que poderia escondê-los dos perseguidores. Lá embaixo, as selvas verdejantes pareciam se encolher e fundir-se em uma mancha verde, circundada pela faixa vermelha das terras mortas mais além.

Mas eles estavam indo devagar. Fletcher podia sentir a exaustão de Ignácio, causada pela transformação, e a confusão ante as mudanças que o vulcão causara em seu corpo. Ele estava descoordenado, sem experiência em navegar pelas contracorrentes do vento que os atingia.

As Serpes lentamente ganhavam vantagem. Cada uma delas tinha o dobro do tamanho de Ignácio, com garras cindidas e bocas cheias de

dentos tenebrosos. Eram onze ao todo, mas uma única conseguiria transformá-los em pedacinhos com facilidade. Pior, Fletcher podia sentir que o mana de Ignácio estava acabando — tinha sido totalmente usado na metamorfose e mal restava um filete, que nem bastaria para criar um escudo fraco em torno de si e de Fletcher, ou soltar uma gota de chama.

No mesmo instante que ele se deu conta desses fatos, as primeiras bolas de fogo zumbiram por eles, deixando trilhas fumegantes no ar. Ele se virou quando um dardo de arremesso passou silvando acima de sua cabeça e desapareceu no banco de nuvens. Os xamãs estavam agachados no lombo das Serpes, equilibrando-se precariamente enquanto lançavam seus feitiços e projéteis.

Fletcher apontou Ventania para o perseguidor mais próximo, mas sua mira era prejudicada pelo frenético bater de asas de Ignácio. Então, antes que pudesse disparar, eles entraram na névoa e se viram rodeados por uma neblina branca. Fletcher testou, hesitantemente, sua conexão com Ignácio. Parecia mais forte que antes. Ele a usou para modificar a trajetória do demônio e fazer com que seus perseguidores se confundissem ainda mais em meio à névoa. Logo eles estavam deslizando pela nuvem branca, escutando o silvo do vento, os latidos guturais dos xamãs e os rugidos baixos de Serpes enquanto eram caçados em meio à neblina.

O vento fustigava o cabelo de Fletcher, e a névoa cobria seu corpo com orvalho, roubando seu calor e deixando a pele exposta arrepiada. Ele se pressionou contra Ignácio cujo corpo ainda estava superaquecido graças ao lago de lava. A proximidade ajudou a acalmar os nervos de Fletcher; o coração martelava em seu peito.

Era diferente de cavalgar Lisandro; Fletcher sentia-se seguro no sulco natural que havia nas costas de Ignácio, e o tecido de seus calções encontrava um encaixe fácil na pele rubra abaixo. Segurou-se com firmeza ao pescoço do demônio, desfrutando do toque dos músculos poderosos que se flexionavam sob ele. Ignácio agora devia ser o tal Drake de que Khan havia falado.

Ignácio esticou o pescoço, e Fletcher pôde lhe sentir a exultação quando o demônio testou os limites de seu novo corpo. Ele agitou a cauda, abrindo um vale entre os bancos de nuvens. Sua confusão sumia depressa agora... Havia em seu lugar... determinação. Propósito.

Uma sombra assomou abaixo da dupla. Ouviram o som rascante da fala órquica, agora mais alto. Mais formas escuras, acima e em ambos os lados; turvas, porém aumentando de tamanho. Os xamãs sabiam que eles estavam próximos. Em segundos, as Serpes estariam sobre eles.

Então fariam o impensável. Fletcher enviou suas ordens, envolvendo o pescoço de Ignácio com um dos braços e segurando a

pistola de cano duplo com a mão livre. Era hora de enfrentá-los.

Agora.

Ignácio dobrou as asas para trás, e o estômago de Fletcher deu uma cambalhota quando eles começaram a descer a toda velocidade, depois houve um impacto seco, de estremecer os ossos, no momento que Ignácio se chocou contra a Serpe abaixo. O mundo girou em um caleidoscópio de tons de branco e verde conforme os dois demônios se engalfinhavam em pleno ar, despencando para fora das nuvens. Uma asa coriácea bateu no rosto de Fletcher, mas Ignácio tinha conseguido segurar-se em cima da Serpe, que não conseguia virar-se para atingi-lo com as garras. Sangue espirrou do bico de Ignácio quando ele mordeu o pescoço exposto, lacerando o couro escamoso e expondo a carne nua por baixo. Os rugidos de dor e fúria da Serpe foram tão altos que os tímpanos de Fletcher latejaram e, em seguida, se fecharam com a mudança de pressão decorrente da queda brusca e veloz de altitude.

Algo segurou com violência o tornozelo de Fletcher e o arrastou para baixo. Ele disparou cegamente por cima do ombro com a arma, sentindo o coice quase arrancar a pistola de sua mão, e ouviu o grunhido de dor antes que ele fosse levado embora pelo vento. O mundo voltou a girar de novo, e o corpo do xamã caiu a seu lado, um borrão cinza tingido com as pinturas de guerra vermelhas e amarelas.

A selva verde entrou em foco mais além, aproximando-se cada vez mais.

— Solte! — berrou Fletcher, e Ignácio soltou a Serpe com um rugido relutante.

Suas asas se abriram, e Fletcher foi atirado para a frente com o ímpeto — sua cabeça bateu nas costas rubras, quase fazendo-o perder a consciência. Houve um rodopio de embrulhar o estômago, tão desesperado e baixo que Fletcher ouviu o estalo das copas das árvores quando as garras de Ignácio as rasgaram, e em seguida ouviram o som seco doentio da Serpe sendo esmagada no chão abaixo. O mergulho lhes tinha dado aceleração, de modo que roçaram o topo das árvores, mas Fletcher sabia, graças a seus estudos, que eles na verdade cobririam muito menos terreno em uma altitude tão baixa. Balançou a cabeça para reunir seus pensamentos mexidos, xingando. Não tivera tempo para planejar o que faria em seguida.

Quando olhou para cima, sua respiração ficou presa na garganta. As outras Serpes já estavam mergulhando em sua direção, as garras esticadas e os bicos abertos, revelando os papos rosados de seu interior. Eles tinham uma única opção.

Fletcher fechou os olhos, enfiou a pistola no coldre e segurou o pescoço de Ignácio com as duas mãos. Pôde sentir o medo da Salamandra quando pressentiu suas intenções, mas não havia outro jeito. Fletcher abaixou a cabeça e deu a ordem.

Seu estômago se revirou mais uma vez, e, então, seu rosto passou a ser chicoteado pelas folhas da selva. Troncos retorcidos passaram velozmente conforme Ignácio dava uma guinada para a esquerda e depois para a direita, sacudindo Fletcher, como se fosse uma boneca de trapo. Lá em cima, as Serpes rugiram em frustração, pois seu tamanho mais avantajado impedia que penetrassem no labirinto de árvores. Ignácio desacelerou, deslizando pela selva enquanto Fletcher ouvia os urros acima. As Serpes os seguiam, planando acima e aguardando uma abertura.

Uma voz ecoou para baixo, marcada pela fúria.

— Isso só tem uma maneira de terminar, Fletcher Raleigh — berrou Khan.

O orc albino os alcançara; ainda havia uma chance de matá-lo. Fletcher quase desejou que Ignácio tivesse atacado em vez de fugir naquele primeiro momento, mas eles só teriam tido meros segundos antes de serem alcançados pelas Serpes.

Apesar disso, o orc tinha razão. O emaranhado de árvores e galhos era a única coisa que o protegia das Serpes acima... se surgisse uma abertura na copa das árvores, os monstros conseguiriam apanhá-los.

— Por que não desce até aqui e vem me enfrentar, então? — berrou Fletcher, provocando o orc ferido. — Seu Ahool contra meu Drake.

Silêncio. Depois:

— Quando você morrer, eu vou fazer com que ele seja meu — bradou o orc. — Minha Ahool é capaz de farejar seu medo daqui. Ela irá persegui-lo até os confins do éter.

Os confins do éter. A sombra de uma ideia formou-se na cabeça de Fletcher. Mais uma vez, a mente de Ignácio encheu-se de medo das intenções do mestre, e até mesmo Atena foi contra o plano. Era como correr no meio de uma saraivada de balas esperando que estas não os atingissem, e sim seus perseguidores.

— Por aqui — murmurou ele ao ouvido de Ignácio, incitando-o em uma nova direção.

O Drake leal virou sem hesitação, confiando no poder de julgamento de seu mestre. Fletcher desejava confiar em si mesmo tanto quanto Ignácio confiava. Era loucura, mas era a única ideia que lhe ocorria.

Continuaram voando. Um bando de Indriks olhou para eles quando passaram, grandes criaturas parecidas com girafas e de pelo cinzento malhado, grossas pernas elefantinas e cabeças mais parecidas com as de cavalos. Uma matilha de Canídeos esquálidos rondava em seu encalço, esperando que algum dos filhotes se separasse do bando. A selva estava cheia de sons: o zumbido de Carunchos menores por perto, e a distância o profundo mugido de um Gunni, uma estranha criatura que Fletcher sabia ser bastante parecida com um wombat do

tamanho de um urso, mas com antenas.

Porém Fletcher mal prestava atenção naquilo, preocupado em conduzir Ignácio pelas partes mais cerradas da floresta, onde as Serpes encontrariam dificuldade para segui-los. Sentiu uma pontada de culpa por ter tido sorte em um quesito: os demônios menores dos xamãs haviam ido atrás de Sylva. Somente o Ahool poderia empreender uma caçada sem problemas, mas Fletcher sabia que Khan era esperto demais para fazê-lo. Apesar disso, só para o caso de estar enganado, ele sacou Ventania do coldre.

Ignácio avistou o que vinha à frente antes de Fletcher, lançando uma advertência na mente do mestre. Um trecho de areia vermelha, onde as árvores começavam a diminuir de espessura. As terras áridas.

Agora.

Ignácio ganhou velocidade, atirando-se para o alto com uma pressa desesperada. Eles saíram da selva em disparada, como uma bala de mosquete, a visão ofuscada pela claridade do céu reluzente do deserto depois de terem deixado os confins sombreados da floresta. As Serpes rugiram, mas Fletcher sabia que ele as pegara de surpresa — elas não previram que ele deixaria a segurança da cobertura de vegetação. Agora eles tinham uma pequena vantagem. Uma chance.

A areia vermelha das terras áridas pairava no ar acima da paisagem seca, cobrindo a pele úmida das nuvens de Fletcher com uma camada fina de vermelho. Ele apertou os olhos em meio aos grãos enquanto Ignácio pairava acima das areias ferruginosas. O chão abaixo estava repleto de rochas, que afunilavam o vento e formavam ciclones rodopiantes de terra que subiam até o céu, rolando pelo terreno estéril.

Atrás deles, uma bola de fogo chamuscou o ar, atingindo a lateral do corpo de Ignácio. Seu flanco chacoalhou, como quando um cavalo afasta uma mosca — o fogo não causava quase nenhum dano a um Drake. Já Fletcher não teve tanta sorte; a bola seguinte chamuscou seu cabelo de leve e queimou um pouco de seu rosto ao passar rente à orelha esquerda.

Ele virou-se e viu que a Serpe mais próxima estava tão perto que tentava morder a cauda chicoteante de Ignácio, os dentes rangendo em perigosa proximidade. O xamã estava de pé sobre o demônio, com um dardo de arremesso preparado, mas Fletcher mirou com a pistola e a Serpe desviou para proteger seu mestre, trombando com a Serpe que vinha atrás. Os dois saíram aos trambolhões pelos ares, o que fez Ignácio e Fletcher ganharem preciosos segundos.

— Mais depressa! — incitou Fletcher, abaixando bem o corpo para se transformar em um alvo menor. As asas de Ignácio zuniram no ar na última investida rumo ao destino: o Abismo.

O Abismo abria-se à frente, escuridão interminável para além dos

penhascos íngremes que o delimitavam. Fletcher e Ignácio mergulharam nas profundezas. Seria então que ele descobriria se aquela aposta tinha ou não valido a pena.

O território dos orcs ficava a vários dias de distância de voo a partir dos limites do éter, do qual se separava por uma cadeia montanhosa. Ele supusera que os orcs raramente andassem por ali; seu conhecimento das criaturas que habitavam o Abismo devia ser pequeno.

Atrás deles, as Serpes estacaram de repente. Fletcher sabia que os demônios deviam estar cheios de medo, mas sem conseguir comunicar o motivo aos mestres. Viu os xamãs incitando os demônios, até que os cinco primeiros voaram para dentro dos recessos recônditos acima da linha do desfiladeiro.

Ignácio voou ainda mais para dentro, já que as Serpes hesitaram, rodeando o ponto onde a luz ainda o atingia. Fletcher levantou a espada em falso triunfo, como se eles estivessem escapando para as trevas. Tentou ignorar a escuridão que se abria abaixo, assim como o extremo perigo em que havia se colocado.

Apesar de Khan ficar para trás, com sua Ahool recusando-se a atravessar a fronteira, seus berros incitaram os demônios restantes, até que todo o esquadrão de dez integrantes estivesse pairando sobre a expansão sem fundo abaixo, deixando o líder atrás de si.

O céu acima parecia tão escuro quanto piche, e Fletcher viu a silhueta das Serpes destacada contra o círculo de luz da borda mais além. Ignácio desacelerou e virou-se para encará-los, apesar de as profundezas negras agitarem-se abaixo. Era agora.

Um tentáculo irrompeu do vazio, apanhando uma Serpe no ar e arrastando-a aos berros para dentro do Abismo. Outros seguiram-se ao primeiro, atacando as Serpes em pânico. Bolas de fogo eram lançadas a esmo enquanto os demônios se espalhavam, aterrados.

Então o primeiro dos Ceteanos irrompeu das trevas. Fletcher congelou de terror ao avistar os olhos amontoados que piscavam aleatoriamente, a boca aberta repleta de dentes serrilhados. Uma confusão de pinças e tentáculos emergia de seus corpos torturados — nenhum se parecia exatamente com o outro, mas todos juntos formavam uma mistura aterrorizante de órgãos e membros. Ele ouviu os guinchos agudos de agonia dos monstros por toda a parte e sentiu uma mescla esquisita de pena e horror.

Ignácio já estava em movimento, girando no ar quando os primeiros tentáculos arremeteram em sua direção. O mundo de Fletcher virou de novo de ponta-cabeça, depois mais uma vez, enquanto Ignácio esvoaçava de um lado para o outro. Agora a questão estava fora de suas mãos. A única coisa que podia fazer era aguentar

firme, tentando não berrar enquanto os tentáculos chicoteavam por eles.

Três Serpes já tinham sumido, e outra voava sem cavaleiro na direção da fronteira do Abismo, esquecida de seu objetivo. Restavam seis, que giravam desesperadamente a fim de evitar os Ceteanos e seus tentáculos. Ao longe, o pontinho escuro da Ahool de Khan pairava em pleno ar, observando metade de seu esquadrão aéreo desaparecer em questão de segundos.

Um puxão sacudiu o corpo de Ignácio e quase atirou Fletcher para longe. Um tentáculo havia apanhado a cintura do Drake; este rugiu de pânico, enquanto ele e seu cavaleiro eram arrastados para baixo, e bateu as asas desesperadamente para desacelerar o puxão inexorável em direção à massa de monstros que aguardava abaixo.

Fletcher se virou e disparou o segundo cano da Ventania no tentáculo, que não se abalou; as ventosas de polvo continuavam enraizadas na pele de Ignácio. Ele xingou e puxou para fora o khopesh, depois começou a esfaquear desesperadamente o apêndice borrachudo. Os ferimentos soltavam esguichos de um líquido branco pútrido a cada golpe, quase cegando Fletcher. Apesar disso, continuaram caindo, e Fletcher pensou que a qualquer instante eles seriam destroçados por goelas cheias de dentes.

Outro tentáculo açoitou o ar em sua direção, mas uma baforada do último restolho de respiração de fogo de Ignácio fez com que o tentáculo se retraísse e se afastasse. Então o primeiro tentáculo foi rompido com um golpe final do khopesh, e Ignácio os impulsionou para cima mais uma vez.

A ponta cortada caiu, sendo logo disputada pelos monstros famintos abaixo. Ao redor, os cadáveres das Serpes abatidas haviam gerado batalhas semelhantes, e aquele frenesi deu a Ignácio um breve descanso. Fletcher olhou para trás, em direção a seus perseguidores.

As Serpes estavam fugindo: Fletcher viu seis vultos flutuando acima da borda, as cinco Serpes restantes e a Ahool. Khan observava tudo da relativa segurança das terras mortas, onde apenas os tentáculos mais compridos poderiam alcançá-lo.

Fletcher sorriu e acenou para ele, sabendo que havia desferido um golpe da parte dos Hominum que abalaria significativamente a força aérea órquica. Em um único movimento, retirara de cena metade dos principais demônios voadores dos xamãs. A distância, Fletcher ouviu o urro de raiva de Khan ecoar fracamente acima dos guinchos viscosos das monstruosidades lá embaixo.

Fletcher, porém, ainda não estava a salvo. Não poderia retornar; as Serpes poderiam estar à espera. Também não podia ficar, uma vez que os Ceteanos logo voltariam mais uma vez a atenção para ele.

Era hora de testar uma hipótese que vinha sendo discutida pelos

acadêmicos de Vocans fazia centenas de anos: a que dizia que os Ceteanos não habitavam além das fronteiras do éter. A teoria jamais tinha sido provada, pois nenhum demônio conjurado jamais fizera a tentativa, mas a distração provocada pelas Serpes dera a Fletcher a oportunidade de tentar. Assim, Ignácio virou-se e continuou voando rumo aos confins do Abismo.



17

Passaram-se horas; pelo menos dez, pois Fletcher se vira forçado a comer duas das pétalas guardadas no bolso. Ignácio diminuiu o ritmo da batida das asas, até que simplesmente passou a planar. Era como se todo o universo tivesse desaparecido, pois o negror da noite os envolvia. Tudo era escuridão, exceto a faixa de luz do éter, ao longe. E frio... Um frio que Fletcher não acreditara ser possível.

Ele teria morrido congelado, não fosse o calor do lombo de Ignácio. Mesmo assim, à medida que se passavam os minutos e que a luz na distância aumentava gradualmente, ele ficou na dúvida se não tinha esperado demais para voltar. Seus dentes batiam sem parar, e gotas de vapor derramavam-se de sua boca.

Os orcs deviam pensar que ele morrera havia muito tempo, mas, para o caso de eles ainda estarem lá, Fletcher guiou Ignácio em uma longa curva que os levaria ao redor da região do Abismo próxima da lagoa, fazendo com que ganhasse tempo na viagem de volta.

Seu palpite fora acertado, a hipótese estava provada. Não havia Ceteanos naquele ponto tão longínquo do Abismo — pois ali não havia comida, luz ou calor. Os monstros sempre se reuniam em torno das bordas do disco do éter, na esperança de encontrarem demônios incautos que pudessem arrancar do topo dos penhascos, e, durante a espera, hibernavam ou canibalizavam-se.

Agora restava somente um problema: atravessar a região de volta ao éter. Ele tinha duas coisas a seu favor. A primeira era o elemento surpresa, pois os Ceteanos jamais esperariam encontrar presas que viessem de trás — seus olhos estariam firmemente focados na beira do penhasco. A segunda era que o frenesi que ele presenciara talvez tivesse atraído Ceteanos de toda parte, desejosos de juntar-se ao banquete, o que diminuiria o grande número que espreitava junto aos limites do éter. As Serpes eram demônios enormes; cinco delas de uma tacada devia representar mais comida do que aquelas monstruosidades

jamais tinham visto de uma só vez. Com sorte, não haveria nenhum Ceteano perto do ponto onde atravessariam de volta.

Agora já era possível ver a borda, penhascos de pedra vermelha cobertos pelo deserto estéril das terras áridas. Mesmo extremamente cansado, Ignácio aumentou o vigor do voo. A única coisa que Fletcher podia fazer era observar as profundezas lá embaixo, torcendo com todas as forças para que os Ceteanos estivessem se banquetecendo, bem longe dali.

Segurou a respiração. Nada. Nada ainda.

E, então, o calor e o reluzir do céu, banhando-o como água quente, extraíndo o frio que se entranhara até os ossos. Alívio, e um chilrear agudo de alegria da parte de Ignácio. Areia vermelha estendendo-se abaixo dos dois. Agora estavam a salvo.

Seria tão fácil fechar os olhos! Dormir...

A vegetação passava por eles lá embaixo, a brisa morna. O odor acre da vegetação, como grama fresca cortada, pesava nas narinas de Fletcher.

Ele se empertigou e estremeceu de dor quando seu corpo rígido e ferido doeu. Havia adormecido de alguma forma. Ou desmaiado. Não importava; a única coisa de que sabia é que as monstruosas criaturas tinham ficado muito para trás, ainda que viessem a habitar seus sonhos nos anos seguintes.

Ignácio voava baixo, logo acima da copa das árvores, onde os raios da luz desvanecida acima os inundava de calor. O Drake, sem mais do mana que ajudava a aquecer seu corpo, havia sofrido na fria expansão do abismo tanto quanto Fletcher, que se inclinou para a frente e acariciou o pescoço de Ignácio. O demônio o salvara, arriscando a própria vida no processo.

Fletcher sentia o cansaço de Ignácio e sabia que eles não conseguiriam continuar por muito tempo. Mas o demônio também estava cheio de expectativa, como se estivessem se aproximando de algo. Fletcher olhou para cima.

A lagoa. Ela brilhava como uma bandeja de prata, cintilando conforme as delicadas ondas estremeciam de um lado a outro. Ele estava com sede, coberto de fuligem, terra e efluentes dos Ceteanos. Seria o paraíso, mergulhar e se banhar naquilo. Ele podia sentir que Ignácio tinha a mesma intenção.

Mas havia algo errado. Ignácio ouviu alguma coisa e começou a mudar de caminho, batendo as asas com urgência repentina. Um sentimento de raiva, de proteção. Então Fletcher também ouviu. Um rugido, depois um grito. Sylva?

— Vamos! — gritou Fletcher, incitando o demônio exausto.

Ele estava cansado até os ossos, sem munição e tinha apenas um

filete de mana. Mas iria lutar mais uma vez.

Sentiu raiva agora. Eles não haviam chegado até ali para que as coisas acabassem assim, seus amigos abatidos, a mãe morta. Ele rosnou entre dentes e retirou o khopesh da bainha. Já podia ver as bolas de fogo cruzando o céu, os demônios guerreando em uma longa praia branca, posicionados entre a selva e a água de um tom azul profundo.

Uma Serpe solitária atacava Lisandro, e o Grifo cambaleava, as penas escorregadias de sangue. Cadáveres de demônios menores jaziam inertes na areia, e outros demônios atacavam três vultos, que lutavam unidos. Um outro vulto estava escondido na névoa. A mãe de Fletcher.

O vento fustigou seu cabelo conforme ele e Ignácio disparavam de cabeça no meio daquela confusão, rugindo de ódio.

Ignácio atacou a Serpe com a velocidade de uma carruagem desgovernada, arrancando um pedaço do monstro gigantesco com o bico. Fletcher foi lançado para cima em uma confusão de garras e asas, e aterrissou em uma mistura de braços e pernas na areia. Ficou ali, imóvel, quase sem forças.

— Fletcher, cuidado! — gritou Sylva, e ele rolou instintivamente para o lado. Ouviu um baque seco quando alguma coisa caiu na areia a seu lado.

Ele se pôs de pé em um pulo e saiu brandindo o khopesh às cegas; sentiu o impacto da lâmina, viu o xamã cair de joelhos, a arma enfiada até a metade em seu pescoço. Fletcher chutou o cadáver para livrar a espada, e sua raiva o fez sair correndo em disparada na direção da Serpe.

Havia dor pulsando em sua mente. Ignácio cruzou os ares e espirrou sangue na areia carmesim ao aterrissar nos baixios. Ele ficou caído ali, imóvel.

Lisandro cambaleou à frente, como se fosse combater uma vez mais, porém desabou depois de poucos passos. Algo peludo e vermelho tinha se agarrado à lateral de seu corpo.

A Serpe se virou com os olhos concentrados em Fletcher, e o rapaz subitamente percebeu o quanto sua espada era inútil contra aquele monstro. Recuou, devagar, e seus joelhos tremeram de exaustão, mal conseguindo suportar o peso do corpo. Ele mal podia ficar de pé; sair correndo estava fora de questão.

A Serpe deu um passo adiante, os antebraços alados esticados, sangue gotejando do focinho, uma ferida profunda no peito. A besta selvagem não contava mais com o xamã para controlá-la, mas estava em agonia, confusa e cheia de raiva. Aqueles demônios eram animais malignos por natureza, e aquele ali ainda seria capaz de lembrar-se das intenções de seu mestre.

Fletcher congelou onde estava, esperando que o demônio desistisse.

Mas era inútil. A Serpe não hesitou e veio saltando sobre a areia. Fletcher caiu para trás, viu a carne da boca vermelha e escancarada. Foi nesse momento que algo saiu rolando da selva e chocou-se contra a lateral do corpo da Serpe, atirando-a, guinchando, na água.

Sheldon.

O Zaratan pegara a Serpe pela garganta, o bico segurando com toda a força os dois lados do pescoço escamoso enquanto o arrastava para os baixios e além. Juntos, os dois demônios desapareceram na lagoa, tornando-se dois vultos negros sob a superfície. Sangue turvou a água de vermelho, depois uma espuma branca despontou conforme os demônios começaram a lutar nas profundezas.

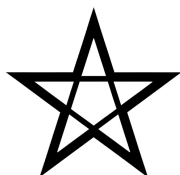
Fletcher se virou bem a tempo de ver Tosk arremeter do céu um raio contra o último dos atacantes, uma Vespe com listras de abelha, que aterrissou ruidosamente nos baixios.

Ele caiu de joelhos enquanto os outros vinham correndo em sua direção — Sylva, Otelo, Cress. Seus rostos apertaram-se lado a lado para vê-lo, mas ele os ignorou, procurando Ignácio. Suspirou de alívio ao ver o Drake arrastando-se pela praia e usando a língua para molhar de saliva curadora uma ferida feia na carne rubra de seu flanco.

— Lisandro. Cuidem de Lisandro — conseguiu dizer, gesticulando para que os outros fossem até o demônio ferido atrás dele.

Houve um clarão branco quando o trio passou em disparada por Fletcher e executou o feitiço de cura. Ele soltou um longo suspiro, como se houvesse segurado a respiração por muito tempo. O Grifo sobreviveria.

E seus amigos também.



18

Sheldon estava morrendo. O Zaratan surgira das águas sangrentas alguns minutos depois, ao lado do cadáver afogado da Serpe. Mas a batalha exigira demais do pobre demônio.

Ele tinha sido horivelmente ferido, pois a besta selvagem atacara freneticamente sua cabeça, seu pescoço e seus membros enquanto ele a segurava embaixo d'água. Eles assistiram, impotentes, Sheldon se arrastar para a praia e desabar na areia carmesim, respirando fracamente na luz tênue do crepúsculo.

O grupo fez o possível para curá-lo com o que restava de seu mana, mas sem sucesso. O Zaratan perdera sangue demais, e um feitiço de cura não poderia fazer nada a esse respeito.

Cress foi quem ficou mais desolada. Foi deitar-se ao lado dele e acariciou sua cabeça a noite inteira. Sylva ficou ao lado da amiga em solidariedade silenciosa, lendo o diário de Jeffrey à luz do fogo.

Enquanto esperavam pelo inevitável e a escuridão se assentava, Fletcher contou-lhes de sua conversa com Khan, da transformação de Ignácio e da fuga que tinham empreendido. Por sua vez, Sylva revelou a perseguição desesperada que sofrera no éter, e como pensou que os havia despistado, mas os encontrara e fora emboscada na praia algumas horas depois, pouco antes de Fletcher chegar.

Então, ao fim da noite, Otelo contou como Sheldon os deixara em terra e desaparecera logo após a partida de Fletcher e Sylva, e da surpresa que ele sentira com o retorno do Zaratan. Finalmente, quando a luz rosada do amanhecer começou a tocar o céu, o sono apoderou-se deles.

Fletcher acordou e descobriu que Sheldon falecera enquanto ele dormia. Cress, de coração partido, soluçava no ombro de Sylva, as duas agarrando-se uma à outra, como marinheiros em uma tempestade. Otelo se sentou ali perto, abatido, a mão pressionando o

casco de Sheldon.

Sentindo-se vazio, Fletcher foi sentar-se ao lado do corpo do demônio, procurando por palavras que não viriam. O Zaratan os salvara mil vezes, sacrificando a própria vida no processo. Ele não tinha lealdade alguma com eles, nenhuma conexão parecida com a que existia entre um conjurador e seu demônio. Sheldon não tinha sido conjurado como os outros demônios, e os protegera ainda assim, prova de sua grande inteligência e compaixão. Eles lamentaram sua morte como a de um amigo.

— Eu pensei que ele talvez conseguisse sobreviver — fungou Sylva, sem a compostura costumeira.

— Ele não pareceu ter sofrido muito — disse Fletcher, tentando manter a voz estável.

Cress estava com os olhos secos; as lágrimas tinham se esgotado durante a noite.

— Espero que ele tenha encontrado uma namorada simpática enquanto esteve ausente.

Ela olhou sério para os outros, como se os desafiasse a rir.

— Não, você tem razão — concordou Otelo, suavemente, abraçando Cress pelos ombros. — Foi por isso que ele veio para cá. Aposto que encontrou. Aposto que logo vai ter um monte de Sheldonzinhos correndo por aí.

— Sim — disse Cress, afagando mais uma vez a cabeça do demônio.

Eles ficaram em silêncio por um tempo, ouvindo o barulho suave das águas batendo nas margens da lagoa.

— É melhor a gente ir embora logo — avisou Fletcher, odiando-se por apressá-los. — Existe a chance de que um dos xamãs restantes tenha um cristal de visualização e tenha assistido à batalha através de um demônio menor. Eles podem saber que estamos em algum lugar perto da lagoa; podem estar vindo para cá.

Ele apontou com a cabeça para a pilha de cadáveres de demônios, uma mistura de Picanços, Estirges e Vespes mortos.

— Tem razão — disse Cress, levantando-se e assentindo com firmeza.

Ela limpou as lágrimas de suas bochechas e começou a reunir suas coisas. Otelo saiu pesadamente atrás dela.

Sylva ficou ao lado de Fletcher por mais um momento.

— Fletcher, antes de irmos, preciso falar com você. Depois de ontem... Se algo acontecer comigo, quero que saiba de uma coisa.

O coração de Fletcher deu um pulo, mas o olhar sombrio no rosto de Sylva lhe disse que aquilo não seria sobre seus sentimentos por ele. Ela se sentou e deu um tapinha na areia ao lado. Ele se juntou a ela e ficou surpreso ao vê-la folheando novamente o diário de Jeffrey.

— Andei lendo isso aqui — disse ela, passando pelas páginas finais.

— Só cheguei ao fim na noite passada. Veja.

As páginas do final do diário estavam preenchidas com números e datas. Mais estranho ainda, havia uma carta, inserida entre as páginas. O selo estava quebrado, mas Fletcher reconheceu o brasão Forsyth em alto-relevo na cera vermelha — as três cabeças entrelaçadas de uma Hidra.

— Leia — pediu ela, entregando o diário.

Jeffrey,

Você conseguiu avanços para a segurança da humanidade de uma maneira que será sentida através das eras, lembrada nos anos vindouros pelos filhos imaculados de nossos descendentes. Saiba que o que você vem fazendo é justo e bom. O sangue dos inocentes é um sacrifício necessário para proteger a pureza de nossa raça.

O próximo passo deverá ser executado daqui a três dias. Rook já terá colocado o barril no armário de armazenamento junto aos cartões em um envelope selado. Espalhe-os pelo caminho ao sair.

Memorize e queime esta carta depois de lê-la.

Passe bem,

Zacarias

Claro, Fletcher já sabia que os Forsyth e seus aliados estavam envolvidos nos ataques dos Bigornas; Jeffrey mesmo tinha confessado.

As bombas responsáveis pela morte de seres humanos nos arredores de Corcillum tinham sido plantadas pelo Triunvirato para incriminar os anões e seus apoiadores, para colocar o povo de Hominum contra eles.

Mas aquilo era diferente. Era uma prova!

— E tem mais — prosseguiu Sylva. — Há registros de pagamentos que Zacarias fez para ele, datas dos lugares e momentos exatos dos bombardeios, cálculos de comprimento dos pavios e dos raios de explosão. Ele guardou tudo isso por algum motivo; para se proteger, extorquir dinheiro dos Forsyths... ou algo do tipo.

— Agora eles vão ver só — disse Fletcher cheio de triunfo. Finalmente, algo acontecia em seu favor.

— Não! — comentou Sylva, balançando a cabeça. — Não vão.

— Por que não? — perguntou Fletcher.

— Você não se lembra do que Jeffrey disse? — A voz de Sylva soou frustrada. — Lá na pirâmide, Jeffrey disse que até mesmo *o rei Alfric* está envolvido. Leia a carta. Ele menciona Rook, um *Inquisidor*.

— E daí? — perguntou Fletcher, mas já sentia a esperança se

esvaindo.

— Para quem vamos levar esses documentos? Os Pinkertons? Eles estão na palma da mão de Alfric. A Inquisição? Não é bom. Eles se livrarão desses papéis assim que nós os entregarmos, ou afirmarão que são falsos, ou nos matarão lá mesmo. Não podemos levar esses documentos para as autoridades... Eles são as autoridades!

— Então, vamos levar para o rei Harold! — exclamou Fletcher. — Ele vai saber o que fazer com isso.

— Espero que você esteja certo, Fletcher — disse Sylva, mordendo o lábio. — Seja como for, vou manter os documentos a salvo. Eu só queria que você soubesse que eles existem.

Fletcher suspirou e esfregou os olhos. As poucas horas de sono tinham feito pouco para diminuir seu cansaço.

— Desculpe, é que por um minuto pensei que tivéssemos alguma vantagem. Obrigado. De verdade.

Ele apertou o ombro da elfa e levantou-se, justamente quando Otelo e Cress vinham chegando, com as armas guardadas e tudo preparado para partir.

— Eu irei com Otelo — disse Sylva, apanhando a pele enrolada do Catoblepas das mãos de Cress. — É melhor você levar sua mãe e Cress... Creio que Ignácio agora é um pouco maior que Lisandro.

Ela fez uma pausa e olhou para o Drake, um sorriso gentil surgindo nos lábios.

— Quem imaginaria? — murmurou ela, olhando para o demônio de cima a baixo, do bico à cauda. — Ele vai ser motivo de inveja de todos na Vocans.

Balançando a cabeça, ela colocou a pele sobre as costas de Lisandro, dobrando-a para formar um assento seguro e confortável no lombo do demônio. Fletcher sorriu, invejando aquela engenhosidade, mas feliz por eles estarem levando a pele. Ele merecia.

— Vamos — murmurou Cress, persuadindo Alice a montar no lombo de Ignácio. — Sei que ele parece um pouco diferente, mas é o mesmo velho Ignácio de sempre, não se preocupe.

O Drake achatou o corpo na areia para facilitar que a mulher frágil o montasse e ronronou com prazer quando ela o fez, contente pela confiança. Fletcher sentou-se na frente, e Cress apertou-se atrás de Alice, para ter certeza de que a mulher mais velha não cairia durante a viagem. Fletcher sorriu quando Alice instintivamente abraçou sua cintura. Seu primeiro abraço? Bem, na verdade não, mas ele o aceitaria de bom grado.

Ambos os anões pareciam apreensivos.

— Eu odeio voar — grunhiu Cress. — Especialmente em um demônio que só ganhou asas há poucas horas.

Ela deu um tapinha no pescoço de Ignácio, cheia de apreensão, e o

Drake soltou um latido grave de encorajamento, que a fez estremecer.

— Vamos decidir exatamente para onde iremos, primeiro — disse Otelo, depois de dar uma boa olhada em Lisandro e Ignácio. — Prefiro não discutir esse assunto lá em cima, onde os Serpes podem nos detectar. Além do mais, prefiro ficar o menor tempo possível no ar.

— Agora que temos um amplo suprimento de pétalas, precisamos encontrar a região de Hominum no éter — disse Fletcher, mais para si mesmo. — E torcer com todas as forças para encontrar um portal quando o fizermos.

— Claro — concordou Otelo, assentindo com ar sombrio. — Mas não temos como saber que direção seguir, e, ainda que soubéssemos, poderíamos sobrevoar a região sem saber.

— Bem, sabemos que, ao contrário da parte órquica do éter, a nossa fica perto dos limites do éter, nas proximidades das terras mortas — matutou Sylva. — Há vulcões perto da área, também. Acho que nossa melhor aposta é voltar na direção de onde encontramos as pétalas. Havia mais vulcões para aquele lado.

— Voltar na direção das Serpes? — grunhiu Cress. — Acabamos de escapar.

— Bem, isso é a única coisa em que consigo pensar, a menos que alguém tenha alguma ideia melhor — argumentou Sylva.

— Também sabemos que não há nenhum oceano perto da região de Hominum no éter — acrescentou Fletcher. — Outra razão para seguir na direção indicada por Sylva.

— Ir na direção do oceano, aliás, não seria mesmo uma boa ideia: não sabemos o quão grande ele é, e poderíamos ficar voando por dias — disse Sylva, gesticulando para a lagoa. Havia uma grande foz no ponto para onde apontava, e Fletcher sabia que levava ao vasto corpo d'água que eles tinham visto antes.

— Bem, não pode ser tão grande assim, considerando aquilo com os Picanços... — retrucou Otelo. — Não que nós quiséssemos segui-los, de qualquer forma.

— Picanços? — perguntou Sylva.

— Não mencionei isso? — indagou Otelo, surpreso. — Vimos um grupo grande como o diabo um dia depois de você e Fletcher terem partido para procurar as pétalas das Euryale. Por sorte, eles voaram reto por nós em direção ao oceano.

— Prefiro não seguir seus passos, digamos assim; ainda mais nesses transportes perigosos — acrescentou Cress, olhando significativamente para Lisandro e Ignácio.

Sylva estreitou os olhos, desconfiada.

— Desculpe, foi só uma brincadeirinha — emendou Cress, levantando as mãos em sinal de desculpas.

— Não, não é isso — disse Sylva. — Estou pensando. — Ela mordeu

o lábio e fechou os olhos completamente. — Quanto tempo depois do Torneio começa o ano letivo seguinte na Vocans? — perguntou, a cabeça inclinada com concentração.

— O que isso tem a ver!? — exclamou Cress.

— Na verdade não existe uma pausa propriamente dita — respondeu Otelo, ignorando Cress. — Com a guerra, eles se organizam para que o próximo ano letivo comece quase que imediatamente. Talvez haja uma semana ou duas de intervalo? O negócio é que este ano nosso Torneio foi adiado por causa dos ataques dos Bigornas, então tecnicamente Cress deveria ter começado seu segundo ano há algumas semanas.

— Melhor ainda. Quando a capitã Lovett nos levou ao éter, nossas aulas também tinham começado havia poucas semanas, correto? — indagou Sylva, erguendo um dedo. — Nós só tivemos algumas aulas com ela.

— Certo... — concordou Fletcher, ainda incerto de aonde ela queria chegar.

— E Valens foi atacado por um Picanço. Não aprendemos em nossas aulas de demonologia que os Picanços migram para nossa região no éter naquela época do ano? Tipo, a mesma época do ano em que estamos *agora*?

A compreensão atingiu Fletcher, como uma tonelada de tijolos. Os Picanços. Eles poderiam estar se dirigindo à região de Hominum do éter.

— Sylva, você é uma gênio! — gritou Fletcher, sorrindo de orelha a orelha.

Porque eles estavam indo para casa.



19

O oceano parecia infinito, tão vasto que depois de uma hora de voo não havia mais nenhum sinal de terra à vista. Não havia sol para orientar a navegação; o único guia era a estranha bússola interna que todos os demônios possuíam, que atraía as criaturas instintivamente em direção ao centro do éter.

Ignácio e Lisandro voavam o mais alto e rápido que ousavam, com medo de se esgotar, mas ansiosos para alcançar os Picanços. Se fossem depressa demais, poderiam cansar-se rapidamente e depois se afogar no oceano antes de encontrarem terra. Se fossem devagar demais, por outro lado, a única chance que tinham de atingirem a região de Hominum do éter desapareceria para sempre... Ou pelo menos, até o ano seguinte. Fletcher nem queria pensar nessa possibilidade. Em vez disso, tentou viver o momento e desfrutar da alegria de voar. Seu mundo se encheu do gosto do sal marinho, do ruído das ondas e do barulho contínuo do bater de asas de Ignácio.

Eles começaram um jogo para passar o tempo, para ver quem seria o primeiro a detectar demônios na imensidão azul-escura. Fletcher incitara a brincadeira, depois de localizar um grupo de Encantados pulando as ondas. Eram criaturas rosadas, semelhantes a golfinhos, com garras com membranas interdigitais nas quatro patas. Sua aparência de golfinhos quadrúpedes era como a semelhança de um Nanauê com um tubarão, ou a semelhança do raro Akhlut com uma orca. Cress grunhiu de frustração ao vê-los, pois Encantados eram criaturas bonitas e imensamente raras, mas não havia tempo para que parassem.

Eles correram os olhos ininterruptamente pelo mar e pelo horizonte à medida que as horas passavam, mas viram apenas outro demônio — e ainda assim era apenas o vulto de um Trunko solitário, uma espécie que tinha o mesmo corpo de uma baleia branca, só que com uma tromba comprida. Ele a punha para fora da água a fim de respirar, e

eles haviam aprendido nas aulas de demonologia que aquele apêndice fora projetado para proteger os Trunkos dos predadores voadores do éter, de modo que não precisassem se arriscar na superfície.

Continuaram voando, mesmo depois do sol se pôr. Foi uma espécie diferente de escuridão, acompanhada pelo quebrar suave das ondas abaixo, e temperado pelo calor dos braços de sua mãe. Dormir, algo aparentemente tão fácil no Abismo profundo e sombrio, era difícil agora, pois ele de repente viu-se tomando do medo irracional de cair — medo este agravado depois de uma arremetida súbita, quando Ignácio cabeceou de sono em pleno voo.

Portanto, Fletcher cochilou e acordou em sobressaltos, até o céu se encher de luz rosada e a manhã voltar mais uma vez. Naquela nova luz não avistaram nenhum Picanço em parte alguma, mas a sombra de uma terra distante manchava o horizonte. Crescia a cada hora, pois Lisandro e Ignácio batiam as asas com determinação renovada, desesperados por um descanso.

À medida que se aproximavam, contudo, a esperança de Fletcher desaparecia. A terra à frente não era coberta pelas selvas do território de Hominum, mas um deserto, que se estendia tão longe que quase encontrava o horizonte, interrompido apenas por uma faixa finíssima de vegetação, onde a areia terminava e começava a selva. A uma longa distância, uma tempestade de areia subia em direção ao céu azul, manchando-o de um tom laranja acastanhado.

Para Fletcher, era como se eles tivessem deixado um oceano e entrado em outro, pois a terra abaixo estava ondulada em dunas que pareciam ondas estáticas de fina poeira cor de canela. O céu acima era tão opressivamente brilhante e quente que os braços de Fletcher coçavam com filetes de suor.

Então, quando Fletcher começou a pensar que o deserto jamais teria fim, a borda verde da selva apareceu à vista, primeiro como uma faixa fina de verde, depois como uma faixa ininterrupta que se estendia até o horizonte.

Eles não viram Picanços, mas enxames de Carunchos voavam aqui e ali, e houve até um momento de pânico quando a sombra de um grande demônio os encobriu. Por sorte, não era nada além de um Ropen, similar a um pelicano, de asas coriáceas, bico denteado e uma aparência quase cômica, com uma crista pontiaguda e alongada na parte de trás da cabeça.

Fletcher ficou satisfeito ao ver as colunas reveladoras de fumaça a distância quando eles pousaram. Vulcões, tal como no território de Hominum. Sentiu-se tentado a ter esperanças de que eles tivessem alcançado o fim da viagem, mas lembrou-se de que não havia desertos ou oceanos perto da região de Hominum do éter. Levariam pelo menos mais um dia antes de chegar lá.

Quando o grupo aterrissou, Ignácio e Lisandro desabaram de cansaço — não havia a menor chance de viajarem mais, embora o dia ainda estivesse claro. Então eles montaram acampamento; cortaram ramos das árvores, depois os afiaram e prenderam no solo em torno do assentamento. Isso pouco adiantaria para deter um predador, mas deveria bastar para impedir que demônios menores e mais curiosos se aproximassem durante a noite. Assim, Atena foi convocada e posta para vigiar de um ramo alto, pois a Griforuja estava bem descansada depois de passar tanto tempo infundida dentro de Fletcher.

O abastecimento de charque ainda era abundante, embora a carne estivesse meio cinzenta nas extremidades e com gosto azedo de couro duro. Eles a comeram mesmo assim, tostando-a na fogueira depois de espetá-la em galhos verdes para melhorar o sabor.

Cansados, Ignácio e Lisandro tinham ido dormir juntos, enrodilhados um no outro, como cachorros recém-nascidos. Era um descanso merecido, e os demônios tinham recebido uma parte equivalente à que se daria a um leão da carne restante antes de desmaiarem de cansaço. Fletcher só torcia para que, de manhã, já estivessem recuperados.

— Vamos ter de seguir em frente, de manhã cedinho — murmurou Fletcher, cutucando o fogo de mau humor. — Não vimos nenhum sinal do bando de Picanços, então eles devem estar mais adiante.

— Sim, mas eles com certeza estavam viajando nessa direção, e sabemos que tendem a ficar ao longo das bordas do éter, que é mais ou menos onde estamos. — As palavras de Otelo eram otimistas, mas seu tom de voz se revelava aborrecido e apático.

— Pode ser um rebanho diferente — disse Sylva.

— O quê? — perguntou Cress, olhando para cima, parecendo não ter escutado direito as palavras de Sylva.

— Um rebanho diferente daquele que passa pelo território de Hominum. Não temos ideia se existem diferentes bandos com diferentes padrões de migração ao redor do éter. O éter é imenso, e os Picanços parecem ser relativamente comuns.

— Por que você não disse isso ontem? — lamentou-se Otelo, enterrando a cabeça entre as mãos.

— E você tinha uma ideia melhor? — devolveu Sylva. — Pelo menos temos uma direção para seguir!

— Pessoal, isso não está ajudando em nada — ralhou Fletcher, levantando as mãos. — Pode não ser o mesmo rebanho, mas pode muito bem ser. Vamos continuar em seu encalço, por enquanto.

— No encalço do quê? — resmungou Cress. — Nem ao menos sabemos onde eles estão.

— Desculpe se as coisas não tomaram o caminho que você esperava — alfinetou Sylva, com sarcasmo na voz. Ela se levantou e foi até o

alforje ao lado do corpo adormecido de Ignácio. — Vou ver se o feitiço de crescimento ainda funciona nessas flores.

Um brilho verde surgiu, e Sylva soltou um gritinho de alegria. Ela virou-se e ergueu uma planta recentemente florida, da qual colheu as pétalas, mostrando-as aos outros.

— Bem, se nós vamos ficar aqui um tempo, vocês também podiam fazer o resto das plantas crescerem de novo antes que elas murchem e morram — disse Sylva aos outros. — Prefiro não fazer outra viagem a um vulcão. Venham, vamos lá!

Fletcher e os outros relutantemente juntaram-se a ela, e logo o acampamento viu novos clarões de verde, os feitiços drenando o pouco mana que o grupo havia recuperado na longa jornada pelo oceano.

Agora havia pétalas em grande quantidade — e, se eles mantivessem as plantas seguras, teriam um suprimento vitalício.

A luz minguava depressa, assim como o calor do dia. Pouco tempo depois, o grupo estava aninhado sob a pele do Catoblepas em busca de calor, os pés esticados para o fogo. Antes, as noites tinham sido escuras e opressivas, a única luz vinha dos pequenos fogos-fátuos que invocavam para guiá-los até os arbustos, de forma que pudessem se aliviar. Depois de viajarem tão longe oceano afora, contudo, Fletcher duvidava de que os orcs tivessem sido capazes de rastreá-los. Então eles dormiram com o crepitar do fogo, que lançava no acampamento uma aconchegante luz alaranjada.

Fletcher acordou, percebendo que tinha bebido água demais depois da viagem seca pelo deserto. Ele não queria sair de seu casulo quente, mas sua bexiga estava cheia demais e ele sabia que não conseguiria continuar a dormir sem esvaziá-la. As primeiras luzes do amanhecer começavam a colorir o céu, mas ele não podia esperar. Ele suspirou e se levantou, tomando cuidado para não acordar sua mãe e Otel, que dormiam ao lado.

Atena piou suavemente lá em cima quando ele abriu caminho pela barreira de galhos nos limites de seu acampamento e deu alguns passos dentro da escuridão. Ele tinha receio de se afastar demais do acampamento, principalmente porque eles não tinham explorado nenhuma parte da selva ao redor, mas não havia jeito.

Fletcher logo viu uma árvore espinhosa entre os arbustos a uns 30 metros de distância que parecia promissora, então seguiu em sua direção, grato por haver luz residual suficiente da fogueira e o brilho da aurora para alcançar o tronco largo sem um fogo-fátuo intenso. Ele parou e começou a desabotoar os calções.

Mas algo parecia errado. Estava tudo quieto demais. Quando eles viajavam sobre Sheldon, as selvas sempre estiveram cheias de sussurro

de diabretes, pios distantes e um ou outro rugido de um predador noturno. Agora, mal se ouvia o barulho do vento. Algo pingou em sua bochecha, molhado e pesado como uma gota de chuva. Ele tocou o local com a mão, e surgiu uma mancha vermelha em seus dedos.

Fletcher levantou a mão e criou uma luz de fogo-fátuo. O globo azulado girou suavemente na ponta do dedo enquanto ele direcionava o mana, até que a bola se tornasse tão grande quanto um punho. A respiração de Fletcher ficou presa em sua garganta quando o horror do que estava adiante se tornasse aparente à luz que se espalhava. A morte tinha visitado as selvas.

Dezenas de demônios estavam empalados pelos espinhos da árvore. Logo acima havia um Jackalope, um demônio parecido com um coelho com chifres pequenos e afiados, morto. Seu tórax estava aberto e vazio, e os olhos tinham sido arrancados de seu crânio aberto. Ao lado, os restos da carapaça de um Caruncho tinham sido espetados ali; nada restava além de uma casca vazia.

Fletcher virou-se, o coração batendo forte, cheio de horror.

E começou a correr.



20

O grupo se colocou diante da árvore, inspecionando a exibição macabra enquanto a aurora tomava o céu. Era uma visão horrível; no entanto, à luz da manhã, parecia muito menos sinistra que o espetáculo etéreo e azulado que Fletcher vira meia hora antes.

— Bem, que ótima notícia — murmurou Sylva, esfregando o cansaço dos olhos. — Vou voltar a dormir.

— Isso? Isso é uma ótima notícia!? — exclamou Cress, voltando-se para Sylva em horror confuso.

— Hã-hã — murmurou Otelô, voltando para o acampamento, onde a fogueira crepitante os chamava. — Me acordem em meia hora.

— Eu estou ficando louca, ou são eles? — perguntou Cress, virando-se para Fletcher.

Mas ele já sabia do que eles estavam falando, pois um fato antes esquecido agora despontava na superfície de sua mente. Não era nenhuma surpresa que ele não tivesse se lembrado daquilo imediatamente, pois lhe fora ensinado durante uma aula a que Fletcher faltara, quando fora arrancado da sala para mostrar o diário de Baker à dama Fairhaven.

— Você sabe como os Picanços ganharam o nome? — perguntou Fletcher, coçando o queixo. — Acabei de me lembrar.

— Hã... Na verdade, não — respondeu Cress. — Para ser sincera, não prestei muita atenção às aulas de demonologia... estava focada em ganhar o Torneio.

— Bem, o nome vem de um animal de verdade. Existe uma espécie de pássaro nativa das fronteiras do deserto de Akhad conhecida como picanço. Esses picanços têm o hábito de empalar a presa, geralmente insetos ou lagartos, em espinhos. É assim que a mantêm no lugar enquanto se alimentam. Os demônios Picanços têm os mesmos hábitos de alimentação, então o nome pegou.

— Então, isso significa que não perdemos o rastro dos Picanços —

disse Cress, enfim entendendo.

— É isso aí — disse Fletcher, observando os restos mortais gotejantes e resistindo ao desejo de estremecer. — Basta seguir os cadáveres.

Saber que estavam tão perto dos Picanços deixou o grupo em um humor soturno. Eles corriam perigo agora, não só por conta dos Picanços, mas também dos predadores e carniceiros que rastreavam o bando. O letal Wendigo era talvez o mais amedrontador deles; sua predileção por cadáveres lhe conferia um fedor igual ao de sua fonte preferida de alimentação.

Considerando o frescor das carcaças, Fletcher sabia que os Picanços deviam estar aninhados nas árvores à frente, então enviaram Pria como batedora, depois aproximaram-se cuidadosamente a pé, de modo a não topar com as mortíferas criaturas.

Sozinho, um único Picanço macho era perigoso, com a envergadura de um albatroz, as garras de uma águia e o bico cruelmente adunco de um abutre. Quando esses demônios migravam, no entanto, iam em bandos indefectíveis, dizimando as populações em seu caminho.

As mais terríveis de todas eram as Matriarcas Picanço, as líderes fêmeas de uma revoada, muito mais raras. Em uma inversão estranha, o macho Picanço possuía uma crista insignificante, como a de uma galinha, enquanto a da matriarca era totalmente desenvolvida, irrompendo da cabeça como a de um galo. Duas vezes maiores que seus homólogos machos, elas eram capazes de arrancar um jovem Canídeo do chão.

O grupo avistou os Picanços pela primeira vez na manhã seguinte, quando a revoada irrompeu da copa das árvores, mais ou menos 2 quilômetros à frente, para continuar a migração, depois de despojarem a selva ao redor de todas as criaturas vivas. Os conjuradores saíram voando atrás deles — somente quando os demônios não passavam de pontos distantes no horizonte —, valendo-se da ótima visão de Atena para mantê-los no radar.

Dia virou noite, que virou dia mais uma vez. Ao anoitecer, o grupo instalou-se na trilha dos demônios empoleirados, e eles acamparam como haviam feito antes. Comeram suas pétalas e os míseros remanescentes da carne-seca, complementando a dieta com os restos comestíveis que os Picanços deixaram para trás. Na noite seguinte, choveu, e eles ficaram encharcados, mas agradecidos; esticaram a pele do Catoblepas para pegar a água e reabastecer os cantis.

Assim se passaram os dias, a selva rolando abaixo, como um aparentemente infinito tapete verde. Fletcher jamais imaginara tal visão, pois ela se estendia de horizonte a horizonte em um terreno

plano que era desprovido de marcos, rios ou clareiras. Apenas na extremidade direita havia algo que se parecia com o fim da cobertura de árvores: uma fina linha vermelha indicando onde a selva terminava e as terras mortas começavam.

Na quarta noite, eles jantaram os pernis de um Yale recém-abatido, um demônio que parecia o cruzamento entre um antílope e um bode, com um par de chifres curvos capaz de girar à vontade. A carne da criatura tinha gosto de carne de carneiro envelhecida, dura, mas saborosa, muito mais gostosa que os restos do charque mal defumado do grupo.

Foi naquela noite que viram os primeiros carnívoros que rondavam atrás da revoada de Picanços, contornando os limites de sua barricada improvisada na escuridão, atraídos pela luz e pelo aroma de carne cozinhando.

O grupo observou os predadores se aproximarem pelo cristal de visualização quando Atena se empoleirou nas árvores acima. Um único Leucrota listrado como zebra trotava ao crepúsculo — uma estranha criatura mamífera, com cascos fendidos, cauda de leão e cabeça de texugo. Mais tarde, um par de esqueléticos Licans passou por ali. Os lobos bípedes uivaram tristemente enquanto se acomodavam a poucas dezenas de metros do acampamento. Ninguém dormiu muito naquela noite.

Foi na manhã seguinte que avistaram seu primeiro vulcão, a grande coluna de fumaça subindo ao céu. A visão fez o coração de Fletcher acelerar. Os arredores estavam se tornando semelhantes aos de Hominum, acidentados e com um céu escurecido pelas mesmas nuvens de cinzas que ele via agora. Só não tinha como ter certeza. Eles poderiam passar voando sobre o território dos Hominum sem nem perceber.

Pior ainda, Otelo havia lembrado de outra coisa, depois de acordar no meio da noite e chegar a uma compreensão terrível. O tempo médio que um conjurador era capaz de manter um portal aberto no éter era breve, talvez meia hora no máximo. A área em que um portal podia aparecer era grande, de modo que, mesmo que estivessem na região certa, as chances de se depararem com um portal aberto ao passarem eram ainda menores.

A única esperança era encontrar um enquanto voavam, algo impossível, dada a espessura da camada de copas das árvores. Portanto, Fletcher sentiu-se feliz ao perceber que os Picanços pareciam estar migrando para as terras mortas, onde talvez eles conseguissem vislumbrar melhor algum sinal de uma esfera giratória. Agora eles estavam nos limites das terras áridas vermelhas, o que era um bom sinal, pois os Picanços estavam perto das terras mortas quando Valens fora atacada dois anos antes. Poderia ser o mesmo lugar?

Eles passaram horas voando ao longo da orla da selva, olhando para a bacia vermelha, na esperança de ver a esfera azul giratória que os levaria para casa. Mas não havia nada.

Derrotados, montaram acampamento pela quinta noite desde a travessia pelo deserto, os olhos irritados por causa do vento e da poeira. Todos os outros tinham os olhos vermelhos, como se tivessem chorado, e Fletcher supôs que bem que poderiam ter mesmo. Não havia esperança. Estavam condenados a permanecer no éter.

Para sempre.



21

— Fletcher, acorde!

A voz de Sylva sibilou em sua orelha. Ele guinchou de dor quando ela lhe enfiou as unhas nos ombros.

— Oqueque... — começou a dizer, mas uma mão apertou sua boca com força.

Lá em cima, os primeiros raios de luz já surgiam no céu, tingindo o mundo em um tom claríssimo de amarelo.

Ele foi instigado a sentar, e o cristal de visualização foi colocado em seu colo. Os outros já estavam acordados, aglomerados ao redor; rostos pálidos e arrasados, iluminados pelo brilho de um pequeno fogo-fátuo.

— Ali! — exclamou Sylva, apontando para a pedra.

Por um momento, ele pensou que olhava o reflexo fraco do fogo-fátuo acima. Mas não: era uma luz piscante, cor de índigo, situada em algum lugar mais além nas terras mortas... longe demais para identificar sua fonte.

Ele tentou sentar-se mais empertigado, porém o braço de Otelos era como uma barra de ferro em seu peito. A imagem no cristal moveu-se para baixo, para mostrar a orla da selva.

Picanços. Centenas deles, os vultos negros aninhados entre os galhos, como se as árvores estivessem carregadas de frutas podres.

Otelos se inclinou e apontou silenciosamente para cima. Fletcher levantou a cabeça e viu que Pria estava pairando logo acima da copa das árvores. Os Picanços estavam bem acima deles!

— Houve um ciclone de areia onde estavam antes — sussurrou Sylva, a voz pouco mais que uma respiração na orelha de Fletcher. — Eles devem ter voltado, enquanto dormíamos, para evitá-la. Atena me acordou há alguns minutos.

Fletcher estremeceu e procurou a Griforuja, que saltou para seus braços. Ele agradeceu as estrelas por ela ter ficado de vigia. Otelos se

inclinou, tão perto que a barba fez cócegas na bochecha de Fletcher.

— Se é um portal, não temos muito tempo — murmurou ele. — Você é quem manda. Você nos trouxe até aqui.

O coração de Fletcher acelerou desconfortavelmente no peito. Era como se alguém o tivesse mergulhado em água fria, despertando-o de seu sono com um terror repentino.

— Podem ser os demônios de fogos-fátuos — disse Fletcher baixinho, olhando cada um deles nos olhos. — Pode ser qualquer coisa.

— E pode também ser a nossa melhor chance de voltar para casa — disse Cress em resposta, mordendo o lábio. — Se não sairmos agora, vamos perdê-lo.

Era uma escolha impossível, no pior momento possível. Os Picanços poderiam começar a despertar a qualquer momento — o amanhecer chegaria em breve. Se o grupo deixasse o abrigo da copa das árvores, correria o risco de ser visto por um Picanço madrugador.

— Otelo, envie Pria para verificar o que é. Vamos levantar acampamento — ordenou Fletcher, tentando manter a voz baixa e firme. — Precisamos nos afastar daqui, independentemente de qualquer coisa.

Pria se afastou em disparada, voando na direção das terras mortas. Sua carapaça já havia ficado vermelha para se misturar com as planícies poeirentas.

— Quer dizer que vamos tentar? — perguntou Cress, subitamente receosa.

— Se descobirmos que é um portal, saberemos que estamos em um território de Hominum — murmurou Fletcher. — Isso já seria uma benção; poderíamos ter sobrevoado isso aqui sem jamais vê-lo. Pode ser que levemos mais algumas semanas vasculhando a área até encontrar outro portal, mas significa que vamos encontrar um em algum momento.

— Semanas? — murmurou Otelo, com um gemido baixo.

— Se os Picanços levantarem voo antes de o portal se fechar, teremos de nos preparar para tentar atravessá-lo — murmurou Fletcher. — Caso contrário, esperaremos. Não vale a pena morrer por isso.

Passaram-se dois minutos de arrumação apressada, então Lisandro e Ignácio foram despertados. O grupo aguardou pelas montarias, sem tirar os olhos do cristal nas mãos de Otelo.

— Pria está seguindo devagar — informou Otelo, a voz tão baixa que Fletcher mal conseguia distinguir as palavras. — Alguns Picanços já acordaram, então ela está voando rente ao chão.

Fletcher ergueu os olhos e sentiu o medo gelado correr sua espinha dorsal, deixando a pele arrepiada. Na luz crescente da manhã, viu os

demônios pássaros aninhados entre os galhos bem acima, as penas negras misturando-se às sombras escuras da copa das árvores. Alguns já estavam acordados, levantando as cabeças de onde tinham ficado escondidas sob as asas. Fletcher e seu grupo tiveram sorte de não terem sido vistos quando os pássaros pousaram ali para passar a noite.

— É melhor a gente ir... agora — murmurou Fletcher. — Não estamos seguros aqui.

Ele virou-se e olhou para o cristal de visualização. Ainda estava longe demais para saber qual era a fonte daquela luz azul, embora na tela do cristal ela tivesse aumentado de tamanho. Ao mesmo tempo, o azul era agora menos visível, pois a luz crescente do amanhecer tornava seu brilho indistinto.

Mantendo o silêncio, Fletcher puxou alguns ramos da barricada para saírem do acampamento e fez sinal para que os outros subissem nos demônios. Em seguida, montou no Drake, reuniu Atena e orientou Ignácio a passar pela abertura. Os Picanços poderiam se mexer a qualquer momento.

Ignácio encolheu as asas contra os joelhos para passar pela saída e se virou, colocando cada pata no chão com cuidado para não quebrar nenhum ramo e fazer barulho. Atena se contorceu junto ao peito de Fletcher, e ele percebeu que a segurava com força demais, devido ao medo inconsciente. Ele a soltou, e ela pousou em seu ombro, chamando a atenção de Alice. A mãe de Fletcher sorriu, alheia ao perigo em que se encontravam.

Ignácio deu um passo. Dois passos.

Então, o impensável aconteceu. Alice riu alto, a voz desenfreada, tentando pegar a Griforuja. Atena saltou para seus braços, na esperança de que ela se calasse.

Mas era tarde demais.

Um ruído alto veio lá de cima. Em seguida, outro, cortando o ar como unhas arranhando um quadro-negro. Lentamente, muito lentamente, Fletcher virou a cabeça para trás.

Uma dúzia de olhos o encarava, todos pretos e reluzentes na alvorada. Era como se o tempo estivesse parado, congelando o mundo em um horrível momento. Então uma forma escura saiu da copa acima e voou até os ramos abaixo, pousando entre seus irmãos, em meio a um farfalhar de folhas. Um segundo pássaro veio em seguida, as enormes asas agitando o ar. Ele piou bem baixo, e o som rouco e bruto encheu os ouvidos de Fletcher de terror.

Mais pássaros se seguiram, um após o outro, buscando a fonte do ruído. Pares viraram dezenas, dezenas viraram bandos, tantos que os ramos rangeram sob o peso das enormes aves. Uma delas se acomodou tão perto que Fletcher pôde ver a flácida crista vermelha tremer quando ela bateu o bico cheia de expectativa.

— Três — contou Sylva, em um fio de voz, alto apenas para que Fletcher ouvisse.

Ele não entendeu, a mente chacoalhava de medo.

— Dois.

Fletcher observou o primeiro Picanço pousar no chão, a poucos metros das patas de Lisandro. Sylva e Otelo já estavam montados.

— Um.

Ignácio estava se abaixando, rente ao chão.

Ah.

Fletcher saltou para o pescoço do Drake.

— Agora!

Eles se lançaram ao ar, arremetendo depressa, de modo que Fletcher ficou esmagado contra sua mãe, sentindo os braços lhe apertarem a cintura com força quando o impulso os achatou nas costas de Ignácio.

Uma cacofonia descontrolada de guinchos rasgou seus tímpanos quando os dois demônios se precipitaram, e então eles começaram a voar em zigue-zague por baixo da copa das árvores e depois para o céu aberto.

O céu da manhã tinha o tom amarelado de um hematoma antigo, e a terra vermelha adiante brilhava a sua luz. O mundo inclinou-se de lado mais uma vez quando Ignácio entrou nas terras mortas, e então eles começaram a cortar o ar a toda velocidade em meio a uma confusão de asas. Lisandro estava logo à frente, sua carga mais leve e sua experiência dando-lhe vantagem sobre o Drake.

Aos guinchos, loucos de fúria, os Picanços os seguiram. Fletcher olhou para trás, e a respiração ficou presa na garganta. Os Picanços tinham se lançado em perseguição; eram tantos que a selva quase sumia de vista, coberta pela massa de silhuetas negras que iam atrás deles a toda a velocidade.

— A luz, cadê a luz? — gritou Sylva, torcendo a cabeça para olhar sobre o ombro.

O céu estava claro agora, tanto que o portal já não reluzia como um farol para apontar o caminho. Eles entraram nas terras mortas, na esperança de vislumbrar o ponto azul.

— Mais rápido! — gritou Fletcher.

Os Picanços quase os alcançavam, com as Matriarcas liderando o bando. Suas asas eram tão grandes quanto as velas de um veleiro, agitando o ar em longas e pesadas batidas que, de alguma forma, os lançava pelos ares a uma velocidade vertiginosa. Ignácio mal conseguia manter a dianteira daquelas garras, prontas para se enfiarem em sua carne vermelha.

Uma pontada aguda de dor. Fletcher se virou e viu que a cauda de Ignácio fora rasgada pelo bico de uma Matriarca, mas que agora o

Drake a agitava para cima e a enfiava na plumagem da Picanço, lançando-a com força para o lado.

Outra caiu sobre eles do alto, as asas dobradas, as garras mirando Cress. Fletcher sacou Ventania e disparou duas vezes por reflexo. A Matriarca foi jogada para trás em uma explosão dupla de penas e sangue.

O vento fustigava seus cabelos conforme eles se precipitavam sobre as planícies vermelhas, o terreno rochoso passando depressa embaixo deles. A terra estendia-se à frente, o Abismo, à direita, e a selva, à esquerda, sem que houvesse nada para guiá-los, apenas a direção improvisada definida por Pria.

— Ali! — berrou Otelo, enquanto disparava seu bacamarte com estrondo na massa de Picanços que os seguia. Três deles balançaram e caíram, mas os tiros do anão pouco fizeram para reduzir o tumulto estridente de asas e bicos.

Fletcher não via nada além dos Picanços às costas; sentiu apenas a inclinação do caminho de Ignácio quando ele se pôs a seguir Lisandro em uma nova direção. O rosto de sua mãe estava no canto da visão, calmo, enquanto ela acariciava a Griforuja em seus braços.

O reluzir de um relâmpago brilhou atrás dela quando a luva de batalha de Cress se esticou para lançar um feitiço. Os pássaros mais próximos se sacudiram em espasmos, retorceram-se e despencaram como pedras, mas se recuperaram e logo voltaram à carga.

Fletcher tentou um escudo, mas a luz branca foi levada pelo vento — emaranhou-se nas garras de uma Matriarca próxima, mas não fez quase nada além disso. Uma bola de fogo saiu de seu dedo e explodiu entre as garras de uma e o bico de outra, derrubando ambas do ar.

Um pequeno Picanço esvoaçou pela lateral, e Cress gritou de dor quando suas garras rasgaram-lhe a carne. A explosão cinética que ela lançou em resposta fez a ave ser atirada para longe, e foi acompanhada de uma flechada que atingiu a asa do Picanço vizinho. Então os outros os atacaram e os rodearam de todos os lados.

— O portal! — gritou Sylva, e Fletcher virou-se para ver a orbe girando ao longe, um pontinho azul flutuando no horizonte.

Um par de Picanços caiu em cima de Lisandro, e Ignácio lançou uma torrente de chamas, deixando apenas um rastro de restos mortais carbonizados e fumegantes que bateram no ombro de Fletcher.

Em resposta, o Grifo gritou e desceu, atingindo um Picanço pelas asas e destroçando-o, enquanto outro o atingia na lateral e raspava seu pelo emplumado.

Fletcher disparou Chama e atingiu o atacante na coxa com impacto suficiente para enviá-lo para longe. Uma garra cortou seu braço, e penas cegaram-no quando uma Matriarca se precipitou sobre ele. Fletcher rosou de dor e guardou a pistola na bainha antes que ela

caísse de seus dedos fracos, a ferida em seu braço espalhando carmesim pela jaqueta azul.

— Quase... lá! — gritou Otelio, pontuando cada palavra com uma explosão cinética, lançando Picanços e Matriarcas pelos ares com a força dos impactos.

Cress estava seguindo seu exemplo: o ruído grave de cada feitiço era acompanhado de uma rajada de vento e de plumagem caindo. Fletcher desembainhou o khopesh com a mão esquerda, mantendo com força o braço direito, ferido, contra o peito. Ele estendeu um dedo do punho da arma e disparou um raio elétrico azul que cortou os ares, abrindo um buraco na confusa revoada de Picanços que os rodeava. Seu mana estava quase drenado.

Sombras passavam por eles enquanto Picanços mergulhavam e fintavam para novo ataque, protegendo-se da defesa feroz de suas presas. Outra explosão de dor atravessou sua panturrilha, mas o demônio saiu voando depressa antes que Fletcher pudesse o contra-atacar com o khopesh.

O mundo girou, e as bordas de sua visão começaram a escurecer. Ele sentia o sangue quente gotejando por sua perna, o líquido vertendo depressa de sua ferida profunda. Depressa demais. Ele tentou desenhar o feitiço de cura no ar, mas este fraquejou e se esvaneceu, seu cotovelo oscilando com o movimento das asas de Ignácio.

Ouvindo um grito de advertência de Sylva, sentiu o baque de um Picanço em seu ombro. Ignácio caiu em um giro vertiginoso.

Um brilho azul aproximou-se cada vez mais depressa.

O mundo se tornou subitamente frio e escuro. Fletcher sentiu o choque desagradável de Ignácio atingindo o chão, então se viu pairando pelos ares, girando uma vez, duas vezes. Bateu contra o chão, rolando em cambalhotas até tombar, enrodilhado, um pequeno amontoado de dor. Ele sentia a viscosidade de couro contra seu rosto, sentiu o cheiro acre do mesmo material em suas narinas.

Seus olhos entreabertos viram o borrão do portal giratório, parcialmente bloqueado por silhuetas negras. O brilho escureceu quando um demônio surgiu, depois a esfera azul piscou até apagar, deixando o lugar em escuridão absoluta.

Ele ouviu o som de passos, sentiu a presença de Ignácio a seu lado. Sentiu a língua morna do demônio lambendo sua panturrilha, e, no instante seguinte, sua saliva cobrindo seu braço. Sentiu o que restava do mana deixando seu corpo quando o feitiço de cura saturado na língua da Salamandra lhe subiu pela carne, unindo novamente músculos e pele.

Fletcher, de repente, percebeu vozes ao redor, murmúrios de surpresa, de medo. A sala, pois estava em uma, iluminou-se quando uma luz bruxuleante surgiu de tochas que foram acesas. Sua visão se alargou.

A voz de um homem cortou o ruído, dando ordens ríspidamente. Então ele o viu, caminhando com propósito em sua direção, os olhos brilhando de preocupação.

Arcturo.



22

Eles haviam voado direto para dentro de uma aula de conjuração. A primeira do ano letivo, na verdade. Arcturo voltara a dar aulas depois da missão de resgate, substituindo Rook.

Quando Fletcher e seu grupo avistaram o portal, Arcturo estava demonstrando os perigos da migração dos Picanços para os alunos, observando o bando a partir da distância segura das terras mortas. Felizmente, um estudante de olhar afiado viu a fuga desesperada do grupo pelo Oculus, a gigantesca pedra de visualização de Vocans, antes de terminar a aula. Sacarissa esperara atrás do portal para que Arcturo pudesse assistir ao progresso do grupo, e saltou para dentro depois que ficaram em segurança.

Agora eles estavam sentados na biblioteca, desfrutando das almofadas macias das poltronas e do calor da lareira que estalava nas proximidades. Fletcher tinha carregado a mãe nos braços e a deitara em um sofá junto ao fogo.

O resto do grupo sentara ao redor de uma grande mesa de carvalho, ocupada por pilhas altas de livros e cercada pelas prateleiras altas que dividiam a sala em um labirinto de corredores revestidos de tomos. Era quase meia-noite; a aula tinha começado tarde.

— Quem estamos esperando? — gemeu Otelo, remexendo-se no assento nervosamente.

Não lhes fora dada a oportunidade de tomar banho, nem mesmo de trocar de roupas. Em vez disso, Arcturo lhes dissera para infundirem seus demônios e os tirara da frente de seus alunos de primeiro ano, que os encaravam cheios de espanto.

— Vou deixar que eles expliquem — disse Arcturo, andando nervosamente de um lado para o outro, perto da porta.

— Eles quem? — perguntou Sylva, a paciência prestes a se esgotar, os lábios em uma linha fina.

— Olhe, eu nem sei quem está vindo — respondeu Arcturo,

correndo as mãos pelos cabelos. — Mandei uma mensagem ao rei Harold e a Elai... a capitã Lovett, mas eles podem enviar outras pessoas. Muita coisa mudou enquanto estiveram fora...

— Bem, conte-nos sobre isso, pelo menos — pediu Fletcher, cansado de tanto mistério.

Ele pensou que eles seriam recebidos como heróis, não como criminosos quaisquer, escondendo-se. Foi o choque da recepção que o manteve em silêncio sobre o resgate da mãe. Arcturo mal a olhou duas vezes, provavelmente ainda acreditando que se tratasse de Lady Cavendish, a mãe de Rufus. Aquele assunto podia esperar.

— A capitã Lovett... ela ouviu tudo — disse Arcturo, ainda andando de um lado para o outro. — Pelo menos até Lisandro atravessar o portal e sua conexão ser interrompida. A confissão de Jeffrey, a fuga de vocês, tudo. Porém, como ela não tinha nenhuma prova, ficou em silêncio. Ninguém nem acreditou que vocês tivessem entrado no éter.

— Não percebemos que ela ficou sabendo de tudo — murmurou Sylva. — Pensamos que Lisandro estivesse inconsciente.

— O que mais? — perguntou Otelo.

Arcturo hesitou, mordendo o lábio.

— Toda Hominum viu Rufus morrer — revelou, enfim. — Viram um dos disparos azuis da besta de Cress atingi-lo, depois viram Jeffrey correr até ele e arrancar a flecha, para tentar salvá-lo. Até onde todo mundo entende, Cress matou Rufus. Eles não descobriram que foi Jeffrey que atirou.

A notícia atingiu Fletcher como um raio. Ele, que antes estivera esgotado, pronto para dormir no conforto caloroso da biblioteca, agora sentiu um choque gelado escorrer pela coluna vertebral.

Rufus já estava morto quando eles entraram na câmara sob a pirâmide. Eles não viram o que o matou, apenas uma ferida profunda na barriga do garoto. Jeffrey devia ter atirado a flecha da besta enquanto ficou fora de vista.

— Mas Jeffrey pensou que ele havia falhado — disse Cress, horrorizada, levando as mãos unidas até a boca.

— Tudo isso foi visto pela visão periférica de Lisandro, logo após ele ser paralisado — explicou Arcturo, com o rosto contido, sombrio. — Seus olhos se fecharam alguns segundos depois. Jeffrey provavelmente não percebeu que Hominum observava tudo; o único motivo pelo qual ele fingia ajudar Rufus era para enganar vocês três quando saíram do túnel. O maldito teve sorte.

— Então todos devem ter voltado a odiar os anões — sussurrou Otelo. — Eles pensam que enviamos um assassino para matar alguém de seu povo.

Arcturo suspirou e esfregou os olhos.

— O velho rei Alfric já ordenou que os Pinkertons cerquem o Bairro dos Anões. É um barril de pólvora prestes a explodir. Mas esse não é o pior de nossos problemas.

— Não é? — perguntou Fletcher, horrorizado.

Arcturo fez que não.

— Depois de anos de treinamento, os recrutas anões recém-formados foram enviados para a frente de batalha. Eles se colocaram em marcha, a partir da frente élfica, e passarão por Corcillum dentro de dois dias. Quando chegarem aqui e encontram seus lares sitiados, haverá conflito, de uma forma ou de outra. Não há nada que possamos fazer para evitá-lo.

Arcturo parou e olhou para eles, como se os visse pela primeira vez.

— Não sei o que vai acontecer quando eles descobrirem que vocês estão vivos — disse, meio que para si mesmo. — Mas podem apostar que Cress será presa... e talvez todos vocês também, como cúmplices, dado o histórico de Fletcher e Otelo com acusações de traição. Sylva, o mero fato de acompanhar esses três bastará para...

— Precisamos partir agora mesmo — disse Sylva, pondo-se de pé. Arcturo gesticulou para que ela tornasse a se sentar na cadeira, balançando a cabeça.

— Os alunos lá embaixo que os viram atravessar o portal eram todos plebeus, já que os nobres não se deram o trabalho de comparecer. Então, temos até amanhã antes que a notícia se espalhe. Ordenei que fossem todos para a cama e pedi à dama Fairhaven que ficasse de olho neles, para que não deixassem seus quartos. Vocês estão seguros pelo menos por esta noite.

Fletcher não podia acreditar no que estava ouvindo. De fugitivos para fugitivos. Como isso podia ser possível? Eles estariam mais seguros se tivessem resolvido passar o resto da vida no éter.

— Fletcher, e o ... — Sylva começou a dizer.

Mas não terminou a frase, porque o rei Harold irrompeu pelas portas da biblioteca, os olhos arregalados e incrédulos, os ondulados cachos dourados grudados em sua testa. Lovett seguia logo atrás, girando uma cadeira de rodas de madeira com espaldar alto.

— Então é verdade — disse ele, ofegante.

— Eu disse a você — falou Lovett secamente. Ela sorriu e balançou a cabeça com fingida descrença. — Eu aposto que eles têm uma história e tanto para contar. Dezesesseis dias do éter... isso é quase uma semana em nosso tempo!

Mas o rei já não ouvia, nem sequer olhava para os quatro alunos sentados à mesa grande à frente. Ele fitava a mãe de Fletcher. Como se fosse um sonâmbulo, ele cambaleou até a poltrona onde ela estava sentada, o rosto da mulher coberto pelas sombras lançadas pelas

chamas cintilantes.

— Alice — disse ele, com voz rouca, ajoelhando-se na frente dela.
— É você?

Ele olhou para Fletcher com um olhar interrogativo e recebeu um solene aceno positivo de cabeça. Havia lágrimas nos olhos do rei, que segurou a mão magra de Alice.

— Não pode ser... Fletcher, você... — A frase de Arcturo ficou no ar, e seus dedos correram pela longa cicatriz que lhe maculava o rosto. A mesma cicatriz que ele ganhara ao vingar-se dos orcs que tinham atacado os Raleigh naquela noite fatídica.

Fletcher viu a óbvia alegria de Arcturo em encontrar sua velha amiga, o olhar de espanto, seguido pelo sorriso mais largo que Fletcher já havia visto naquele rosto marcado.

Arcturo colocou uma mão sobre o ombro do rei e olhou para os olhos vazios de Alice. Então, quando os dois olharam para ela, os olhos da mulher cintilaram por um momento, e um minúsculo traço de sorriso surgiu em seus lábios. Em seguida, desapareceu, tão rapidamente que Fletcher não conseguiu ter certeza se o vira ou não.

— Alice, sou eu — disse Arcturo, apertando a outra mão da mulher.

Mas o instante havia passado. Os olhos de Alice fitavam as chamas, sem nem sequer piscar.

— Ela fica... sempre assim? — perguntou Harold, enquanto uma lágrima vagarosa rolava por seu rosto.

— Sim — respondeu Fletcher. Não havia mais nada a dizer.



23

Houve pouco tempo para se alegrarem com o retorno de Alice, por mais agriçoce que fora. A manhã vinha se aproximando rapidamente, e o grupo de Fletcher precisaria estar bem longe antes de o dia raiar.

A urgência aumentou ainda mais quando Lovett lembrou que algum aluno poderia enviar um bilhete por um demônio voador, e que era provável que os Forsyth tivessem espiões mesmo entre os plebeus da Vocans. Afinal, já haviam conquistado a lealdade de dois deles: Atlas e Jeffrey. Um aluno plebeu do primeiro ano mais impressionável, atordoado pela amizade oferecida por uma rica família nobre, poderia ser facilmente subornado.

Lovett já contara ao rei e a Arcturo o que tinha acontecido durante a missão. Então, Fletcher descreveu aos trancos a jornada pelo éter, com interrupções dos outros quando deixava de lado detalhes importantes. As revelações de sua conversa com Khan sobre a forma como Alice fora tratada pelos orcs provocaram grunhidos de raiva dos outros, além de uma torrente de palavrões furiosos de Lovett.

Ao fim da conversa, a garganta de Fletcher estava seca e arranhando, e ele deixou o restante da mesa imerso em pensamentos sobre aquela situação difícil à luz do fogo quase extinto da lareira. Sylva terminou o relato com um resumo do conteúdo do diário de Jeffrey, que agora era passado de mão em mão enquanto todos digeriam as novas informações.

Cress foi a primeira a falar no silêncio sombrio:

— Não é óbvio? — perguntou, tirando o volume fino das mãos de Arcturo e levantando-o. — É isso. Uma prova. Prova de que Jeffrey era um traidor, prova de que ele estava por trás de cada explosão, cada morte... Droga, por trás de tudo pelo que a humanidade culpou os anões no ano passado.

Silêncio.

— Eles saberão que eu não matei Rufus e que os ataques dos

Bigornas não tiveram nada a ver com os anões — continuou ela, brandindo o diário. — Isto é o suficiente para atirar Zacarias Forsyth e o inquisidor Rook na prisão.

Nada ainda. Ela se virou para Harold, exasperada.

— O que o senhor vai fazer sobre isso? — perguntou, retirando a carta entre as páginas do diário e balançando-a diante do rosto do rei. Fletcher não conseguiu reprimir um sorriso. Cress não era alguém que usasse de cerimônia, mesmo com um rei.

— Não é tão simples assim — respondeu Harold, franzindo as sobrancelhas ante aquela impertinência. — Para quem eu deveria levar isso? Aos Pinkertons? À própria Inquisição? Eles estão na mão de meu pai. Até mesmo a maioria dos juizes está sob sua influência.

— Mas... o senhor é o rei... — argumentou Cress, com as sobrancelhas franzidas, confusa.

Fletcher entendeu a perplexidade. Ele havia dito aos outros que Harold desejava ajudar os anões e que tinha se afastado do pai por causa disso, contudo, nunca disse que era Alfric que detinha o poder em Hominum; que seu filho Harold só era rei no nome. Até Lovett e Arcturo pareciam chocados. Aquilo era novidade para eles também.

O rei suspirou e esfregou as têmporas.

— Meu pai reina nas sombras — disse Harold. — Não sou mais que um testa de ferro, um bode expiatório, caso as coisas deem errado. Ele quer exterminar os anões, e há anos busca uma desculpa para isso. Seus objetivos estão alinhados com os do Triunvirato.

— E o conselho? — indagou Cress, incisiva. — E as leis que o senhor aprovou para permitir que os anões lutassem, para remover as cotas de nascimento? Isso também foi coisa de Alfric?

Harold suspirou.

— É verdade que tenho uma maioria no conselho, que detém alguns poderes sobre o estado de direito, permitindo-me aprovar medidas menores. Porém, algo dessa magnitude... não.

— Podemos recorrer aos generais do exército, meu rei? — indagou Arcturo, inclinando a cabeça com repentina reverência. Sua intenção era evidente: deixar muito clara a Harold sua lealdade.

— É verdade — disse Lovett, tamborilando um dedo nos lábios. — O senhor não poderia levar essas evidências a eles?

— E lançar o país em guerra civil? — perguntou Harold, cuspidando palavras como ácido. — Muitos dos generais estão do lado do Triunvirato, e o mesmo vale para os nobres. Deixe-me pintar o quadro para vocês.

Ele se levantou e apoiou os nós dos dedos na mesa.

— Eu poderia convocar uma reunião dos generais e da nobreza para mostrar-lhes a carta e o jornal. Alguns acreditariam e pediriam a prisão dos perpetradores; outros, como meu pai e seus amigos, diriam

que vocês fabricaram esses documentos e pediriam sua prisão. Linhas seriam traçadas, lados seriam tomados. E, no meio de tudo isso, chegariam os recrutas anões. Haveria uma rebelião no meio de uma guerra civil. Vocês podem imaginar o caos?

— Isso não é tudo — acrescentou Sylva, a voz baixa e preocupada. — O senhor não teria de enfrentar apenas os anões. Se um mandado de prisão for emitido contra mim, a filha de um chefe, o conselho dos elfos entraria em guerra com toda Hominum por causa disso também. E nosso exército está se reunindo agora mesmo, enquanto estamos conversando, para ajudar em sua guerra. Só que ele se voltaria contra vocês.

Harold a encarou, o choque estampado em seu rosto.

— Eu não tinha pensado nisso — disse amargamente, seu rosto empalidecendo. — O exército élfico acaba de começar a se mobilizar, mas estarão marchando para Hominum quando estiverem preparados.

— E todos os soldados nas fronteiras do norte partiram — sussurrou Arcturo, horrorizado.

— Assim que descobrirem que vocês quatro estão vivos, com certeza será emitido um mandado para sua prisão — disse Harold. — Talvez eu consiga convencê-los a deixar Sylva fora disso, mas a essa altura talvez já seja tarde demais...

Ele suspirou e pressionou a testa com os nós dos dedos.

— Então, seria guerra contra os elfos se eu não conseguir livrá-la... E guerra com os anões, independentemente disso.

— Sim, depois de ver Rufus morrer, toda Hominum acredita que Cress é uma assassina — comentou Arcturo. — E agora estão ainda mais convencidos de que os ataques dos Bigornas foram orquestrados pelos anões. As coisas chegarão a um ponto de ebulição muito em breve.

— Quando os recrutas anões chegarem, meu pai enviará os Pinkertons para tomar o Bairro dos Anões — disse Harold. — Ele mesmo me contou e não mudará de opinião, não importa o que eu diga. A guerra começaria hoje mesmo...

Lovett terminou o pensamento.

— E então, enquanto nós guerreamos uns com os outros, as linhas de frente ficariam sem vigilância, e Khan atacaria e nos exterminaria.

A sala caiu em silêncio com aquelas palavras, o horror da situação pairando pesado no ar.

— Então, o que devemos fazer? — perguntou Fletcher.

Ele estava com raiva agora. Com raiva de como a ganância e o ódio de alguns poucos seres humanos famintos por poder levariam ao massacre de milhares de inocentes. Com raiva de que, uma vez mais, ele e seus amigos estavam de alguma forma metidos no centro de tudo. Sua pulsação rugia nos ouvidos.

— Vamos levá-los até os elfos na Grande Floresta — disse Harold.
— Vocês estarão mais seguros lá se...

— Não — interrompeu Otelo, levantando a mão. — Eu não vou fugir. Se houver uma guerra, quero estar aqui, protegendo minha família, não me escondendo como um criminoso.

— Sim, eu também vou ficar — disse Cress, cruzando os braços em desafio.

— Vocês não entendem? Isso só piorará a situação! — grunhiu o rei. — Mesmo que vocês não sejam capturados, os Pinkertons se lançarão em sua busca, invadindo a casa de cada anão, destruindo cada lar. A rebelião dos anões começaria amanhã. Mas, se a notícia de que vocês conseguiram escapar viesse a público, de que os elfos lhes deram asilo... isso não aconteceria. Eu ganharia mais tempo.

Otelo se recostou e fechou os olhos. Daria a impressão de que estava tirando uma soneca, se não fosse pelos nós dos dedos brancos, bem tensionados.

— Se a guerra explodir, o estrago já estará feito, e vocês poderão retornar — disse Harold, com voz sombria e terrível. — Nesse meio-tempo, vocês *devem* ir até os elfos, enquanto eu tento evitar esse desastre. Sendo honesto, a chegada de vocês piorou as coisas. Façam o que estou mandando. Tenho preocupações mais urgentes que sua segurança neste momento.

— Que preocupações poderiam ser essas? — grunhiu Cress, o lábio tremendo de raiva. — Se os Pinkertons nos prenderem, o senhor terá mais um julgamento público nas mãos, seguido de uma rápida execução. Lembra-se de como chegaram perto de uma guerra da última vez que isso aconteceu, quando Otelo foi julgado por traição? Isso mesmo; eu e todos os anões no gueto sabíamos o que poderia acontecer caso Otelo tivesse sido executado.

Harold se virou para Cress, um olhar gélido no rosto.

— À luz dos crimes de Cress e dos ataques dos Bigornas, quando chegarem os recrutas anões, meu pai anunciará a todo o Hominum a rescisão dos direitos que eu consegui conceder na última década. As leis de cotas de nascimento voltarão, os soldados dos anões serão despojados dos uniformes. Pior ainda, ele promulgará impostos pesados sobre os negócios dos anões e decretará toques de recolher para que eles não possam caminhar nas ruas após o anoitecer.

— Por quê? — indagou Fletcher, sem conseguir se conter.

— Porque ele quer que os recrutas anões se encham de raiva quando chegarem aqui — grunhiu Harold. — Imagine algumas centenas de anões armados, recebendo a notícia de que não são mais cidadãos nem soldados, depois de um ano de treinamento e sofrimento na frente élfica. Então eles serão obrigados a voltar para casa antes do anoitecer sob ameaça de prisão, e, quando chegarem, os Pinkertons se

mudarão para lá e patrulharão suas ruas, aterrorizando cada família.

— Eles se revoltariam — disse Otelo calmamente. — E Alfric chamaria isso de rebelião.

— Isso mesmo — concordou Harold, voltando-se para Cress. — Você entende? Preciso impedir que isso aconteça. Preciso ganhar mais alguns dias de manobra.

Fletcher não conseguia acreditar em seus ouvidos: que Alfric poderia ser tão óbvio, tão insensível. Ele precisava ser impedido.

— Então, qual o plano? — perguntou Fletcher.

— Capitã Lovett, por favor. — Harold recostou-se na cadeira, cobrindo os olhos com uma das mãos e gesticulando para Lovett com a outra, como se estivesse exausto demais para explicar.

— As pedras de visualização — disse ela, inclinando-se sobre a mesa. — O Triunvirato recolheu todas após a missão de vocês, conectou-as a um único Caruncho selvagem e depois as redistribuiu ao redor de Hominum. Alfric planeja fazer seu anúncio através dos cristais. Se Harold conseguir matar ou capturar o Caruncho, conseguirá adiar o anúncio até a chegada dos recrutas anões. Claro, eles poderão se rebelar de qualquer maneira, mas já é um começo.

— Só isso? — perguntou Otelo, colocando o queixo nas mãos.

— Isso é o grosso da história — respondeu Lovett. — E há mais uma coisa. Alfric também será capaz de transmitir sua voz através dos cristais.

Aquilo era novidade para a Fletcher.

— Pensei que isso fosse impossível... não? — perguntou, as sobrancelhas arqueadas em confusão.

— Era, mas Electra deu duro em seu laboratório na ausência de vocês — explicou Lovett. — Andei ajudando em seus experimentos de alquimia.

Lovett enfiou a mão no bolso e atirou um cristal de visualização sobre a mesa. A superfície estava tingida de preto, mas logo a imagem exibiu o teto da biblioteca, quando Valens emergiu do bolso do uniforme da capitã. Ele zumbiu sobre seu ombro, e por um momento Fletcher ouviu um cantarolar muito baixinho e fraco vindo da pedra. Lovett virou a cabeça e abaixou a boca até a altura do Caruncho. Fletcher viu os movimentos de seus lábios, ouviu-a dizer:

— Você consegue me ouvir?

Porém as palavras não vieram apenas de sua boca, também surgiram da pedra, e em volume alto. O som era metálico e áspero, mas bastante claro. Lovett sorriu.

— A pedra vibra na mesma frequência que minha voz e produz som usando as reverberações. É como uma corda em um violino. A única coisa que isso requer é o uso do feitiço de amplificação nos cristais de coríndon, e que eles sejam carregados com uma pequena quantidade

de mana. Obviamente a recarga uma hora acaba, mas as vibrações usam pouquíssima quantidade de energia.

— Não sei por que você está sorrindo — disse Harold, ríspido. — Antes você nunca tivesse divulgado sua descoberta. É a máquina de propaganda perfeita para meu pai. Ele tem feito discursos todos os dias, dizendo que os anões estão atrás dos ataques dos Bigornas, que eles assassinaram o pobre e inocente Rufus para que isso servisse de aviso para nós. O que me deixa enjoado.

— Teria sido ótimo ter tido essa capacidade antes — gemeu Fletcher. — Assim, todos teriam ouvido a confissão de Jeffrey.

Sylva ficou de pé. Ela estivera sentada em silêncio durante os últimos minutos, mas agora sua boca estava entreaberta, e seus olhos brilhavam à luz fraca do fogo.

— Há uma maneira — disse ela, baixinho. — Um jeito de resolver tudo.

Fletcher olhou para ela, incapaz de acreditar no que ouvia. Que ideia poderia ter tido?

— O senhor não precisa dos generais — continuou a elfa, virando-se encarar Harold. — Nem da nobreza. O senhor precisa do povo.

— O que você quer dizer com isso? — disse Harold. — Que povo?

— Por que o senhor acha que Alfric precisa fazer esses discursos? — perguntou Sylva. — Por que ele e o Triunvirato enviaram Jeffrey para incriminar Cress? Por que colocaram essas bombas? Porque ele precisa do apoio do povo de Hominum. Os soldados, os agricultores, os ferreiros, os mineiros, os operários. São eles os fios cruciais da trama de guerra. O senhor acha que ele conseguiria autorizar o massacre em massa dos anões sem o apoio popular? Sem essa mentira que ele fabricou?

Harold olhou para Sylva com um rosto inexpressivo; o único sinal de emoção era a contração suave de sua mandíbula enquanto ele apertava os dentes.

— É verdade — aquiesceu por fim. — É claro que é verdade. Se as pessoas pensassem que os anões eram inocentes, que tinham sido enganados, nunca permitiriam que esse comportamento continuasse, nem que os perpetradores ficassem impunes. — Ele parou, como se estivesse surpreso com as próprias palavras. — Mas o que espera que eu faça? — perguntou, com um suspiro. — Que faça meu próprio anúncio, que lhes mostre o diário de Jeffrey? Meu pai colocou espões para me observar o tempo todo, e amanhã à noite deverei oficialmente confirmar a ascensão à nobreza das famílias de Serafim e Didric em um baile. Não há maneira de eu conseguir escapar e chegar até o Caruncho sem ser detectado.

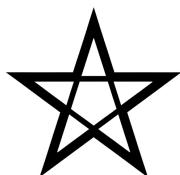
— Mas o senhor não poderia ten... — começou a dizer Cress, mas Harold interrompeu-a bruscamente.

— Mesmo que eu conseguisse chegar até ele, o que aconteceria em seguida? Meu pai saberia que eu me voltei contra ele. Seria uma guerra civil, em que a nobreza e os generais tomariam partido mais uma vez. Não, isso nunca funcionaria.

— Não se não fosse o senhor — disse Otelo, levantando a cabeça. Ele olhou para Fletcher e assentiu devagar. Era loucura, mas era sua única chance.

— Quem, então? — grunhiu Harold.

— Nós — respondeu Fletcher.



24

Pouco da viagem na decrepita carruagem até Corcillum, ou de Arcturo apressando-os para subirem a escada e deitarem-se nas camas empoeiradas da Taverna dos Bigornas, ficou na memória de Fletcher. Foi uma mistura nebulosa de sono e vigília, de sussurros furtivos e olhares roubados na escuridão.

Ele dormira durante toda a noite e, aparentemente, a maior parte do dia também — pois a visão que teve pela janela do quarto ao ser despertado pelo cheiro de comida foi de uma tarde azul de inverno. A cama de Otelo estava vazia, então ele desceu cambaleando os degraus de madeira para encontrar a fonte daquele cheiro delicioso, tropeçando em uma bota que ele havia arrancado do pé de qualquer jeito na noite anterior.

Estava faminto, o estômago se contraindo como um punho cerrado a cada fôlego do aroma de comida que vinha do andar de baixo. Saltando os últimos degraus, Fletcher encontrou um grupo de mesas na frente do bar, unidas a esmo e repletas de pratos de comida fumegante. Havia ovos fritos com gemas douradas e enormes, além de salsichas ainda chiando de fritura, grossas como seu pulso. Batatas fritas de corte grosso, douradas à perfeição, estavam dispostas em tigelas e cobertas com uma guarnição de espinafre cozido no vapor, dentes de alho fritos e raminhos de estragão. Jarras de vidro com suco de laranja completavam o quadro, assim como jarras de água cristalina.

Era um banquete que poderia alimentar um pequeno exército, mas havia apenas cinco pessoas sentadas ao redor da mesa, já no meio da refeição. Seus companheiros fizeram pouco mais que grunhir ao vê-lo, e continuaram devorando a comida, como se ela pudesse desaparecer a qualquer momento. Mas havia outra pessoa à cabeceira da mesa. Uma figura em um vestido verde, tão baixa quanto Otelo e Cress.

— Ora, ora, olhem só quem levantou! — disse uma voz familiar.

Era Briss, a mãe de Otelo. Fletcher sorriu e curvou-se para dar-lhe um grande abraço, que ela retribuiu com carinho.

— Ande, vá logo comer alguma coisa — mandou ela, apontando uma cadeira para ele ao lado dos outros. — Otelo me mostrou um pedaço daquele charque que vocês andaram comendo nestes últimos dias. Horrendo!

Fletcher não precisou de nenhum outro incentivo; parou apenas para apanhar uma faca e um garfo antes de encher a boca. Os próximos minutos gloriosos foram dedicados a mastigar e engolir em silêncio, até seu queixo ficar manchado de gema amarela e a barriga parecer mais cheia que jamais estivera em toda a sua vida.

— Sua mãe já comeu, pobrezinha — avisou Briss, quebrando o silêncio. — Thaissa está no andar de cima cuidando dela; a essa altura já deve ter sido banhada e colocada na cama. O rei disse que vai providenciar os melhores cuidados em toda Hominum, então não se preocupe com ela.

No final, de alguma forma a comida milagrosamente tinha sido reduzida a alguns poucos restos.

Otelo soltou um gemido exagerado e esfregou a barriga estufada.

— Você nos assassinou — disse ele, balançando a cabeça. — Morte por comida.

— Como vocês vão entrar em seus trajes agora? — brincou Briss, cutucando-lhe a barriga. — Se continuar nesse ritmo, vou ter de ajustá-las.

— Trajes? — perguntou Fletcher.

Briss suspirou embaixo do véu verde e fez uma pausa. Foi só então que Fletcher notou as roupas dobradas em uma mesa atrás da anã, juntamente a um par de coisas que pareciam caixas de sapatos.

— Para o baile — explicou Cress, com um suspiro, a voz sombria. — Quando entrarmos de penetra.

— Ora, quanta empolgação da sua parte — disse Fletcher, embora a lembrança da nova missão também o fizesse estremecer.

— Você vai ver só — grunhiu Otelo. — Você até que se deu bem. Mas enfim, Cress, eu não entendo por que está reclamando. Eu é que ganhei o pior traje de todos.

A anã abriu um sorriso largo, sua expressão taciturna desaparecendo ao ouvir essas palavras.

— Certo, acalmem-se, todos vocês — riu Briss, gesticulando para pedir silêncio.

Ela apanhou um embrulho vermelho de tecido e babados e o entregou a Sylva, que o tomou com um olhar apreensivo.

— Pelo que Otelo me disse, isso pode não ser de seu agrado, mas você precisa estar no papel — disse Briss, timidamente. — Fiz alguns

desse antes, e eles são muito populares entre as jovens damas da nobreza. Há um banho quente preparado para você no andar de cima, mais tudo o que for necessário. Experimente a roupa, e depois Thaissa irá ajudá-la com o cabelo.

— Tenho certeza de que vou adorar — murmurou Sylva, tentando esconder as dúvidas.

Ela subiu lentamente a escada, segurando o vestido, como se este fosse uma cobra venenosa.

— Certo, agora... vamos ver se este serve em você — disse Briss, com animação, depois que Sylva se foi.

Ela tirou uma roupa cor-de-rosa da mesa e o sacudiu. Era um vestido rodado, com flores bordadas ao redor das mangas e um véu delicado, preso com uma corrente de prata na barra. Era bem bonito, e Fletcher poderia imaginar Cress muito alinhada naquele traje de anão tradicional. Mas...

— O véu — comentou Fletcher. — Não é de admirar que você esteja tão mal-humorada, Cress. Mas vai ser só por uma noite.

Otelo arrastou os pés no chão, envergonhado, o rosto assumindo a mesma cor daquela roupa.

— Bem, sim, mas... Esse não é para mim — disse Cress, em meio a risadas, virando-se para o anão avermelhado. — Otelo, acho que o cor-de-rosa combina com você. Vai muito bem com a cor de seu rosto..

— Ah, que inferno! — grunhiu Otelo.

Fletcher não conseguiu evitar o riso quando o anão taciturno veio andando para a frente, pés arrastados, e permitiu que a mãe lhe colocasse o vestido.

— Só não conte nada a Átila — implorou Otelo, enquanto Cress ria e lhe arrumava o véu sobre o rosto, enfiando para dentro um trecho de barba ruiva.

— Ele devia vir dar uma olhada, para ver como ficaria de vestido — brincou Fletcher. — Afinal, vocês são gêmeos.

— Acredite em mim, eu queria que Átila estivesse em seu lugar — disse Cress, limpando uma lágrima de seus olhos. — Ou melhor, em seu vestido!

Ela dobrou o corpo em um novo ataque histérico de riso, e Otelo desabou mais uma vez na cadeira, derrotado.

— Eu não entendi — disse Fletcher, começando a rir mais controladamente. — Por que ele vai estar de vestido?

— Arcturo, Lovett e eu ficamos acordados a noite toda, formando um plano para conseguir fazê-los atravessar o palácio sem serem detectados. Claro, não haverá nenhum convidado anão no baile, mas haverá muitos serviçais anãos, todos mulheres, usando este mesmo uniforme. Então, Otelo vai brincar de se vestir de mulher hoje. Mas não vai ser a primeira vez. Lembra de quando você tinha 5 anos,

Otelo, e...

— Já chega, basta! — interrompeu Otelo levantando a voz e atirando uma salsicha semidevorada na mãe.

Ela se abaixou para se desviar do projétil comestível, pegou outro vestido idêntico sobre a mesa e então o entregou a Cress.

— Sabe, de alguma forma isso já não parece tão ruim — comentou a jovem alegremente, deixando a roupa se desdobrar e segurando-a contra o corpo. — Há séculos que eu não uso um vestido.

Ela deu de ombros, deixando o véu sobre a mesa. Então rodopiou, fazendo a musselina flutuar no ar, os olhos brilhando enquanto ela agitava os cabelos vermelhos.

— Parece maravilhoso — disse Briss, cobrindo a boca para esconder o sorriso de prazer.

— Realmente — concordou Otelo, depois pigarreou de um jeito esquisito.

Fletcher não conseguiu ver o rosto de Otelo, mas imaginou a boca aberta do anão embaixo do fino véu cor-de-rosa.

— Agora você, Fletcher — disse Briss, depois de lançar um olhar significativo para ele e Otelo. — Como você é muito alto para um anão, você e Sylva irão como convidados de Serafim, que por sorte está hospedado em um hotel em Corcillum hoje. Podemos colocá-lo a par das novidades.

Fletcher sorriu ante a ideia de ver Serafim novamente. O futuro nobre era parecido com Fletcher de muitas maneiras: um plebeu tornado nobre, que tinha um relacionamento íntimo com os anões. Seria bom revê-lo.

— Vamos vestir os dois como membros de sua comitiva — prosseguiu Briss. — Você vai usar isso.

Ela apontou para a mesa, onde Fletcher viu um terno de cetim azul-royal, com bordas de fio de ouro e ombreiras com borlas. Um par de reluzentes sapatos sociais de couro preto com fivelas de latão estava ao lado do traje, bem como elegantes luvas brancas, para esconder as tatuagens em sua mão.

— Vá logo experimentar — ordenou Briss, enxotando Fletcher dali.

O rapaz pegou a roupa das mãos da anã e apressou-se a subir as escadas.

— E tome também um banho — disse Briss lá de baixo. — Não vou permitir que a deixe fedendo. Sylva já está pronta a essa altura, e Thaissa deve ter preparado a banheira para você.

Fletcher sorriu e virou à direita ao alcançar o topo da escada. Ele bateu na porta do quarto das meninas.

— É a porta ao lado, Fletcher — disse a voz de Thaissa atrás da porta. — Não entre! Vá depressa antes que a água fique fria... a lenha

aqui está quase no fim; Cress e Otelo gastaram quase tudo hoje cedo.

Lenha? Ele foi até o quarto ao lado e encontrou uma suíte com uma pequena janela, um espelho, um banquinho e uma grande banheira de metal cheia de água fumegante. Os pisos e as paredes eram de azulejos, e havia um grande ralo embaixo da banheira. Uma lareira crepitava. Acima dela, pendurado na parede, via-se um caldeirão. Havia uma toalha amarela felpuda no banquinho, junto de meias limpas, roupas íntimas, uma lâmina de barbear, pedra-pomes e tesoura. Eles tinham pensado em tudo.

Dali a uns minutos Fletcher desfrutava daquele calor infiltrado até seus ossos, esfregando o corpo e o cabelo com um sabonete perfumado com lavanda até que a espuma transbordasse pelas beiradas da banheira. Então, quando a água começou a esfriar e as bolhas quase tinham sumido, ele atacou os calos de seus pés e mãos, e esfregou o resto do corpo até que a pele ficasse rosada, limpa como nunca.

Em seguida, ele raspou os pelos que haviam coberto seu lábio superior e o queixo, até ficar com pele de bebê, mais para agradar Berdon que por qualquer outro motivo — e a lembrança do gigante lançou uma pontada de dor em seu coração. Ele não tinha ideia de onde ele e os aldeões de Pelego poderiam estar; sabia apenas que ainda deviam ser em algum lugar ao norte, rumando para o sul.

Finalmente, ele uniu as mechas de seu cabelo em um rabo de cavalo e aparou as pontas duplas. Em suas mãos restou um punhado de cabelo, que ele disfarçadamente jogou pelo ralo. Aquilo teria de servir.

Ele saiu da água, agora morna e suja, para se secar com a toalha à luz fraca do fogo moribundo. Percebendo que havia demorado muito mais que Sylva, ele vestiu as roupas e tornou a descer as escadas, mal parando para se ver no espelho.

— Ora, ora — riu Cress, quando ele chegou à sala da taberna. — Olhe só para você, todo sofisticado.

Briss bateu palmas com entusiasmo e correu até ele, puxando o paletó aqui, alisando ali, até se afastar e admirar sua obra.

— Você está muito elegante — elogiou. — Emagreceu um pouco desde a última vez que tirei suas medidas, mas eu já imaginava isso. O traje caiu como uma luva. Por que você não calça os sapatos? Vamos ver se eu acertei o tamanho também.

Fletcher deslizou os pés para os mocassins e sorriu.

— Desse jeito vou ficar mal-acostumado — disse ele. — São confortáveis; mas eu também seria capaz de correr um quilômetro com eles.

— Bem, talvez isso seja mesmo necessário esta noite — lembrou Cress, e ele fez uma careta ao pensar no propósito daquelas roupas.

— Venha dar uma olhada aqui — chamou Briss, apontando para

uma caixa de sapatos.

Fletcher se virou para a mesa, confuso. Ele a apanhou, mas a caixa parecia estranhamente pesada. Curioso, ele levantou a tampa.

E viu um rosto pálido olhando para ele.

— O que... — murmurou, deixando cair a caixa sobre a mesa.

— Ah, você encontrou seu novo rosto — disse Briss, apanhando a caixa e entregando-a para ele. — Bem, vá em frente, prove e veja se serve.

Fletcher olhou para o interior da caixa mais uma vez. Era uma máscara, feita de porcelana tão branca que poderia ser osso descorado. Na verdade, com as órbitas oculares vazias, aquilo quase poderia ser um crânio, não fossem as curvas suaves das bochechas e os lábios brancos em bico.

Uma fina filigrana de ouro rodeava a borda oval, voluteando em intervalos com espirais delicadas que se curvavam em torno dos olhos para chamar a atenção para eles. Era terrível e lindo ao mesmo tempo, como uma ave de rapina.

Fletcher ergueu a máscara até o rosto e sentiu as mãos de Briss prendendo-a no lugar com fitas, apertando-as contra a parte de trás de sua cabeça.

— É um baile de máscaras, se é que você ainda não adivinhou — disse Briss. — Comecei a fazer cerâmica para vender tigelas, acredite se quiser, mas recebemos mais encomendas para isso que para qualquer outra coisa. Os nobres vão a vários bailes de máscaras todos os anos, e insistem em ter uma nova máscara para cada um.

— Obrigado — agradeceu Fletcher, procurando as palavras certas. — É... É assustadoramente linda.

Ele se virou para Otelo, que levantou o véu para olhar o amigo mais de perto.

— Quer saber de uma coisa, eu prefiro usar véu — disse o anão, balançando a cabeça.

— Pois é, isso aí me dá calafrios — concordou Cress.

Briss suspirou.

— Bem, é o que eles gostam de usar, esses nobres, e deixei essa máscara o mais sutil e discreta possível. Você deveria ver a de Sylva... tem até penas.

— O que tem penas? — perguntou alguém atrás deles.

Fletcher se virou e ficou boquiaberto.

Sylva estava descendo as escadas, transformada. Lá se tinha ido o cabelo claro e quase prateado, substituído por cachos soltos que tinham sido tingidos e enrolados de modo que caíssem sobre seus ombros em uma onda de negro, e a mudança era tão surpreendente que Fletcher ficou sem palavras. Seus ombros estavam nus, e o veludo vermelho do vestido abraçava suas curvas finas e sua cintura. Seus

quadris sustentavam uma saia ampla, decorada com dobras delicadas e camadas que davam a impressão de uma rosa desabrochando.

Ela nunca estivera tão bonita.

— Não quero ouvir nenhuma risada! — resmungou Sylva, ao passar por eles. — Vamos acabar logo com isso.



25

As ruas de Hominum passavam em borrão pela janela da carruagem, sombreadas à luz minguinte da noite de inverno. Se via poucas pessoas nas ruas, e as que ali estavam passavam às pressas, de cabeça baixa, na crescente escuridão. Havia uma aura de mau presságio no ar, pesada e grossa como a fumaça de uma lâmpada a óleo.

Cress e Otelo foram a pé para o palácio, e a carruagem de Serafim chegou logo depois para apanhar Fletcher e Sylva. O reencontro fora feliz, mas a alegria deteriorou-se rapidamente à medida que se aproximavam do destino. Agora os três estavam sentados em silêncio, contemplando a tarefa da noite.

— Eu devia estar fazendo isso sozinho — comentou Serafim, balançando a cabeça. — Ou Arcturo. Vocês estão correndo um grande risco.

— Ele é um conhecido inimigo do Triunvirato, tal como você — rebateu Fletcher. — Você também será o centro das atenções hoje à noite, sendo um convidado de honra e tudo mais. Muito melhor que Sylva e eu sejamos seus convidados anônimos e depois escapemos na primeira oportunidade.

Serafim grunhiu, concordando, relutante.

— Vamos repassar o plano mais uma vez — disse a elfa, com voz forte e alegre.

— Certo — concordou Fletcher. — Você começa.

Serafim se inclinou para escutar, os olhos arregalados de curiosidade.

— O Caruncho que Alfric usa está guardado na sala do trono, bem acima do salão do banquete — disse ela, de olhos fechados, como se estivesse recitando algo gravado em sua memória. — O demônio teve as pernas amputadas e foi preso na ponta de uma bengala de abrunheiro, em algum lugar da câmara. Deve estar coberto por um pano.

Fletcher estremeceu, lembrando-se de quando Arcturo lhes contara sobre esse detalhe horrível. O Caruncho era selvagem, livre de qualquer conjurador, de modo que tinha de ficar preso quando Alfric se dirigia ao povo de Hominum.

— Para chegar até ele, temos de sair por uma das portas laterais do salão e subir as escadas — continuou Sylva. — Lá, usaremos o feitiço de arrombamento para entrar. Vou sacar o diário que está amarrado em minha perna e começar a lê-lo em voz alta, mostrando cada uma das páginas para o Caruncho.

Fletcher assumiu quando ela fez uma pausa para respirar.

— Cress e Otelo estarão servindo comidas e bebidas aos convidados — disse ele. — Criarão uma distração enquanto nos esgueiramos até a sala do trono. Se tudo correr bem, devemos terminar em poucos minutos, e os convidados nem vão perceber nada.

As sobranceiras de Serafim se juntaram.

— O que vai acontecer se a distração de Cress e Otelo não funcionar e os nobres ficarem sabendo que vocês dois estão fazendo um discurso?

— Nesse caso, só vamos precisar atrasá-los até que a história seja contada — respondeu Fletcher, com severidade. — O rei Harold ordenará a prisão de Rook e lorde Forsyth. Então esperamos, para ver a reação de Alfric.

— Esse é o plano? — perguntou Serafim, os olhos se arregalando com surpresa. — E se Alfric os defender?

— Ele está metido nessa até o pescoço — respondeu Sylva, com um tom feroz. — E todo o povo de Hominum ficará furioso. Se ele quiser impedir que seu envolvimento venha à tona, e que uma multidão com forcados e tochas chegue marchando até o palácio, ele ficará ao lado de Harold e condenará os dois como traidores. O povo de Hominum pode não gostar dos anões agora, mas, quando descobrirem quem está realmente por trás dos bombardeios, vão querer vingança. Alfric os sacrificará para salvar a própria pele.

Ouviram uma batida no teto da carruagem, onde o motorista estava sentado.

— Bem, acho que não tem como voltar atrás agora — disse Serafim. — Chegamos.

Eles apanharam as máscaras do colo e as colocaram, o cheiro terroso de porcelana fresca tomando conta de suas narinas. Bem na hora, pois a porta se abriu e Fletcher foi convidado a sair da carruagem por um laçao de libré preta e branca e uma exagerada peruca branca.

O cascalho se moveu ruidosamente sob seus pés, e, em seguida, eles tiveram uma visão completa do palácio. Fletcher já o vira a distância antes, pois o prédio ficava em um lugar afastado a norte de Corcillum.

Mas, de perto, o verdadeiro tamanho e a majestade do edifício impressionavam.

A mansão era construída de mármore branco, mas aquela noite estava tingida de ouro pelas chamas que ardiam, instaladas em seteiras nas paredes mais baixas. Tinha cinco andares de altura, com um domo central, flanqueado por duas alas largas. A fachada era sustentada por dezenas de pilares, grossos como carvalhos e cercados por videiras tortuosas ali esculpidas. Ao redor, sebes bem aparadas assomavam sobre gramados inclinados, com fontes elegantes ao lado dos caminhos de cascalho.

Alfric quase levava Hominum à falência construindo aquele palácio — fora por isso que abdicara do trono em favor do filho, Harold. O povo de Hominum quase fizera um levante na época, e a mudança de governante acalmara as coisas; ou melhor, a impressão de mudança de governante.

— Por aqui, por gentileza — indicou o lacaio, curvando-se enquanto os conduzia sobre o cascalho em direção à bem iluminada entrada. Havia multidões de pessoas aguardando para serem anunciadas, as roupas chamativas iluminadas pelas chamas bruxuleantes em um caleidoscópio de cores.

Fletcher se virou para Sylva, para checar se a máscara lhe escondia as orelhas. A máscara em si parecia-se com a dele, mas tinha um traçado prateado em vez de dourado. Era enfeitada nas bordas com penas de pavão azul-esverdeadas, que se arqueavam para trás a fim de lhe cobrir as orelhas, que, além disso, haviam sido dobradas e amarradas para que ficassem escondidas sob os novos cachos.

Dando as costas para Fletcher, Sylva tomou o braço de Serafim e foi caminhando na frente. Afinal, ela era sua convidada. Sentindo uma pontada irracional de ciúme, Fletcher puxou o colarinho da camisa e os seguiu.

As pessoas que esperavam no pátio do palácio pareceram-lhe um conjunto de pássaros tropicais, pavoneando-se e chamando umas às outras em exibição exagerada. E ele que pensara que seus trajes e os de Sylva eram alarmantemente brilhantes e chamativos! Agora ele percebia o quanto eram simples em comparação.

Os oficiais desfilavam com medalhas faiscantes no peito, as roupas de gala em plena mostra. Muitas das máscaras cobriam apenas a metade superior de seus rostos, com temas grotescos de narizes e chifres aduncos, uma paródia dos maxilares bonitos e bem-feitos abaixo. Mulheres com rostos brancos pintados os acompanhavam, com pintas falsas estrategicamente coladas nas bochechas e cabelos empilhados em penteados fantásticos. As saias caíam em profundas camadas de seda, tão grandes e pesadas que Fletcher tinha certeza de que deviam ser sustentadas por alguma estrutura metálica. A maioria

usava apenas uma máscara de olhos simples, para exibir a beleza de suas compleições maquiadas.

Os nobres não ficavam atrás em extravagância e eram identificáveis apenas pelos símbolos de riqueza que adornavam seus corpos. Joias cintilavam no colo das mulheres da nobreza, enquanto os dedos dos homens estavam cobertos de anéis pesados de ouro e prata.

Apesar do ar frio do inverno, Fletcher começou a suar quando eles pisaram na fila sobre um tapete vermelho, iluminado por tochas, atrás de um grupo de mulheres jovens. À frente, os nomes dos convidados eram anunciados à medida que caminhavam por entre os pilares do claustro e atravessavam as enormes portas duplas para seguir rumo ao hall de entrada.

Um pensamento súbito atingiu Fletcher, e um suor começou a cobrir sua testa, escorregadio sob a máscara de porcelana.

— Nome — sibilou ele, dando um passo à frente e puxando Serafim de lado.

— O quê? — perguntou Serafim.

— Meu nome, qual é? — murmurou Fletcher, rispidamente.

A fila ia diminuindo à frente, e um par de oficiais juniores desacompanhados postou-se atrás deles.

— Eu não sei. Invente qualquer coisa — respondeu Serafim, puxando o braço e indo juntar-se a Sylva. A máscara de Serafim cobria apenas seus olhos, e Fletcher pôde ver a pele bronzeada do maxilar do nobre contrair-se com ansiedade.

As garotas à frente chegaram ao início da fila, parando para gargalhar ruidosamente quando uma delas tropeçou, depois de enganchar o pé em seu vestido.

A mente de Fletcher estava em branco. James Baker. Mason. Por que não conseguia pensar em mais nada? Ele apertou os dentes enquanto o arauto tomava os convites das mulheres à frente, anunciando seus nomes em rápida sucessão.

— Priscilla Hawthorne!

O nome girou em torno de sua cabeça.

— Vivien Findlay!

Seu nome deveria parecer comum? Ou seria melhor que parecesse como um nome do Oriente, tipo Baybars ou Pasha?

— Rosamund Bambridge!

Algo simples. Qualquer coisa.

— Helena Bambridge!

E então Serafim mostrou seu convite, gesticulando para que Fletcher se aproximasse.

— Nome, senhor? — perguntou o arauto.

— James Rotherham — gaguejou Fletcher, as palavras saindo de sua boca antes que ele pudesse contê-las.

— James Rotherham! — gritou o arauto. Então ele entrou, cambaleando ao brilho dourado do hall de entrada.

Ficou cego com a luz brilhante do candelabro, ouviu o murmúrio incoerente de mil conversas. A entrada estava repleta de pessoas reunidas em círculos, de mãos estendidas para apanhar garrafas de espumante e canapés com pasta de salmão.

Uma enorme escada de mármore dominava a sala, com um tapete de feltro vermelho ao centro, conduzindo a elegantes portas duplas mais acima. A sala era tão ampla quanto o átrio da Vocans, embora seu pé-direito não fosse tão alto. Ao olhar para cima, Fletcher ficou fascinado ao perceber que o teto fora pintado com um mural colorido de um rei antigo, de cabelos brancos, com uma coroa dourada. Suas mãos estavam estendidas e afastavam dezenas de demônios abóbada afora em um turbilhão de luz pálida.

Percebendo que estava de boca aberta, Fletcher abaixou os olhos e viu as serviçais anãs com os vestidos cor-de-rosa, trançando por entre as filas de pessoas à espera, carregando, ao alto, bandejas com comes e bebes. Uma delas apareceu, apressada, a cabeça velada voltada para ele.

— Uma bebida, senhor? — perguntou.

Fletcher assentiu sem palavras, aceitando a taça de espumante e trazendo-a até os lábios.

— Não beba — sussurrou a anã, chegando mais perto. — Você precisa manter a cabeça sóbria esta noite. Sério, não beba nada, somente água, para o caso de nós...

Ela se afastou quando um nobre se aproximou para apanhar um drinque de sua bandeja. Fletcher não conseguiu conter o sorriso, e sua ansiedade diminuiu um pouco. Ele abaixou a taça, e Cress saiu às pressas, esquivando-se pela multidão com a travessa vazia bem erguida. Ela parou junto a outra anã cujos ombros largos não deixaram dúvidas a Fletcher de que se tratava de Otelo. Só então ele reconheceu as espadrilhas vermelhas que ambos usavam, o identificador que haviam criado para distingui-los das outras serviçais cujos sapatos eram bege.

— Quando começamos? — perguntou Sylva atrás dele, sobressaltando-o. Ele derrubou um pouco de espumante no piso de mármore, mas rapidamente o limpou com seu mocassim.

— Relaxem — pediu Serafim, apertando o ombro de Fletcher. — Eles só estão esperando Didric chegar, o que deve acontecer a qualquer instante. Melhor vocês se afastarem de mim, pois sou o convidado de honra, lem...

Então Serafim congelou, e a palavra morreu em seus lábios. Fletcher os viu, entrando decididos no hall. Tarquin e Isadora.

E estavam indo diretamente até eles.



26

Os dois nobres vestiam trajes militares de gala e usavam máscaras iguais, que não passavam de um visor branco liso sobre seus olhos. Na verdade, Isadora não era a única mulher que estava usando trajes militares — pelo canto do olho, Fletcher viu que várias outras recém-chegadas tinham dispensado os vestidos de baile, preferindo um visual menos vistoso: mulheres da nobreza que detinham altos cargos na milícia ou seus próprios exércitos particulares.

A respiração de Fletcher se acelerou ao ver os gêmeos, o suor brotando nas palmas das mãos. Eles andavam pela sala como um par de leões de cabelos dourados, completamente à vontade na ostentosa reunião da elite de Hominum.

Ignorando as saudações dos outros convidados, a dupla caminhou diretamente até Serafim. Fletcher sentiu Sylva puxar a sua manga, mas o choque de ver a dupla o havia deixado plantado no lugar. Quando recuperou a compostura, já era tarde, e Tarquin e Isadora estavam diante deles, os olhos mascarados piscando ao examinar os três.

— Parabéns, Serafim — cumprimentou Tarquin, a voz inexpressiva e sem o menor entusiasmo. — Um nobre, finalmente. Você subiu na vida.

— Obrigado — respondeu Serafim, com rigidez.

Tarquin mal registrou a resposta. Seus olhos estavam grudados nos de Fletcher, estreitando-se sob a máscara. Fletcher permaneceu em silêncio, mas inclinou ligeiramente a cabeça, como se cumprimentando-o.

— Bem, não seja mal-educado, Serafim querido — disse Isadora, atirando de lado sua juba. — Você não vai nos apresentar a seus convidados?

Serafim pigarreou, ganhando tempo.

— James Rotherham — finalmente disse, a voz uma oitava mais aguda que o habitual. — Ele é de Swazulu. Veio supervisionar nossas

minas de enxofre.

— James Rotherham? — perguntou Tarquin, com as sobrancelhas franzidas. — Esse é um nome nortenho. E você é um pouco branco demais para ser de Swazulu, não é, James?

— Hã, ele não fala muito bem nosso idioma — respondeu Serafim, depressa. — Seus antepassados são originários de Hominum, daí esse nome e a aparência, mas ele é tão estrangeiro quanto qualquer um de sua terra.

Fletcher baixou a cabeça e juntou as mãos em um gesto de respeito. Tarquin soltou um resmungo, e a desconfiança estava clara em seu rosto, mesmo com a máscara. Apesar disso, seu principal interesse era Sylva: seus olhos se demoraram em seu corpo magro um pouco mais que Fletcher teria gostado.

— Diga-me, Serafim, por que você convidou uma elfa para o baile? — perguntou Isadora, e então riu quando Serafim inspirou fundo.

— Bem, não precisa ficar tão surpreso — riu ela, dando um tapinha brincalhão no ombro de Serafim. — São olhos... muito coloridos. Nem mesmo os olhos de mamãe são tão azuis *assim*. Sinceramente, Serafim, você não tem nenhum amigo de seu próprio país? — Ela fingiu parar para pensar, em seguida cobriu a boca afetando um espanto dissimulado. — Ah, espere, todos morreram, não foi? Oh, eu sinto muito.

Serafim gaguejou de raiva, e Fletcher teve de fazer força para não cerrar os punhos. Por sorte, Sylva avançou ligeiramente para a frente e fez uma reverência profunda antes que Serafim pudesse responder.

— Boa noite.

Um sotaque élfico, puro e cadenciado, estendia-se sobre suas palavras. Era uma atuação impressionante, e Fletcher sorriu sob a máscara.

— Sou representante dos clãs, aqui para negociar um acordo de armas com lorde Pasha. — Ela indicou Serafim com a cabeça. — Nossas tropas chegarão na linha de frente em breve, e precisam de armas. Achemos por bem não fazer conhecida a minha presença no baile, dado o atual... clima político.

Tarquin ergueu o maxilar, e o sulco em sua sobrancelha se aprofundou.

— Não consideraram negociar armas com o Triunvirato? — perguntou Isadora, a voz repugnantemente doce. — Nossas fábricas ficam muito mais próximas de suas fronteiras que a da família Pasha.

— Nós escolhemos com quem fazemos negócios com muito cuidado — declarou Sylva, cruzando os braços. — É uma questão de... gosto.

Os dois enrijeceram ao ouvir aquelas palavras, e Fletcher viu manchas vermelhas aparecerem nas bochechas de Tarquin.

— Vamos, Isadora — disse ele, pegando o braço da irmã. — Temos de cumprimentar lady Faversham.

A dupla se foi, desaparecendo na multidão sem olhar para trás.

— Swazulu? — disse Fletcher, irritado. — Foi o melhor que você pôde inventar?

— Ei, não me culpe — murmurou Serafim em voz baixa, aproximando-se para que Fletcher pudesse ouvi-lo. — Você era o que não tinha uma história pronta, nem sequer um nome! Você sabe que só fiquei sabendo desse esquema ridículo de vocês há poucas horas, não é? Fui obrigado a deixar meus dois convidados de verdade chupando o dedo no hotel, e vocês têm sorte de que os convites não eram nominais. Não esqueça: se isso der errado, minha vida está em risco. Ser cúmplice de traidores me torna um também.

Fletcher suspirou e tomou um gole do espumante. O gosto era amargo em sua boca, e ele engoliu com uma careta. No mesmo instante arrependeu-se, ao sentir o líquido ácido descer e assentar na entrada de seu estômago.

— Desculpe — lamentou. — Mas parece que escapamos dessa, então não houve estrago.

— Bem, Sylva não ajudou muito. Você tinha mesmo que conquistar a antipatia deles?

— Não pude me controlar — respondeu Sylva, com um tom de arrependimento na voz.

— Está bem. Apenas fiquem longe de mim, antes que alguém que conheçamos venha me cumprimentar.

Como se seguindo a deixa, o arauto chamou o nome de Didric, reduzindo o burburinho alto a sussurros a meia voz. Fletcher viu seu inimigo de relance, trajando o uniforme listrado de amarelo e preto de seu exército privado: uma peça elegante de duas peças com os galões de um capitão blasonados nos ombros. Ele usava uma máscara prateada em forma de lua crescente, que cobria perfeitamente a metade queimada de seu rosto. No mesmo instante, viu-se cercado por um número de nobres menores, desesperados para familiarizarem-se com o novo lorde.

Mas não havia necessidade de se apressarem, pois o arauto convocou os convidados.

— Senhoras e senhores, dirijam-se ao salão de banquetes.

Fletcher não precisou de novo aviso. Sylva enganchou seu braço no dele e se juntou às multidões na escada. Ela custava um pouco para caminhar, pois o vestido era longo e se prendia em seus calcanhares. Fletcher percebeu que os sapatos delicados e de salto alto, além de serem uma má escolha de calçados para o trabalho daquela noite, não faziam sentido, pois mal podiam ser vistos sob as saias que iam até o

chão. Quando chegaram às portas, Fletcher estava suando sob o calor das tochas brilhantes que iluminavam o caminho, e os cachos pretos de seus cabelos estavam encharcados de transpiração. Eles entraram meio aos tropeços no iluminado salão de banquete e ficaram boquiabertos de admiração.

Três longas mesas estavam dispostas lado a lado, em um salão iluminado com tantos lustres que era como se o próprio teto estivesse em chamas. O piso era de mogno polido, e bustos de mármore que representavam as gerações da família real alinhavam-se às paredes, olhando furtivamente para os convidados reunidos, como se reprovando aquela exibição extravagante.

Lacaios almofadinhas se curvavam e arrastavam os pés ao entrar no salão, antes de orientar os convidados para seus lugares. Fletcher viu-se sentado ao lado de Serafim e Sylva, em frente a um nobre gordo, cujo rosto já estava vermelho de tanto beber. O homem se via sentado entre duas mulheres jovens, que obviamente eram suas convidadas, pois o adulavam a cada palavra. Ambas usavam maquiagem pesada; penteados altos e máscaras douradas escondiam-lhes os olhos.

— Claro, é vergonhoso — dizia o homem, enquanto Sylva e Serafim sentavam-se um de cada lado de Fletcher. — Quero dizer, o rei Harold é um bom homem, tem o coração no lugar certo e coisa e tal, mas dessa vez foi longe demais.

— Você está certíssimo, Bertie querido, ele foi longe demais — disse uma das mulheres com voz afetada, inclinando-se mais, e Fletcher viu uma pinta falsa em sua bochecha esquerda.

— Longe demais — repetiu a outra, balançando a cabeça. Tinha um pescoço incomumente longo, e sua cabeça tremia como a de uma cegonha.

— Ofereça a mão que eles levam o braço, é o que eu sempre digo — prosseguiu Bertie, e as papadas tremeram quando ele bateu a mão fechada na mesa para dar ênfase. — Os anões precisam saber qual seu lugar. Agora vejam o que aconteceu. Algumas centenas desses sacanas estão marchando para cá, armados até os dentes, e, enquanto não chegam, atiram bombas a torto e a direito.

— É realmente horrível — disse Pinta. — Não estamos seguros em nossas camas à noite.

— Já o velho rei Alfric, esse sim tem as ideias no lugar — murmurou Bertie.

Ele ergueu um dedo, depois virou a taça de espumante em um único gole, fazendo com que metade do líquido de cor clara escorresse pela camisa branca rendada.

Então ele se inclinou e acenou para que Fletcher, Serafim e Sylva se aproximassem. Relutantemente, os três dobraram o pescoço, para não parecerem grosseiros e atrair as atenções.

— Fontes confiáveis me disseram que o velho rei ordenou que os Pinkertons invadam as oficinas dos anões amanhã à noite — sussurrou, olhando por cima do ombro para checar se não havia nenhuma criada anã por perto. — Porque, óbvio, é lá que as bombas estão sendo fabricadas. Sou amigo antigo de Alfric, e, claro, ele confiou em mim para revelar isso.

— Ah, como você está *por dentro* — disse Pescoçuda, cobrindo a boca com uma das mãos.

— Lógico, Alfric vem me pedir conselhos o tempo todo — continuou Bertie bombasticamente. — Não toma nenhuma decisão sem me consultar.

— Isso é muito interessante — disse Serafim, incitando o homem de língua solta. — Ele deve confiar muito em sua opinião.

Fletcher duvidava muito que o frio e calculado Alfric fosse amigo daquele fanfarrão bêbado ali à frente. O mais provável é que o homem tivesse ouvido rumores a respeito e estivesse simplesmente se gabando para as jovens impressionáveis.

Mas a notícia era preocupante. As fundições dos anões se localizavam nos porões de suas casas, construídas sobre os leitos rochosos e protegidas por portas metálicas. Alfric enfrentaria dificuldades para entrar, o que significava que os Pinkertons teriam de invadir as próprias casas dos anões. Além disso, eles estariam tentando invadir os mais secretos santuários dos anões. Se aquilo fosse verdade, haveria rebeliões naquela noite, de uma forma ou de outra; tudo parte do grande plano de Alfric para incitar uma revolta.

— A melhor parte da história é que finalmente vamos saber como eles fabricam as malditas armas — continuou Bertie. — Eu disse a ele, eu falei: “Alfric, você precisa dar uma olhada nas armas.” Depois que soubermos isso, não teremos mais necessidade desses filhos da mãe. Podemos prender a turma toda e jogar fora a chave.

O nobre atirou na boca os resíduos que tinham se acumulado no fundo da taça depois estalou os lábios e soltou um suspiro satisfeito.

— Nossa, isso parece muito duro, Bertie! — comentou Pinta, abanando-se com um leque. — Não poderíamos apenas... sei lá, mandá-los para longe? Talvez colocá-los em um navio ou algo assim?

— É arriscado demais — explicou Bertie, olhando em torno do salão em busca de uma serviçal que enchesse novamente sua taça. — Foram eles que começaram, afinal. Primeiro os bombardeios, depois um matou aquele menino corajoso na missão, bem na nossa frente. Isso é toda a prova de que precisamos: eles voltariam e nos limpariam da face da Terra se pudessem. Não, Gertrude, são eles ou nós.

— Mas por quê?

Fletcher levou um instante para perceber que era ele quem tinha perguntado aquilo.

— Desculpe, não entendi o que você disse — falou Bertie, a testa suada acima de sua máscara enrugando o cenho franzido.

— Por que ela matou Rufus Cavendish? — perguntou Fletcher, indeciso, sem saber se era melhor continuar a conversa.

— E quem sabe por que essas criaturas fazem essas coisas? — rebateu Bertie, dispensando a questão como se fosse uma mosca irritante. — Provavelmente para enviar um recado a toda Hominum, nos mostrar exatamente com quantos paus se faz uma canoa anã, por assim dizer. O que importa é que ela o matou.

As rugas do olhar severo do nobre se aprofundaram, e seus olhos se estreitaram por trás da máscara. Obviamente não estava acostumado a ser questionado daquela maneira.

— Aliás, quem diabos é você, mesmo? — perguntou ele. — Eu não estou reconhecendo seu uniforme.

— Meu convidado — apresentou Serafim suavemente, ao mesmo tempo que pousava uma mão tranquilizadora na coxa de Fletcher. — E eu sou lorde Pasha.

Mesmo sob a máscara, Fletcher viu Bertie ficar lívido. Afinal, a afiliação de Serafim aos anões não era nenhum segredo.

— Eu... isso é... — O pomo de adão do homem balançou enquanto ele engolia em seco. — Sei que você tem certa... simpatia pelos anões. Não quis ofender.

— Não ofendeu — garantiu Serafim, apertando ainda mais o joelho de Fletcher, como se para avisá-lo para ficar quieto. Não era necessário; Fletcher já tinha se arrependido da impulsividade.

O mal-estar foi interrompido pelo suave tilintar dos sinos, anunciando que a comida estava pronta. Não demorou e os criados estavam entre as mesas, equilibrando enormes bandejas com tampa brilhantes para manter a comida aquecida. Dentro de minutos, o centro da mesa estava repleto de bandejas fumegantes, e os mordomos à espera removeram as tampas com um floreio simultâneo.

O estômago de Fletcher se apertou de fome ao avistar aquilo. O cheiro delicioso que flutuava embaixo de seu nariz encheu sua boca de saliva.

O maior prato era uma perna de veado cujo pernil fora assado em fogo baixo a noite inteira para que a carne ficasse suculenta e macia. Ao lado havia um cisne recheado com cogumelos e ostras, a pele crocante lambuzada com um molho de polpa de figos e açafrão, brilhando sob as chamas cintilantes dos lustres acima. Mais adiante, havia um javali inteiro, com uma crocante maçã vermelha presa à boca.

Mesmo com esses pratos enormes, havia ainda mais carne sobre a mesa: frigideiras de lebre com gelatina de tangerina, bolinhos fritos de lúcio, esturjão pochê com guarnição de seu próprio caviar e até

mesmo um *gooducken*, o prato extravagante que consiste em um pato recheado com uma galinha, por sua vez inserido dentro de um ganso.

Rodeando as carnes, havia mais iguarias: verduras com alho, ameixas aferventadas em água de rosas, castanhas-portuguesas confeitadas e tigelas de frutas vermelhas em creme de nata. Fletcher só conseguia ver a comida que estava na própria mesa, mas achava que era demais. Tentou resistir à tentação de estender a mão para provar algo do prato mais próximo. Em vez disso, começou a destravar o segmento de baixo da sua máscara, para que pudesse comer.

— Cress disse para só tomar água — sussurrou Serafim, enquanto uma anã de vestido cor-de-rosa passava por ele.

Então a voz do arauto interrompeu os suspiros maravilhados e o tilintar dos talheres.

— Lordes, ladies e ilustres cavalheiros. Que comece o banquete!



Fletcher nem teve tempo de alcançar a comida antes de a longa perna de Sylva deslizar sob o assento de Serafim para chutar seu tornozelo. Ele sufocou um gemido de frustração e a viu levantar-se e fazer uma medida.

— Estou me sentindo um pouco fraca com o cheiro de toda essa comida gordurosa — disse a elfa, levando uma mão dramaticamente até sua testa. — Sr. Rotherham, você faria a gentileza de me acompanhar para que eu possa tomar um pouco de ar fresco?

Fletcher demorou um momento para perceber que ela falava com ele, então, relutantemente, se pôs de pé e segurou-a pelo braço. Os dois nem precisavam ter se incomodado com aquele teatrinho — os nobres que os cercavam mal olharam para eles, ocupados em devorar a comida com o máximo de decoro que puderam reunir.

Para Fletcher, a única coisa boa daquilo era que ele não precisaria se esforçar para descobrir quais talheres usar, pois a toalha de mesa estava adornada com uma ampla variedade de facas, colheres, garfos e outros implementos que ele não conseguia reconhecer. Mas, enfim, era mesmo o momento ideal para saírem, enquanto o resto do salão estava distraído.

— Venha — disse Sylva, em um sussurro ríspido, puxando-o de seu assento à mesa comprida.

Eles sabiam aonde tinham de ir: a um par de pesadas portas duplas contíguo ao salão. Fletcher sentiu um tremor percorrer a espinha quando os olhares se voltaram para eles, pois eram os únicos convidados em pé. Ele se distraiu examinando os outros alimentos na mesa. Para sua surpresa e horror, a carcaça assada de uma toninha inteira estava sendo destrinchada por um lacaio na cabeceira da mesa principal.

Então ele viu as pessoas que rodeavam o pobre animal e uma nova sensação de repulsa tomou conta de si. Quase todos os seus inimigos

estavam sentados ali: o velho rei Alfric, lorde e lady Faversham, os gêmeos Forsyth e até mesmo o próprio Didric. O rei Harold estava sentado entre eles, rindo de uma piada que o pai contara.

Fletcher quase perdeu o passo, mas Sylva o conduziu em frente sem pestanejar, apertando com firmeza seu braço. Ele não conseguiu evitar um olhar por cima do ombro quando passaram. Era fascinante vê-los socializando. Por algum motivo, ele sempre os imaginara armando esquemas em salas escuras, não desfrutando de refeições juntos.

Momentos depois, eles já haviam atravessado as portas duplas, abertas por criados confusos que não tinham certeza de para onde os dois convidados se dirigiam, mas tinham receio de impedir duas pessoas que poderiam ser nobres importantes.

Eles começaram a caminhar por um longo e escuro corredor com tapete de veludo vermelho. Apenas algumas velas bruxuleantes revelavam uma escada a meio caminho da passagem. Eles retiraram suas máscaras, e Fletcher respirou com grande alívio.

— Caminhe, não corra — avisou Sylva, assumindo o comando da situação e puxando-o para trás. — Nós não queremos levantar suspeitas, e convidados não devem sair bisbilhotando por aí.

Fletcher ofegou, a respiração curta. As palmas das mãos suavam sob as luvas brancas.

— Deve ser difícil para Harold sustentar essa encenação, dia após dia — disse Fletcher, apenas para estabilizar seus nervos.

Mas ele não ouviu a resposta de Sylva, porque as portas duplas abriram-se abruptamente atrás deles. Fletcher viu de relance um guarda, segurando em uma das mãos um candelabro e na outra uma espada. Então foi puxado para junto de Sylva, que enlaçou seu pescoço, os lábios procurando os dele. Ela o beijou com feroz abandono, e Fletcher retribuiu com a mesma paixão. Ele se deixou levar, sentindo a maciez do corpo dela contra o seu. Por um instante, nada mais importava.

— Só dois pombinhos apaixonados — resmungou o guarda. — Nada com o que se preocupar.

As portas se fecharam com um baque suave.

No mesmo instante, Sylva se afastou, voltando a caminhar até as escadas o mais rápido possível.

— Vamos! — chamou ela, olhando para Fletcher por cima do ombro. — Eles esperam que voltemos em breve. Otelo e Cress vão ter de nos alcançar.

Fletcher a seguiu, uma pontada de tristeza percorrendo seu corpo. Aquilo tinha sido um estratagema... nada mais.

Eles subiram as escadas dois degraus por vez, Sylva seguindo descalça, segurando os sapatos de salto, e Fletcher evitando a cauda de seu vestido. Era ridícula a quantidade de tecido que ela precisava

arrastar atrás de si.

O corredor em que entraram era ainda mais escuro, iluminado apenas pelo brilho das escadas atrás de ambos e uma única vela em uma alcova próxima. Eles chegaram a seu destino: um conjunto de enormes portas localizado bem em frente à escadaria: a entrada da sala do trono assomava diante dos dois, sombria e ameaçadora.

— Tomara que Otelo e Cress tenham começado a distração — sussurrou Fletcher.

— Permita-me — disse Sylva.

Seu dedo emitiu um brilho azul, e ela desenhrou a forma de um buraco de fechadura no ar. Lentamente, ela o baixou até a fechadura pesada da porta e lhe lançou um raio de luz prateada. Com um ruído alto, a porta se abriu, fazendo gemer as dobradiças.

Dentro, uma enorme câmara entrou no campo de visão, iluminada por um raio de luar filtrado por uma claraboia. O salão de piso de mármore era dividido ao meio por um estreito tapete grosso e vermelho. Pilares de pedra ladeavam as paredes, cobertos por sombras profundas. Mas algo dominava a cena acima de todas as outras coisas. Um trono, feito de ouro, prata e joias preciosas, incrustado com madrepérola e margeado de madeira polida, estava disposto em um estrado na extremidade do longo cortinado vermelho nos fundos da sala. Cada elemento do trono fora projetado como parte de um mosaico de demônios entrelaçados, as joias formando os olhos, os metais delineando a linha de seus corpos. Era magnífico, reluzindo mesmo à luz fraca. Fletcher mal conseguia tirar os olhos daquilo; jamais vira tanta riqueza em um só lugar.

Então eles o viram, embutido no chão diretamente na frente do trono. Um cajado negro, coberto por um tecido rendado. O alvo.

— Depressa! — murmurou Sylva, alheia ao esplendor do trono real. Fletcher a seguiu, o baque maçante de seus passos ecoando sobre o piso.

Eles não haviam sequer alcançado o meio do salão quando o som de dobradiças cortou o ar atrás deles, seguido pelo barulho de portas.

Fletcher virou-se, a mão procurando uma espada que não estava lá.

— Ora, ora — disse Rook, saindo das sombras. — Veja o que temos aqui, Zacarias. Uma elfa e um traidor, saindo para dar um passeio.



28

O vulto enorme de lorde Forsyth surgiu atrás do Inquisidor, balançando a juba leonina e revelando a orelha ausente. Nenhum deles usava máscara, porém ambos vestiam os pomposos uniformes de gala: Rook, uma batina de tecido escuro entremeada com fios de prata, e Zacarias, uma farda negra com borlas, ombreiras e botões dourados.

— Que tolíce a sua vir até aqui — disse Zacarias Forsyth, a voz grave e ribombante. — Quando meus filhos me contaram que havia uma elfa no baile... ora. Ficamos de olho em vocês. Não demoramos para deduzir quem eram e o que tinham em mente.

Ele deu um passo adiante, ficando sob a luz, e os restos cicatrizados da orelha davam à cabeça uma aparência assimétrica.

— Vocês têm coragem, isso não posso negar — disse, sorrindo para os dois. — Vieram atrás do cajado, eu suponho.

Ele indicou com a cabeça o objeto atrás deles.

— Roubá-lo não vai lhes trazer nenhum bem. A semente já foi plantada, e vocês colherão as consequências. Impedir alguns discursos não fará a menor diferença. Mas vocês não estarão por aqui para ver nada disso, mesmo.

Fletcher colocou as mãos atrás das costas e, lentamente, retirou as luvas das mãos. Os dois homens a sua frente eram magos de batalha dos melhores, e Zacarias, além disso, era um veterano experiente de uma guerra brutal. As chances eram mínimas.

OuvIU-se o som de algo se rasgando, e Fletcher, com o canto do olho, percebeu que Sylva estava rasgando o excesso de tecido do vestido. Em seguida, ela cortou a lateral da peça com a lâmina de seu punhal para liberar o movimento — e revelou o diário amarrado à coxa.

— O que é isso? — perguntou Rook, quando Sylva apanhou o livreto fino e recuou, escondendo-o depressa atrás de si.

Fletcher agitou a mão e formou um escudo de energia suficientemente amplo para proteger tanto ele quanto Sylva. Os dois homens, entretanto, simplesmente sorriram e ficaram encarando os dois por trás da barreira quase opaca.

Eles não entendiam que o que ele e Sylva queriam não era roubar o cajado, mas transmitir uma mensagem para o povo de Hominum. Ambos achavam que tinham todo o tempo do mundo.

— A questão é: matamos vocês aqui mesmo ou os prendemos e aguardamos seu julgamento e execução sumária? — perguntou Rook, pensativo. — Um julgamento poderia ser algo mais público e semear mais dissidências.

Sua voz era baixa: eles estavam perto do cajado agora, e suas palavras poderiam ser ouvidas em toda Hominum se falassem mais alto.

— Vamos matá-los aqui — respondeu Zacarias, agachando-se ligeiramente e afastando as mãos, preparado para um possível ataque. — Se prendermos a elfa, o tolo do Harold irá se intrometer para protegê-la e evitar uma guerra com os elfos. E, como sabemos, julgamentos são... imprevisíveis.

Fletcher ouviu o som de tecido quando Sylva removeu o pano de cima do cajado. Um brilho azul riscou o ar conforme ela fez um entalhe e invocou uma bola de fogo-fátuo branca, um feitiço raramente usado porque drenava muito mana. Os raios brilhantes lançaram uma longa sombra à frente de Fletcher cuja silhueta negra estendeu-se entre ele e seus inimigos.

— Sim, isso mesmo. — Zacarias riu. — Vire o cajado para cá, deixem o mundo ter uma visão clara. Quando os elfos nos virem matando sua preciosa princesa, teremos outra guerra... desta vez, uma de verdade. Os anões amanhã, e os elfos em seguida.

— E você vai encher seus bolsos com dinheiro manchado de sangue — disse Fletcher em voz baixa, com raiva.

— Se for sangue élfico ou anão, melhor ainda — retrucou Rook, com um sorriso cruel no rosto pálido.

Sylva começou a falar em voz baixa, murmurando algo logo acima da cabeça imóvel do Caruncho. Fletcher arriscou olhar para trás e a viu brandindo a carta de Zacarias diante dos olhos do demônio imobilizado, apontando com o dedo o brasão dos Forsyth gravado na parte inferior do papel.

— Pare com isso — disse Rook, dando um passo à frente. — O que você está dizendo?

Então os olhos de Zacharias se iluminaram ao reconhecer o papel através do escudo.

— Faça ela parar! — gritou ele, e de repente seus dedos marcaram o ar e o estrondo de um relâmpago cruzou o salão. O raio cortou e

rasgou a parede esbranquiçada do escudo cuja superfície quebrou, rachando como gelo em um lago.

Rook adicionou um vórtice de fogo no instante seguinte, e sua chama avolumada se chocou contra o escudo, dissolvendo sua superfície camada por camada.

— Depressa, Sylva! — gritou Fletcher, quando o escudo se desintegrou diante de seus olhos. — Mostre o diário!

Ele precisava convocar Ignácio, mas só conseguia emitir cada vez mais mana para o escudo, reforçando com faixas de luz branca os pontos onde ele ficara enfraquecido. Sua mão direita entalhou desesperadamente o símbolo de fogo no ar, mas, quando ele quase fixava o feitiço ao dedo, Rook e Zacarias formaram os próprios escudos ovais com as mãos livres.

Agora Sylva estava gritando, mas, antes de chegarem aos ouvidos de Fletcher, as palavras se perdiam no meio do ruído dos feitiços se chocando contra os escudos.

Fletcher lançou uma bola de fogo no ar em uma trajetória arqueada para que explodisse no escudo de Zacarias. A bola cascadeou em chamas em torno das bordas da barreira, chamuscando a roupa do nobre. Porém, os feitiços continuaram chocando-se sem trégua contra o escudo de Fletcher.

Ele sentiu seu mana escoando, e a consciência de Ignácio e Atena, desesperada por liberdade. Forçou-se a lançar uma última explosão de mana no escudo e depois deixou-o sem reforço. O escudo estremecia sem parar sob o ataque de raios azuis e chamas alaranjadas. A mente de Fletcher se retorceu conforme ele obrigou Ignácio a irromper pela mão.

Era mais difícil agora, pois o demônio estava bem maior e o pentagrama em sua mão era pequeno, mas, dali a alguns momentos, o Drake rugia a seu lado.

Os feitiços dos dois homens cessaram quando eles viram o Drake. Um pedaço do escudo caiu e se dissolveu no tapete vermelho, chamuscando-o. Tudo ficou em silêncio, exceto pelo chiado suave das fibras se queimando e o murmúrio da voz de Sylva, lendo outra página do diário de Jeffrey.

Rook e Zacharias deviam ter percebido que estavam em perigo: não estavam com seus couros de conjuração, e os demônios de Fletcher poderiam facilmente destruir seus escudos.

Fletcher aproveitou o intervalo para reforçar sua vacilante barreira. Exaurindo o restinho de mana que ainda havia dentro de si, adicionou uma camada reparadora na superfície fraturada. Ele já tinha começado aquele combate com pouco mana, pois suas reservas ainda não haviam se recuperado da temporada que passaram no éter, mas Rook e Zacarias não sabiam disso.

Agora, tudo o que ele precisava fazer era esperar que Sylva terminasse. Ele não sabia o que Cress e Otelo tinham feito, mas fosse o que fosse, dera certo: nenhum guarda chegara ainda.

— Por que você não vem me enfrentar, de homem para homem? — gritou Zacarias por trás do escudo. — Sem demônios, sem Rook. Somente eu e você.

— Sylva, quanto mais? — perguntou Fletcher por cima do ombro, ignorando o desafio.

— Mais alguns minutos! — gritou Sylva. — Preciso contar a eles o que aconteceu com Rufus.

Fletcher deu um sorriso azedo e se virou para seus oponentes. Encarou-os com, esperava, confiança e frieza.

— Você está assustado, Fletcher? — disse Rook. — O grande Fletcher Raleigh recebe a chance de duelar com seu pior inimigo de igual para igual, mas recusa. Eu sempre soube que você era um covarde.

Fletcher sabia que eles o provocavam, esperando que ele abaixasse o escudo e atacasse Zacarias irrefletidamente, perdendo vantagem defensiva.

— Um covarde e um tolo, que prefere confiar em anões e elfos em vez de nas pessoas da própria raça — vociferou Zacarias, avançando até ficar bem na frente do escudo de Fletcher, com o seu próprio, oval e pálido, ainda preso ao pulso. — Você é muito parecido com seu pai. Edmund foi um traidor da raça também. Sempre de visitinhas com os elfos, tentando estabelecer um comércio entre nossas nações.

Ele fez uma pausa, como se estivesse refletindo no que dizer em seguida.

— Mas essa não foi a única razão pela qual eu o traí — continuou, com a voz mais baixa, para que só Fletcher pudesse ouvir.

— O que você disse? — indagou o rapaz. Um arrepio correu pela nuca.

— Meu negócio de armas estava estagnado. Havia paz demais, entende? — Os olhos de Zacarias se prenderam aos de Fletcher, desejando que ele visse a verdade escondida ali. — Eu precisava de um catalisador. Então enviei aos orcs uma mensagem. Revelei a passagem secreta de Raleighshire, quando e onde deveriam atacar, tudo. Você não acreditaria com que perfeição tudo se encaixou: as terras de sua família, herdadas pela irmã de sua mãe, minha esposa. Uma guerra com os orcs, para alimentar meu negócio de armas. E a cereja no bolo: mais um traidor da raça morto. Esta noite terei de terminar o serviço. Nunca envie um orc para fazer o trabalho de um homem.

Ao fitar aqueles olhos frios e viperinos, Fletcher soube que tudo aquilo era verdade. Talvez sempre tivesse sabido, desde o momento

que Sir Caulder mencionara um “traidor” em seu julgamento — mas expulsara a informação da mente. Ele não tinha desejado pensar nisso, pensar que um homem poderia ser verdadeiramente assim tão malévolo. Ele não quisera entregar-se ao ódio.

Agora, porém, esse mesmo ódio começou a borbulhar dentro do peito, cáustico e quente. Zacarias precisava morrer. Se o plano desse certo, ele logo seria preso e ficaria longe do alcance de Fletcher para sempre. Nunca haveria uma chance como aquela novamente.

O escudo. Ele poderia reabsorvê-lo dentro de si mesmo e reabastecer seu estoque de mana. Seria o suficiente para uma investida única e poderosa.

Agora.

Fletcher rugiu, drenando a parede branca em um turbilhão de luz. Simultaneamente começou a atirar pelos dedos os três feitiços em um raio retorcido, que perfurou em espiral o escudo de Zacarias, numa chama de energia explosiva. O escudo oval se dividiu ao meio, como um ovo, explodindo em uma rajada de fragmentos rodopiantes que atiraram o nobre contra um pilar com um baque nauseante. Ele ficou caído no chão, flácido como um cadáver.

— Fletcher! — gritou Sylva, e o grito de triunfo de Fletcher morreu em seus lábios. Porque o escudo de Rook tinha desaparecido, e uma onda de fogo vinha rugindo pelo corredor.

Ignácio mergulhou para recebê-la, de asas estendidas. Não conseguiu.

O incêndio atingiu Fletcher como uma enchente, atirando-o para dentro dos recessos escuros da sala do trono. Ele deslizou pelo piso enquanto as chamas se espalhavam sobre ele, cegando-o com a luminosidade. Ele ouvia o rugido do inferno, sentia suas roupas enegrecerem-se e reduzirem-se a pó. O calor soprava quente, esaldante, contra sua pele.

Mas ele não sentia dor. Nenhuma agonia de sua carne sendo transformada em cinzas, nem o mau cheiro de cabelo pegando fogo. Ele apenas rolou o corpo de um lado para o outro, até o grosso das chamas deixar em frangalhos suas roupas. Ele se pôs de pé e bateu o fogo dos tecidos, piscando para afastar a fumaça dos olhos.

Rook estava parado, com o peito arfando graças ao esforço. Pelo tamanho da explosão que atirara Fletcher até o outro lado do salão, o Inquisidor devia ter investido todas as forças naquele ataque — até a última gota de mana. Mas, de alguma forma, Fletcher tinha saído praticamente ileso.

Uma bola translúcida de energia cinética atingiu Rook no peito, jogando-o contra o chão e mantendo-o imóvel ali. Sylva atravessou a sala, com uma fúria gélida no olhar.

— É melhor matarmos os dois — disse ela.

Seu dedo estava erguido, e um relâmpago crepitava a partir do símbolo fixado em sua ponta. Ignácio latiu em concordância, e seu peito largo ecoou o som de tal maneira que mais parecia o rugido de um leão que o latido de um cachorro. Uma rajada raivosa vinda da consciência de Atena confirmou sua opinião sobre o assunto. Os dois demônios estavam chocados com o quanto seu mestre flertara com a morte.

Fletcher se virou para o cajado de visualização, subitamente com receio de que as palavras da elfa pudessem ser ouvidas em todo Hominum, mas o artefato fora outra vez coberto com o pano pesado. Foi então que ele percebeu que tinham conseguido. Hominum ouvira a história; agora, a única coisa que podiam fazer era esperar.

Rook emitiu um som agudo e chiado do peito. Estava sem ar, mal se movendo quando Sylva inclinou-se sobre ele, o relâmpago estalando junto a seu rosto.

Fletcher cambaleou na direção dos dois. Sem saber por quê, o ódio que borbulhara dentro de si parecia ter diminuído ao ver os corpos caídos dos dois homens. Sua mente agora só pensava em como ainda estava vivo. O fogo devia tê-lo matado. Como tinha conseguido sobreviver?

— Não. — Fletcher tossiu, a garganta cheia da fumaça. — Se nós os matarmos, Hominum não terá mais ninguém em quem jogar a culpa, Harold não terá quem mandar para a prisão. O mundo precisa ver esses dois sendo condenados.

Entretanto, por um momento, ele ficou na dúvida se esse seria realmente o motivo, ou se não seria porque não desejava matar a sangue-frio dois homens indefesos. Fletcher gostaria de dizer que estava surpreso por Sylva parecer capaz de executar tal ato, porém o olhar da jovem eliminava qualquer dúvida.

Sylva usou o pano rasgado do vestido para amarrar as mãos e os pés de Zacarias e Rook enquanto Ignácio postava-se a seu lado, alerta. A boca de Rook foi amordaçada, porque ele começou a vociferar obscenidades aos dois assim que recuperou o fôlego. Depois que ambos estavam amarrados como frangos prestes a ir para o forno, Fletcher e Sylvia colocaram-nos sobre as costas do Drake e saíram pelas portas principais.

Fletcher tomou a liberdade de roubar as calças do inconsciente Zacarias, pois as suas tinham sido reduzidas a um monte de restos carbonizados. Sentiu uma satisfação sombria ao ver o quanto era ridículo ver aquele urso de um homem só de cuecas, as pernas brancas contrastando com o tom bronzeado dourado de seu rosto e antebraços.

— Venha — chamou Sylva, depois que Fletcher dobrara as barras da calça. — Vamos ver o que nos espera lá fora.

Os corredores estavam desertos. Da mesma forma, as escadas não mostravam nenhum sinal de agitação. Era como se o discurso não tivesse sido feito, e por um momento o coração de Fletcher começou a bater com força, com medo de que o plano não tivesse dado certo, de que Sylva tivesse feito as coisas de modo errado. Entretanto, quando eles abriram as portas do salão de banquete, o motivo de não ter havido nenhuma busca ou perseguição tornou-se evidente.

O fedor os atingiu em uma onda, e o que havia no estômago de Fletcher subiu até a garganta. Aquilo era o cheiro acre de vômito, tão pesado que quase dava para sentir seu gosto. Nobres, generais, convidados e até alguns servos estavam espalhados pelo salão, gemendo de desconforto. Os ocasionais engulhos e respingos grumosos revelaram a Fletcher exatamente o recurso para o qual Otelo e Cress haviam apelado.

Eles tinham pensado em vários planos: bloquear as lareiras para que a fumaça enchesse os cômodos, quebrar os canos para inundar os pisos, usar feitiços para produzir ruídos altos, até mesmo atear fogo nas sebes lá fora. Já esse plano... bem, tinha sido considerado arriscado demais. Estava na cara, porém, que Otelo e Cress haviam mudado de ideia.

A dupla batizara as bebidas: foram de fininho até as cozinhas e contaminaram tudo com *ayahuasca* — tradicionalmente associada aos xamãs orcs, que a bebiam para provocar vômitos e alucinações intensas. Já eram visíveis os sinais das últimas, pois alguns nobres tentavam alcançar as velas brilhantes acima com sorrisos idiotas nos rostos sujos de vômito. Fletcher sentiu um prazer perverso ao ver Bertie vagando pelo salão só de cueca, rindo sozinho.

Nem Sylva conseguiu conter o riso quando eles viram os gêmeos Forsyth deitados no chão, tentando delirantemente alcançar os lustres brilhantes do teto, a baba escorrendo pelas bochechas enquanto eles arrulhavam e sorriam como bestas. Tarquin deu um risinho e acenou quando o pai, sendo carregado, passou por eles.

— Bem feito para eles — disse Sylva, passando delicadamente por cima do braço estendido de Isadora. — O que eu não daria para ver a cara deles depois do amanhecer! Já estava mais que na hora.

— Somos dois. — Fletcher sorriu.

Não havia nenhum sinal de anões por ali; as serviçais deviam ter fugido com medo das consequências, e Otelo e Cress deviam tê-las acompanhado.

Fletcher correu os olhos pela sala e notou que vários dos mais importantes membros da nobreza não estavam mais ali, incluindo Alfric e Harold. Obviamente, deviam ter sido levados para algum lugar seguro pelos guardas. Mesmo com Ignácio e seus prisioneiros a reboque, eles puderam andar ao longo do corredor e descer as escadas

sem ganhar mais que um olhar demorado da parte dos guardas. Até mesmo os servos estavam ocupados demais cuidando das vítimas da bebida.

Aquela situação parecia inacreditável para Fletcher conforme eles saíam para o ar fresco, pisando o cascalho, sob a luz do luar. Formavam um quadro e tanto: Fletcher com as roupas semicarbonizadas e a calça toda dobrada, Sylva com o vestido rasgado, isso sem falar em Zacarias de pernas nuas no lombo do Drake.

No entanto, de alguma maneira, tinham conseguido dar o fora, sem perseguições ou alarmes.

— Nós conseguimos — disse ele, num fio de voz.

— É bem verdade — confirmou Sylva, calmamente. — Mas, e agora, o que vai ser?

Fletcher não sabia. Só Harold tinha feito planos para depois: mais uma vez, eles eram peões em um jogo muito maior. Ele sabia, porém, para onde precisavam ir.

— Ignácio, você acha que conseguiria levar nós quatro até o Bairro dos Anões? — perguntou Fletcher, pressionando a cabeça contra a do Drake. — Não fica longe.

O demônio ronronou e o cutucou com o nariz, em concordância. Fletcher e Sylva sentaram-se em seus ombros, sobre as costas de seus prisioneiros, e sorriram enquanto Rook rosnava através da mordança. Ignácio rugiu em triunfo, depois levantou voo e saiu em disparada pelos ares.

E, assim, eles sumiram noite adentro.



29

Eles pousaram ao lado da casa de Otelo sob o manto da escuridão, esperando até uma nuvem obscurecer a lua antes de aterrissar. As fogueiras de vigília dos Pinkertons em torno dos limites do Bairro dos Anões indicavam que, se presença fosse notada, provocaria um grande alarme.

No interior da enorme barraca, eles se reuniram com Cress, Otelo e Briss, que os receberam com aplausos. Então eles ficaram sabendo que Athol, Átila, Thaissa e Uhtred estavam escondidos nas cavernas situadas sob o Bairro dos Anões, preparando-se para o pior.

A celebração da missão bem-sucedida durou pouco, no entanto — os três anões imediatamente começaram a ficar receosos com a presença dos dois nobres em sua casa. Sequestrá-los jamais fora parte do plano. Agora, a única coisa que podiam fazer era enviar um recado para Harold através do Caruncho que o rei tinha deixado aos cuidados de Briss, esperando que ele soubesse o que fazer. Sendo assim, aguardaram em nervoso silêncio enquanto Ignácio mantinha as garras sobre a garganta dos prisioneiros para evitar qualquer movimento repentino.

Harold e seus homens chegaram uma hora depois, marchando como invasores pelo Bairro dos Anões até a casa de Otelo. Não eram Pinkertons nem Inquisidores, mas guardas reais, trajados com a tradicional farda composta de couraças peitorais, elmos com penas e piques. Somente a presença de Harold impediu que eles sacassem as armas quando os dez homens irromperam na casa.

— O que significa isso? — recriminou Otelo, enquanto os soldados encouraçados se aglomeravam na tenda, espalhando as almofadas para todos os lados com o pisar de seus pés.

— Estes são meus guarda-costas — disse Harold, levantando as mãos e dando um sorriso de desarmar qualquer um. — Não se preocupe, confio neles com minha própria vida.

— Não me importa se você confia neles ou não. Por que eles estão aqui? — inquiriu Otelio.

— Eles estão aqui apenas porque a maioria dos anões não sabe que sou seu aliado. Dadas as tensões atuais, eu não poderia simplesmente passear pelo bairro sem proteção adequada. Tecnicamente sou o rei de Hominum, afinal.

— Tudo bem, mas que seja rápido. — Otelio recuou, alisando a barba.

Ao ver Harold, Zacarias começou a gritar incoerentemente atrás da mordaca. Rook permaneceu em silêncio, olhando cheio de ódio nas pupilas negras.

Harold encarou a dupla por um instante e, em seguida, foi até eles e se inclinou a seu lado. Baixou o rosto até que ficasse a poucos centímetros do de Zacarias, tão perto quanto o de um amante.

— Isso mesmo — sussurrou. — Depois de todos esses anos, seu comportamento traiçoeiro será justamente recompensado.

O rosto de Zacarias ficou vermelho, e ele soltou grunhidos abafados, espirrando saliva para todos os lados enquanto lutava para se soltar das amarras. Harold se levantou e entalhou um símbolo no ar. Momentos depois, fios reluzentes, parecidos com os de um Arach, passaram pelas mãos e os pés da dupla e envolveram até seus dedos em uma teia apertada, de modo a impedir feitiços.

— Acho que é melhor vocês nos deixarem levar esses dois criminosos embora, antes que descubram que eles estão presos aqui e as pessoas interpretem isso errado, como um sinal das agressões dos anões.

— Ah, graças — disse Briss, agitando o véu de seu rosto com as mãos.

Harold fez sinal para os homens, que marcharam para a frente, depois amarraram piques entre os braços e as pernas dos nobres. Eles levantaram-nos como caçadores carregando um cervo em um poste, deixando o par balançando, impotente, no ar.

— Aqui, use isso para cobri-los — ofereceu Thaissa, apontando para um dos grandes tapetes a um canto da tenda. — Eles não serão reconhecidos sob esse pano.

— Cubram-nos e depois levem-nos para fora — ordenou Harold. Os homens correram para obedecer.

Momentos depois, estavam sozinhos na tenda, e a tensão tinha diminuído vários graus.

— O que aconteceu com você? — perguntou Harold a Fletcher, sua testa franzida ao ver os restos carbonizados da roupa do conjurador.

— Rook me atingiu com um feitiço de fogo — respondeu Fletcher, mas, ao dizer as palavras, achou aquilo difícil de acreditar. — Foi ruim. Mas... não me machucou.

Harold ergueu as sobrancelhas, então um sorriso vagaroso lhe tomou o rosto.

— Imune a veneno de Mantícora e fogo — disse, com uma risada. — Você é uma caixinha de surpresas, Fletcher Raleigh. Esse seu Drake deve ter-lhe dado algum tipo de proteção.

— Foi isso? — perguntou Sylva. — E eu que pensava que Fletcher tinha curado a si mesmo.

— Claro que não — disse Harold, balançando a cabeça com espanto. — Ele nunca poderia curar-se rápido o suficiente. Pense nisso: um conjurador que tem um Arach ou um Caruncho torna-se imune ao veneno de seu demônio. A imunidade de Fletcher ao fogo deve ser uma extensão desse fenômeno. Você é um jovem afortunado, Fletcher Raleigh.

Fletcher virou-se para Ignácio e sorriu ao ver que o demônio preguiçoso tinha adormecido ao lado da chaminé de metal quente que se estendia por dentro da escada em espiral, do centro da sala até o teto da tenda. Ele realmente tinha sorte.

— E agora, o que vai acontecer? — perguntou Cress, desinteressada na imunidade de Fletcher. — Deu certo? As pessoas nos ouviram?

O futuro de sua raça estava em jogo, e ela queria respostas.

— A maioria dos convidados se recuperou de seu... como dizer... *temperinho* nas bebidas — disse Harold. — Felizmente, os nobres mais importantes foram afastados dali por seus seguranças antes que pudessem passar por grandes constrangimentos. Devo admitir que ainda me sinto um pouco nauseado. Vocês bem que poderiam ter me avisado!

Ele piscou para Cress e Otelo para mostrar que não havia ressentimentos.

— A notícia de sua proclamação já se espalhou por toda a terra: até mesmo os convidados do banquete já estão a par de cada palavra do discurso de Sylva. Só amanhã saberemos se eles acreditaram ou não.

— Quer dizer então que tudo isso pode ter sido para nada? — perguntou Cress.

— Tudo o que sei é que Fletcher e Sylva me obrigaram a agir de um jeito que eu não planejava quando capturaram esses dois traidores — disse Harold, apontando para ambos por sobre o ombro. — Eu disse a meu pai que ordenei a prisão deles; daí o desaparecimento. Ele não ficou muito feliz com isso, mas as provas eram tão incriminadoras que aceitou prontamente. Fará qualquer coisa para evitar ser implicado nessa sordidez.

— Ora, isso é bom, não é? — insistiu Cress. — Nós ganhamos?

— Não é tão simples. — Harold suspirou, passando a mão pelo rosto. — Veja. Alfric ordenou que metade do exército se aglomere na cidade. No plano inicial, essa concentração serviria como preparação

para o anúncio de que ele suspenderia todos os direitos dos anões, de modo que pudessem esmagar os recrutas anões e todo o seu povo assim que começassem a se rebelar. Agora ele não pode mais fazer esse anúncio... é arriscado demais. Assim, ele declarou feriado nacional e organizou um desfile militar de última hora para comemorar o sucesso de sua missão e o resgate de lady Raleigh.

— Ótimo. Então, qual o problema? — perguntou Fletcher.

— Se o povo de Hominum acreditar no que Sylva disse, vão receber os recrutas anões de braços abertos. “Tudo está perdoado, nós erramos”, esse tipo de coisa. Alfric sabe que, se ele fizer o anúncio, vai ser um tiro pela culatra, porque as pessoas ficarão ainda mais ao lado dos anões. Mesmo se os anões iniciarem um tumulto, os soldados com certeza não vão enxergar isso como uma revolta e começar a matá-los.

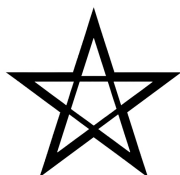
— Exatamente, esse era o plano, o tempo todo — concordou Fletcher.

Mas Harold não tinha terminado.

— Por outro lado, se, quando os recrutas dos anões chegarem, as pessoas e os soldados lhes derem uma recepção gélida, meu pai saberá que o ódio está tão enraizado que o povo ignorará a verdade. Então, ele fará o anúncio na mesma hora. Os Pinkertons invadirão as casas dos anões, os anões se rebelarão e os soldados serão instruídos a invadir o Bairro dos Anões e acabar com a “revolta”. Violentemente.

— Quer dizer que, mesmo depois de tudo o que fizemos, o futuro de minha espécie depende da recepção que as pessoas darão amanhã aos recrutas? — perguntou Otelo, com o rosto sombrio de raiva.

— Receio que sim — disse Harold.



30

Era estranho ver um céu tão brilhante e alegre em meio a tanta tensão. A primavera chegara cedo, e o dia estava anormalmente quente. Eles estavam na taverna da Bigorna, sentados na varanda, assistindo à marcha das pessoas abaixo. Otelo e Cress já não davam a mínima se fossem vistos, e Fletcher e Sylva se juntaram a eles depois de certa persuasão dos dois anões.

Na verdade, poucas pessoas olhavam para eles enquanto os soldados humanos desfilavam paramentados, as baionetas brilhando à luz do sol, os casacos vermelhos agitando-se à brisa quente. Nas calçadas, os cidadãos de Corcillum aplaudiam, agitando bandeiras e galhardetes, juntando-se à cantoria dos homens que entoavam hinos. O ritmo era dado pelos tocadores de tambor, garotos que não tinham mais que 13 anos e marchavam na linha de frente, orgulhosos em seus uniformes, ao lado dos soldados.

Até Otelo se pegou cantarolando aquelas canções alegres e precisou se controlar. O clima era alegre e animado, propício à chegada dos recrutas dos anões. No entanto, ao mesmo tempo, não havia a raiva que Fletcher temia ver, depois da revelação de que um dos nobres de Hominum estava bombardeando o próprio povo. Não havia nenhuma garantia do que iria acontecer naquele dia.

— Eles são tão jovens, não são? — disse Cress, inclinando-se para olhar melhor os soldados.

— Isso é porque são todos dos campos de recrutamento na fronteira élfica — respondeu Sylva. — Eles chegaram alguns dias antes dos anões, então ainda são muito inexperientes. Duvido de que algum deles já tenha visto um combate.

— Isso os torna mais ou menos propensos a receber bem os anões? — perguntou Fletcher, meio que para si mesmo.

Otelo considerou a pergunta por um momento.

— Bem, eles já vêm treinando com os recrutas anões há mais de um

ano, mas desde os ataques dos Bigornas as tensões entre eles são grandes: algumas discussões acaloradas aqui e ali, até mesmo uma briga ou outra. Alfric provavelmente não poderia arriscar-se levando até lá os veteranos das linhas de frente, portanto mandou esses rapazes. É uma boa coisa, eu acredito. Esses homens nunca mataram antes; duvido de que eles teriam estômago para matar mulheres e crianças. Provavelmente ele acha que eles são mais propensos a receber ordens, porém, sendo assim tão imaturos. Veremos.

Fletcher, entretanto, mal escutava. Houve uma comoção na estrada, e, por um momento, ele pensou que fossem os anões, mas então os recém-chegados apareceram e Fletcher não conseguiu conter um sorriso. Inclinou-se para ver melhor.

Dracons. A cavalaria dos magos de batalha, dezenas de homens e mulheres vestidos de azul, montados em demônios poderosos. Rápidos e mortais, sua reputação era lendária. E uma figura familiar, de cabelos escuros e na dianteira, tendo Sacarissa ao lado.

Arcturo estava montado em um Hipalectrion. O monstro era um dos mais belos demônios que Fletcher já vira. A metade da frente era de um cavalo, mas o focinho terminava em um bico amarelo afiado, e uma barbela vermelha substituía a crina na parte de trás de seu pescoço. Suas patas traseiras tinham garras como as de um galo, com afiadíssimos esporões que se flexionavam a cada passada. A cauda de penas de cores vivas estendia-se em uma mistura vibrante de vermelhos e verdes que combinava com a pele e a plumagem do corpo do demônio. Ele possuía as linhas elegantes de um cavalo, combinadas à beleza áspera de uma ave de rapina — era gracioso e mortal em igual medida.

— O que aconteceu com Bucéfalo? — perguntou Cress em voz alta.

— Ele agora é o demônio da capitã Lovett — respondeu Sylva, com uma pontada de culpa. — Depois que ela perdeu Lisandro, ele lhe deu Buck, para que ela pudesse voar novamente no Corpo Celeste e ele pudesse se juntar aos Dracons. Ela me contou isso quando eu ofereci para lhe devolver Lisandro quando voltamos a Vocans.

— E ela não aceitou sua oferta? — perguntou Otelô, surpreso. — Lovett adorava aquele Grifo.

— Pois é, eu estou em dívida com ela — disse Sylva, a culpa se aprofundamento no tom de voz.

O desfile de Dracons se aproximou, e Fletcher começou a ver os outros demônios montados pelos magos de batalha. Ficou evidente que os Hipalectrions eram os demônios mais populares naquela tropa de elite.

Ele viu Sleipnirs, cavalos musculosos com seis poderosas patas que os tornavam alguns dos demônios terrestres mais rápidos que existiam. E Musimons, demônios parecidos com enormes bodes

barbudos, que tinham dois pares de chifres, o menor enrolado e grosso, o outro longo e afiado como o de um touro.

Havia até mesmo um raro Kirin, que tinha aparência de cavalo e focinho reptiliano, um único chifre na testa, escamas verdes cintilantes como armadura para o corpo, e plumas de cabelo vermelho irrompendo da juba, da cauda e das pernas.

Ficou claro para Fletcher que todos os demônios ali eram projetados para velocidade e violência, ideais para as tropas de choque do império.

Cada mago de batalha usava uma armadura peitoral e um elmo com plumas, além de estar armado com um sabre de cavalaria: uma espada longa e curva capaz de golpear com eficiência brutal. Acompanhando as armas mortíferas havia carabinas curtas, uma em cada coldre aos quadris. Fletcher observou com inveja: as armas eram mais longas e mais precisas que pistolas, mas mais curtas e leves que mosquetes. Eram incríveis, mas impraticáveis para um soldado não montado como ele.

— Como podemos perder com eles do nosso lado? — disse Fletcher, sem tirar os olhos da temível cavalaria que desfilava lá embaixo.

— Os anões passarão por aqui? — perguntou Sylva.

— Não, marcharão pelo extremo norte de Corcillum, em direção à Praça Corwin — respondeu Otelo, a empolgação de ver os Dracons imediatamente sumindo do rosto ao pensar naquilo. — É lá que o desfile termina. Haverá uma cerimônia ali, um juramento de fidelidade ao rei da parte de todos os novos recrutas, anões incluídos.

— Será que eles jurarão? — perguntou Fletcher.

Otelo mastigou o lábio.

— Eles precisam jurar. — Foi sua única resposta.

— Seu pai não pode falar com eles, contar-lhes o que pode acontecer se não jurarem? — perguntou Fletcher.

— Se meu pai e os anciãos tivessem tal controle sobre nossos homens, então o discurso de Alfric não teria a menor importância — explicou Otelo, balançando a cabeça abatido. — Ele já foi falar com eles, mas ninguém quer discutir o assunto. Você não sabe como é, Fletcher. Centenas de anos de subjugação. Pinkertons nos matando e saindo impunes, nossas vidas governadas pelas leis de nossos opressores.

— Desculpe — murmurou Fletcher. — Eu não pensei...

— Esses jovens anões deixaram tudo isso de lado para terem uma chance de se tornarem cidadãos livres e iguais — interrompeu Otelo. — Eles suportaram as agruras da frente élfica, exercícios sem fim, marchas e as ordens ríspidas dos oficiais. E agora, quando finalmente tudo isso chega ao fim, podem receber a notícia de que foi tudo para nada? Que as velhas leis voltarão? E serem ordenados a ficar de lado

assistindo a nossas casas serem invadidas pelos Pinkertons?

OuvIU-se uma batida na porta atrás deles, e Briss apareceu na varanda.

— Athol acabou de enviar uma mensagem. Os anões chegaram — avisou ela. — Eles estão a uma milha de distância.

Cress suspirou e ficou de pé.

— Venha — chamou ela. — É melhor irmos à praça antes que fique lotada.

Então eles saíram apressados da taverna e abriram caminho pelas ruas lotadas. Mantiveram a cabeça baixa e usaram capuz, apesar do dia quente, para evitar serem reconhecidos.

Enquanto atravessavam as ruas apinhadas, Fletcher ficou maravilhado com o número de vendedores apresentando os produtos para as multidões. Homens e mulheres caminhavam com pratos de comida: o cheiro misturado de moluscos em conserva, geleia de enguias, tortas de carne e peixe frito permeava o ar. Outros vendiam *ginger ale* gelada e cerveja adocicada em copos de papel cujos restos já atulhavam as ruas, bolinhas brancas amassadas que eram pisoteadas por todos.

Felizmente para Fletcher e para os outros, as multidões estavam concentradas ao longo das vias principais do desfile, permitindo que eles cortassem caminho pelas ruas paralelas. Fletcher ficou espantado com a facilidade com que Otelo navegava pelos becos, cortando para a esquerda e para a direita a fim de evitar as avenidas, chegando até a atravessar o telhado baixo de um edifício abandonado para levá-los mais rápido à praça.

— Quase chegando — ofegou o anão, enquanto eles se espremiavam através de uma rua particularmente estreita.

O espaço entre os edifícios era tão pequeno que Fletcher poderia esticar os braços e colocar uma mão nas janelas de cada lado. Eles já conseguiam ouvir o barulho da multidão logo além, cantando o hino nacional de Hominum em estridente uníssono.

Alcançaram o que parecia ser um beco sem saída, mas Otelo sorriu para os rostos confusos de seus amigos e rumou para uma tábua de madeira encostada na parede. Atrás dela, um buraco grande o suficiente apenas para que passassem espremidos fora aberto na alvenaria.

— Quem já foi perseguido por muitos Pinkertons acaba conhecendo todos os atalhos. — Otelo deu uma piscadela. — Venham, antes que alguém perceba.

E, assim, eles emergiram na Praça Corwin.



31

A barulheira atingiu Fletcher como uma parede sólida. A praça era enorme, e milhares de pessoas estavam reunidas ali, cercando um cordão vermelho onde os soldados se concentravam em fileiras arrumadas. Esticando o pescoço, Fletcher registrou três das estradas da praça cheias de pessoas, deixando livre uma única via, através da qual os batalhões de soldados continuaram a marchar.

— Vamos encontrar um bom lugar! — gritou Sylva.

Sua voz mal era audível por sobre o canto das massas reunidas. Ela agarrou a mão de Fletcher e o arrastou através de uma lacuna na multidão. O rapaz, por sua vez, teve apenas tempo suficiente para pegar a manga de Cress antes que avançassem. Logo o mundo de Fletcher se viu cheio de cotovelos, pisões e xingamentos irritados enquanto eles lutavam para passar pelos corpos apinhados.

Enfim, de alguma forma, eles conseguiram passar. Suas barrigas ficaram pressionadas contra o cordão enquanto a quantidade de espectadores engrossava de todos os lados. Agora que tinha uma visão clara, Fletcher viu que fora levantada uma plataforma coberta com um teto ornamentado de lona no centro da praça, com uma estreita fila de guardas reais que cercavam a base. Sobre ela estavam duas figuras familiares, sentadas em tronos extravagantes. Alfric lançava um olhar gélido para as fileiras uniformizadas abaixo, enquanto no trono maior a seu lado estava o rei Harold, com um sorriso benevolente. Ele parecia calmo demais para o gosto de Fletcher. Teria ele esquecido o que uma rebelião de anões poderia significar para Hominum? Não estaria pensando nos milhares de vidas que se perderiam em ambos os lados, na vulnerabilidade do império com um exército dividido, combatendo uma guerra em duas frentes?

— Ele é um bom ator, não? — Sylva meio que gritou no ouvido de Fletcher, como se pudesse ler sua mente.

Fletcher torcia para que fosse o caso. Ele se encontrara com o rei

em somente três breves ocasiões, e agora o futuro da raça dos anões parecia residir na capacidade deste de manipular o pai déspota. Fletcher só esperava que sua confiança não fosse infundada. Quem saberia o jogo de Harold?

Apenas algumas das tropas adiante eram formadas pelos garotos sem barba que eles tinham visto da varanda. A aparência dos outros era mais desleixada, a maioria com camisas para fora da calça e barbas desgrenhadas. Enquanto os garotos ficavam eretos, em estado de sentido, aqueles homens se curvavam e cuspiam no chão; alguns, inclusive, davam tragos em cantis de bebida que levavam nos quadris.

Fletcher pensou que pudessem ser veteranos da linha de frente, mas os uniformes eram novos. Suspeitou que pudessem ser condenados recrutados nas prisões de Didric — assaltantes, ladrões, embusteiros e todo o resto dos indesejáveis a quem fora oferecida a liberdade em troca do alistamento.

Um viva animado chamou sua atenção para a entrada, e, por um momento, ele sentiu um raio de esperança de que fossem os anões chegando. Mas não, eram os Dracons, que vinham entrando na praça todos empertigados, com a mão direita encostada na testa em uma saudação ao rei.

Quando chegaram a seus lugares, até os demônios se ajoelharam em reverência, dobrando uma das pernas dianteiras e estendendo a outra em um gesto de subserviência. O efeito de suas fileiras disciplinadas foi apenas ligeiramente prejudicado pelos demônios menores, que acompanhavam seus mestres aleatoriamente ao lado das filas — em sua maioria Canídeos, Felídeos e Vulpídeos. Sacarissa estava entre eles, a grande língua rosada para fora, ofegando sob o calor do céu limpo e brilhante. Havia agora espaço na praça para apenas mais um regimento.

Então, como se tivessem recebido algum sinal, as pessoas aglomeradas caíram em silêncio. Porque, logo além dos Dracons, brilhando em meio à bruma de calor, os anões vinham marchando.

Mesmo a distância, Fletcher percebeu que seus uniformes e armamento eram diferentes. O reluzir do metal cintilava dos elmos arredondados e da cabeça dos machados de batalha carregados às costas. Eles também levavam mosquetes, embora fossem um pouco mais curtos, para combinar com sua altura, e não tivessem as baionetas fixas daqueles dos soldados humanos. O mais estranho de tudo eram suas roupas descombinadas — os casacos vermelhos que usavam sobre as camisas eram iguais, porém o resto das vestimentas era formada de roupas tradicionais dos anões, de couro pesado e tecido de lona.

O silêncio se manteve enquanto os anões em marcha se aproximavam. Os espectadores de cada lado não faziam nada além de

assistir, de vez em quando inclinando-se para sussurrar alguma coisa a alguém ao lado. Agora, Fletcher conseguia ver o suor nas testas dos anões, a exaustão em seus rostos. Esses homens haviam marchado de uma extremidade do Hominum à outra, para apresentarem-se ao rei e ao país. Será que se ajoelhariam, depois de tudo o que havia acontecido? Eles tinham se juntado ao exército antes dos ataques dos Bigornas, antes que o ódio se espalhasse, se tornasse lugar comum. Era um truque inteligente de Alfric, obrigá-los a se ajoelhar.

Fletcher olhou os rostos à volta. Muitos estavam inexpressivos; outros, solenes. Um homem semicerrava os olhos. Seria raiva em seus olhos... ou apenas o sol?

Apesar disso, os anões seguiram em frente. Agora Fletcher podia ouvir seus passos pesados, o tilintar do metal. A seu lado, a respiração de Otelio ficou espessa e acelerada. O silêncio era ensurdecedor. Seria a apatia da multidão o suficiente para que Alfric fizesse seu discurso?

Fletcher olhou para cima: o velho rei estava com o cajado, em cuja ponta destacava-se a carapaça preta do Caruncho. O demônio estava à mostra, encarando os anões que se aproximam. Toda Hominum estaria observando as coisas por seus olhos.

Os anões chegaram à praça. Ainda nenhuma reação da parte das multidões que assistiam além dos sussurros baixos que Fletcher não conseguia discernir. Então, os anões se postaram diante da plataforma, os olhos voltados diretamente para a frente. Harold se levantou do trono.

— Povo de Corcillum — começou ele, com uma voz anormalmente alta: estavam usando o feitiço amplificador. — Estamos reunidos aqui para prestar homenagem aos homens e mulheres que protegem nosso império das hordas selvagens reunidas logo além do horizonte.

Suas palavras ecoaram em torno da praça, o som interrompido apenas pelo barulho da lona agitando-se ao vento acima e pelo ruído de uma brisa suave.

— Em homenagem a seu sacrifício, vamos cantar o hino nacional. Banda, por favor!

Ao comando, os tambores e as caixas começaram a batida lenta e deliberada que abria a introdução daquela música antiga. Os sargentos sopraram seus cornetins, em geral usados para sinalizar ordens aos homens no calor da batalha. Em uníssono, os metais juntaram sua fanfarra à melodia.

Era uma música tão antiga quanto o próprio império e tinha sido cantada pelo primeiro governante da nação, o rei Corwin, com seus homens, enquanto seguiam rumo à batalha que expulsou os orcs de volta às selvas. O hino mais parecia um cântico curto que qualquer outra coisa, mas todas as garotas e garotos de Hominum o conheciam de cor.

Um arrepio percorreu o corpo de Fletcher quando ele olhou para o palco. Alfric sorria, exultante. Aquela era uma música cheia de história, manchada pela lembrança de quando os anões perderam sua pátria para os invasores humanos.

Alfric não achava que os anões a cantariam, nem sequer que conheceriam a letra. Tudo aquilo fazia parte de seu plano, e Harold fora obrigado a seguir com aquilo.

Alfric, porém, estava enganado.

*Ouçam-nos, inimigos, por terra ou mar,
Nossos rapazes marcharão
Até o inferno e depois voltarão
Para a luta vos levar*

Os anões cantavam em um barítono profundo, as vozes graves erguidas acima da recitação dispersa da multidão.

*Jamais nos verão vacilar
sem atender ao chamado do dever,
Nosso exército nenhum de vós poderá derrotar,
Para assistir a nossa bandeira tombar.*

Até mesmo o som de milhares de pessoas cantando juntas se perdeu em meio à gravidade do coro dos anões, tanto que muitas das vozes da multidão começaram a calar-se, envergonhadas pela própria falta de fervor.

*Trazei todos os seus soldados, por mar ou terra!
Sob o comando de nosso rei
Até o último suspiro lutaremos esta guerra!*

Os anões cantaram com toda a potência a estrofe final, as cabeças jogadas para trás, as vozes subindo com o crescendo das trombetas e tambores. Nem sequer os grosseiros soldados eram páreo para o timbre rico da voz.

Hominum, Hominum, Hom-in-uuuum!

Silêncio, pairando pesado no ar. O rosto dos anões estava soturno, e seus olhos, quase desafiadores quando fitaram as multidões. Aquele fora um gesto para mostrar ao povo de Corcillum que ninguém poderia duvidar de seu patriotismo.

Então veio um único viva. Um garotinho, sentado nos ombros do pai a poucos metros de Fletcher, bateu palmas e riu do espetáculo. Depois outro, e mais outro.

— Bravo! — gritou uma mulher na multidão.

A sucessão de aplausos se transformou em tumulto, acompanhado por gritos dos espectadores. Logo toda a praça estava soltando vivas, sem medo de serem os primeiros a reagir.

Nesse momento, os anões fizeram algo que Fletcher nunca pensou que fossem fazer. Um após o outro, eles se ajoelharam, de frente para a multidão. Com os joelhos apoiados no chão, levaram os punhos ao coração e baixaram a cabeça para as massas que os rodeavam. Era um juramento de lealdade... para eles. O povo.

Fletcher então soube o que deveria fazer. Ajoelhou-se, arrastando Otelo e Sylva consigo.

— O que você está fazendo? — berrou Cress, agachando-se ao lado deles.

— Confie em mim — disse Fletcher, torcendo para que estivesse certo.

Uma velha senhora foi a primeira a juntar-se a eles. Ela sorriu apologeticamente enquanto se apoiava no ombro de Fletcher para conseguir se abaixar e ajoelhou-se ao lado dele sobre os pedregulhos empoeirados. Um homem corado foi o segundo, meio hesitante, talvez mais desejando estar de pé do que demonstrando respeito aos anões. Porém mais pessoas se seguiram: a maioria sentava-se, porém muitas ajoelhavam-se como os anões. Foi como uma onda, enquanto fileira após fileira de pessoas instalava-se no chão.

Em questão de trinta segundos, não restava nem uma única pessoa de pé atrás do cordão de segurança. Os soldados, entretanto, continuaram onde estavam, com expressões nervosas, sem saber se deveriam seguir o exemplo.

A voz de Harold ecoou através da praça.

— Ajoelhem-se — ordenou.

Os homens responderam espontaneamente, e o metal de suas armas emitiu um clangor metálico quando elas raspavam no chão. O rei respirou fundo.

— Vocês juram lutar pelo rei e pelo país? Digam sim.

— Sim! — gritaram em uníssono todo homem, mulher e filho na praça, tomados de fervor patriótico, mas ninguém mais alto do que os anões.

— Juram defender essas terras com todas as fibras de seu ser e matar qualquer um que ameace sua segurança?

— Sim!

O sorriso de Harold brilhava por sobre a multidão, mas não era nada comparado ao olhar furioso de ódio negro lançado pelo velho rei

Alfric.

O rei Harold abriu bem os braços.

— Levantem-se, soldados de Hominum!



32

Houve celebrações naquela noite. A Taverna da Bigorna reabriu novamente as portas, com as tábuas que cobriam suas janelas empilhadas e queimadas na lareira, além de mesas bambas trazidas do porão e cobertas com comidas e cerveja.

A maioria dos convidados era formada pelos recrutas anões, que deram um jeito de escapar do acampamento nos arredores de Corcillum. Era difícil dizer quantos estavam apinhados ali, e Fletcher viu-se apertado ao lado de uma mesa baixa de anões morenos, resistindo à tentação de beber dos jarros de cerveja que eles lhe ofereciam generosamente de tanto em tanto.

Todos sabiam quem ele era, sabiam o que ele e seus amigos tinham feito pelos anões. Havia tantas canecas de cerveja a sua frente que não sabia o que fazer. Uhtred passara a maior parte dos últimos dias em profunda conversa com os recrutas: era ele o responsável pela performance dos anões naquele dia, embora a coisa toda tivesse sido quase por um triz.

Canções enânicas eram cantadas simultaneamente em diferentes cantos do salão, e cada grupo tentava abafar os outros em uma cacofonia de vozes graves. Sylva e Cress tinham sido adotadas por uma mesa oposta, e suas vozes doces trinavam acima de todas, para o encorajamento dos homens ao redor. Um instrumento estranho que parecia uma mistura de gaita de foles com trompete tocava uma melodia que, de alguma forma, conseguia ser a única canção que ninguém estava cantando.

Toda a família Thorsager estava ocupada atrás do balcão do bar. A reunião feliz entre Otelo e os membros masculinos da própria família fora rapidamente substituída pela necessidade de atender à enorme quantidade de clientes famintos. As comidas tradicionais dos anões vinham sendo trazidas da pequena cozinha nos fundos a uma velocidade impressionante, e desapareciam goela abaixo com a mesma

rapidez.

Fletcher estava competindo em condição de igualdade com os soldados famintos, entretanto, pois se deleitava com a variedade de alimentos e deliciosos sabores. Pães macios com castanhas e frutas eram arrancados aos nacos, um aperitivo para os montes de bolinhos ao vapor recheados com alho e carne de porco. Cestos de tubérculos fritos pareciam ser o prato que mais fazia sucesso — pastinaca, inhame e mandioca tinham sido cortados em fatias finas e temperados com sal grosso, e vinham à mesa douradinhos e ainda chiando.

Só agora Fletcher começava a se dar conta de que seus problemas imediatos podiam ter chegado ao fim, e, pela primeira vez em um longo período, ele se pegou pensando em Pelego, seu antigo lar. Mas Pelego tinha desaparecido. Berdon — era o velho ferreiro o verdadeiro lar de Fletcher.

Mas ele não tinha como saber onde estariam seu pai adotivo e os outros aldeões. A viagem de Pelego para Raleighshire era perigosa, patrulhada por bandidos e golpistas.

Ele já estava planejando fazer um voo de manhã para checar como estariam as estradas principais para a viagem. Ele havia percorrido o trajeto escondido em uma carroça de ovelhas que, até onde ele sabia, podia ter feito uma série de desvios na rota. Aquela jornada tinha levado duas semanas, mas a deles... bem, eles poderiam chegar a qualquer momento entre o minuto e o mês seguinte.

Foram esses pensamentos que percorriam sua mente quando as portas da taverna se abriram e homens encouraçados entraram, as lanças cruzadas em uma barreira sólida de madeira e aço.

O coração de Fletcher deu um pulso, mas ele logo relaxou quando viu Harold atrás deles, as mãos para cima e um sorriso apologético no rosto.

O ânimo do salão despencou mais rápido que uma bola de canhão ante aquela aparição, e Harold arrastou os pés com dificuldade até a miríade de rostos barbados que o encaravam. Começou o zumbido dos murmúrios.

— Rapazes, desculpem interromper — disse Harold, seu rosto ficando sombrio depois de conquistar a atenção do grupo. — Mas devo pedir-lhes para irem embora imediatamente.

O murmúrio se transformou em silêncio. Então:

— Ah, dê um tempo! — gemeu um dos anões mais inebriados. — Venha tomar uma bebida aqui com a gente.

Harold deu ao anão um sorriso forçado, mas poucos dos outros anões riram. Os anões sabiam que Harold era amigo de seu povo, mas a intrusão naquela noite não era bem-vinda. Fletcher percebeu que ele havia calculado mal a situação. No fundo, tinha dúvidas se os anões obedeceriam às ordens. Seria realmente para valer o juramento que

tinham feito poucas horas atrás?

— Uhtred — chamou Harold —, Fletcher, Otelo. Poderia ter uma palavrinha com vocês? Continuem por agora, rapazes.

Os três abriram caminho entre os anões e abaixaram-se para passar pelas lanças. O feitiço já fora rompido; a música parara, e murmúrios descontentes começaram a percorrer a sala.

— São os Pinkertons — murmurou Harold em voz baixa. — Eles ainda estão nos arredores do Bairro dos Anões. Meu pai não ordenou sua retirada.

— Por quê? — perguntou Otelo, as sobrancelhas franzidas. — Eles deveriam estar longe daqui a uma hora dessas.

— Depois do que viu hoje, ele... ficou furioso. Quando voltamos ao palácio, ele disse que talvez arriscasse seguir com o plano de qualquer maneira. Mesmo sem o apoio do povo nem dos soldados, ele está pensando em mandar os Pinkertons invadirem as casas dos anões, achando que isso será o bastante para provocar um levante, especialmente se os Pinkertons *perturbarem um pouco as mulheres*. Palavras dele.

— Mas, se ele ordenasse isso agora, seria visto como um monstro — grunhiu Uhtred, olhando por cima do ombro para ter certeza de que os outros anões não conseguiam ouvi-lo. — Foi por isso que ele não fez o discurso hoje: as pessoas se voltariam contra ele, e ele perderia todo o poder.

— Bem, se os anões não resistirem e começarem a lutar contra os Pinkertons, claro, é verdade, mas, se resistirem, ele terá uma rebelião nas mãos, que poderá reprimir com o máximo de violência possível. Eu o convenci de que não há nenhuma chance de isso acontecer, então, por enquanto, estamos ganhando tempo. Mas, se ele descobrir que há uns cem anões bêbados numa taverna da estrada, ele vai arriscar. Precisamos tirar todo mundo daqui. Agora!

Uhtred fechou os olhos e apertou os punhos.

— Não importa o que façamos, sempre há algo mais, alguma nova ameaça — disse, com a voz estrangulada pela emoção. — E se não tivermos sorte na próxima vez? O que vai ser então?

— Vamos discutir isso daqui a pouco. Agora preciso que você retire esses homens daqui antes que algo ruim aconteça.

Uhtred se virou e voltou a cruzar as lanças cruzadas dos guardas reais. Subiu em uma mesa e se dirigiu à multidão:

— A taverna está fechada. Todo mundo para fora. Levem tanta comida quanto conseguirem carregar, mas deixem a cerveja. Athol, Átila, Cress, Thaissa... certifiquem-se de que todo mundo está indo direto para o acampamento. Sem exceções.



33

Eram seis na taverna, em torno de uma mesa ao lado das brasas cintilantes do fogo moribundo: Fletcher, Sylva e Harold sentados em frente a Otelo e seus pais. Até mesmo os guardas reais tinham sido mandados para fora, formando uma barreira ao redor da entrada.

— Tenho notícias para dar — disse Harold —, e sinto muito por dizer que não são boas.

— Bem, desembuche logo, então — interrompeu Uhtred, segurando com força a mesa com as mãos grandes. Ele obviamente estava com muita raiva dos Pinkertons, de como estavam ali tão perto, mesmo depois de tudo aquilo.

— É sobre lorde Forsyth e o inquisidor Rook. A prisão fica em Pelego.

Uhtred soltou um profundo suspiro e fechou os olhos.

— Não entendo — disse Fletcher — Pelego se transformou em um lugar terrível, disse eu sei.

— Não para eles — grunhiu Uhtred. — Certo, Harold?

Harold assentiu, relutante.

— Meu pai acertou tudo com Didric no início do dia de hoje. Eles estão neste exato momento em seu castelinho novo, com quartos luxuosos e servos por todos os lados. Nós ferimos sua posição, tirando-lhes a liberdade, mas não haverá nenhum julgamento público nem execução. Os dois devem ser soltos daqui a um ou dois anos, depois que a poeira baixar.

O coração de Fletcher se entristeceu ao ouvir aquela notícia. Mesmo apanhados com a boca na botija, a dupla conseguia escapar da punição. Não havia justiça para os ricos e poderosos?

— Você não tem nenhum poder de decisão nisso? — perguntou Briss, desafiadoramente.

— Não o suficiente para ir contra meu pai — disse Harold, passando uma das mãos pelo cabelo. — Ele ainda pensa que estamos

do mesmo lado e não percebe que eu estou sabendo sobre seu envolvimento nos bombardeios. Por sorte ele entende que estou com raiva de Forsyth e Rook, assim como os plebeus, então não me pressionou para perdôá-los. Mas ele nunca deixaria seus aliados mais próximos apodrecerem em uma cela.

Agora, foi a vez de Briss suspirar.

— Bem, pelo menos isso já é alguma coisa.

Houve silêncio por um momento, quebrado apenas pelo estalar das chamas na lareira. Então Uhtred falou.

— Nós não podemos viver na ponta da faca, sempre a um passo de distância da extinção. Esses dois vão conspirar nas sombras, esperando apenas a próxima chance. E quanto a seu pai...

Ele hesitou.

— Já pensou em... removê-lo da jogada?

Harold soltou uma risada amarga.

— Você quer dizer matá-lo? Por mais que me doa admitir, essa ideia já me ocorreu. Infelizmente, meu pai tomou precauções contra ataques súbitos. Você está familiarizado com o feitiço de barreira?

— Sim, vocês usam isso durante os torneios da Vocans, certo? — respondeu Uhtred.

— Isso mesmo. Bem, esse mesmo feitiço é companheiro constante de meu pai, uma barreira invisível que o protege em todos os momentos.

Ele apontou para fora, onde Fletcher viu os contornos das lanças dos homens de Harold pelas janelas.

— Enquanto meus guarda-costas são apenas homens bem treinados, os de meu pai são todos magos de batalha da Inquisição, que mantêm o feitiço atuante noite e dia. Claro que um ataque suficientemente poderoso poderia rompê-lo, e um demônio conseguiria penetrá-lo com relativa facilidade, tal como faria com um feitiço de escudo, mas isso dificulta que alguém que não seja um conjurador consiga matá-lo. Nem bala nem espada conseguiriam chegar perto.

— Mas *nós* poderíamos — disse Fletcher, as palavras saindo de sua boca sem ele pensar.

Ele sentiu uma súbita pontada de culpa. Eles estavam discutindo um assassinato a sangue-frio... do pai de Harold, nada menos. Era o tipo de coisa que seus inimigos fariam.

— Lamento, mas não acredito que possam — retrucou Harold, balançando a cabeça. — Quatro jovens magos de batalha contra dez Inquisidores treinados e o conjurador mais poderoso de toda Hominum? Isso nunca daria certo.

— Perdão, mas por que *você mesmo* não o mata? — perguntou Sylva. — Vocês dois têm níveis altos de conjuração bastante parecidos, se é que os rumores são verdadeiros.

— Pode imaginar a turbulência em que o império seria atirado depois disso? Se as pessoas descobrirem que eu cometi parricídio sem nenhuma razão aparente? — criticou Harold, irritado, como se estivesse afirmando o óbvio. — Com os Inquisidores protegendo-o noite e dia... Não seria uma batalha silenciosa, ainda que eu pudesse vencer. E desconfio que depois dela o palácio teria sido reduzido a uma pilha de ruínas fumegantes.

Então, ele respirou fundo e seus olhos voltaram-se para seu colo.

— E, para falar a verdade, eu não acho que seria capaz de fazê-lo.

O silêncio caiu sobre eles mais uma vez, e Fletcher sentiu uma sensação de alívio. Alfric era um monstro, mas de alguma forma conspirar seu assassinato lhe dava calafrios.

— Isso não pode continuar — disse Sylva, quebrando o silêncio. — O povo anão não está seguro em Corcillum. Tudo o que fizemos foi ganhar tempo, até o próximo estratagema.

— Se existe uma hora ideal para tentar um movimento ousado, é agora — disse Thaissa.

Harold assentiu, sombriamente. De repente ele se levantou e se aproximou do fogo. Por um momento, ficou olhando para as chamas, a testa enrugada em concentração.

— Sim... — falou para si mesmo. — Pode funcionar!

Ele se virou e olhou para Fletcher, com as bordas de seus olhos contraídas numa expressão que Fletcher pensou que pudesse ser de divertimento.

— Acho que tenho uma ideia — avisou Harold, voltando para a mesa e sentando-se depressa por causa da empolgação. — Uma que nunca foi viável antes. Agora, com Fletcher aqui... não é perfeita nem resolve todos os nossos problemas, mas é a única coisa em que consigo pensar.

— E o que é? — perguntou Fletcher, confuso.

Harold se inclinou para a frente e entrelaçou os dedos em um V para cima.

— Raleighshire. Os anões poderiam se reassentar lá.

Então, a compreensão se espalhou pelo rosto de Fletcher. Claro. Nenhum nobre permitiria que os anões vivessem em suas terras, e as terras de Serafim no deserto eram compostas de areias quentes que se deslocavam continuamente, um lugar quase impossível para se construir lares anões.

Mas Raleighshire pertencia a ele — o rei o doara para que servisse como uma herança de seus pais, e ele podia fazer o que bem entendesse com as terras. Ele já estava reassentando o povo de Pelego ali... por que não os anões?

Enquanto ele abria a boca para concordar, Uhtred balançou a

cabeça e o interrompeu.

— Nossos negócios estão aqui. Nossas oficinas, nossos amigos, nossos lares. Tudo. Você quer que deixemos tudo para trás a fim de viver na região selvagem?

— Sem querer ofender, Fletcher — disse Briss depressa, apertando o braço do marido em reprimenda.

Fletcher levantou as mãos e deu um sorriso forçado.

— Ofensa nenhuma.

O medo repentino de tentar transferir os cidadãos de Pelego para aquele lugar desconhecido borbulhou quando ele ouviu as palavras de Uhtred, mas Fletcher obrigou-se a deixá-lo de lado. Aquela discussão era mais importante.

— Não me refiro a todos os anões — disse Harold. — Estou pensando em uma colônia. De jovens homens e mulheres, aqueles que ainda não criaram raízes.

— Que bem isso faria? — perguntou Otelo.

— Desse modo, sua espécie inteira não estaria limitada a um só lugar — explicou Harold. — Isso diminuiria o risco. Alguns de vocês ficariam bem longe dos Pinkertons e do exército.

— Você fala como se isso fosse uma equação matemática — disse Uhtred. — Estas pessoas são reais, Harold. Mães, pais, filhos.

— Há outro motivo — interveio Harold, ignorando a recriminação de Uhtred. — Se algo assim acontecesse novamente, vocês teriam onde se refugiar ao primeiro sinal de problemas. Vocês poderiam desaparecer pelos túneis sem Alfric saber, e ir até Raleighshire, que fica a apenas um dia, mais ou menos, a pé, e ainda mais rápido se forem com seus javalis e carroças. Vocês poderiam chegar antes mesmo de alguém perceber que saíram.

Uhtred alisou a barba, recostando-se e fechando os olhos ao fazê-lo.

— Fletcher estaria aberto a essa sugestão? — perguntou Briss, voltando o seu rosto velado para o rapaz. — Ele pode não querer a gente lá: é a terra dele. E as pessoas de Pelego talvez não gostem da ideia de compartilhar seu novo lar com um monte de anões. O povo de Corcillum nos aceitou, mas os humanos de uma aldeia rural como Pelego podem ser mais... resistentes.

— Se eles forem parecidos com Fletcher — disse Otelo, sorrindo — não devemos ter nenhum problema.

— E se eles forem como Didric, Calista ou Jakov? — perguntou Fletcher, com o coração pesado.

A ideia de um possível conflito entre os anões e o povo de Pelego não lhe passara pela cabeça até então. Lidar com o pequeno grupo de refugiados já seria uma tarefa bastante difícil sem anões no pacote.

— Fletcher, você precisará de mais que os restos empobrecidos da população de Pelego para reviver Raleighshire — lembrou-lhe Harold, afastando as preocupações de Briss.

— Ninguém ainda concordou com nada disso — disse Uhtred, ainda de olhos fechados.

Harold levantou as mãos, frustrado, e ficou de pé mais uma vez. Caminhou até a lareira para controlar a irritação.

Finalmente, Uhtred suspirou e se inclinou para a frente antes de espalhar suas grandes mãos sobre a mesa.

— Se aceitarmos, não vou obrigar ninguém. Só irão voluntários — disse ele, olhando nos olhos de Fletcher. — E faremos tudo de forma justa. Fletcher será devidamente compensado por permitir que nos instalemos em suas terras.

— Isso é entre você e ele — disse Harold, levantando as mãos. A atitude de Uhtred mudara. Ele estava empertigado, e sua voz tinha agora um tom de negócios.

— Você vai precisar de suprimentos para reconstruir Raleighshire — disse o anão. — Dinheiro, mão de obra, materiais. Nesse momento, você tem muito pouco dessas três coisas. Sabendo disso, podemos fornecer-lhe a última: alimentos, ferramentas, gado, transporte, tudo de que precisa para começar uma nova vida. Mas, em troca, precisaremos de mais que o simples arrendamento das terras.

— Pai... — Otelô começou a dizer.

Uhtred ergueu a mão, silenciando o filho.

— Serafim foi o primeiro a sugerir isso quando você estava na prisão, Fletcher. Trazer um terceiro sócio para nossa empreitada. Um sócio com terras, terras de verdade, não as dunas estéreis do pai. Onde existem bens a que nós, anões, e os Pasha não temos acesso, como madeira, ferro, lã. No momento, pagamos um preço exorbitante por essas matérias-primas. Isso está acabando com nossos negócios.

— Mas ninguém se arriscaria a ir contra o Triunvirato — interveio Briss. — Até a família da capitã Lovett se recusou a nos apoiar nisso.

— Bem, o que você está sugerindo? — perguntou Fletcher, a mente em disparada. Como tinham chegado a isso? Em um momento estavam comemorando seu sucesso, no seguinte ele estava negociando um acordo comercial.

— Uma parceria igualitária entre os anões, os Pasha e você — disse Uhtred. — Nosso próprio Triunvirato, por assim dizer.

Fletcher sentiu o suor escorrer pela testa. Não era assim que ele havia imaginado o fim da noite.

— E como isso funcionaria? — perguntou Fletcher. — Como seria igualitário, se estamos entrando com coisas diferentes?

— Os detalhes podem ser definidos mais tarde — disse Uhtred. — Mas garantiremos que ninguém esteja fornecendo mais que a sua justa

parte. Pode confiar em nós.

Era tudo tão abstrato. Explorar uma terra que ele nunca vira antes, com um negócio que ele mal entendia. Entretanto, ele precisava de toda a ajuda que pudesse obter. Lembrou-se das choupanas em que as pessoas de Pelego tinham vivido antes. Por acaso o assentamento em Raleighshire seria melhor, sem a ajuda dos anões?

Fletcher se virou para Otelo.

— O que acha? — perguntou. Se alguém sabia os prós e os contras da proposta de Uhtred, esse alguém era o amigo.

Porém, Otelo parecia em pânico, dividido entre a família e a amizade.

— Acho que... você é quem sabe — respondeu ele, cheio de dedos. — É uma grande decisão. Só posso prometer que seremos fiéis a nossa palavra.

Fletcher sentiu medo. De alguma forma, a pressão daquela decisão era muito maior que a de quando arriscara a vida no éter. Ele queria que Berdon estivesse lá, para aconselhá-lo, mas aquele era um fardo que ele devia carregar sozinho.

— Cinquenta anões, no máximo — disse Fletcher, depois de refletir por um instante. — Pelo menos para começar. Para que eles não superem meu próprio povo em número.

— De acordo — concordou Uhtred.

— Meu povo vai precisar de acomodações quando chegar a Corcillum, antes de fazer a viagem até Raleighshire, e de suprimentos preparados para eles. Vocês poderiam providenciar isso?

— Sim — respondeu Uhtred, apontando para a escada atrás de si. — Esta taverna tem quinze quartos, e o resto das pessoas pode usar a área deste bar e o porão. Vou mandar Athol providenciar roupa de cama extra.

— E eles chegarão amanhã — disse Harold, afastando-se do fogo. — Sir Caulder mandou avisar. Tomei a liberdade de pedir que nos encontrassem em frente à taverna, já que é onde vocês estão hospedados.

Fletcher não conteve um sorriso ao ouvir as notícias. O curto período de tempo que ele e Berdon passaram juntos depois de ele ter sido solto fora fugaz; ele não se dera conta do quanto sentira saudades do rústico ferreiro até aquele momento. Por um segundo, Fletcher sentiu um nó na garganta, e lágrimas fizeram arder seus olhos. Ele as reprimiu e se levantou.

— Certo, então — disse ele, estendendo a mão. — Parceiros igualitários.

O rosto barbudo de Uhtred abriu-se em um sorriso. Ele ignorou a mão de Fletcher e o enlaçou em um apertado abraço de urso. Fletcher

deu-lhe tapinhas nas costas freneticamente, sem fôlego.

— Você é da família agora — comentou Thaissa, com um sorriso, quando Uhtred o soltou.

— Como se ele não já não fosse! — rebateu Otel, rindo. Ele segurou a mão de Fletcher, que estremeceu de dor com o poderoso aperto do anão.

— Parabéns — felicitou Sylva, sorrindo. E lhe deu um beijo rápido na bochecha.

— Bem, essa parte está resolvida então — disse Thaissa. — Harold, você tem mais notícias ruins ou podemos relaxar agora?

— Agora eu tenho boas notícias, na verdade — disse Harold, e a sugestão de um sorriso apareceu de repente em seus lábios. — Para três de vocês, pelo menos, e Cress, quando ela retornar. Acreditem ou não, eu trouxe um presente.

O rei trazia consigo um alforje de couro, deixado por um dos guarda-costas antes de ele sair. Agora, Harold a levantou com um estremecimento — o alforje era mais pesado do que parecia. Ele tilintou quando Harold o colocou sobre a mesa.

— Seus ganhos pela missão. Mil e quinhentos soberanos de ouro, por destruir os ovos dos goblins e resgatar lady Cav... ou melhor, lady Raleigh.

— Eu tinha me esquecido disso — disse Sylva, olhando para a bolsa com assombro. O topo estava aberto, e pesadas moedas de ouro brilhavam ali dentro.

— É o bastante para cada um de vocês contratar um pequeno exército — disse Harold, com um sorriso. — Falando nisso, é outra coisa que eu vim aqui discutir.

Ele se virou para Fletcher, e o sorriso em seu rosto diminuiu um pouco.

— Fletcher, você é agora um nobre, com terras próprias. Legalmente, você tem a responsabilidade de proteger tais terras. Até pouco tempo, lorde Forsyth era o dono de Raleighshire e defendeu suas fronteiras dos orcs com os próprios homens, um grupo de guerreiros acampados no antigo desfiladeiro da montanha. Em breve, você terá de os substituir.

— Em breve quando? — perguntou Fletcher, sentindo o peso da responsabilidade descer subitamente sobre os seus ombros mais uma vez.

— Eu não sei — disse Harold. — Mas será daqui a no máximo alguns meses, antes que lorde Forsyth os chame de volta. Agora você tem recursos para isso, pelo menos. Enviei esta manhã para os quartéis principais de Corcillum a mensagem de que você precisará de homens. Devem aparecer alguns voluntários amanhã. Dependerá de você contratá-los, treiná-los e equipá-los.

Fletcher tentou não pensar nas muitas tarefas que teria pela frente. Ele nem sabia por onde começar.

Harold lhe deu um tapinha no ombro e um sorriso de desculpas. Fletcher se obrigou a sorrir de volta. O rei tinha um dom de virar sua vida de cabeça para baixo sempre que aparecia.

— Agora, vocês devem descansar um pouco — aconselhou Harold, unindo as mãos em palma. — Amanhã será um novo dia.



34

Eles pareciam mendigos. As roupas mal passavam de trapos, seus pertences vinham empurrados em carrinhos de mão caindo aos pedaços e trenós improvisados que chacoalhavam pelas ruas de paralelepípedos de Corcillum. Fletcher mal reconhecia os homens e as mulheres caídos de exaustão ao lado da taverna.

Então ele o viu. Berdon. A cabeça e os ombros se sobressaíam na multidão, bem como seus longos cabelos vermelhos e a barba emaranhada. Ele vinha carregando duas crianças nas costas, arrastando o maior dos carrinhos atrás de si, mas ainda conservava o porte altivo e orgulhoso.

Ele mal teve tempo de colocar as crianças no chão antes que os braços de Fletcher o envolvessem e o rapaz enterrasse o rosto em seu ombro. Sob a camisa, Fletcher conseguiu sentir as costelas do ferreiro. A viagem não tinha sido fácil para seu pai adotivo.

— Calma aí, filho — pediu Berdon, segurando o rosto de Fletcher em suas mãos grandes e sorrindo para ele. — Bom te ver.

— Eu pensei que *eu* é que tinha sofrido com as guerras — disse Fletcher, sorrindo por entre as lágrimas. — Mas parece que foi pior para você.

— Ah, não sei, não — disse Berdon, limpando os próprios olhos. — Observamos cada minuto dessa sua missão. Aqueles orcs e goblins fizeram os salteadores das estradas parecerem uns fracotes.

— Salteadores? — perguntou Fletcher, olhando para o grupo e subitamente se dando conta de que seus números estavam muito mais baixos do que ele se recordava.

— Alguém se machucou?

— Não com Sir Caulder por perto. — Berdon deu uma piscadela, apontando por sobre o ombro com as sobrancelhas espessas.

Fletcher olhou naquela direção e viu o velho mal-humorado andando até eles, ainda magro como um ancinho, mas aparentemente

inteiro. As crianças imitavam seu andar inclinado, e ele fingiu que lhes dava um golpe com o gancho, fazendo com que saíssem aos gritinhos em busca dos pais. Ele sorriu e deu um tapinha nas costas de Fletcher com a mão boa.

— Olá, rapaz; que bom ver que está inteiro. Mais que eu, se poderia dizer, da última vez que lutei contra eles, não é, garoto? — Ele bateu de leve na perna de pau com o gancho.

— Tenho certeza de que há alguns orcs por aí sem um braço ou uma perna graças a você — respondeu Fletcher, com um sorriso.

O povo de Pelego já estava sendo recebido na taverna, onde a família Thorsager os esperava com comida quente e roupas limpas. Fletcher vislumbrou Janet, a curtidora de couro que fora porta-voz de Pelego na época que eles foram expulsos pelos homens de Didric. Ela ignorou a saudação de Thaissa e entrou na taverna sem olhar duas vezes. Fletcher fez cara feia ao observar esse comportamento, mas atribuiu aquilo ao cansaço da longa jornada.

— Certo. Onde estão esses recrutas de que Harold me contou? — grunhiu Sir Caulder, apertando os olhos. — Sua mensagem dizia que haveria uma bela quantidade deles para eu colocar em forma. Eles deviam estar aqui, ajudando a gente a ordenar esta bagagem!

— Ainda não fomos buscá-los — respondeu Fletcher. — Eles estão no quartel, a poucas ruas de distância. Embora, com toda honestidade, não tenho certeza se algum vai dar as caras.

— A gente descobre — disse rispidamente Sir Caulder. — Poderíamos usar alguns rapazes para ajudar a dar um jeito nessa bagunça. Bem, vamos lá, deixem de enrolação.

Berdon riu com a expressão de incredulidade de Fletcher e deu-lhe um suave empurrão.

— Pode ir, filho. Já estive nesta taverna antes, e tenha certeza de que vou garantir que todo mundo fique bem acomodado.

Fletcher olhou fixamente para Berdon.

— O que foi, você não sabia? — O ferreiro riu. — Enquanto você estava na prisão, os Thorsager e eu estávamos ocupados peticionando seu julgamento para o rei, esqueceu? Uhtred e eu passamos muitas noites aqui, chorando as pitangas sobre canecas de cerveja. Claro, isso foi antes dos ataques dos Bigornas e da taverna fechar.

Fletcher sentiu uma pontada de vergonha. Ele sabia muito pouco da vida de Berdon agora.

— Tudo bem — aquiesceu, enfim, balançando a cabeça com uma leve descrença. — Mas diga a Uhtred que vou precisar dos transportes e de nossos anões voluntários prontos para partir assim que amanhecer.

— Voluntários? — perguntou Berdon.

— Uhtred vai lhe explicar — murmurou Fletcher, sem vontade de falar mais nada.

Não importava como ele contasse a novidade: era improvável que as pessoas de Pelego ficassem felizes por compartilhar seu novo lar com estranhos, especialmente com pessoas que, até pouco tempo atrás, tinham sido caluniadas como anarquistas e assassinos. Ele adiaría dar a notícia o quanto fosse possível.

— Tudo bem — disse Berdon, com as sobrancelhas franzidas. — É melhor você continuar antes de Janet vir acostrar você. Ela está duvidando da decisão desde que deixamos aquelas malditas montanhas.

Fletcher deu a Berdon outro abraço rápido e depois se apressou a ir embora, com Sir Caulder a reboque.

Os quartéis ficavam a cinco minutos a pé da taverna da Bigorna. No caminho, Sir Caulder foi presenteando Fletcher com histórias da jornada a partir de Pelego; de lobos montanhesees famintos que rondavam o grupo a brigadas de saqueadores que subestimavam a preparação daquele intrépido bando.

Seus números haviam diminuído de cerca de oitenta para sessenta pessoas; quem tinha debandado era principalmente famílias com crianças pequenas, que iam buscar trabalho nas cidades pelas quais passavam. Mas a confiança de Berdon no filho tinha mantido a maior parte do grupo unida. Ao ouvir cada história, o coração de Fletcher se desesperançava cada vez mais. Ele só esperava poder fazer jus àquela confiança.

O quartel era um complexo que ocupava uma rua inteira, com uma paliçada em torno. Por cima das estacas de madeira, dava para avistar as fortificações militares com aberturas para disparos e sentinelas vigiando nas torres a cada canto. Era uma fortaleza dentro da cidade, e Fletcher se sentiu deslocado quando eles passaram por batalhões de soldados pelos portões abertos.

Viram-se na beira de um pátio, com mais fortificações em cada um dos lados. Havia um único ocupante no centro — um homem idoso com um nariz longo e adunco, sobre o qual estava apoiado um par de óculos dourados. Estava sentado diante de uma ampla mesa atulhada de livros de contabilidade, muito ocupado rabiscando qualquer coisa com uma pena.

— Adiantem-se! — vociferou ele, sem levantar os olhos dos livros.

Assustado, Fletcher obedeceu, parando diante da mesa do homem, como um aluno malcriado. Sir Caulder foi atrás com passos pesados e um ar de perplexidade no rosto.

— Lorde Raleigh, eu presumo — falou o homem com voz guinchada, ainda rabiscando com a pena.

— Isso mesmo — respondeu Fletcher. Estavam esperando por ele? Talvez Harold tivesse enviado um mensageiro.

O homem suspirou.

— Squeems! — gritou ele, fazendo Fletcher se sobressaltar.

Uma porta se abriu na construção atrás deles, e um jovem rapaz de uniforme vermelho e quepe saiu apressado.

— Traga os voluntários para o jovem lorde aqui, vamos, rápido — ordenou o homem de óculos.

— É para já, Secretário Administrativo Murray! — respondeu Squeems, tirando brevemente o quepe para Fletcher antes de voltar correndo por tinha vindo.

— Secretários administrativos — murmurou Sir Caulder, desdenhoso.

Murray fez uma pausa e desviou os olhos do que escrevia.

— A administração das forças armadas é muitas vezes desprezada pelos menos dotados de inteligência — respondeu, irritado, a Sir Caulder. — Qualquer tolo pode carregar e disparar um mosquete.

— E qualquer covarde pode se esconder atrás das muralhas com seus livros enquanto os verdadeiros soldados lutam na guerra — respondeu Sir Caulder.

Murray não respondeu, apenas sorriu quando Squeems surgiu na porta atrás de si. Uma tropa de rapazes não mais velhos que Fletcher o seguia em uma fila desconjuntada. Assim que entraram no pátio, Squeems desapareceu de novo na fortificação militar.

— Uma das melhores partes de ser secretário administrativo é decidir quais voluntários enviar para treinamento, e quais manter para os serviços domésticos e afazeres externos — explicou Murray, com o sorriso aumentando. — Reservei para vocês alguns dos melhores. Delinquentes recém-saídos da prisão, esses aí, que se ofereceram para escapar da viagem até o presídio de Pelego.

Fletcher tentou não demonstrar desapontamento ao olhar mais de perto seus novos soldados. Eram quinze ao todo, com camisas e calças de lona fiadas em casa — provavelmente roupas que tinham recebido na prisão. Eles tinham aparência rude, com cabelos ensebados e barba por fazer. Os que não estavam olhando para os próprios pés o encaravam carrancudos, ressentidos da própria situação.

— Melhor ficar de olho neles — aconselhou Murray em um sussurro exagerado, bem alto. — Já houve algumas tentativas de fuga.

— Isso é tudo? — perguntou Sir Caulder, num tom de voz de quem aparentemente não se importava com o cacife daqueles novos recrutas. — Quinze rapazes para defender um condado inteiro?

— Ah, estes são apenas os do xilindró — murmurou Murray. — Tem alguns malucos livres que se ofereceram para ir com vocês. Dizem que conhecem nosso jovem lorde aqui.

— Que me conhecem? — perguntou Fletcher em voz alta. Quem poderiam ser?

Squeems já estava trazendo mais alguns rapazes até lá, todos eles desconhecidos aos olhos de Fletcher. Eram mais para magros que gordos, e totalizavam seis, menos do que ele havia esperado, mas fora isso não pareciam nem um pouco fora do normal.

— Ainda não chega nem perto do suficiente — disse Sir Caulder.

— Squeems, traga os convidados que chegaram na semana passada — ordenou Murray. — Creio que encontrei o lugar ideal para eles.

— O senhor está falando dos...

— Agora, rapaz! — ordenou Murray.

Squeems saiu em disparada, com um olhar de apreensão em seu rosto.

— Lorde Raleigh — disse um menino de pele escura do grupo dos recém-chegados, dando um passo à frente. — Viemos assim que ouvimos falar que o senhor estava recrutando.

— Desculpe, mas eu... — começou a dizer Fletcher. Então entendeu. Parecia ter sido muito tempo antes, mas ele vira aquele rapaz havia meras duas semanas, acorrentado num paredão e rodeado por uma horda de goblins adormecidos. Aqueles garotos eram alguns dos escravos que ele libertara na pirâmide.

— ... quase não o reconheci — disse Fletcher, apertando a mão do jovem. — Qual seu nome?

— Kobe, meu senhor — respondeu o rapaz.

— Imaginei que, depois da provação pela qual passaram, vocês iriam querer manter o máximo de distância possível dos orcs — disse aos escravos fugidos.

Kobe sorriu, e seus dentes brilharam contra a pele escura.

— Nós temos algumas contas a acertar antes disso.

Mas Fletcher mal ouviu a resposta do jovem, porque Squeems apareceu com o próximo grupo de recém-chegados.

Elfos.



35

Elfos silvestres, para ser exato. Eram dez, tanto homens quanto mulheres, todos trajando as vestimentas tradicionais de seu povo. Fletcher adivinhou a casta pela cor âmbar dos olhos e o tom dos cabelos — uma mistura de castanho-avermelhados, castanhos e ruivos, em vez do tom dourado-claro dos altos elfos.

— Você parece surpreso — disse Murray, com um tom divertido na voz guinchante. — Os elfos enviaram alguns voluntários a fim de aprender como se dispara um mosquete. Chegaram na semana passada. Nós os mantivemos ocupados varrendo o chão. Para dar um pouco de disciplina, sabe como é. Para nossa sorte, vocês chegaram bem na hora de tirar esse bando de nossas mãos.

Ele riu, como se tivesse acabado de ganhar de Fletcher, mas logo parou quando viu a expressão satisfeita do outro. Os elfos silvestres eram caçadores experientes e seriam um ótimo acréscimo a seu pequeno grupo de soldados.

Seu único problema era a atitude; estavam parados ali, carrancudos e de braços cruzados, encarando-o. Uma elfa em particular parecia completamente hostil, olhando feio para Fletcher com a testa franzida.

— Vamos ter de levá-los — disse Sir Caulder, menos animado que seu jovem lorde com a perspectiva de treinar um grupo de elfos.

— Ah, sim, com certeza terão — avisou Murray, irritado pela falta de decepção da parte de Fletcher. — Agora me deem licença; eles estão sob sua responsabilidade.

Fletcher hesitou, olhando os trinta rostos estranhos que o fitavam. Sir Caulder lhe percebeu a expressão e deu um passo à frente, encolhendo os ombros.

— Certo, seus vagabundos, animem-se, vocês estão no exército agora! Em formação, em formação! Três filas, agora mesmo!

Sua voz estalou feito um chicote no pátio, forçando os recrutas a se apressarem em uma improvisada fila de desfile.

— Vamos, não temos o dia todo! Você aí, endireite esse corpo: você é um soldado, não um cotovelo. — Fletcher não conteve o sorriso enquanto o velho veterano organizava o grupo em algo que se assemelhasse à formação de ordem-unida.

— Agora, pé esquerdo primeiro, olhos à frente. Marcha rápida!

A coluna era uma confusão, fora de ritmo, com as pessoas muito perto umas das outras, mas os recrutas, de um jeito ou de outro, logo saíram para a rua. Porém, antes que eles pudessem começar a tarefa de manobrá-los na direção da taverna, Athol apareceu correndo, com o rosto vermelho e inchado.

Por um momento, o coração de Fletcher parou de bater ao ver o anão agitado, a mente imaginando logo alguma terrível emergência, mas Athol sorriu como quem se desculpa enquanto dobrava o corpo em dois para recuperar o fôlego.

— Quem bom que ainda estão aqui — ofegou, apontando para a rua abaixo. — Não vão para a taverna. Precisamos equipar seus homens.

Então ele viu os elfos.

— Hã... e também suas mulheres.

— Espere aí — bradou Sir Caulder, obrigando os recrutas a parar a marcha.

Athol respirou fundo mais algumas vezes, depois aprumou o corpo e apontou para uma loja mais à frente. Fletcher viu a flâmula com a espada e o escudo agitando-se acima e o brilho de armas na janela.

— Me sigam — chamou Athol, indo na frente.

— Virem à esquerda... marchem! — bradou Sir Caulder, chutando um dos homens para que entrasse na posição correta quando ele se virou para o outro lado.

Em frente à loja, os recrutas foram ordenados a ficar em estado de alerta, e Sir Caulder instruiu Kobe e os outros ex-escravos a ficar de olho nos recrutas condenados, para evitar qualquer deserção enquanto entravam ali.

— Quando estivermos em Raleighshire, a quilômetros de distância da cidade mais próxima, não teremos problemas com isso, mas, por enquanto, é melhor ficar de olho neles — murmurou Sir Caulder, entrando atrás de Athol.

O ferreiro que havia em Fletcher ficou impressionado com a quantidade de armas organizadas nas prateleiras. Cada uma estava disposta sobre um estojo de veludo, e a luz que entrava pelas janelas altas tinha sido inteligentemente disposta a fim de incidir sobre o metal cintilante.

Acima e à esquerda, havia todo tipo de espada imaginável, de cimitarras de lâmina larga a claymores, espadas com o mesmo comprimento de um homem. Embaixo delas estavam os machados,

que eram mantidos a uma altura baixa para melhor conveniência dos clientes anões cuja preferência por esse tipo de arma era bastante conhecida.

À direita, ficavam guardadas as armas de fogo em armários com portas de vidro, pois seu valor era muito superior ao das lâminas. Pistolas entalhadas com prata e ouro eram as mais populares da categoria, projetadas para oficiais abastados a quem era permitido carregar armas adicionais.

— Vocês não vão querer nenhuma dessas — disse Athol, percebendo a expressão no rosto de Fletcher. — São bonitas demais para seu bando; pela cara dos recrutas, provavelmente as venderiam na primeira oportunidade. Venham, me sigam até o estoque.

Athol os levou por uma porta atrás do balcão, que ficava nos fundos da loja, até outra sala. Esta era bem menos glamorosa, mas o número de armas era impressionante — centenas de lâminas, armas de fogo e armaduras estavam empilhadas, como gravetos, nas prateleiras e em estantes nas paredes. Estranhamente, havia fardos de tecido ao lado das mesmas e manequins intercalados entre o arsenal. Athol acendeu uma lamparina a levantou bem alto, lançando sombras bruxuleantes pela sala.

— Dividimos o estoque com um alfaiate — explicou ele, enquanto Fletcher examinava um dos modelos de madeira. — Falando nisso, Briss já escolheu seus uniformes; a coitada passou metade da noite finalizando o protótipo. Mas, por enquanto, vamos começar armando seus homens, que tal?

— Posso escolher qualquer coisa? — perguntou Fletcher, resistindo ao impulso de perguntar mais sobre os novos uniformes de Briss.

— Claro. — Athol sorriu. — Queremos que a nova colônia seja bem protegida; é de nosso interesse.

Fletcher resistiu à tentação de abraçar o anão moreno e, em vez disso, virou-se para Sir Caulder.

— O que você acha? — perguntou Fletcher.

Sir Caulder fez uma pausa e avaliou a questão.

— O soldado comum geralmente recebe um mosquete com uma baioneta na ponta — refletiu ele, apanhando uma espada e sentindo seu peso para verificar se era equilibrado. — Pessoalmente, sempre detestei baionetas. Não passam de uma lâmina para perfurar: não têm versatilidade, não têm elegância. São baratas e fáceis de afiar, e é por isso que são usadas.

— Nesse ponto ele foi ponta firme — concordou Athol, apontando para um barril cheio de armas simples. — Se me permitem o trocadilho. Elas são o último recurso, e metade do tempo o mosquete fica estragado, principalmente quando você o usa para se defender de um porrete.

Athol fez uma pausa, correndo os olhos pela variedade de lâminas.

— Acho que a questão é, que tipo de combatentes você quer que seus soldados sejam? — perguntou ele.

— Mais do que gente que saiba carregar uma arma e apertar o gatilho — respondeu Fletcher. — Quero soldados que saibam se defender de cavaleiros de casuares e passar uma rasteira em um atacante orc. Soldados que saibam se dar bem em um combate, seja contra macaná, lança ou porrete, empunhados por orcs ou goblins.

Athol respirou fundo e sorriu.

— Só isso? — perguntou ele.

— Vamos querer mosquetes também. Nada muito chique, só armas robustas e confiáveis que não enferrujem com a primeira chuvinha que cair.

— Agora sim — disse Athol, dando alguns passos até uma prateleira de armas e tirando uma delas do gancho na parede.

Parecia bastante com um mosquete comum aos olhos de Fletcher, com um cano único e comprido, coronha de madeira, gatilho e pederneira.

— Estes são mais leves que o mosquete comum; usamos madeira de bordo em vez da de nogueira. São tão robustos quanto, porém mais resistentes à água e menos densos. Tanto o aço quanto a madeira foram tratados com óleo de linhaça para impedir oxidação e apodrecimento.

— Vamos levá-los. — Fletcher sorriu, apanhando a arma das mãos de Athol e sentindo seu peso. Pesava pouco mais que a própria espada.

— Agora, quanto a seu problema do combate corpo a corpo — disse Athol, recolocando o mosquete no lugar e correndo as mãos pelas armas. — Se precisar bloquear um ataque de cavalaria, ou um ataque de cavaleiros de casuares, como pode ser o caso, vão precisar de armas de fuste, não é mesmo, Sir Caulder?

— Isso mesmo — concordou Sir Caulder. — Algo que se pode usar a partir do chão e deixar que o cavaleiro venha a seu encontro. Além do mais, o comprimento extra ajuda no caso dos orcs; eles têm duas vezes o alcance de um homem.

Eles seguiram Athol até um lugar onde uma mescla de lanças, armas de fuste e outras armas longas parecidas estavam organizadas verticalmente por altura em uma estante comprida de madeira, das mais altas às mais baixas.

— Vocês vão precisar de um fuste com ponta de lança para perfurar e cortar — disse Athol. — E de um machado para desmembrar, quando eles se aproximarem demais e vocês tiverem de deslizar a mão para cima no cabo. Então imagino que a melhor arma para vocês seja a alabarda.

Athol apanhou uma alabarda da estante e a ergueu à luz fraca da

lamparina óleo. Era uma arma amedrontadora, e Fletcher mal podia acreditar que era possível existir uma mistura de tantos implementos. Uma ponta afiada de lança se estendia da extremidade, e embaixo desta vinha uma lâmina ampla e curva de machado. Do outro lado do machado, ele viu o cubo quadrado de um martelo, com uma estranha ponta de lança em gancho emergindo do centro.

Então Fletcher reconheceu aquela ponta estranha: era a lâmina conhecida como bico de corvo, projetada para perfurar e prender os cavaleiros, puxando-os para fora de suas montarias, ou os combatentes a pé, fazendo-os caírem no chão. O martelo acrescentava peso extra para dar mais impulso na hora de brandir o machado e permitir que o bico de corvo tivesse força suficiente para perfurar uma armadura ou o crânio grosso de um orc.

Athol apontou para uma armação de metal ao longo da terça parte superior da alabarda, que cobria a madeira em uma ponta de metal.

— Vocês não vão encontrar arma mais versátil que essa — assegurou ele. — Vejam, colocamos aqui no cabo uma lanceta de aço para que seja possível bloquear um golpe com o punho do fuste sem despedaçar a madeira.

Fletcher sorriu e correu os dedos pela lâmina do machado, depois estremeceu ao sentir o quanto era afiada.

— Tem até uma lança na outra ponta para ajudar a pregar a alabarda no chão ou para dar um golpe de costas, se for o caso — continuou Athol, apontando para uma lança curta de metal no punho da arma. — Também tem uma trava de segurança para impedir que a lâmina deslize e corte fora seus dedos.

Ele deu um tapinha em um disquinho de metal perto da ponta do fuste, logo abaixo da lanceta, que se parecia com um cabo.

— Certo, não precisa adoçar demais senão a coisa desanda — disse Sir Caulder, dando um tapinha nas costas de Athol. — Fletcher, eu acho que é uma arma ótima. Se quiser levá-la, posso treinar os rapazes a usá-la como se deve. Sou tão bom com a lança quanto sou com a espada.

— Vamos levar essas também — disse Fletcher, impressionado por terem encontrado uma arma tão ideal com aquela rapidez.

— Ótimo! — exclamou Athol, com uma pontada de alívio. — Achei que ficaríamos o dia inteiro aqui se você não aceitasse. Agora, a grande revelação. Pena que Briss não está aqui para mostrar a vocês, mas ela está ocupada demais cuidando de todos os hóspedes.

Ele começou a andar para o meio da sala.

Fletcher mal conseguia resistir a não sair correndo na frente de Athol, mas não precisou esperar demais: o anão parou a apenas doze

passos. Ergueu a lamparina e revelou um manequim, posicionado como se estivesse ali para chamar a atenção, vestido com um uniforme novinho em folha.

— Que lindo — disse Fletcher, sem voz.

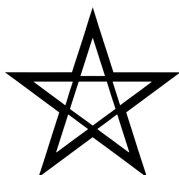
O uniforme era feito de tecido verde-escuro, com botões pretos e botas de couro, também pretas, que iam até o joelho. A jaqueta era de abotoamento duplo e batia acima do joelho. As calças retas ficavam enfiadas nos coturnos.

O trabalho de Athol fornecia as partes mais bonitas do conjunto. O manequim usava duas armaduras de metal nos antebraços, para se defender de golpes que poderiam estilhaçar ou desmembrar, e ao redor do pescoço havia um manto de cota, que se usava para proteger o pescoço, os ombros e a parte superior do peito sem restringir os movimentos.

— Não queríamos que ficasse pesado demais, com muita armadura — disse Athol, meio envergonhado, arrastando os pés. — Então tivemos de chegar a um meio-termo. O uniforme foi feito com a mesma lã oleada que Briss usou nos uniformes de vocês para a missão do baile, portanto é quente, mas ao mesmo tempo respirável e impermeável.

— Caramba! — exclamou Sir Caulder, acariciando o tecido. — Você encontrou ouro, meu rapaz.

— Sim — sorriu Fletcher. — Com toda certeza.



36

Pela posição do sol no céu, já era tarde quando Fletcher acordou. Era hora de encarar a realidade.

Fletcher vestiu seu novo uniforme — pois não tinha muitas roupas — e prendeu, em seguida, suas pistolas, a espada, o arco e o estojo com as flechas junto ao corpo. Seu alforje da missão ficou às costas, e ele percebeu que aquilo era tudo. Todos os seus bens materiais estavam com ele naquele momento.

Por um instante teve o louco desejo de evitar as responsabilidades da nobreza. Desejou poder sair pela janela, pegar um barco até Swazulu e não voltar nunca mais. Ele afastou aqueles pensamentos tentadores com um sorriso triste e saiu porta afora.

Lá embaixo, a área do bar estava lotada de homens e mulheres sentados do lado direito, e anões do lado esquerdo. O local, antes barulhento devido às conversas, ficou completamente em silêncio à medida que cabeças se viravam para encará-lo. Berdon, o único humano sentado entre os anões, assentiu com a cabeça, encorajando-o.

Fletcher pigarreou.

— É muito bom ver todos vocês — disse ele. — Muito bom ver tantos rostos conhecidos.

Silêncio.

— Nossos novos amigos, os anões — disse ele, sinalizando para a esquerda — tiveram a bondade de organizar nossas acomodações para essa noite, assim como transporte para nosso local de destino. Também forneceram ferramentas, comida, roupas e materiais de construção. Tudo o que precisamos para recomeçar nossas vidas. Tenho certeza de que não estou sozinho quando digo que somos muito gratos por tudo o que eles fizeram por nós.

Suas palavras fizeram com que uma salva de palmas começasse do lado direito da sala, e ele sentiu alívio percorrendo seu corpo. Mas por

pouco tempo.

— E tenho certeza de que não estou sozinha ao perguntar: mas a que preço? — soou uma voz.

Alguém se ergueu e Fletcher viu que era Janet, a porta-voz de Pelego.

— Qual é a jogada? — perguntou ela. — E por que eles estão todos aqui reunidos? Tem alguma coisa que você não está nos contando e acho que sei muito bem o que é.

— Já vou contar a história completa — disse Fletcher, desejando estar imprimindo autoridade à voz. — Se você fizer o favor de se sentar e escutar.

Janet se sentou, mas os braços cruzados e olhar penetrante deixavam claro que as palavras fizeram pouco para acalmá-la.

— Em troca de sua ajuda, concordei que cinquenta anões podem se juntar a nossa colônia. São as pessoas que vocês estão vendo sentadas aqui. — Ele apontou para os anões, que esperavam nervosos pela reação dos humanos.

Janet franziu o cenho.

— Então... nós não devemos nada a eles? — perguntou ela. — Eles não estão aqui para coletar pagamento?

— Não. Claro que não — respondeu Fletcher, confuso. — Foi isso que você pensou que ia acontecer?

— Você por acaso viu o que está lá fora? — disse Janet, apontando para a entrada da taverna. — Há um monte de carroças cheias de fardos de tecidos e lona, equipamentos de pesca, machados, picaretas e pás, velas de cera, utensílios de cozinha, material de caça, sementes de todas as plantas e frutas que conheço. — Ela parou para respirar. — Vi baús cheios de remédios e sabonetes, tintas e papéis, lençóis e até travesseiros... Caramba, vi até meia dúzia de cabras em algum lugar dos fundos. E você está dizendo que podemos simplesmente nos apropriar de tudo? Sem ficar devendo nada?

— Tudo o que está lá fora é para uso de todos nós — disse Fletcher, sinalizando todos na taverna. — Anão, homem, seja quem for.

Janet sorriu.

— Ora, eu acho isso maravilhoso!

Parte dos aldeões já sorria, alguns até ergueram os copos para brindar aos anões do outro lado da taverna. Mas Fletcher podia ver que nem todos pareciam felizes com a situação: alguns estavam carrancudos atrás da caneca de cerveja, alguns murmurando baixinho. Ele ergueu a mão, exigindo sua atenção.

— Vamos todos partir em breve, por isso quero que peguem seus pertences e se juntem aos anões nas carroças imediatamente. Mas, antes, quero deixar algo bastante claro: se algum de vocês está insatisfeito com essas medidas, pode ir embora agora. Existem

milhares de oportunidades nesta cidade, especialmente para trabalhadores qualificados como vocês. Portanto, se acham que não podem suportar viver com anões, saiam agora.

Fletcher deixou os olhos se demorarem em cada um dos aldeões carrancudos. Ele conhecia todos pelo nome. Pelego era uma vila pequena.

— Eu estou fora — anunciou um deles, levantando-se e indo em direção à porta. Era um homenzarrão, anteriormente pertencente à guarda de Pelego. Seu nome era Clint, e ele fora rival de Didric muito tempo antes. Fletcher suspeitava de que esse fora o motivo pelo qual ele não tinha conseguido uma posição como guarda na prisão de Pelego. — Vou tentar a sorte entre os homens — continuou ele, ignorando os olhares dos demais aldeões. — Ouvi dizer que os Pinkertons estão contratando.

Alguns outros aldeões o seguiram, uns parecendo envergonhados, outros orgulhosos de sua decisão, congratulando Clint.

— Diga aos sargentos Murphy e Turner que eu mandei um oi — disse Fletcher enquanto Clint e os outros saíam.

A porta fechou atrás deles, mas, com sua saída, eles pareciam ter levado um peso embora. Ao todo, cerca de uma dúzia de homens e mulheres haviam saído, deixando aproximadamente cem anões e humanos na taverna.

— Muito bem — disse Fletcher, batendo palmas. — Vamos indo.



37

As despedidas foram rápidas. Otelo, Cress e Átila haviam recebido ordens do rei naquela manhã, convocando os três para servir como oficiais do batalhão dos anões. Cress chorou ao se despedir de Fletcher, e tanto Fletcher quanto Otelo precisaram, discretamente, enxugar uma lágrima após um abraço apertado. Os três anões partiram antes do comboio, ansiosos por liderar seus homens. Fletcher não os invejava — enquanto ele tinha de liderar apenas 32 soldados, eles liderariam centenas.

Sylva voou para encontrar o exército de elfos em seu caminho para o norte, e seu suave beijo de despedida no rosto de Fletcher perdurou até bem depois que ela e Lisandro desapareceram no céu. Fletcher a flagrou olhando para trás enquanto voava. Uma lembrança dolorida do que ele sabia que jamais poderia acontecer.

Na pressa de se aprontar para a expedição, ele havia se esquecido de que precisaria se separar de seus mais queridos amigos, sentindo sua falta antes mesmo que fossem embora. O pior seria sua mãe, a quem não tinha tido tempo de visitar. Era apenas por saber que poderia voar de volta com Ignácio que ele se permitia partir. Até lá, Harold havia prometido que ela receberia os melhores cuidados que os médicos de Corcillum podiam oferecer.

Uma boa surpresa foi saber que Thaissa se juntaria aos colonos. Ela timidamente apresentou o marido antes de embarcar no vagão — um jovem ferreiro anão chamado Milo, que havia aprendido o ofício com Uhtred antes de abrir a própria ferraria.

Houve uma breve confusão enquanto Uhtred bloqueou o tráfego matinal para que o comboio pudesse partir, e então lá se foram eles, um agrupamento de vagões e cascos soando contra as ruas de paralelepípedos. Anões acenavam com lenços quando eles passavam, alguns correndo e entregando comida ou presentes de última hora. Após cerca de uma hora, estavam fora da cidade percorrendo a

estrada empoeirada que levava ao sul, cercados por plantações e pequenas vilas.

Inicialmente, Fletcher viajou na frente com Sir Caulder e Berdon, mas logo eles ficaram cansados, pois já estavam exaustos devido à viagem que haviam empreendido. Assim, enquanto eles dormiam, Fletcher subiu ao teto do vagão, sentando-se ao lado do anão que os conduzia, para discutir a rota. Mas o velho anão parecia estar com medo, sempre olhando por sobre os ombros. Fletcher perguntou o que ele temia.

— Ladrões — respondeu o condutor, olhando para a paisagem deserta.

Foi só então que Fletcher percebeu realmente o quão valioso seu comboio de fato era. Deixando de lado sua parte do prêmio em dinheiro, mantida em sua sacola, o conteúdo dos vagões poderia ser vendido por muito dinheiro no mercado negro. Eles eram um alvo perfeito para qualquer um dos grupos de salteadores que agiam nos arredores de Hominum, e seu pequeno exército estava longe de poder enfrentá-los.

Alguém precisava fazer o reconhecimento dos arredores. Assim, ele pulou do vagão e entrou numa plantação de milho ali perto. Ele observou o comboio passar, e ficou satisfeito ao ver que Sir Caulder havia posicionado seus soldados em três vagões, na frente, no meio e no final, deixando o comboio preparado para um ataque vindo de qualquer direção. Havia vinte veículos ao todo, cada um puxado por dois javalis, enormes como burros e duas vezes mais gordos. Ele observou os estranhos animais enquanto esperava que eles passassem, fascinado pela coloração de sua pelagem e pelas presas que saíam de seus maxilares.

Então, quando os vagões estavam fora de vista, ele conjurou Ignácio e Atena e voou. Era revigorante, como tinha sido da primeira vez, cortar o céu e observar a estrada se tornar uma fina linha marrom ao longo da colcha de retalhos verde e amarela que eram os campos daquela região. Mas, dessa vez, a experiência era ainda melhor — não havia nenhum demônio a temer, nenhum orc de quem escapar. O céu estava vazio, com poucas nuvens e, ao longe, um grupo de gansos voando em formação.

As asas de Atena ainda estavam imobilizadas, mas quase prontas para serem utilizadas novamente, por isso ela voava sentada nas costas de Ignácio, observando a paisagem. A leste, Fletcher podia ver a silhueta distante da Vocans, parcialmente oculta pela névoa da manhã. Ele se sentiu momentaneamente tentado a sobrevoar a área, talvez roubar uma olhadela dos estudantes através da claraboia de vidro em domo da construção. Só a segurança do comboio o manteve onde estava.

A princípio Fletcher desejara ter a visão sensível ao calor de Pria, mas não precisou se preocupar; os olhos atentos de Atena não deixavam nada escapar. Assim, o restante do dia foi passado voando, recebendo a brisa e varrendo as áreas ao redor do comboio à procura de algum movimento suspeito. Mas, se havia algum bandido, ele não se revelou. Apenas um ou outro pastor e seu rebanho de cabras quebrava a calmaria daquelas planícies — isso e algumas poucas chaminés fumegantes dos vilarejos que pontuavam a paisagem.

À medida que seguiam viagem, a paisagem se tornava cada vez menos povoada. Plantações se transformaram, e morros rochosos e as ruínas de lares havia muito abandonados aparentavam ser amontoados de pedras e tijolos. Fletcher sabia que as linhas de frente estavam logo além do horizonte, e a terra sob ele tinha sido destruída por intermináveis conflitos entre orcs e homens: da revolta dos orcs nos séculos que antecederam a guerra às batalhas sangrentas desde então. Não havia nenhum humano naquela área, nenhum escudo entre a civilização e a selvageria.

A estrada à frente se bifurcava, um dos lados seguindo para o fronte, ao sul, o outro se curvando para oeste, em direção ao mar Vesianiano. O comboio seguiu pelo caminho oeste, agora desacelerando o ritmo. Fletcher sobrevoou o comboio para ter uma visão melhor, e viu que a estrada estava mal conservada. Ervas daninhas e raízes protuberantes invadiam a estrada de terra, obrigando Sir Caulder a parar de vez em quando para ordenar que os recrutas liberassem a passagem. Outras vezes, poças de lama bloqueavam o caminho, e os passageiros eram forçados a descer e caminhar, para que os vagões não atolassem.

E assim eles seguiram. O entardecer se transformou em noite, até que o sol poente sentasse no horizonte, gordo e amarelo. Ainda assim, a estrada se estendia para além do horizonte, e Fletcher foi obrigado a enviar fogos-fátuos para iluminar o caminho: grandes bolas de pura mana que consumiam suas reservas, mas sobrevoavam o comboio, iluminando o caminho como luzinhas azuis.

Foi por volta da meia-noite que eles chegaram ao rio. No breu noturno, a água parecia preta, correndo silenciosa sob uma grande ponte de pedra que parecia estar ali desde o começo dos tempos. Era o marcador que indicava o início de Raleighshire: a terra atrás deles era de propriedade do rei, e a terra adiante... de Fletcher.

À medida que o comboio cruzou a ponte, ele escutou o ronco temeroso dos javalis, amedrontados pelo som de água em movimento abaixo. A mente de Fletcher se perdeu em pensamentos acerca da história do lugar. Uma grande batalha havia sido travada ali uma vez, nomeada em homenagem à própria ponte: Ponte Watford.

Agora eles estavam em área de savana; o que antes fora um mar de

verde agora estava tingido de amarelo, sem vida e entrecortado por cadáveres de árvores e arbustos. A estrada era quase inexistente, coberta de grama alta e salpicada por pedras e plantas. Diante da savana selvagem, sem cuidado por quase duas décadas, os recrutas de Fletcher foram forçados a usar suas alabardas para abrir caminho, começando a trabalhar ao amanhecer e terminando ao pôr do sol. Os anões e os aldeões ajudaram, levando os detritos à medida que os soldados iam cortando.

E então, enquanto os primeiros raios de sol enchiam o céu, ele a viu.

Raleightown.



38

Já amanhecia quando o comboio chegou. Os fogos-fátuos estavam se apagando, tendo se reduzido a nada à medida que o mana acabava, de modo que a cidade era coberta de uma leve coloração alaranjada enquanto os vagões paravam e Ignácio aterrisou ao lado do primeiro vagão.

Não havia movimento algum. Eles tinham chegado ao centro da cidade arruinada, as rodas trepidando nas ruas de paralelepípedo mesmo com a grama que crescia por entre as rachaduras nas pedras. Eles estavam em uma pequena praça, um espaço onde mal cabiam todos os vagões.

Restos de prédios em ruína os cercavam por todos os lados, as paredes de pedra ainda de pé mesmo após duas décadas de abandono. Os telhados desabaram havia muito pela negligência, e os espaços onde antes existiam janelas nada mais eram que buracos vazios. Tudo estava coberto por uma camada verde, limo nas pedras úmidas e um emaranhado de hera nas casas e pelas ruas, como uma cachoeira iridescente. Tudo estava tingido pela luz do amanhecer, amornando o ar frio da noite.

Fletcher desmontou, absorvendo os sons de seu novo lar. Havia o chiado constante de insetos, entremeados pelo canto de pássaros dando as boas-vindas a mais uma manhã. Esses eram os ruídos das terras que eles tinham vindo conquistar. A música de sua terra natal.

Sir Caulder chutou as laterais dos vagões, chamando a atenção dos soldados exaustos e alinhando-os. Fletcher sentia pena dos pobres recrutas, muitos cambaleando de cansaço, as cabeças balançando de sono enquanto a manhã começava a esquentar. Os passageiros apareceram na retaguarda, bocejando e se espreguiçando.

— Prestem atenção às ordens de lorde Raleigh — bradou Sir Caulder.

O velho cavaleiro ergueu as sobrelhas para Fletcher e fez sinal

com os olhos. Era a hora de o rapaz assumir o controle. Mas o problema era que ele não havia planejado dar ordem alguma.

— Sei que foi uma noite muito longa — disse ele, tentando controlar o tremor na voz. — Todos vocês me deixaram orgulhoso ajudando a trazer nosso povo até aqui. Agora temos uma última tarefa antes de podermos descansar e nos acostumar com a nova casa.

Os recrutas permaneceram em silêncio, carrancudos. Apenas a elfa, a mesma que havia olhado feio para Fletcher no quartel, demonstrava algum vigor. Ela chutou uma pedra, mas não disse nada.

O rosto era anguloso e feroz, os cabelos castanho-claros trançados nos lados da cabeça com uma pena que lhe pendia pelas costas. O mais impressionante de tudo eram seus olhos, cor de âmbar escuro, que lembravam Fletcher olhos de gato selvagens.

Sir Caulder pigarreou educadamente, trazendo o rapaz de volta ao que fazia: dando sua primeira ordem. Havia milhares de coisas ainda a organizar.

Mas, se ele aprendera alguma coisa sobre sobrevivência, era que providenciar um abrigo era a prioridade número um. Pelo menos, enquanto os barris de água que trouxeram nas carroças durassem.

— Essas casas permaneceram abandonadas por quase duas décadas. Os pisos de madeira estarão podres se é que ainda existem. Todo tipo de animais poder ter feito sua toca dentro dos prédios: cobras, hienas, javalis... Preciso de dois grupos para fazer o reconhecimento e liberar cada edifício, além de procurar um local seguro onde possamos acampar.

Ele parou, contemplando quem deveria escolher. Seria útil conhecer mais de um soldado pelo nome.

— Kobe, leve quinze recrutas e faça o reconhecimento da parte leste da cidade — ordenou Fletcher, dividindo o grupo em dois com o movimento de seu braço. — Se encontrar um local apropriado, deixe seus homens limpando o local e retorne para se apresentar.

Kobe sorriu, claramente encarando a incumbência como um elogio.

— Quanto aos demais... qual seu nome? — perguntou ele, apontando a elfa carrancuda.

— Dália — respondeu ela, erguendo o queixo.

— Dália, guie os demais para oeste — disse Fletcher, apontando para a rua dilapidada. — Quero os líderes dos dois times de volta em vinte minutos.

Dália e Kobe permaneceram de pé, momentaneamente incertos quanto ao protocolo.

— Muito bem, vocês ouviram. Vão agora! — ordenou Sir Caulder.

Os times obedeceram imediatamente, mas seus rostos ainda demonstravam descontentamento enquanto caminhavam pelas ruas negligenciadas. Fletcher imaginou o que eles tinham esperado quando

se ofereceram no quartel. Ele tinha certeza de que nunca haviam imaginado acabar ali, fundando uma colônia no meio do nada. Estariam desapontados? Aliviados? Ele não sabia o que pensar e suspeitava de que eles também não.

— Bom trabalho, rapaz — disse Sir Caulder, caminhando até ele. — Agora os colonos. Você é o responsável por guiá-los também, sabia?

Fletcher se virou para encarar o grupo de aldeões e anões. Muitos perambulavam sem rumo, outros estavam parados, com olhos impressionados. Até Berdon havia caminhado até um dos prédios e observava através do buraco feito por uma porta apodrecida. Eles precisavam de um rumo, e, como seu lorde, era Fletcher quem deveria direcioná-los.

Era muito estranho olhar em volta e saber que isso tudo era seu, mesmo que fossem ruínas. E as terras, até onde os olhos alcançavam e mais além. Era tudo seu. Parecia errado possuir tanta coisa.

— Preciso que todos permaneçam perto do comboio. — ordenou Fletcher. — Berdon, Thaissa, Janet, Milo, posso conversar com vocês?

Enquanto eles corriam até ele, Fletcher tentou assimilar o fato de que não apenas os soldados, mas todos naquele comboio respondiam a ele agora. Até seu próprio pai.

— Tenho 32 soldados, se incluirmos Sir Caulder. Somando os cinquenta anões, teremos 82. Janet, quantos aldeões temos no total? — perguntou Fletcher.

— Temos 52 — respondeu ela, após pensar um pouco.

— Então ao todo temos 135 almas — contabilizou Fletcher, impressionado com os números de sua colônia. Era quase a mesma população que Pelego tivera antes de Didric transformar a cidade em prisão.

— Então, qual o plano? — perguntou Thaissa, alisando ansiosamente o véu.

— Vamos acampar em algum lugar para descansar e retomar os trabalhos amanhã — disse Fletcher, observando o bocejo de um aldeão ali perto e tentando não fazer o mesmo. — Mas vou precisar de um relatório completo de nossas rações, ferramentas e suprimentos antes do fim do dia. Thaissa, Milo, vocês terão uma ideia melhor do que foi trazido, portanto deixarei essa tarefa a cargo de vocês. Janet, Berdon, preciso que identifiquem as habilidades dos colonos. Sabemos que existem ao menos dois ferreiros, mas precisaremos também de carpinteiros, pedreiros, fazendeiros, lenhadores, ceramistas e por aí vai. Podem fazer isso por mim?

— Sim, podemos — respondeu Berdon em nome dos dois, sorrindo para o filho, orgulhoso. Os quatro seguiram para cumprir suas tarefas, reunindo alguns colonos para ajudar.

— E quanto a nós? — perguntou Sir Caulder.

— Vamos explorar um pouco — disse Fletcher, começando a se animar. — Você pode começar me mostrando onde as coisas costumavam ficar.

Os dois caminharam pelas ruas, seguindo para o sul da cidade. Sir Caulder observou as ruínas que um dia chamou de lar, e Fletcher tentou imaginar como deveria ser voltar depois de todos esses anos. Como ele deveria se sentir vendo as ruínas de outra vida.

— A ferraria ficava ali — indicou Sir Caulder, apontando um prédio baixo com portas duplas apodrecidas havia muito. No interior, Fletcher viu o bloco de uma bigorna e ferramentas enferrujadas espalhadas pelo chão. Uma pilha de lingotes de metal estava arrumada no canto.

— Podemos tirar a ferrugem de alguns e torná-los úteis novamente — sugeriu Sir Caulder.

Conforme continuaram a caminhar, Fletcher começou a ter uma ideia melhor acerca do tamanho da cidade. Era menor do que ele havia imaginado inicialmente; muitos dos prédios tinham dois ou três andares, abrigando uma população numerosa em um espaço que caberia facilmente no círculo do fosso de Vocans. Ele conseguia caminhar pelos arredores da cidade em menos de dez minutos.

— Estábulos e canis aqui — indicou Sir Caulder, apontando outra estrutura baixa, dividida em baias. — Carpintaria, boticário, padaria, prefeitura...

Ele parou de repente em frente à prefeitura: um prédio grande e murado com um buraco no telhado podre. Seus olhos observaram um buraco no chão, no centro de um espaço vazio do outro lado da entrada principal. Havia entulho ao redor.

— Eles entraram por aqui — disse ele, o olhar duro ao se agachar ao lado do buraco e percorrer os dedos pela areia e pedras que o preenchiam.

— Os orcs? — perguntou Fletcher.

— Sim — respondeu Sir Caulder, chutando uma pedra. — Aqui costumava ficar uma estátua de seu avô. O túnel para o outro lado das montanhas era aqui debaixo. Veja.

Eles estavam quase nos limites da cidade, e a savana podia ser vista entre as construções. E além dela, havia as montanhas, erguendo-se até o céu.

— Essa cordilheira se estende do rio ao mar — disse Sir Caulder, percorrendo os dedos pela planície. — Protege Raleighshire das florestas dos orcs, exceto pelo desfiladeiro, que fica a uns quarenta minutos de distância a pé.

Mas Fletcher não olhava mais as montanhas. Ele tinha acabado de notar uma estrutura além da fronteira da cidade. Os restos de uma

mansão que ele reconhecia, mesmo após dezessete anos de abandono.
A casa de sua família.



39

As ruínas da antiga mansão estavam mais destruídas que o restante da cidade. Pedacos de pedra da casa, provenientes da explosão durante a última batalha travada por seus pais, estavam espalhadas pelo que antes costumava ser o jardim e agora era um emaranhado de mato. Metade da fachada da mansão se fora, deixando à mostra o piso de pedra do segundo andar.

— Vi esse lugar uma vez — confessou Fletcher, enquanto ambos caminhavam para o buraco. — Um sonho de infusão da memória de Atena.

Sir Caulder não disse nada, sentando-se pesadamente na entrada. Ele observou as ruínas calado, os olhos parecendo pousar nos escombros de uma escadaria que subia até a metade do segundo andar.

— Como você conseguiu sobreviver? — perguntou Fletcher, sentando-se ao lado do homem. — Dizem que todos os corpos foram levados pelos orcs e... — Ele deixou a frase incompleta, lembrando o destino que havia esperado o corpo do pai.

— Um orc me salvou — respondeu Sir Caulder, então percebeu a expressão de Fletcher e balançou a cabeça. — Bem, seu corpo me salvou. Era um sujeito enorme e me cobriu completamente. Quando o Corpo Celestial chegou, algumas horas mais tarde, os oficiais me encontraram e me levaram antes que os orcs voltassem. Era tarde demais para meu braço e perna, mas me salvaram a vida.

Sir Caulder suspirou.

— Eu queria ter tido a chance de ver sua mãe, Fletcher — murmurou Sir Caulder, tão baixinho que ele teve de se esforçar para conseguir ouvir. — Preciso me desculpar com ela. Eu não os impedi. Não consegui salvar Edmund.

Fletcher balançou a cabeça e deu um tapinha no ombro do velho.

— Não há nada do que se desculpar. Eles foram traídos, e não havia

nada que ninguém pudesse ter feito para impedir o que aconteceu.

Diante da menção do nome do pai, Fletcher tentou imaginar o homem de cabelos escuros que ele vira tão brevemente naquele sonho. Então percebeu que não precisava se lembrar. Havia um quadro intacto acima da antiga lareira no canto esquerdo da sala.

Fletcher correu até lá, impressionado com o estado da pintura. Lá estava seu pai, Edmund, o queixo levemente barbado, os cabelos rebeldes, os braços fortes ao redor de Alice. Ela sorria, feliz, segurando um recém-nascido nos braços. Fletcher.

— Meu Deus. Como isso ainda pode estar aqui? — indagou Sir Caulder, surpreso. — Eles mandaram pintar esse quadro no dia em que você nasceu.

Fletcher estendeu a mão para tocar a testa do bebê. Uma barreira escorregadia encontrou seu dedo antes que tocasse a pintura. Então ele percebeu. Cristais de coríndon posicionados ao redor do retrato. Todos esses anos, eles formaram uma barreira que protegera a obra contra as intempéries. O gasto com aquilo devia ter sido imenso. Aquela devia ter sido a posse mais preciosa dos pais.

Então ele sentiu. O peso da perda. Ter crescido sem o amor dos pais. Sem conhecer a terra natal. Como teria sido sua vida se lorde Forsyth não os tivesse traído? Seus pensamentos se voltaram à mãe, uma simples casca da mulher que fora um dia. Ela parecia tão feliz naquele quadro.

Ele sentiu seus olhos úmidos e lutou contra as lágrimas.

— Parece você — disse uma voz vinda de trás deles. Berdon.

Berdon observava o quadro, com o rosto triste.

— Exatamente como você. Me lembro de quando o segurei no colo pela primeira vez... como eu estava feliz — disse ele. — E pensar... que você havia acabado de perder sua família. Sinto muito, filho.

— Eu perdi uma família — disse Fletcher, sorrindo e chorando, abraçando o ferreiro. — Mas ganhei outra, graças a você. Não precisa se desculpar por nada. Eu não seria o homem que sou hoje se não fosse por você.

Eles se abraçaram por um momento, e Sir Caulder se afastou, enxugando os olhos quando achou que eles não o notavam.

Depois de alguns instantes, Berdon o soltou.

— Os soldados voltaram — disse ele. — Encontramos um lugar para acampar.

Era uma igreja. Os vitrais se foram, mas o teto e o telhado eram feitos de pedra abaulada, resistindo ao tempo e provendo uma cobertura segura para que passassem a noite. Os bancos permaneceram secos e longe do vento, de modo que estavam em boas condições. Além de algumas ervas daninhas aqui e ali, e restos de folhas que entraram

pelas janelas, nada impedia que os colonos acampassem no local.

Sir Caulder havia mostrado um velho poço no caminho de volta, que seria útil depois que os restos de animais e plantas que se acumularam durante os anos fossem retirados.

A principal preocupação era comida — o que parecera bastante para Fletcher mal era suficiente para durar por mais algumas refeições, pois 135 pessoas consumiam facilmente dois barris de carne salgada de porco e veado que os anões haviam trazido consigo.

Entretanto, naquele momento, a prioridade de Fletcher era arrumar o abrigo e resolver outros assuntos mais importantes. Ele requisitou mais pedaços de tecido para serem colocados sobre os buracos das janelas. A poeira foi limpa com vassouras velhas encontradas em casas ali perto, e travesseiros e lençóis foram dispostos para os exaustos colonos.

Os javalis e cabras foram amarrados nos estábulos, pois o campo tinha muitos predadores para que pudessem pastar livremente à noite — hienas, chacais e felinos haviam sido vistos por ali. Aldeões foram enviados para cortar forragem nos campos ao redor do acampamento, enquanto nozes e raízes foram coletadas e usadas para alimentar os javalis famintos. As galinhas permaneceram em suas gaiolas, alimentadas com sementes que puderam ser colhidas nos arredores.

Era necessário preparar comida para todos, e três caldeirões cozinhavam uma sopa simples de carne salgada e pedaços de tubérculos para aplacar a fome. Sentinelas foram designados para manter a vigília contra predadores. Enxadas e marretas foram limpas após os trabalhos noturnos. As camas foram divididas, e as pessoas se apresentaram rapidamente, esquecendo-se dos nomes com a mesma rapidez.

Muitas perguntas foram feitas, e Fletcher não tinha respostas para muitas delas. Apenas o apoio constante de Sir Caulder e a presença calma de Berdon o impediam de perder a paciência.

A tarde já findava quando finalmente eles conseguiram esvaziar as charretes, organizar seu conteúdo e terminar as atividades mais importantes.

E, então, quando o sol começou seu trajeto de descida no horizonte, os colonos finalmente adormeceram.



40

O principal problema era lenha. Ervas daninhas podiam ser arrancadas, a vegetação aparada, os destroços limpos. Mas muitos telhados haviam caído ou estavam tão podres que logo iriam desabar; os pisos de madeira entre os andares estavam ainda piores.

Então, havia o problema da comida. Muitas casas tinham restos de hortas, que haviam sido tomadas pelo mato. Eles recolheram o que foi possível e juntaram tudo a seu estoque, mas metade da carne já tinha sido comida depois do café da manhã. A menos que eles quisessem subsistir de um punhado de raízes e frutas, teriam de caçar em breve.

Havia três carpinteiros de Pelego — marido, mulher e filho, que haviam feito móveis e tábuas com a madeira dos pinheiros nas montanhas. Quatro anões, dois homens e duas mulheres, também tinham alguma experiência no trabalho com madeira, embora se limitassem a fazer arcos e flechas. Mesmo assim, era mais que o suficiente para começar a restaurar as casas e ensinar os fundamentos aos colonos. Precisavam apenas da matéria-prima.

Quando o meio-dia se aproximou, Fletcher finalmente terminou de dividir as atividades, separando os colonos em grupos que iriam se concentrar em cuidar dos animais, limpar o poço, replantar as hortas e fazer o trabalho pesado de limpar a cidade das ervas daninhas e destroços. Berdon e Milo foram tentar salvar as ferramentas que pudessem da ferraria e carpintaria, tirando a ferrugem com a ajuda de suco de limões silvestres e palha de aço conseguidos nos suprimentos.

Fletcher reuniu seu exército no dia seguinte, agora alimentado e descansado, e os guiou rumo à savana amarelada. Àquela altura no sul o clima era quente, mesmo durante a primavera. O sol estava quente enquanto eles caminhavam pela grama alta em direção às planícies de Raleighshire. Estavam bem armados, a munição, presa ao peito, e os mosquetes e alabardas, cruzadas às costas.

— Quero que tragam os mosquetes prontos — ordenou Fletcher. —

Mantenham os olhos abertos para qualquer coisa que possa parar em nosso caldeirão essa noite.

Sir Caulder se posicionou a seu lado.

— Os mosquetes ainda não estão carregados. Eles não sabem como fazê-lo.

— Então ensine-os — disse Fletcher.

— Sou um soldado velho — explicou ele, olhando por sobre os ombros, para os soldados. — As armas de fogo vieram depois de minha época.

— Kobe — chamou Fletcher.

O rapaz correu, enxugando o suor da testa.

— O que posso fazer pelo senhor, lorde Raleigh? — perguntou Kobe.

— Você foi soldado, certo? Sabe carregar um mosquete?

— Já faz alguns anos, mas... mais ou menos.

— Mostre a eles como fazê-lo — ordenou Fletcher.

— Sim, senhor.

Fletcher observou Kobe retornar à companhia dos demais e pegar seu mosquete. O rapaz hesitou, mas seus procedimentos pareceram corretos para Fletcher se carregar um mosquete fosse o mesmo que carregar uma pistola.

— Precisamos ensinar a ele as técnicas apropriadas — disse Fletcher, franzindo a testa no sol quente. — Formação, carregamento de armas, mira, tiro. No exército, todos passam pelo treinamento básico, mas esses soldados...

— Eles não o ensinaram isso em Vocans? — perguntou Sir Caulder.

— Não. Eu não fiz o segundo ano — disse Fletcher, lembrando os livros de estratégia e tática que ficaram parados nas prateleiras da biblioteca enquanto ele estudava demonologia e feitiçaria. — Kobe provavelmente sabe mais sobre o mosquete que eu.

— Infelizmente não posso ajudar nisso. Mas me dê algumas semanas com eles e vou deixá-los melhores com uma alabarda que qualquer guerreiro.

— Espero que sim.

Fletcher suspirou e olhou para a savana. Havia um bosque ali perto, os troncos das árvores longos e retos, as copas largas e cheias de galhos. Sombra.

— Logo precisaremos de lenha — comentou Fletcher, indicando as árvores com o queixo. — Você conhece muito sobre árvores?

— Somente o que seu avô me ensinou — respondeu Sir Caulder, olhando o bosque com um sorriso. — Ele plantou essas árvores quando tinha sua idade... queria que seus descendentes tivessem uma floresta onde brincar. Isso faz com que eu sinta o peso da idade. Lembro-me de quando essas árvores eram plantinhas pequenas.

Fletcher começou a ter uma ideia. Ele se virou.

— Homens, me sigam — chamou em voz alta.

Um elfo assustado disparou seu mosquete, o dedo apertando involuntariamente o gatilho. A arma explodiu com um tiro, exalando um cheiro de enxofre, e a vareta voou pelos ares, caindo na grama 4 metros à frente dos soldados. Fletcher balançou a cabeça, decepcionado.

— Vamos procurar uma sombra — disse ele, virando de costas para eles e caminhando até as árvores.

Todos o seguiram em fileira, suados e frustrados. Sem esperar a ordem de descansar, a maioria dos soldados caiu na grama para relaxar no frescor da sombra. Fletcher teve pena de repreendê-los. Ou teria sido o medo que o fez hesitar?

Havia mais ou menos umas cem árvores no bosque, todas da altura de três homens. Muitas tinham casas de cupim na base, embora as árvores parecessem intactas de ataque dos insetos.

Frutas forravam o chão, caídas dos galhos acima. Pareciam limões com uma casca amarelo-esverdeada. Sir Caulder pegou uma e a abriu com a espada.

— Frutos de musolveira — disse ele, enquanto o odor cítrico enchia o ar. — Experimente. Ainda não estão perfeitamente maduros, mas você vai ter dificuldade para encontrar alguma que chegou a ficar roxa: os animais as alcançam antes de nós. Especialmente os chacais.

Fletcher mordeu a fruta, os sucos explodindo em sua boca, como suco de limão adoçado. Era delicioso e lhe lembrava caqui.

— Bem, essas frutas vão se juntar a nossos parques suprimentos, mesmo se não caçarmos nada essa noite — disse Fletcher de boca cheia. Ele olhou para a planície. Havia uma manada de antílopes ao longe, mas a miragem tornava difícil calcular a distância com exatidão.

— Você pode fazer farinha dessas frutas depois de secas, além de uma aguardente bem gostosa — disse Sir Caulder animado, mordendo uma fruta também. — E não cuspa as sementes; elas são comestíveis.

Surpreso, Fletcher mastigou as sementes que estivera segurando entre os dentes e descobriu que elas eram gostosas, lembrando um pouco amêndoas.

— E quanto à madeira da árvore? — perguntou Fletcher, espetando uma fruta com a espada e a dando a um dos soldados. O homem a abriu e rosnou satisfeito ao mordê-la, causando uma reação em cadeia enquanto os demais recrutas pegavam suas próprias frutas do chão.

— Bem, essa é a melhor parte — disse Sir Caulder, sorrindo. — Seu avô escolheu essas árvores por causa dos frutos, mas elas têm algo mais que as torna especiais. São à prova de cupim.

Ele apontou para as casas de cupim na base das árvores.

— Os cupins têm uma relação especial com essas árvores. As raízes da planta protegem suas casas, e, em troca, os cupins não as atacam. Mesmo quando você corta a árvore, os cupins não tocam na madeira.

Fletcher sorriu e correu a mão ao longo do tronco da árvore mais próxima. Ele havia encontrado uma fonte de madeira.

— Então esse é o nome dessas árvores, musolveiras? Nunca ouvi falar.

— Não. Elas têm outro nome — disse Sir Caulder, sorrindo. — A maioria das pessoas as chamam de árvores de ébano.



41

Eles não caçaram nada naquele dia. Os homens começaram a trabalhar, usando as alabardas para cortar as primeiras árvores a serem utilizadas na reconstrução de Raleightown. As charretes foram preparadas e levadas para a savana a fim de transportarem os primeiros galhos, cortados dos troncos para que os carpinteiros construíssem itens, como pratos e móveis de madeira.

Apesar de haver homens o suficiente, Fletcher se juntou a eles, ficando só de camisa e cortando a base da própria árvore com um machado que veio no comboio.

A cada hora, o grito de “Madeira!” precedia o estalar de galhos caindo e o tremor do tronco despencando no chão. Então os homens se juntavam sobre ela, como cupins, cortando os galhos e deixando o tronco para ser transformado em tábuas, tarugos e lenha.

Quando o sol começou a se pôr, os soldados finalmente puderam descansar. Seus braços estavam exaustos, mas após meia hora, apesar do cansaço do trabalho, Fletcher pediu que cordas e colonos fossem trazidos da cidade.

As toras de madeira eram pesadas demais para que eles as colocassem nas charretes, então os troncos foram amarrados com cordas e arrastados até onde estavam os carpinteiros, que já tinham as ferramentas de prontidão para uma noite de trabalho. Se os javalis não tivessem ajudado, eles provavelmente não teriam conseguido.

Então foi a vez dos carpinteiros começarem os trabalhos com a ajuda de um grupo de colonos. Os soldados foram levados à igreja, onde receberam leite de cabra quente e raízes enânicas fritas para aplacar a fome. Mas Fletcher não se juntou a eles, pois os primeiros troncos estavam sendo transformados em algo que devolveria à cidade sua antiga glória.

Enquanto caminhava da igreja à carpintaria, ele ficou

impressionado com a diferença que apenas um dia havia feito. Os destroços que estiveram espalhados pelas ruas foram limpos. Arbustos foram aparados, cipós cortados e musgos arrancados das rochas.

Os carpinteiros estavam extasiados quando Fletcher chegou, pois havia mais de uma dúzia de toras de madeira a serem trabalhadas. Eles mostraram como a metade de cada tronco era formada por um círculo mais claro de cortiça, que cercava um miolo tão escuro que a cor mais se aproximava do preto. Era ébano da melhor qualidade, foi o que os carpinteiros disseram a ele: refinado e denso.

Eles não trabalhavam sozinhos. Berdon e Milo já derretiam o ferro enferrujado que não podia ser limpo, e o moldavam em novas ferramentas que seriam utilizadas para reconstruir a cidade — pregos, martelos, furadores e os arames que seriam necessários para segurar as vigas de madeira.

Thaissa forneceu a Fletcher as medidas das janelas das casas da cidade, assim como o nome de um anão que trabalhava com vidro e que cobraria um preço justo. Janet o ajudou a enumerar os demais equipamentos e utensílios de que precisariam: agulhas, temperos, sal e comida seca. Então, havia os extras que Fletcher queria. Eles precisariam de lingotes de aço para suplementar aqueles que haviam sido encontrados na ferraria. Havia poucas cabras e galinhas, nenhuma ovelha que pudesse fornecer lã nem mulas para ajudar a carregar os materiais para a construção.

Tendo isso em mente, Fletcher fez uma lista detalhada de pedidos e escolheu dez colonos para levar um comboio até Corcillum e reabastecer. Pela primeira vez, ele pegou ouro em sua bolsa para pagar por tudo, sacrificando uma parte das moedas. Era um investimento.

A caravana deixou a cidade ao cair da tarde, na esperança de chegar a Corcillum pela manhã e voltar na noite do dia seguinte — a viagem seria mais rápida com menos charretes, sem mencionar que estavam mais leves e a estrada estava mais limpa que em sua chegada. Fletcher deu a eles os mosquetes sobressalentes para se defenderem, mas esperava que não fosse necessário. Então, incitado por Ignácio, ele chamou o Drake para tomar conta do grupo durante sua viagem. Durante as horas seguintes, sua mente ficou cheia da alegria do demônio de poder voar livremente pelo céu noturno.

Mas ainda havia muito a fazer. Sob o brilho ululante de tochas, os carpinteiros trabalharam noite adentro, talhando as tábuas escuras, lisas e duras como ônix sob o céu estrelado. Os barris de água tinham de ser reabastecidos no poço, a carne precisava ser racionada e cozida. Frutos silvestres tinham deixado dois colonos doentes, e alguém tinha de cuidar deles. Então eles seguiram pela noite até que, finalmente,

quando os primeiros raios de sol se fizeram ver sobre as planícies, Fletcher caiu em um sono profundo e sem sonhos.

— Hora de acordar, dorminhoco!

O rosto de Berdon estava sobre ele. Fletcher se sentou, coçando a nuca.

— Coma alguma coisa — disse o ferreiro, dando a ele um pedaço de carne de porco fria.

Fletcher cortou a carne com os dentes e a devorou, saboreando. Ele estava faminto e lembrou que não havia comido nada na noite passada. Estivera ocupado demais.

— Que horas são? — perguntou Fletcher.

Ele e Berdon estavam sozinhos na igreja, e o sol brilhava forte lá fora.

— Logo será noite.

Fletcher grunhiu e fez menção de se levantar, mas Berdon pousou uma das mãos em seu ombro.

— Calma. Sir Caulder começou a treinar seus soldados hoje de manhã, e os outros colonos estiveram bem ocupados. Você não precisa colocar a mão na massa, sabia?

— Precisamos de mais madeira — disse Fletcher, sentando-se novamente.

— Alguns colonos estão fazendo exatamente isso enquanto conversamos — respondeu Berdon, entregando a ele um copo d'água.

— Algumas toras de madeira já estão a caminho. Provavelmente o suficiente com o que trabalhar pelos próximos dias.

— E a comida? — perguntou Fletcher, dando um gole.

— Bem, foi por isso que te acordei. O comboio voltou com o suficiente para mais um dia. Mas não foi só isso que eles trouxeram.

— Como assim?

— Digamos que temos hóspedes, além de alguns velhos amigos que não víamos fazia muito tempo. Eles estão na praça.

Fletcher levantou e gemeu baixinho. Seu corpo estava dolorido devido ao trabalho do dia anterior.

— Melhor ir vê-los — disse ele, caminhando em direção à porta. Um relance da consciência de Ignácio disse a ele que o demônio dormia em algum lugar. Ele não lhe daria nenhuma pista nesse estado.

Enquanto caminhavam pelas ruas em direção à praça, Fletcher viu que os reparos nas primeiras casas já estavam sendo feitos. Colunas haviam sido carregadas, e escadas de corda pendiam ao lado das casas onde os colonos trabalhavam nos telhados. Até a padaria fora usada para queimar as telhas de argila, tornando-as à prova d'água.

Fletcher estava tão enamorado com o progresso que via por todo lado — e pelo fato de os hóspedes estarem usando a mesma roupa que seus soldados — que não os percebeu até quase trombar com eles.

Anões. Havia sete no total, remexendo-se nervosamente enquanto ele os encarava sem acreditar. Então, uma voz conhecida soou detrás da charrete.

— Espero que não esteja bravo — disse Athol, as mãos erguidas em sinal de rendição. — Otelo e Cress souberam que você tinha apenas uns trinta e poucos soldados. Esses bravos jovens acabaram de se alistar, mas não são inexperientes a ponto de não se adequar aos recrutas que passaram por um ano de treinamento. Assim, nossos amigos acharam que você poderia precisar da ajuda.

Fletcher sorriu, feliz de ver o velho amigo.

— Por que eu ficaria bravo? — perguntou ele, dando um tapinha nas costas do anão. — Eles são muito bem-vindos aqui.

Virou-se para os anões.

— Bem-vindos a Raleightown, rapazes. As coisas estão meio confusas no momento, mas ficamos feliz em tê-los aqui.

Os anões sorriram, e foi estranho ver os rapazes barbudos tão preocupados com sua opinião.

— Berdon, onde estão os demais soldados? — perguntou Fletcher.

— Perto da antiga mansão — respondeu ele, mostrando o caminho para os novos recrutas.

— Por favor, agradeça a Otelo, Cress e Átila em meu nome.

— Bem, Uhtred temeu que você pudesse achar que estávamos tentando esgueirar mais alguns anões para a colônia — explicou Athol, o rosto corando de vergonha.

— Agora que nos livramos dos encenqueiros, acho que não será nenhum problema acolher mais alguns colonos anões — comentou Fletcher, coçando a nuca. — Mas, para ser sincero, levando em conta nosso estoque de comida, acho que não estamos prontos para aceitar muitos mais no momento.

Enquanto falava, Fletcher podia sentir o estômago roncar. Ele mandaria Ignácio caçar; pelo menos até que descobrissem alguma maneira mais sustentável de encontrar comida. Estava preocupado com a pouca quantidade que haviam conseguido coletar até aquele momento. Mas, pensando bem, não havia sido organizada nenhuma expedição de caça ainda, portanto seu sucesso ainda tinha de ser testado.

— Bem, acho que tenho a coisa certa para você. Algo novo no qual estivemos trabalhando. Dê só uma olhada.

Ele levou Fletcher até um dos vagões. Ali dentro, havia nove armas em um cobertor de flanela.

— Nós os chamamos de rifles. Você se lembra de sua pistola,

Chama? Como tem aquelas ranhuras para fazer as balas rodarem? Bem, essas são iguais.

Fletcher pegou uma. Era mais longa e mais pesada que os mosquetes e tinha entalhado um descanso para o queixo, para ajudar na mira.

— Esses protótipos têm a mira duas vezes mais precisa que o mosquete, e o tiro alcança o dobro da distância — explicou Athol. — As balas vêm pré-embaladas dentro do cartucho com um pedaço de couro para segurar o rifle no momento que o tiro sai pela câmara. O problema é que essas ranhuras dificultam o processo de colocar pólvora e a bala dentro do cano, por isso demoram o dobro de tempo para serem recarregadas. Não é muito bom para tiros sucessivos, mas tenho certeza de que será útil quando estiver caçando. Só precisa se certificar de usar a munição com moderação... há apenas cerca de cem tiros.

— Com certeza iremos usá-las — assegurou Fletcher, pousando a arma. — É muito bom vê-lo. Quer dar um passeio pelas terras antes de ir embora?

— Não exatamente — disse Athol, hesitante. Ele parou, um pouco envergonhado. — Ouvimos falar sobre seu ébano — continuou ele.

— Sim. Foi uma bênção — comentou Fletcher. — Jamais conseguiríamos reconstruir sem ele.

Ele apontou para uma das casas ali perto, onde a estrutura de madeira do telhado já estava visível acima da carcaça de pedra.

— Bem, nós esperávamos poder levar um pouco conosco — disse Athol. — Essa madeira é resistente a cupim e mofo, e é linda, escura e densa. Seria perfeita para fazer coronhas para armas, punhos para espadas e facas, especialmente para oficiais e nobres.

Então era por isso que ele estava ali.

— De quanto você precisa? — perguntou Fletcher.

— Um tronco seria o suficiente para começar. Nós lhe daremos uma parte justa dos lucros de cada venda, conforme o combinado.

Fletcher não precisou pensar muito. Era a primeira troca em uma relação que ele esperava ser longa e próspera.

— Vá até a carpintaria no final da rua e pegue um tronco de lá — instruiu Fletcher, apertando a mão de Athol. — Leve alguns dos galhos também.

— Sim, isso será o suficiente. — disse o anão, sorrindo com alívio. — Obrigado, Fletcher. Nos veremos em breve e te diremos como as coisas estão indo.

Fletcher não conseguia conter a animação ao ver o anão assentir em respeito a Berdon e caminhar pela estrada. Toda vila precisava

produzir alguma coisa. Pelego tinha ficado conhecida por suas peles e trabalhos em couro. Talvez Raleighshire ficasse conhecida por seu ébano. Embora ele também tivesse planos para as ovelhas que haviam chegado e estavam nos estábulos.

— Sabe, você não precisava ter sido tão misterioso ao falar sobre reencontrar velhos amigos — disse Fletcher, se virando para Berdon. — Eu vi Athol há poucos dias.

— Na verdade, eu não falava dele — disse o ferreiro, atendo a mão no ombro de Fletcher e guiando-o em direção à saída sul da praça. — Eles devem estar com os soldados.

— Me diga de quem está falando — grunhiu Fletcher, cansado do suspense.

Então ele os avistou, de pé onde a cidade terminava e a savana começava. Eles estavam observando as planícies, onde os soldados podiam ser vistos se exercitando; assim ele não podia ver seus rostos. Mas ele reconheceria em qualquer lugar aqueles cabelos loiros e os cachos ruivos a seu lado.

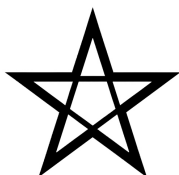
Rory e Genevieve tinham vindo a Raleighshire!

Ele saiu correndo, animado ao ver os amigos. Sir Caulder estava de pé no meio dos dois, observando os soldados se exercitando na frente deles.

— Ei! — gritou Fletcher.

Eles se viraram ao ouvir sua voz. Foi então que Fletcher percebeu que não era Sir Caulder. Era um rosto que ele não via havia mais de dois anos. Um homem que havia chegado e ido embora como uma ventania, virando sua vida de cabeça para baixo no processo.

Rotherham.



42

Fletcher parou no meio do caminho e olhou para o velho combatente.

— Ora, ora — disse Rotherham, com as mãos nos quadris. — Quem está aqui?

— Olá, Fletcher — disse Rory, passando a mão nervosamente pelo cabelo.

— O que vocês estão fazendo aqui? — perguntou Fletcher, incrédulo.

— Bem, um passarinho me contou que você estava recrutando homens — respondeu Rotherham, com um leve sorriso em seu rosto grisalho. — E esse passarinho foi o rei, lógico.

— O rei? — perguntou Fletcher.

— Ah, sim; agora somos unha e carne, nós dois — disse Rotherham, coçando a barba grisalha. — Por que acha que não fui ao julgamento de seu assassinato, Fletcher? Esse nosso rei é um ardiloso; assim que os homens do Triunvirato começaram a me procurar, ele me fez desaparecer de cena, sem um pio. Sabia que eu não ajudaria a melhorar as coisas para seu lado se eu fincasse pé, sendo tão espalhafatoso e um assim chamado desertor. Desde então eu estive mofando em uma fazendinha.

— Você é um bálsamo para meus olhos cansados — disse Fletcher, sorrindo ao ver o veterano grisalho. — Sua experiência vai ser útil para nós, pode ter certeza.

— Sim, senhor. Ou lorde. Nossa, como as coisas mudam, hein? Foi a melhor e a pior decisão que eu já tomei, ter dado aquele livro a você. Pelo que eu vi naqueles cristais de visualização, estaríamos enfiados até os olhos em cocô de goblin a essa altura se não fosse você e o seu diabo pequenininho.

— Bem, ele não é mais tão pequenininho como antes — revelou Fletcher, dando um tapinha nas costas de Rotherham. — Você vai ver.

Ele se virou para Rory e Genevieve, que estiveram aguardando

parados em um silêncio constrangido.

— E vocês dois?

— Bem... a gente ouviu falar que você estava precisando de soldados, do mesmo jeito que o Rotter aqui — disse Genevieve. — E... o exército... bem.

— O que Genevieve está tentando dizer é que não gostamos do exército — disse Rory, esfregando a nuca. — Eles não estavam interessados em nossa capacidade de liderança, não queriam nem mesmo que lutássemos.

— Como assim? — espantou-se Fletcher. — Precisamos de todo mago de batalha que pudermos na frente de batalha!

— Eles só nos queriam para recarregar suas pedras de recarga — explicou Genevieve.

A compreensão atingiu Fletcher, e a memória voltou para as aulas com Rook no primeiro ano. As pedras de recarga eram um agrupamento de cristais de coríndon menores e de cor igual, usados para armazenar mana para uso futuro. Ele só as vira serem usadas como ferramenta de auxílio para conjuradores novatos em sua primeira tentativa de abrir um portal para o éter, mas sabia que eram essenciais nas frentes de batalha. O mana excedente era utilizado para manter os escudos dos magos de batalha em funcionamento sobre as trincheiras quando os xamãs orcs atiravam bolas de fogo sobre eles à noite.

— Os Carunchos têm pouco mana, mas se recuperam mais rapidamente que a maioria dos demônios. Por isso, todos os dias nos ordenavam que drenássemos nossos manas nessas pedras e, em seguida, nos dispensavam. Não éramos considerados importantes, porque nosso nível de conjuração é muito baixo — explicou Rory, remexendo a terra com a bota.

— Então, pedimos ao rei uma transferência, e ele a concedeu, com a condição de que você nos aceitasse — concluiu Genevieve, olhando para ele com ar suplicante.

Por dentro, Fletcher estava exultante. Por mais que eles tivessem um nível baixo de conjuração, ter aquela dupla a seu lado seria uma vantagem gigantesca em qualquer batalha. Sem falar que os dois tinham treinamento em estratégia e comando militar.

— Vocês serão segundos-tenentes — declarou Fletcher, tentando não transmitir sua empolgação com o tom de voz. — Mas cada um vai receber o comando de um esquadrão diferente. Se estiverem dispostos a aceitar esses termos, será uma honra recebê-los.

— Aceitamos! — Genevieve riu, e então Fletcher se viu com a boca cheia de cabelo ruivo quando a jovem maga de batalha o abraçou com força.

— Obrigado — agradeceu Rory, estendendo a mão.

Fletcher extraiu um braço do abraço de Genevieve e apertou a mão oferecida com empolgação. Pela primeira vez, sentiu como se Rory e Genevieve o tivessem verdadeiramente perdoado por quase ter matado Malaqui no Torneio. Até aquele momento, ele ainda não tinha se dado conta do quanto aquela culpa pesava em sua consciência.

— Se me permite a ousadia — disse Rotherham, enquanto Genevieve soltava Fletcher e enxugava uma lágrima do canto do olho —, você vai precisar de um sargento ou dois para colocar essas tropas em forma. Mostrar a eles como as coisas são, por assim dizer. Sou macaco velho, combato desde garotinho. Seria presunçoso demais me indicar para o cargo?

O veterano grisalho parecia se remexer de inquietação sob o olhar observador de Fletcher. Ele estava em dívida com ele, isso era certo, e precisava de um sargento para retransmitir as ordens de Genevieve e Rory. Além disso, era um combatente experiente. Conhecía cada truque e atalho das tropas. Por que não...

— Certo, então. Sargento você será — decidiu Fletcher, dando um tapinha no ombro de Rotherham e caminhando para dentro da savana. — Mas fique sabendo que Sir Caulder será seu sargento-major e que você receberá ordens dele. Isso vale para vocês também, Rory e Genevieve: Sir Caulder é seu superior.

Fletcher resistiu ao impulso de virar-se para ver o olhar no rosto de Rotherham. O velho devia ter sido descartado umas mil vezes nas promoções quando estava no exército. Somente um arfar de surpresa lhe deu ideia da reação do homem.

— Agora vamos dar uma olhada nas tropas — gritou Fletcher, dando passadas largas pela grama alta na direção do local de treinamento dos homens.

Eles estavam espalhados em um círculo, e Sir Caulder os pareara, de frente uns para os outros. Os combatentes se atacavam usando não as alabardas, mas sim lanças com peso — simples cabos em cuja ponta estava preso um pedaço de madeira, a fim de imitar o peso, o comprimento e o equilíbrio das alabardas.

— Bom trabalho, Kobe! — berrou Sir Caulder, pois o jovem soldado tinha acabado de passar uma rasteira em seu oponente com o cabo, e agora segurava o bloco de madeira contra sua garganta. — Usem todas as partes da arma. O cabo e o punho são tão úteis quanto a ponta.

Kobe deu um sorriso reluzente. Os dentes brilharam em contraste com a pele escura, e ele estendeu a mão para ajudar o oponente a se levantar. Fletcher reconheceu o combatente dominado; era um dos condenados, um rapaz magrelo e dentuço com marcas de acne na face. O rapaz ignorou a mão estendida e se pôs de pé atabalhoadamente.

Cuspiu nos pés de Kobe e saiu pisando forte.

Kobe encolheu os ombros e saudou Sir Caulder, antes de juntar-se ao círculo.

— Relaxem, rapazes — gritou Sir Caulder, ao ver Fletcher se aproximando. — Façam um intervalo.

As tropas caíram no chão, agradecidas, e muitos dos soldados tomaram água de seus cantis. Seus rostos estavam cobertos de suor graças ao esforço daquele dia, e Fletcher desconfiou que Sir Caulder estava treinando o grupo desde bem cedo.

— Deus abençoe minha alma e amaldiçoe meus olhos! Esse aí é Rotter? — gritou Sir Caulder, mancando até os quatro.

— Espere aí, vocês se conhecem? — perguntou Fletcher. Então ele percebeu: o arfar de Rotherham fora por ter reconhecido o nome de Sir Caulder, não devido à promoção.

— Pode apostar que eu conheço esse aí! — disse Rotherham, rindo de alegria. — Somos unha e carne desde que a gente não passava de moleques. Servimos no mesmo regimento por algum tempo, também, antes que esse velho rato se tornasse importante e virasse o guarda-costas de lorde Raleigh.

— Ei, mais calma com essa história de rato velho — pediu Sir Caulder, cutucando Rotherham com a mão de gancho. — Sou apenas uns poucos anos mais velho que você.

— Mas que coincidência! — Genevieve riu.

— Você sabe o que o povo diz — começou Rotherham, abraçando seu amigo havia tempos perdido. — Existem soldados velhos e soldados valentes, mas não soldados valentes e velhos. Acho que nós somos as duas únicas exceções.

— Rá, talvez um de nós seja — disse Sir Caulder. Virou-se para os dois novos oficiais e lhes deu uma piscadela.

— Rory, Genevieve; que bom que estão se juntando a nós. Espero que não tenham esquecido meu treinamento.

— Não, senhor — disse Rory, dando um tapinha no espadim em sua cintura. — Estamos prontos para começar a guerrear.

— Bem, isso vai demorar um pouco ainda; temos algumas semanas pela frente, antes de assumirmos posição naquele desfiladeiro ali. — Sir Caulder apontou para a serra de cumes mais além das ruínas da mansão dos Raleigh.

Fletcher olhou para as montanhas, tentando identificar onde o desfiladeiro estaria. Parecia haver um ponto em que os picos se curvavam para dentro de cada lado no formato de ferradura, com uma depressão no fundo. Agora que olhava com atenção, as montanhas pareciam bastante próximas. Fletcher estremeceu ao pensar no quanto eles estavam perto dos orcs da selva. Ele precisava que seus homens estivessem preparados o quanto antes.

Quem saberia quando as tropas de lorde Forsyth abandonariam seus postos?



43

— Certo, homens, prestem atenção agora! — bradou Rotherham.

A noite caía, e Sir Caulder finalmente tinha encerrado as lições com os recrutas, permitindo-lhes um instante para devorar sanduíches de carne de veado antes de retornarem ao que havia se tornado seu campo de treinamento: o antigo gramado da mansão Raleigh.

— Vou demonstrar a maneira certa de armar e disparar um mosquete — prosseguiu o sargento. — Um soldado de elite pode disparar quatro vezes em um minuto. É possível, e vou provar. Vou disparar cinco.

Rotherham sacou o mosquete da alça às costas, uma arma idêntica à dos soldados. Ele a ergueu até a altura do olho e agitou a arma até encontrar um alvo: um toco de árvore coberto de cogumelos.

— Um mosquete consegue atingir um alvo de 13 centímetros a uma distância de 50 metros, mais ou menos a distância daqui até aquele tronco — prosseguiu Rotherham, apertando os olhos na direção apontada pelo cano. — Quando atirarem em um grupo de inimigos, vamos disparar a uma distância duas vezes maior, mas posso garantir que vão conseguir atingir seu alvo quando ele entrar na linha de alcance. Sir Caulder, comece a cronometrar o minuto assim que eu der o disparo.

Sir Caulder assentiu, segurando um relógio de bolso.

— Agora contem comigo — gritou Rotherham. — Um!

Ele disparou em meio a uma nuvem branca de fumaça, e o tronco estremeceu quando a bala espatifou seu centro. Fletcher arregalou os olhos quando a mão de Rotherham arrancou um cartucho de papel de uma bolsinha na lateral do corpo e o abriu com os dentes. Ele despejou uma pitada de pólvora negra na caçoleta do mosquete e depois também pelo cano. A vareta chacoalhou fora de seu encaixe embaixo da boca da arma, empurrando a pólvora uma, duas vezes,

depois voltou ao lugar, e Rotherham apoiou a arma no ombro. Sua mão puxou o cão da arma. Em um instante: *pou*.

— Dois!

O tronco vibrou quando outro tiro de mosquete o atingiu, e todo o processo se repetiu mais uma vez. Fletcher sorriu ao ver o velho veterano ardiloso, cujas mãos executavam movimentos que tinham sido absorvidos ao longo de quase uma década. O ar estava cheio do cheiro de enxofre, e a fumaça foi levada pelo vento até os recrutas que observavam Rotherham, maravilhados. Então eles se juntaram à contagem com animação, as vozes ecoando pelas planícies em um coro a cada disparo do mosquete.

— Três!

Outro tiro atingiu a madeira com força, arrancando um pedaço e atirando para cima uma nuvem de terra. Rotherham não hesitou nenhuma vez: cuspiu o papel e carregava a arma novamente. Seus movimentos eram quase mecânicos, seus dedos ágeis e rápidos tratavam a arma como um instrumento musical.

— Quatro!

Seu alvo estava em frangalhos, a madeira crua destroçada em uma maçaroca de farpas e serrallo. Com certeza já devia ter se passado um minuto. Mas não: Sir Caulder ainda olhava o relógio de bolso. Rotherham suava, mas suas mãos moviam sem pestanejar. A vareta chacoalhou pelo cano, e então, um átimo de segundo depois de Rotherham dar o quinto e último disparo, Sir Caulder gritou:

— Tempo!

Os soldados soltaram vivas e bateram palmas, e alguns começaram a tossir por causa da fumaça que se espalhava em uma névoa ao redor. Aquela fora uma pura demonstração de habilidade, da qual Fletcher se recordaria nos dias vindouros. Ter um exército capaz de atirar tão bem assim seria uma força inesquecível.

— Eu dei a ele um segundo a mais — sussurrou Sir Caulder, indo para o lado de Fletcher. — Mas isso com certeza inspirou os rapazes, não?

— Com certeza — concordou Fletcher, observando seus soldados se levantarem, cansados, para parabenizar seu sargento. — Não conte isso a ele, ele ficará desapontado.

— Nem sonhando — disse Sir Caulder, sorrindo enquanto o velho veterano aceitava com relutância os elogios dos recrutas. — Ele e eu lutamos lado a lado em muitas batalhas, e ele me salvou de enrascadas mais vezes que posso contar. Dará um excelente sargento.

O crepúsculo descia uma vez mais, lançando um brilho cálido e alaranjado sobre o terreno. Os homens, em fileira, haviam recebido alvos a uma distância de 15 metros: pedras de calçamento cobertas de

musgo, descartadas havia muito tempo da explosão que ocorrera anos antes. Primeiro, Rotherham fez com que eles executassem os movimentos de carregar a arma sem usarem munição de verdade para não desperdiçá-la, mas, depois de uma hora corrigindo sua técnica, sentiu que estavam prontos para começar a disparar com cartuchos de verdade. Agora Fletcher, Genevieve e Rory estavam ao lado, observando os procedimentos.

— Preparar! — berrou Rotherham. Ouviu-se o clique de 38 cães sendo puxados para trás.

— Apontar!

Trinta e oito mosquetes foram levantados e apoiados no mesmo número de ombros. Fletcher olhou para o final da fileira. Sete armas pareciam mais baixas que as demais, em função da diferença de altura dos anões.

— Fogo!

Uma barreira de barulho atingiu os ouvidos de Fletcher, e a fumaça explodiu em grandes golfadas brancas. Balas de mosquete bombardearam as pedras, mas Fletcher não contou mais que doze baforadas de poeira lançadas pelos alvos. As outras balas se espalharam pela grama alta mais além, ou então atingiram o chão a alguns centímetros de distância.

— Carregar! — bradou Rotherham.

Vieram então o barulho metálico das armas e os movimentos frenéticos dos homens apanhando os cartuchos e rasgando-os com os dentes.

Fletcher contou baixinho. Quinze segundos se passaram antes de Rotherham berrar:

— Preparar!

Foi um caos. A maioria dos homens ainda estava enfiando a pólvora cano abaixo, e mesmo os mais velozes ainda estavam cutucando as aberturas das varetas, tentando fazer com que deslizassem para o lugar certo.

— Apontar! — berrou Rotherham.

Não mais que um punhado de mosquetes foi erguido.

— Fogo!

Lamentáveis três tiros foram espalhados pela grama alta, seguidos pela vareta rodopiante de um dos atiradores, que tinha se esquecido de retirá-la do cano. Nenhum atingiu o alvo.

Rotherham suspirou e correu a mão cansada pelo rosto.

— Chocante — grunhiu ele. — Pontaria, lamentável. Carregamento, horroroso. Vocês vão continuar me encontrando aqui ao pôr do sol todos os dias para praticar, e vamos continuar fazendo isso até que consigam disparar pelo menos quatro vezes em um minuto. Vocês serão os melhores, cavalheiros.

— Essa foi só nossa primeira vez — reclamou o condenado com pele marcada.

— Se você fizesse isso no campo de batalha, os orcs o comeriam no café da manhã — devolveu Rotherham, rodeando o rapaz. — É sua sobrevivência que depende da rapidez e precisão com que você consegue disparar aquele mosquete.

Os recrutas olharam para baixo, envergonhados.

— Mas não se preocupem — disse Rotherham, a voz subitamente animada. — Logo, logo, vocês estarão transformando tocos de árvore em serralho. Dispensados!

Os soldados soltaram um grunhido de alívio e voltaram na direção da igreja, deixando Fletcher a sós com Rory, Genevieve, Sir Caulder e Rotherham. Aguardaram até que estivessem sozinhos.

— Vamos precisar de mais munição para o treinamento — disse Rotherham, com ar de desculpas. — É a melhor forma de aprender.

— Você a terá — disse Fletcher. — Mas preciso que me dê o nome de seus oito melhores atiradores. Eles não precisam ser rápidos, só precisos.

— Para os rifles? — perguntou Rotherham.

— Isso mesmo.

— Athol me mostrou, no caminho até aqui — disse Rotherham, coçando o queixo. — Já tenho alguns em mente. Bons atiradores são sempre úteis; podem atingir os que vêm na linha de frente em um ataque e neutralizar os batedores e sentinelas inimigos, como pode ser o caso.

— Ótimo — elogiou Fletcher. — Sir Caulder, você pode ficar com as tardes para treinamento.

— Por mim tudo bem — respondeu o velho soldado. — Eles estarão treinados em breve. Vou ensinar como se rebatem lanças, porretes, macanás, cavalarias... o escambau. Basta apenas me dar algumas semanas.

— Temos só o tempo até aqueles homens que estão defendendo o desfiladeiro resolverem partir — disse Fletcher, olhando para a serra. — Então, só vai nos restar torcer para que os orcs não tentem atacar.

Um calafrio desceu pela espinha de Fletcher. Ele dissera a Khan que era um Raleigh. O orc albino sabia que aquelas eram suas terras ancestrais. Se estivesse buscando vingança, aquele seria o primeiro lugar que atacaria.

— Deixe-os preparados — pediu Fletcher, estremecendo apesar do calor. — Talvez precisemos entrar em combate mais cedo que pensamos.



44

Os dias pareceram se passar em um borrão depois que o treinamento começou para valer. Fletcher, Rory e Genevieve levavam os soldados para as planícies todas as manhãs para treinar as manobras — marchar, virar e formar em variadas fileiras em rápida sucessão.

Depois vinham as formações mais complexas: um *schiltron* para se proteger de um ataque montado, nos quais os homens faziam um círculo, com os da frente empunhando alabardas para atacar as bestas enquanto os da retaguarda atiravam indiscriminadamente na cavalaria que se aproximava.

Outra tática era a recuada ordenada, quando as equipes de artilharia forneciam cobertura umas às outras enquanto se separavam em grupos de cinco. Os homens se espalhavam em uma formação solta para se transformar em alvos mais difíceis para dardos. Eles também praticavam as investidas disciplinadas, de modo que uma barreira de homens caísse em cima dos oponentes em uma única onda.

Fletcher, Rory e Genevieve receberam para treinamento uma equipe de quinze soldados cada, com igual divisão de anões, elfos e humanos. Os oito restantes foram selecionados por Rotherham a fim de tornarem-se atiradores de rifle, e ele os treinava separadamente em manhãs alternadas, até que fossem capazes de, com um tiro, derrubar um fruto de uma musolveira a cem metros de distância, e atingir o tronco de uma árvore três vezes em cinco disparos a 400 metros. Praticavam pontaria com alvos móveis, e todas as noites a colônia jantava os frutos de suas conquistas — bifos de ágeis gazelas, antílopes de chifres compridos e, certa noite, até mesmo um búfalo pesado que sozinho alimentou a população inteira de Raleighshire.

À tarde, Sir Caulder treinava os recrutas para o combate até que estes ficassem cobertos de suor, aperfeiçoando suas habilidades até que Fletcher mal conseguisse reconhecer os soldados bronzeados de sol que combatiam entre si no calor da tarde. Os homens logo

aprenderam a temer Sir Caulder; aqueles que o desafiavam saíam mancando com vergões vermelhos nos braços e rostos. Mesmo assim, os soldados estavam se transformando em um exército formidável, e suas armas de treino criavam borões com a velocidade e ferocidade com que eram usadas nos ataques. Ao fim de cada sessão, havia muito mais que uns poucos hematomas, e Fletcher surpreendia os soldados curando cada ferimento, como se estivesse apagando uma mancha.

À noite, os colonos começaram a distinguir os horários pela intensidade dos disparos de armas de fogo, e sabiam que o sol estava se pondo quando o silêncio voltava a cair sobre as planícies. Fletcher fez questão de fazer com que ele, Rory e Genevieve ficassem tão experientes no uso do mosquete quanto os próprios soldados, e, embora fossem se deitar todas as noites com ombros doloridos e nós dos dedos em carne viva, todos conseguiram aprender a dar quatro disparos em um minuto, metódicos como um relógio, ao final do primeiro mês.

Foi um alívio quando Rotherham declarou que os homens estavam prontos, mas então veio a parte das estratégias de tiro.

Eles deveriam atirar por fileira: a primeira disparava e se ajoelhava para recarregar as armas, e a segunda, de pé, atirava em seguida para fornecer uma explosão de balas de mosquete na linha inimiga a cada sete segundos. A saraivada de tiros dos pelotões, onde cinco homens disparavam ao mesmo tempo na linha da infantaria, fornecia uma saraivada constante de balas sobre os inimigos.

Ao final daquele primeiro mês, os soldados estavam bem familiarizados com as manobras militares, portanto Fletcher e seus dois tenentes passaram a levá-los em expedições pela savana, para caçar ou procurar ébano. Logo, eles passaram a ter tanta carne que não sabiam o que fazer com ela, mesmo depois de Ignácio se refestelar com o excedente.

Portanto, Fletcher enviou comboios de comércio para vender a carne de caça nos mercados de Corcillum, conservando-a em barris de sal. Quanto à lenha, Fletcher fazia os homens cortarem, apararem os galhos e transformarem a madeira em toras no meio da savana, depois trazer a madeira de volta em trenós improvisados. Ele os acompanhava em cada tarefa e fazia questão de dar sempre mais duro que qualquer um, ganhando seu respeito relutante. Antes do segundo mês, os soldados já tinham perdido toda a gordura de criança, e seus corpos eram esbeltos e tão rijos quanto os de cães de caça. Até mesmo Kobe e seus compatriotas magrelos ganharam camada após camada rija de músculos, e mesmo Fletcher nunca se sentira tão forte em toda a vida.

Agora que os soldados estavam ajudando, Raleightown passou a ter

um suprimento constante de madeira a fim de executar todos os seus reparos e projetos de construção, e toras de ébano frescas, às vezes, eram levadas também nos comboios comerciais. Sob a orientação de Thaissa e Berdon, as casas foram completadas com rapidez, e os colonos puderam se mudar. Não demorou para que a igreja se tornasse seu salão de jantares e ponto de encontro, com vidros novos nas janelas e grandes mesas compridas de madeira escura preenchendo-a de parede a parede.

Fletcher começou a ansiar pela chegada de cada noite, quando o zumbido alegre das conversas inundava o lugar e ele podia se soltar ante a satisfação de todos. Ele e Berdon haviam convertido a velha ferraria em sua casa e passavam todas as noites relembando os velhos tempos e fazendo planos para o futuro.

Cada retorno dos comboios trazia consigo ouro e suprimentos, e Fletcher dividia os lucros igualmente entre ele e os trabalhadores. Notando os lucros, logo novos produtos começaram a surgir do seio dos colonos. Frutas exóticas eram colhidas aos barris das árvores silvestres e vendidas ao lado das carnes. Os primeiros fardos de lã de seu pequeno rebanho de ovelhas logo se juntaram a essas mercadorias, embora os ataques de leões e chacais tivessem reduzido o grupo de recém-nascidos para apenas três.

Mas nem tudo eram boas notícias: Fletcher não podia visitar a mãe. Recebeu um aviso dos médicos do rei dizendo que ela fazia progressos, mas que receavam que ela regressasse a seu estado anterior e animalesco caso o visse, uma vez que estava em um ponto bastante frágil da recuperação. Ele ficava mortificado por não poder visitá-la, pois ela tinha sido levada sem que ele pudesse se despedir adequadamente na noite em que eles retornaram à própria dimensão.

Apesar dos pesares, o fato de poder voar novamente o animava, mesmo quando estava muito triste. Ao nascer de cada manhã, ele montava Ignácio e subia até os céus sem nuvens. A asa de Atena tinha finalmente se cicatrizado, e a alegria do demônio completava a sua quando eles deslizavam acima da paisagem selvagem, descobrindo cada dobra e canto da terra que passaram a chamar de lar. Voar era glorioso, e Fletcher não conseguia acreditar que algumas pessoas podiam passar a vida inteira sem experimentar aquilo. Mas, independentemente do quanto ele insistisse com Berdon, o ferreiro sem papas na língua se recusava sequer a montar Ignácio, quanto mais permitir que o Drake o levasse a poucos centímetros de altura do chão.

Embora ele e os colonos estivessem satisfeitos, havia algumas divisões no exército de Fletcher, e não tinha momento que ficassem mais aparentes que na hora do jantar. Os anões preferiam sentar-se à própria mesa, liderados por um anão de rosto austero chamado Gallo

cuja barba era tão comprida que ele precisava enfiá-la por baixo do cinto. Fletcher sabia por Thaissa que ele e os outros recrutas anões conversavam na própria língua entre si, mesmo quando os humanos estavam por perto, o que lhes valera a ira de muitos dos companheiros de exército.

Kobe e seus ex-escravos tinham feito amizade com os condenados, que falavam alto e eram grosseiros, mas tinham boa índole. Infelizmente, o mais popular desse grupo era o rapaz de rosto marcado que atendia pelo nome de Logan, um encenqueiro nato. Ele e seus aliados frequentemente eram vistos dando risinhos dissimulados, em geral de alguma piada dita por um anão ou elfo.

Havia ainda os elfos arredios, dos quais a líder era Dália. Ela se tornara mais simpática para com Fletcher nos últimos meses, e assumira um comportamento civilizado, ainda que um pouco tenso. Entretanto, Fletcher não tinha certeza se havia realmente conquistado seu respeito, ou se fora a chegada de uma mascote improvável no exército o que melhorara seu humor: uma raposa do deserto, tão pequena quanto um cãozinho, com pelo branco-dourado e as orelhas grandes, parecidas com as de um morcego, tão características da espécie.

A raposa do deserto tinha começado a segui-los em suas incursões pela savana, pedindo restos de comida e os carinhos na barriga que os soldados lhe davam. Dália imediatamente adotara a criaturinha, e a raposa se tornou sua companhia constante, trotando atrás de seus calcanhares durante o dia e dormindo a seu lado à noite. Embora a raposa fosse oficialmente de Dália, todo o grupo de soldados a considerava um bom presságio e lhe deu o nome de Coelhinho, por causa das orelhas. Ela era mimada por todo mundo e se saía muito bem em colocar um sorriso ocasional no rosto geralmente severo da elfa.

Eles estavam treinando havia dois meses quando os problemas começaram, em uma noite bem parecida com qualquer outra. Quase todos os colonos já haviam se retirado, pois o treinamento acabara tarde e a maioria já tinha jantado quando os soldados chegaram à igreja. A caça tinha sido escassa naquele dia — sua refeição consistira de um ensopado feito com as sobras do dia anterior, e o humor estava mais sombrio por conta disso.

Fletcher sentava à mesa principal com Rory, Genevieve, Sir Caulder e Rotherham quando percebeu. Logan tinha apanhado meio pão de forma e estava segurando-o contra o queixo como se fosse uma barba, mostrando a língua para os anões. Talvez fosse para ser uma brincadeira, mas os anões não estavam achando graça: muito pelo

contrário, na verdade, e o modo como olhavam carrancudos para Logan fez Fletcher achar que não era a primeira vez que ele os provocara daquela maneira.

— Se eu me ajoelhasse, vocês não iam perceber nenhuma diferença — disse Logan, ganhando uma risadinha apreciadora dos rapazes sentados à volta. — Apesar de que os anões já andaram se ajoelhando um bocado ultimamente, né não, rapazes?

Aquele insulto fez com que um dos anões se levantasse na mesma hora, mas ele foi puxado para baixo por Gallo, que sussurrou algo furtivamente em seu ouvido.

Desapontado com a falta de reação, Logan voltou a atenção para os elfos. Partiu o pão em dois e colocou uma metade de cada lado do rosto, imitando suas orelhas.

— O que acham, senhoras? — perguntou para as elfas. — Estou parecido o suficiente para vocês? À noite todos os gatos são pardos, não é mesmo, rapazes?

Dália percorreu a distância entre eles em um único salto ágil e segurou Logan pela nuca. Uma lâmina de punhal surgiu em um instante, como se tivesse se materializado do nada, e ela sibilou de raiva:

— Quer ficar parecido com um elfo? Deixe que eu aponto suas orelhas para você.

De repente, as facas que estavam sendo usadas para fazer a refeição foram apanhadas e escondidas embaixo das mesas. Os condenados se levantaram de um pulo, e Logan gritou, em uma mistura de medo e ultraje.

— Parem, agora mesmo! — ordenou Fletcher.

Seu coração batia forte, chocado com a rapidez com que os soldados tinham passado de companheiros a inimigos. Mas, antes que ele pudesse dizer qualquer outra palavra, o punhal desapareceu e Dália recuou com um sorriso predatório.

— Qual o problema, hein, Logan? — perguntou ela, inclinando a cabeça de lado. — Não sabe encarar uma brincadeirinha?

Ele balbuciou uma resposta, e o salão inteiro prendeu o fôlego. Então, Logan virou a tigela com um rosnado e saiu pisando duro, depois meteu-se porta afora e desapareceu ao ar noturno. A tensão diminuiu um pouco. As facas foram recolocadas sobre as mesas, e o zumbido baixo de conversas retornou.

Fletcher afundou na cadeira e exalou em um suspiro alto. Por agora estava resolvido, mas, no mesmo instante que sentiu a primeira pontada de alívio, sua mente se preocupou com o restante da noite.

— Quero vocês quatro dormindo nos alojamentos esta noite —

disse para Rory, Genevieve, Sir Caulder e Rotherham, pensando no espaço confinado onde os soldados estavam alojados. — Para terem certeza de que isso não vai acabar mal.

— Você tem razão, meu rapaz — suspirou Sir Caulder. — Mas isso não vai terminar de hoje para amanhã. Já anda fermentando há um tempo.

— Eu sei — disse Fletcher, observando os anões saírem do salão com os olhos fixos nos condenados, cheios de agressividade declarada. Então Gallo se virou e passou o dedo no pescoço, num gesto tão sutil quanto uma tijolada em uma vidraça.

Fletcher soltou uma respiração contida entre dentes, sentindo a frustração ferver dentro de si. Ele havia permitido que aquele problema aumentasse, ao escolher fazer vista grossa todo dia em que aquela divisão se mostrava. Agora, o estrago estava feito.

E cabia a ele consertá-lo.



45

O tamborilar de pingos de chuva acompanhava o ritmo das passadas dos soldados enquanto eles se colocavam em fila na Praça de Raleightown. Era uma chuva morna, intensa e pesada, que ensopou o cabelo de Fletcher e escorreu até os olhos conforme ele observava o exército à frente. Os treinos da manhã tinham sido cancelados, e agora eles precisavam encarar a situação.

Em algum lugar no horizonte, o ronco suave de um trovão ecoou por cima do barulho alto das gotas de chuva. Na própria mente, Fletcher sentiu Ignácio e Atena acima da tempestade, desfrutando dos ventos velozes que lhes permitiam deslizar alto sem bater nem uma única vez as asas. Fletcher os mandara voar sem ele, pois não quis puni-los pelo próprio fracasso.

Os soldados estavam ali parados, carrancudos e ressentidos. Nenhum o encarava enquanto ele aguardava, de braços cruzados, os olhos estreitados. Ele os observava, esperando que o verde de seus uniformes se escurecesse com a umidade e seu cabelo grudasse na cabeça. A mensagem era clara. Aquilo era um castigo.

— Que vergonha! — berrou ele, endurecendo a frustração em sua voz e transformando-a em uma fúria controlada. — Vocês deveriam ser os melhores, um exército de dar orgulho. Agora olhem só para vocês. Brigando como criancinhas mimadas.

Ele parou, examinando os rostos à frente: seria aquilo vergonha? Ou apenas a frustração de ter de ficar na chuva?

— O culpado sou eu — rosnou Fletcher. — Eu é que deixei a situação chegar nesse ponto, por isso vou lhes dar uma segunda chance. Resolver tudo.

Agora eles o olharam.

— Logan, Dália, Gallo, venham até aqui em cima — ordenou.

Os três relutantemente saíram da fila e foram até a frente. Ele fez sinal para Rory e Genevieve com um ligeiro retorcer de mão, e os dois

oficiais saíram do abrigo do alojamento e juntaram-se a ele na chuva. Sir Caulder e Rotherham ficaram olhando.

Então Fletcher levantou a mão. Fios transparentes de energia cinética desabrocharam da ponta de seu dedo tatuado e se retorceram ao redor dos pés e das mãos de Logan. O garoto ofegou quando eles se apertaram em torno dele, e a chuva respingou do cordão invisível que agora o conectava ao dedo brilhante de Fletcher.

A seu lado, Gallo e Dália também lutavam contra aquelas amarras, enquanto Rory e Genevieve seguiam as instruções que ele lhes dera aquela manhã.

— O que você está fazendo? — gritou Logan.

— Como eu disse — respondeu Fletcher, rigidamente — todo mundo vai ter sua chance.

Ele se virou para os soldados, que estavam observando com ar de choque.

— Elfos, anões, eu quero que vocês façam uma fila única na frente de Logan. O restante de vocês, na frente de Gallo e Dália.

Eles o olharam, depois os olhos ficaram passando de Fletcher para os companheiros amarrados.

— Vocês ouviram o que ele disse! Andem logo! — bradou Sir Caulder, enviando os últimos soldados rapidinho a seus lugares.

— Logan fez comentários odiosos sobre as raças de vocês ontem à noite — declarou Fletcher. — Gallo correu o dedo pela garganta, e Dália segurou uma faca junto ao pescoço do homem. Nenhum dos três é inocente.

Ele respirou fundo, esperando que o plano desse certo.

— Você aí, Tallon — chamou Fletcher, apontando para um anão na frente. Fora ele que tinha se levantado com raiva dos comentários de Logan.

Tallon olhou para ele, o medo estampado no rosto.

— Bata nele.

Tallon hesitou.

— Eu...

— Ontem à noite, vi você se levantar, preparado a enfrentar Logan — berrou Fletcher no meio do aguaceiro, caminhando na direção de Tallon. — É assim que se trata seus companheiros de armas?

Ele rodeou as tropas atrás de si.

— A maioria de vocês tinha facas em punho. Não tentem negar!

Agora ele viu vergonha. Olhares de esguelha, rostos voltados para o outro lado.

— Então, aqui está sua chance — grunhiu Fletcher.

Tallon olhou para o rapaz à frente. Logan retribuiu seu olhar e

levantou o queixo, desafiadoramente.

— Vá! — disse Fletcher, irritado, empurrando Tallon para a frente. O anão tropeçou nas pedrinhas do calçamento e recuperou o equilíbrio a poucos centímetros de Logan. Encarou seu rival, piscando através da chuva torrencial. Então Tallon lhe deu um empurrão fraquinho no ombro.

— Isso é idiotice — disse o anão, buscando apoiadores entre a multidão, mas todos permaneceram em silêncio, só olhando com medo.

— Você chama isso de soco? — perguntou Fletcher. — Achei que você o odiasse.

— Isso é errado — disse Tallon.

— Você estava prestes a atacá-lo com uma faca ontem à noite — disse Fletcher, cutucando Logan com um dedo. — Isso aqui não é nada comprado com aquilo.

— Eu não vou fazer isso — retrucou Tallon.

— Então, volte para a fila! — grunhiu Fletcher, empurrando.

Ele se virou para as tropas e caminhou na frente das três filas. Seus olhos pousaram sobre Cooper, um dos camaradas de Logan.

— E você, hein, Cooper? — perguntou Fletcher. — Você odeia Gallo o bastante para dar conta da tarefa?

O rapaz olhou feio para Gallo cujo rosto empalideceu quando ele deu um passo à frente.

— Solte ele — disse Cooper. — A gente vai resolver as coisas como homens. De igual para igual.

— Qual o problema? — perguntou Fletcher. — Aqui está seu inimigo, bem aqui! A única coisa que você precisa fazer é esticar o braço e acertá-lo.

— Ele não pode se defender — argumentou Cooper, balançando a cabeça.

— E você por acaso não mataria um orc se ele tivesse perdido a arma em batalha? — perguntou Fletcher. — O orc também estaria indefeso, não?

— Isso é diferente — argumentou Cooper.

— Você odeia os dois inimigos, não é? — disse Fletcher. — Ele não é nada para você. Então, vá em frente!

Cooper deu um passo adiante, estalou o pescoço. Olhou nos olhos de Gallo, os músculos da mandíbula se flexionaram quando ele rangeu os dentes, mas algo o conteve.

— Não — disse Cooper, balançando a cabeça. — Não vou fazer isso.

Fletcher empurrou o rapaz para a fila.

— Mais alguém? — perguntou. — Alguém aqui deve estar a fim de descontar a raiva nesses três indivíduos. A chance é essa.

Ele olhou para o rapaz na frente de Dália, um ex-escravo chamado Arif que não perdera tempo algum em apanhar uma faca e defender Logan.

Arif levantou as mãos e recuou até o fim da fila.

— Ah. De repente, ninguém mais quer machucar ninguém aqui — disse Fletcher, dando uma risada forçada e amarga. — O que mudou?

Sua única resposta foi o barulho da chuva caindo e o ribombar distante dos trovões.

— O negócio é o seguinte — disse Fletcher, correndo a mão pelo cabelo ensopado. — Se vocês odiassem mesmo uns aos outros, esse showzinho teria tido um resultado bastante diferente. Mas o problema de vocês não é ódio. É orgulho.

Ele balançou a cabeça diante deles, em desgosto.

— São orgulhosos demais para aceitar um insulto. Orgulhosos demais para sofrer uma humilhação. Orgulhosos demais para perdoar.

Os soldados ficaram em silêncio, em estado lastimável enquanto ele soltava os cachorros.

— Estão vendo isso aqui? — perguntou Fletcher, apontando por cima dos ombros para as ruínas do lar de seus ancestrais. — Minha família foi massacrada pelos orcs. Todas as pessoas desta cidade foram empaladas em lanças e deixadas apodrecendo nos limites da selva além dessas montanhas. Isso sim é ódio. Esse sim é o inimigo.

Ele libertou Logan do feitiço cinético, deixando que o garoto caísse de joelhos sobre as pedras do calçamento. A um aceno de sua cabeça, Genevieve e Rory o imitaram, e Gallo e Dália também tombaram no chão.

— Os Forsyth organizaram tudo — disse Fletcher, e viu a surpresa passar pelo rosto dos homens. — Disseram para os orcs como poderiam entrar, onde ir. É verdade.

Ele colocou Logan de pé.

— Como vocês bem sabem, a família deles semeou a desavença entre nossos povos, apenas para alimentar os próprios interesses. E vocês estão jogando o joguinho deles, como patinhos! Eles se alimentam do orgulho de vocês. De seu medo do desconhecido. Não. Deixem!

Fletcher se inclinou para a frente e sussurrou para Logan:

— Se fizer comentários como aqueles mais uma vez, eu vou cortá-lo de meu exército. Esta foi sua primeira e única chance.

Logan saiu correndo na direção dos homens, com a ajuda de um empurrão de Fletcher. Seu recado para Logan tinha sido alto e claro, embora as palavras em si não pudessem ter sido ouvidas pelo restante das tropas. Gallo deu um aceno respeitoso para Fletcher ao se juntar às fileiras, enquanto Dália caminhava rápido sem o olhar duas vezes.

Fletcher deu um suspiro por dentro. Era tão difícil saber o que ela

pensava quanto Sylva. Apesar disso, ele sabia que, por enquanto, a raiva da tropa tinha sido controlada. Só lhe restava torcer para que as coisas permanecessem assim.

— Meu lorde — gritou uma voz. Fletcher se virou e viu um jovem garoto emergir da rua atrás de si, os olhos arregalados de medo. — Soldados estão a caminho.

Fletcher virou-se para olhar para as montanhas, de onde os guardas dos Forsyth viriam. Mas não havia nada. O garoto lhe puxou a manga e apontou para a rua, na direção de onde ele tinha vindo.

— Não, milorde, ali.

— Não há motivo pa...

As palavras de Fletcher morreram em seus lábios. Havia homens marchando, vindo do norte: tornaram-se visíveis quando entraram na rua principal de Raleightown.

Mesmo do fim da rua, Fletcher reconheceu o amarelo e preto de seus uniformes.

Eram soldados de Didric.



46

Eram muitos — pelo menos sessenta, pelas estimativas de Fletcher — que vinham marchando apressadamente pela rua, apesar da chuva. Na liderança, Fletcher avistou o vulto familiar de gorila de Jakov, caminhando pesadamente, e, a seu lado, Didric. Para surpresa de Fletcher, o jovem nobre ainda usava a máscara do baile. Obviamente tinha gostado de sua aparência com ela.

Berdon saiu pelas portas duplas da forja e caminhou até Fletcher, piscando sob o aguaceiro para ver melhor os homens que se aproximavam.

— O que acha que vieram fazer aqui? — perguntou. — São carcereiros de Didric se não me engano.

— Não sei — respondeu Fletcher. — A única coisa que sei é que coisa boa não deve ser.

Viu um sorriso zombeteiro no rosto de Didric, que aumentou quando seus olhos se encontraram.

— Será melhor pedirmos que os homens preparem os mosquetes? — perguntou Berdon.

— Não — respondeu Fletcher. — Se eles tivessem vindo nos massacrar, teriam conservado o elemento surpresa. E os mosquetes não disparariam nessa chuva, de todo modo.

Ele analisou a situação. Seus homens tinham as alabardas e mosquetes, mas os rifles estavam lá dentro ainda.

— Sargentos, um instante! — berrou.

Sir Caulder e Rotherham se apressaram até ele.

— Sargento Rotherham, leve os rifles para a janela do segundo andar e carregue-os. Esteja pronto para atirar em caso de problemas.

— Sim, senhor.

— Sir Caulder, deixe os homens em formação de meia-lua na entrada. Quero que eles estejam rodeados quando entrarem.

Sir Caulder assentiu e começou a vociferar ordens aos soldados.

— Genevieve, Rory: assumam o comando de suas tropas. Não deixem que comecem nada que não possamos terminar. Isso vai ficar feio.

Os dois saíram correndo a fim de cumprir as ordens, e, como se tivesse recebido uma deixa, a chuva diminuiu para um chuvisco.

— Berdon, entre — disse Fletcher.

— Não dessa vez, filho — rebateu o ferreiro, colocando-se com firmeza ao lado do conjurador. Puxou um martelo de forja do cinto e deixou que pendesse dos dedos.

Mentalmente, Fletcher ordenou que Ignácio e Atena retornassem. Os dois, entretanto, estavam a quilômetros de distância, uma vez que tinham voado para o noroeste, até os confins de Raleighshire. Levariam meia hora para voltar.

Então os soldados de Didric chegaram e pararam bem na frente da linha estreita das tropas de Fletcher. Atrás deles, o rapaz viu que o povo de sua cidade viera também, outros vinte homens e mulheres; ou seja, agora eles estavam quase em igualdade numérica.

— Então foi para cá que vocês todos fugiram — declarou Didric, abrindo bem os braços. Às costas, persianas se abriram timidamente quando outros cidadãos, mais tímidos, começaram a observar.

— Por que veio para cá, Didric? — exigiu Fletcher.

— Não tem muito para se ver, não é mesmo? — continuou Didric. — Imagino que você estivesse melhor nas choupanas lá de Pelego.

Seus homens deram risinhos maliciosos.

— Vá logo ao que interessa — disse Fletcher, irritado. — Senão o que vai lhe interessar é minha espada.

Ele deixou preparado o khopesh na bainha da lateral do corpo.

— Vejo que se juntou a alguns dos indesejáveis — disse Didric, ignorando a ameaça de Fletcher e olhando com firmeza para os recrutas anões, depois para os elfos. — Não posso dizer que é uma surpresa.

Dália cuspiu com sarcasmo ao ouvir aquelas palavras. Quando ela fez isso, Didric notou Coelhoinho sentado a seus pés. A raposinha deu um rosnado agudo quando ele a olhou, e Didric chutou-a com força, atirando a raposa para longe com um ganido de dor.

— Não toque nele! — sibilou Dália, apontando a alabarda para o rapaz.

— Ratinho nojento — sorriu Didric, observando a raposa sumir na vegetação com o rabo entre as pernas.

— Não vou perguntar de novo. O que veio fazer aqui, Didric? — indagou Fletcher irritado, de braços cruzados.

— Ora, viemos buscar os homens de lorde Forsyth — respondeu Didric, apontando para as montanhas mais além das ruínas atrás de Fletcher. — Infelizmente, este buraco estava no meio do caminho.

— Veio fazer o trabalho sujo de Forsyth no lugar dele?

— Um favor para um amigo — disse Didric. — Ele está um tanto indisposto no momento, graças a sua brincadeirinha.

— Você o chama de amigo? — retrucou Fletcher, apontando para as ruínas da antiga casa dos pais. — Está vendo isso? É o que essa cobra traiçoeira faz com os próprios amigos.

— Você chama isso de traição; eu, do preço dos negócios. — Didric deu de ombros. — Você precisa admitir que foi um passo ousado. O tolo de seu pai nem desconfiava do que estava para acontecer.

Cada palavra parecia um tapa em sua cara. Fletcher sentiu o sangue subir ao rosto.

— Repita isso — disse Fletcher, raivoso, sacando a espada.

Didric sorriu e recuou um passo, permitindo que Jakov falasse em seu lugar.

— Para o lado — disse Jakov, a mão segurando firmemente o punho de sua espada. — Temos negócios a resolver.

— Não em minhas terras — respondeu Fletcher. — Isso é uma invasão. Voltem por onde vieram e aguardem os homens de Forsyth na Ponte de Watford. Nós os mandaremos até lá.

Jakov desembainhou a espada com um rascante ruído metálico. Atrás de si, os soldados de Didric fizeram o mesmo.

— Eu disse para o lado! — berrou Jakov, levantando a espada.

Então houve um tiro. A espada caiu no chão em uma chuva de faíscas e rolou das mãos de Jakov para a grama.

— Se quer brigar, deixe as lâminas no chão — cantarolou a voz de Rotherham dos alojamentos. — O próximo homem que se mover vai levar uma bala na cabeça. Ou talvez eu comece por Didric. Ainda não decidi.

Jakov girou o corpo, e seus olhos inspecionaram as janelas das casas. Agachou-se e apanhou a espada, ainda com os olhos fixos acima. Outro tiro foi disparado, atirando a espada para longe.

— Posso continuar fazendo isso o dia inteiro — gritou Rotherham.

— Certo! — gritou Didric. Olhou em torno, analisando a situação. Armados, seus homens levariam vantagem, mas, se os cidadãos da cidade se juntassem à luta... não tanto.

— Por favor, abaixem as armas — trovejou Berdon ao lado de Fletcher. — Tenho contas a acertar com aquele camarada ali.

Ele virou o pescoço e levantou os punhos fechados. Jakov empalideceu quando o grandalhão deu um passo à frente. Era apenas 2 centímetros mais baixo que ele, mas tinha os mesmos ombros largos. Jakov e seus guardas tinham dado uma surra em Berdon e o largaram inconsciente, então queimaram sua casa na noite em que Fletcher fugiu. Contas a acertar, de fato.

— Sim, podem vir! — berrou Gallo por trás de Fletcher. — Vocês

vão ver o quanto somos indesejáveis depois de levarem um chute de bota de anão na bunda!

Mais soldados se juntaram à gritaria: elfos, humanos e anões.

— Recuar! — ordenou Didric, puxando Jakov.

Os homens de uniforme preto e amarelo recuaram, as costas umas contra as outras, as espadas erguidas em um porco-espinho de lâminas.

— Formação de falange! — ordenou Fletcher. Seus homens saltaram para obedecer e se organizaram em três fileiras que se eriçaram com as alabardas.

— Avancem!

Eles acompanharam os soldados em retirada pela rua, em tempo de formarem uma barreira impenetrável para o inimigo. Enquanto isso, Didric e Jakov olharam com medo para as casas em torno, aterrorizados de algum tiro que pudesse derrubá-los.

Passo a passo, eles foram até o limite da cidade. Agora a chuva tinha parado, e as manchas cinzentas de nuvens estavam começando a recuar. Os homens de Didric se moveram para as gramas altas, erguendo os pés bem alto para não tropeçar.

— Carregar! — ordenou Fletcher. Imediatamente, as alabardas foram colocadas sobre os ombros e começou o barulho das varetas.

Ao verem os mosquetes, os homens de Didric saíram em debandada completa, tropeçando uns sobre os outros no desespero de partir. Os mosquetes dificilmente disparariam na chuva, mas não fazia nenhum mal dar-lhes um pouquinho mais de incentivo.

— Que falta de disciplina — murmurou Sir Caulder.

Os homens comemoraram ao ver os soldados inimigos correndo. Então, de repente, caíram em silêncio.

Didric e Jakov estavam longe de alcance, mas seus vultos ainda eram claramente visíveis na savana. Eles estavam parados ao lado de uma árvore mirrada.

Jakov levantou alguma coisa. Alguma coisa de pelo dourado, que se retorcia sob sua mão. Ele a bateu contra o tronco, uma, duas vezes. Depois os dois se viraram e saíram correndo savana adentro.

— Não! — gritou Dália, caindo de joelhos.

Eles tinham matado Coelhozinho.



47

Eles enterraram Coelho no campo de treinamento, dispondo o corpo quebrado a seis palmos sob a terra, junto à espada de Jakov. Nenhuma palavra foi dita, mas lágrimas foram derramadas, até mesmo pelos mais durões dos anões.

A morte da raposinha fora um ato de crueldade sem sentido, e Fletcher precisou de toda argumentação possível para impedir que os soldados saíssem atrás dos homens de Didric. O inimigo, porém, tinha vantagem numérica e estaria à espera. Além disso, Fletcher não poderia justificar uma batalha custosa por causa da vida de um único animal, uma amada mascote ou não.

Ainda assim, a morte da raposa os unira em sofrimento. Anões, humanos e elfos lamentaram juntos, com pena, contando histórias sobre seu amiguinho perdido. Ignácio retornou com uma impala nas garras, que eles assaram na fogueira e comeram tomando cerveja de musolveira. Naquela noite, bêbados e de barriga cheia, os soldados cantaram músicas tristes das respectivas terras. Enquanto isso, Fletcher os observava do alojamento com seus oficiais e sargentos. Eles não podiam participar: não seria certo.

— Deixe que criem laços — dissera Rotherham. — Eles não precisam que um oficial vá destruir a noite.

Portanto, em vez disso, Fletcher começou os preparativos para o dia seguinte.

O treinamento acabara. Os homens de Didric estariam esperando as tropas de Forsyth; Atena os seguira até seu acampamento, ao lado da Ponte Watford, onde eles esperavam atrás de uma barricada construída às pressas.

Para que os comboios de comércio de Fletcher pudessem chegar a Corcillum, os homens de Didric teriam de sair dali, e isso significava buscar logo os soldados de Forsyth.

Seria necessário atravessar o desfiladeiro, e depressa. Mas

precisavam de suprimentos. Portanto, Fletcher e seus oficiais selecionaram uma carroça de sua pequena frota. Berdon foi incumbido de reforçar as rodas para suportarem o terreno encalombado, e naquele meio-tempo eles organizaram tudo de que poderiam precisar.

Barris de carne salgada de antílope e água foram retirados do estoque, bem como tendas de lona, utensílios para cozinha, oleados a fim de impedir que as armas enferrujassem, e pedras de amolação para mantê-las afiadas. Eles apanharam um barril de pólvora que Serafim lhes enviara, com papel de cartucho, moldes de bala de mosquete e barras de chumbo de Berdon, tudo para a produção da própria munição.

Levaram duas cabras leiteiras, e quatro galinhas foram colocadas em gaiolas de madeira improvisadas para lhes fornecer um suprimento constante de ovos. Montes de frutas foram acrescentados, e não apenas de musolveiras como também outras frutas que o povo da cidade começara a cultivar: pepinos-africanos, que eram espinhosos e amarelos por fora, mas por dentro tinham uma polpa adocicada verde-escura com um gosto que era uma mistura de limão, mamão e banana; fruta-pão gigante que crescia como melões peludos e podia chegar a ser tão grande quanto a cabeça de um orc. Havia até mesmo alguns cestos de duriões, que fediam como o diabo, mas tinham um gosto surpreendentemente doce — como não tinham vendido bem em Corcillum, nada surpreendentemente, Fletcher levou o carregamento inteiro.

E havia mais uma tarefa, esta secreta, que Fletcher deu a Thaissa, e que ela necessitaria realizar à noite para completar a tempo. Mas valeria a pena.

Na manhã seguinte, as tropas marcharam até o campo de treinamento sob os olhares dos cidadãos, que tinham se reunido para se despedir. Todos estavam prontos para partir, os alforjes de couro e as armas, presas às costas, os uniformes, limpos e escovados. Todos pareciam magros e ansiosos, como cães de caça lutando para se soltar da correia.

Rory e Genevieve estavam postados orgulhosamente na frente de seus batalhões, enquanto Rotherham e seu pequeno grupo de atiradores ficavam nos fundos, Sir Caulder, na vanguarda, pronto para atuar como treinador. Um sentimento de imensa gratidão inchou o peito de Fletcher: de ter a honra de liderar homens como aqueles.

Ele respirou fundo, pois as palavras que tinha preparado tão cuidadosamente durante a noite longa pareciam vacilar em sua cabeça. Na noite passada, ele os repreendera; agora, precisava uni-los.

— Estou orgulhoso do que conquistamos aqui — disse, postando-se na frente deles com as mãos às costas. — Vocês agora são a elite, soldados que eu sentiria orgulho de liderar até o próprio coração do reino dos orcs. Por isso, eu lhes agradeço.

As tropas ficaram em silêncio, os peitos estufados, os olhos mirando fixamente à frente. Um leve aplauso começou a surgir do meio dos cidadãos, mas Fletcher ainda não tinha acabado.

— Hoje, seguiremos a nosso novo acampamento, na fronteira entre as selvas dos orcs e o local que passamos a chamar de lar. Lá, devemos nos preparar para nossa longa vigília, a fim de defender não apenas Raleighshire, mas toda Hominum. Pois defendemos os portões de acesso de um império.

Fletcher virou-se e apontou para a distância.

— Lá, além do horizonte, a não mais que um dia de cavalgada, está Corcillum. Milhares de inocentes que estão levando suas vidas cotidianas. Vocês são a linha tênue que os protege das hordas selvagens na fronteira sul. Não consigo pensar em ninguém melhor para combater nesta empreitada.

Sorrisos agora, até mesmo uma sugestão de um vindo de Dália. Ele sabia que estava sendo melodramático, mas cada palavra era sincera.

— Mas como iremos nos chamar? — perguntou Fletcher, apontando para seu uniforme. — Vamos coletar um contingente de Fúrias dos Forsyth. Ontem fomos acossados por homens que Didric chama de carcereiros. E nós, quem somos?

Enquanto ele falava, Thaissa veio apressada em sua direção, do meio da rua. Ele viu os homens franzindo a testa, até mesmo o retorcer hesitante de seus lábios ao morderem uma resposta àquela pergunta.

Thaissa lhe entregou um rolo de tecido, preso a uma vara. Fez uma reverência e recuou, sussurrando:

— Fiz o melhor que pude com o que eu tinha, mas não sobrava mais nenhum verde.

— Tenho certeza de que ficou ótimo, Thaissa, obrigado — sussurrou Fletcher em resposta.

Com um floreio, ele desdobrou o tecido girando a vara, permitindo que uma bandeira comesçasse a flutuar à brisa.

— Povo de Raleightown, eu apresento a vocês... as Raposas! — declarou Fletcher, e ficou aliviado ao ouvir um urro de aprovação tanto da parte dos soldados quanto do povo ao verem o trabalho de Thaissa.

Era a primeira vez que ele via a bandeira, e o resultado o surpreendeu. Bordado em um tecido rubro estava o tracejado dourado de uma raposa do deserto, com uma única pata erguida, o focinho apontando para a frente, como uma flecha. A bandeira ondulou ao

vento, gloriosa em seus detalhes e cores.

— Raposas, estão prontas para lutar? — gritou Fletcher, interrompendo as comemorações.

— Sim, senhor! — Foi a resposta, gritada em um uníssono perfeito.

— Sir Caulder, dê a ordem — disse Fletcher, reprimindo um sorriso.

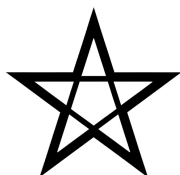
— Meia-volta! — gritou Sir Caulder.

Quarenta e dois pares de pés giraram nos calcanhares. E mais 42 os bateram no chão.

— Avante... marchem!

E o coração de Fletcher cantou de animação.

Porque as Raposas de Fletcher estavam a caminho.



48

Eles tiveram a sensação de que tinham chegado ao sopé das montanhas num segundo — mas, por outro lado, o desfiladeiro para o qual marchavam ficava a apenas quarenta minutos de caminhada em linha reta. Agora que Fletcher pensava no assunto, parecia estranho saber que os homens de Forsyth estavam tão perto, porém eles não os tivessem visto em mais de dois meses.

Enquanto subiam a serra, que se estendia para a esquerda e a direita até onde os olhos podiam ver, Fletcher percebeu que aquelas não eram em nada como as montanhas do Dente de Urso. As ravinas eram tão íngremes quanto as paredes de Vocans, e a coloração tinha o mesmo tom marrom-claro de argila seca pelo sol, embora ele soubesse, pelas histórias de Sir Caulder, que na verdade eram feitas de arenito farelento. Entretanto, independentemente da composição, elas ficaram conhecidas como Ribanceiras da Pedra de Cobre, um nome ignóbil e inadequado para aquela maravilha natural que separava as florestas tropicais das planícies temperadas de Raleighshire; sem falar no mundo civilizado das hordas bárbaras dos orcs.

— Não venho aqui desde...você sabe — comentou Sir Caulder por sobre o guincho das rodas da carroça. Ele estava sentado no eixo de trás: caminhar por longos períodos fazia o toco de sua perna ficar assado contra a alça de couro que segurava a perna de pau. — Não era lá muito bonita naquela época, e continua não sendo.

Eles subiam uma inclinação agora, onde as paredes íngremes das montanhas se afunilavam dos dois lados. Acima, o céu era de um azul brilhante e vazio, e Fletcher sentiu a tentação de convocar Ignácio e sair voando adiante do grupo. Mas, então...

— Parem! — gritou Rotherham lá da frente,

Fletcher apressou-se a caminhar pelas carroças, abrindo caminho através das fileiras ordenadas de suas tropas. Em seguida parou, confuso. Eles estavam no lugar certo, mas não havia ninguém ali.

— Cadê os homens de Forsyth? — grunhiu Rotherham. — Os malditos deviam estar aqui.

Olhando em torno, Fletcher viu que estavam em um cânion, não muito diferente daquele que tinham atravessado no éter. Não havia grama ali, apenas lama seca e ressecada sob seus pés, sombreada pelos baluartes naturais ao redor, que subiam em direção ao céu. As paredes das montanhas se inclinavam para dentro e terminavam em uma abertura por onde mal daria para passar uma rocha. Através dela, Fletcher avistou o verde da grama e, mais além, as folhas ondeantes e moitas da orla da selva.

Na parede da direita, uma laje natural parecia ter sido desgastada na lateral, o suficiente para um homem caminhar por ela. Em seu ponto mais alto, talvez a dois andares de altura e 40 metros da entrada do cânion, a laje estendia-se para fora em uma espécie de plataforma. Ali, dava para ver os remanescentes de alguma espécie de construção, que agora não passava de um anel de pedras de fundação, com o entulho restante espalhado pelo chão abaixo.

— Esta é a velha torre de vigia — explicou Sir Caulder, caminhando a passos pesados atrás de Fletcher. — Desmoronou há muito tempo, antes de seu pai sequer ter nascido. Costumávamos colocar sentinelas nesta laje; dá para dispor uma dúzia de homens e uma fogueira ali em cima, e a base os protege da maior parte do vento. Também é possível ter uma boa visão de quem se aproxima do cânion.

— Legal — disse Fletcher, evitando a tentação de subir na laje para dar uma olhada.

Em vez disso, caminhou um pouco mais adiante, na direção da boca do cânion. Ficou impressionado com a estreiteza da abertura — se Ignácio sentasse no centro, suas asas roçariam as laterais. Se quieram fazer um exército passar por ali, teriam de marchar por aquele gargalo em uma coluna de não mais que dez homens de largura.

— Nós a chamamos de Fenda — disse Rotherham, seguindo atrás de Fletcher. — Vista de cima, parece uma ampulheta, sendo que essa abertura é a cintura.

— E esta é a única entrada para Raleighshire? — perguntou Fletcher.

— Isso mesmo. As montanhas se estendem até o mar Vesianiano a oeste, e as linhas da frente protegem as fronteiras a leste, para além do rio Watford. E é isso.

Fletcher deu um passo para chegar mais perto e então tropeçou; o pé atingira algo oco e metálico.

— O que é isso? — perguntou, meio que para si mesmo. Ajoelhou-se e raspou a lama daquele objeto arredondado, tão enferrujado que se

camuflava com a terra. — Outra relíquia do passado?

— Na verdade é um pouquinho mais recente — respondeu Sir Caulder, ajoelhando-se sobre um dos joelhos e apoiando a mão no artefato. — Acredite se quiser, mas esse é o primeiro canhão que já foi feito, poucas semanas antes de você nascer. A primeira arma de fogo, na verdade, para todos os efeitos.

Ele deu uma risadinha e balançou a cabeça.

— Estou surpreso por esta velha menina ainda estar aí.

— Espere... não foi o pai de Otelo que inventou o canhão? — perguntou Fletcher.

— E se inventou, rapaz! — disse Sir Caulder, limpando parte da terra para revelar uma palavra cunhada na lateral do objeto.

Thorsager

— E o que ele está fazendo aqui? — perguntou Fletcher, correndo os dedos pelas letras antigas que compunham o nome da família de Otelo.

— Seu pai, Edmund, o encomendou. Desafiou todos os ferreiros de Corcillum a criarem algo que teria um efeito arrasador em uma pequena área, tendo essa abertura aqui em mente. Então, Uhtred lhe mostrou isso. Claro, não passava de um tubo de ferro cheio de pólvora rudimentar e pregos velhos, mas fazia o serviço. Os primeiros protótipos usavam segmentos de bambu, acredite se quiser!

Fletcher sorriu, imaginando Uhtred como um mero rapaz trabalhando em sua forja com pedaços de bambu. Sir Caulder suspirou e deu um tapinha na estrutura enferrujada.

— Nunca disparamos esse treco maldito, a não ser quando Uhtred fez uma demonstração, claro. Deve estar aí desde a noite em que seus pais morreram. Os homens de Forsyth provavelmente acharam que era lixo.

— Tem valor histórico — disse Fletcher. — Tanto para Uhtred quanto para minha família. Vou mandar levá-lo para Raleightown e ser restaurado.

Agradava a ele saber que seu pai e a família de Otelo tinham alguma conexão. Na verdade, a invenção do canhão era o que tinha dado início aos pleitos dos anões por igualdade. Talvez, se seu pai não tivesse lançado aquele desafio, o mundo fosse bem diferente.

— Ah, é aí que os rapazes de Forsyth estão se escondendo. Tem uma fogueira aqui — gritou Rotherham. — E barracas também.

Fletcher se virou e correu os olhos pelo cânion vazio atrás de si, como se de alguma maneira não tivesse visto aquilo ao entrar. Mas, não, a mão de Rotherham apontava para a saída do cânion, para dentro da savana que ia até o joelho. Quando Fletcher olhou mais de perto, distinguiu as silhuetas de barracas em meio ao mato.

— Esses idiotas — rosnou Sir Caulder, atravessando a passos duros a Fenda até pisar na savana. — Estão acampando na porcaria do lado errado!

Fletcher o seguiu e estremeceu ao sair da sombra do cânion, quando a luz do sol o atingiu. À esquerda e à direita, a montanha se curvava para fora e para longe, por alguns metros de savana emaranhada e arbustos baixos antes de uma parede de selva começar. Umas poucas árvores mirradas pontilhavam a área, que, de outra maneira, não tinha sinal de vida.

— Tem alguém aí? — chamou Fletcher, começando a sentir-se inquieto. Havia dezenas de barracas atulhando o chão, mas, se havia ocupantes, eles não queriam que sua presença fosse notada. Muitas das estruturas lamentáveis tinham caído sobre si mesmas, e vários barris e engradados haviam sido largados de lado.

Uma brisa vazia passou por eles e foi afunilada pelo cânion.

— Esses tolos preguiçosos abandonaram o posto — concluiu Sir Caulder, chutando um anel de pedras no chão com a perna de madeira e atirando uma pedra na pilha de bambus meio queimados que havia no centro. — Provavelmente voltaram para Corcillum assim que nós chegamos a Raleighshire. Ficamos sem defesa esse tempo todo!

Porém Fletcher não tinha tanta certeza assim. Agachou-se e enterrou o dedo nas cinzas da fogueira.

— Não — disse ele, sentindo um levíssimo calor. — Este fogo se apagou sozinho faz apenas uma hora, mais ou menos; além disso, as cinzas teriam sido sopradas para longe a essa altura se estivessem aqui há mais tempo. Talvez Didric tenha enviado uma mensagem para eles ontem à noite, dizendo que deviam ir para a Ponte Watford esta manhã. Talvez tenhamos nos desencontrado por pouco.

— Mas isso não explica por que eles deixaram tudo aqui — disse Sir Caulder, cofiando a barba grisalha.

As Raposas estavam passando pela Fenda agora, espiando curiosamente para os restos do acampamento Forsyth. Logo os soldados vagavam a esmo pelas barracas abandonadas, cutucando-as com a espada e levantando a tampa dos barris.

Foi só então que Fletcher o notou. Um homem sem camisa, na frente de uma árvore, a meio caminho entre a Fenda e a selva. Era difícil dizer; ele o estava vendo apenas através de uma névoa tremulante. Mas não... não estava de pé; estava amarrado à árvore.

— Raposas, formação de combate! — berrou Fletcher. No mesmo instante, os soldados entraram em ação, correndo em fila solta, espalhada pela bacia cheia de vegetação.

O coração do rapaz batia com força. O homem podia ser qualquer pessoa. Um desertor, quem sabe, deixado pelos Fúrias de Forsyth para morrer. Mas o instinto lhe dizia algo diferente.

— Para a frente, devagar agora — ordenou Fletcher, caminhando na direção do homem.

Andou vinte passos adiante dos soldados, correndo os olhos pela orla da selva. As frondes da vegetação se agitaram com a brisa, apresentando a Fletcher uma parede verde em contínuo movimento.

No início, ele pensou que eram rochas espalhadas diante da orla da selva, mas então ele viu as manchas vermelhas na grama em torno, os mosquetes e espadas, espalhados como galhos descartados.

Eram homens mortos, de preto, o uniforme dos Forsyth. Os olhos abertos e arregalados, as bocas semiescancaradas em terror petrificado. Havia tanto sangue, muito mais do que Fletcher jamais pensara ser possível.

— Parem! — gritou ele.

Os homens podiam agora ver os cadáveres, e suas exclamações de horror soaram altas aos ouvidos de Fletcher. Seus olhos pousaram no homem seminu. Ele estava... se mexendo.

Fletcher correu adiante, os olhos passando da árvore para os cadáveres além, o coração batendo com força no peito. Agora ele viu os frutos da mancenilheira apodrecendo no chão embaixo da folhagem. Era uma árvore tão venenosa que, se alguém se abrigasse embaixo dela, as gotinhas de água que caíssem pelas folhas queimariam sua pele como ácido. E o pobre coitado estava preso com a pele nua à casca.

Um tufo de cabelo castanho-escuro cobria o rosto do homem. Embora, para falar a verdade, ele estivesse mais para um garoto, se seu corpo magricela e peito afundado pudessem fornecer alguma indicação.

Fletcher sacou a khopesh e cortou as vinhas que amarravam o garoto ao tronco, estremecendo de horror ao ver a pele cheia de bolhas das costas do rapaz, vermelha e repleta de feridas. Aquilo era obra dos orcs.

Então o garoto se virou e Fletcher deu um pulo ao reconhecê-lo. Era Mason — o escravo fugido que tinha guiado o grupo de Malik em sua missão. Enquanto Fletcher arregalava os olhos de surpresa, o garoto sussurrou alguma coisa que mal passava de um rouquejo forçado pelos lábios rachados.

Fletcher se abaixou e apanhou o garoto, com cuidado para evitar tocar a pele em carne viva de suas costas. O corpo parecia pesar quase nada, de tão pouca carne que lhe restava.

— O que aconteceu? — perguntou Fletcher, inclinando-se para a frente.

Foi pouco mais que um sussurro, mas a palavra vibrou como uma badalada mortal nos ouvidos de Fletcher.

— Fujam.



49

Eles irromperam do meio das árvores em um caos de galhos quebrados. Tantos casuares, que era impossível contar, os corpos de plumagem negra rasgando o chão, as barbelas vermelhas penduradas sob pescoços azuis e ferozes olhos alaranjados. Sobre eles havia goblins de pele cinzenta, berrando gritos de guerra, brandindo porretes de madeira e lanças.

— Fechem as fileiras! — urrou Sir Caulder de trás de Fletcher. — Formação Schiltron!

Não havia tempo para voltar aos homens. Fletcher conjurou Ignácio em uma explosão de luz branca e empurrou o corpo de Mason para o lombo do Drake. Atirou-se em cima do garoto quando um dardo passou sibilando por sua cabeça, tão perto que ele sentiu o zumbido do ar na bochecha. Outro dardo passou de raspão na lateral do corpo de Ignácio, deixando um sulco de sangue entre a carne rosada exposta. Mais dardos então, que fizeram baques secos ao atingirem o tronco da árvore. Lanças se enterraram no chão sombreado ao redor. Ignácio bateu as asas, arremetendo pelos ares com os dois garotos na garupa. Cada vez mais inimigos irrompiam da selva.

Fletcher rodeou para fora do alcance dos dardos, observando os vultos abaixo. Tiros eram disparados enquanto soldados desesperados esvaziavam os mosquetes na vanguarda de ataque. Já havia casuares tombando na savana, porém mais vinham saindo da selva. Cerca de cinquenta estavam no campo de batalha agora, e muitos mais emergiam da folhagem... e depois mais ainda, agora uns cem, numa enxurrada aparentemente interminável de cavaleiros gritando.

Um soldado caiu, atingido por um dardo na coxa antes de conseguir alcançar o pequeno círculo de homens, semiformado nos primeiros segundos do combate. Rotherham o apanhou e o atirou por cima do ombro, alcançando os reforços sem perda de tempo.

Então a primeira onda de casuares caiu em cima do pequeno grupo

de soldados, separando-se em torno deles, como uma onda, atirando lanças e brandindo seus porretes. Mais Raposas caíram, enquanto os goblins eram atirados para longe das montarias e os casuares eram empalados nas alabardas, caindo em um caos de garras dardejantes e plumagem esvoaçante.

Os cavaleiros rodearam o grupo e se separaram, depois entraram de novo em formação, indo de encontro às alabardas e recebendo as balas nos corpos com abandono suicida. Era uma luta enlouquecida e brutal, em que a força absoluta da vantagem numérica ameaçava engolfar o círculo de soldados atacados.

Um raio lançado por Genevieve atirou casuares para trás, dando tempo aos homens para arrastar os feridos até o centro, onde o toque curativo de Rory os esperava. Ao lado dele, os mosquetes dos soldados mais altos estalavam e jorravam fumaça, lançando morte pela vegetação com precisão treinada, derrubando os retardatários que tentavam atacá-los. Enquanto os casuares arremetiam, os anões brandiam baixo as alabardas, decepando suas longas pernas e, depois, terminando o serviço com golpes rápidos e precisos. As Raposas sustentaram a formação, mas com dificuldade; o peso dos casuares que caíam sobre suas fileiras cerradas deixava buracos vulneráveis enquanto cada vez mais cavaleiros emergiam da orla da floresta.

— Para baixo! — berrou Fletcher, brandindo Chama na direção da segunda leva de cavaleiros. Ele puxou Ventania do coldre enquanto eles saltavam no ar, o latido de Ignácio em igual volume ao rugido do vento nos ouvidos de Fletcher. Ele esvaziou os dois tambores das armas, e viu explosões gêmeas de penas negras e sangue dos cavaleiros da vanguarda, fazendo os casuares e seus goblins tombar.

Então Ignácio arremeteu contra as fileiras inimigas, as garras estendidas, o bico abrindo e fechando sem parar. Os goblins foram empurrados, caindo das selas, os casuares rolando pelo chão. Fletcher disparou Chama no peito de um deles — a lança que ele estava prestes a arremessar caiu de seus dedos sem força.

O mana se turvava na consciência de Fletcher quando Ignácio aterrissou, rodopiou e derramou uma onda de chamas sobre os corpos caídos dos goblins e casuares. Metade dos cavaleiros estava fora de combate, e o resto saiu rodopiando caoticamente.

Porém a terceira leva de inimigos estava atacando agora, e eles foram obrigados a levantar voo mais uma vez, a dor queimando a consciência dos dois quando uma lança atravessou a membrana delicada da asa de Ignácio e outra lhe atingiu o flanco.

Eles subiram, bamboleantes, e o mana foi drenando-se à medida que Fletcher curava as feridas de Ignácio — bem mais lentamente que desejaria. Ele puxou a lança da lateral do Drake e fez uma careta ao ver a torrente de sangue que saiu, depois jogou ineficientemente a

lança retirada na direção dos inimigos que os atacavam lá de baixo. Ignácio estava enfraquecido agora, e Fletcher não queria arriscar-se a convocar Atena com aquela quantidade de dardos voando, principalmente com a tendência da Griforuja à desobediência.

Lá embaixo, a onda final de atacantes investiu para a formação em Schiltron, que dessa vez se dissolveu em blocos de soldados em combate, interrompidos pelo impulso dos casuares empalados. O ritmo das armas de fogo diminuiu, a batalha tornando-se caos sangrento de alabardas e uma ou outra bola de fogo lançada por Rory e Genevieve. No centro, Sir Caulder e Rotherham defendiam uma pilha de soldados machucados e matavam qualquer inimigo que se aproximasse com eficiência letal. Os soldados eram poucos, no entanto, e os cavaleiros eram muitos. Eles precisavam de ajuda.

Fletcher guardou as pistolas no coldre e sacou o khopesh, apontando-o para o inimigo.

— Mais uma vez! — berrou, e Ignácio desceu rapidamente para uma última investida.

Eles atacaram com violência a retaguarda dos goblins, fazendo meia dúzia sair voando pelos ares. A visão de Fletcher se encheu de soldados lutando com dificuldade, aparando golpes e atacando em seguida; de braços cinzentos, terminados em porretes, acima de rostos com narizes aduncos; de casuares chutando com abandono selvagem.

Então ele se viu inclinando o corpo para fora e atacando por cima do ombro de Ignácio; empalou um goblin pela boca. A criatura caiu para trás, e Fletcher perdeu a espada na confusão do combate, incapaz de arrancá-la do crânio. Uma explosão de pólvora quase o deixou surdo, e a fumaça ardeu em seus olhos ao subir até seu rosto em uma nuvem.

Eles estavam perdendo. Os poucos Raposas que ainda continuavam de pé cambaleavam de exaustão, enquanto cada vez mais feridos tombavam atrás do círculo frágil de defensores. Agora havia menos disparos — não havia tempo de recarregar, com a pressão daquela horda de criaturas rugindo sobre eles.

Uma elfa berrou na frente de Fletcher, com uma lança enfiada em sua cintura por um goblin rosnante. Era Dália, o rosto lívido de choque. Desarmado, Fletcher só pôde xingar e atirar um raio nas costas do atacante, matando-o com um guincho carbonizado enquanto Dália agarrava o próprio corpo sobre a grama escorregadia de sangue em meio à segurança oferecida pelas espadas de Rotherham e Sir Caulder.

Dor. Tanta que Fletcher mal podia acreditar. Ignácio caiu sob eles, fazendo Mason se esparramar sobre Fletcher enquanto ambos despencavam na grama ensanguentada. Uma lança estava enterrada fundo no pescoço de Ignácio, segura por um goblin triunfante. A

cauda do Drake chicoteou para trás e quase o decapitou com sua ponta afiada, mas o estrago estava feito. Caiu no chão; a dor era demais para suportar.

— Fletcher! — berrou Genevieve, e ele rolou de lado em um átimo de segundo antes de um porrete tentar atingi-lo na cabeça, fazendo-a golpear o chão. Mason agarrou a perna do goblin com o que restava de suas forças, dando tempo a Fletcher para apanhar a alabarda caída de Dália e perfurar a criatura na barriga.

O goblin caiu por cima de Fletcher, deixando-o preso no lugar, e uma lança investiu contra ele, como se vinda do nada. A ponta cortou a bochecha do rapaz, não atingindo seu olho por um fio. Ele sentiu o fluxo quente de sangue no rosto, viu um goblin levantar a lança mais uma vez. Suas mãos presas sob o corpo. Não havia tempo.

Então um borrão castanho e peludo passou veloz, e o goblin agarrou a própria garganta, tentando fechar a ferida que de repente aparecera ali. Um grito ondulante cortou os sons da batalha; de repente, havia gremlins em toda parte.

Eles cavalgavam suas maras semelhantes a coelhos, ululando enquanto cortavam os tornozelos expostos dos goblins com suas adagas de dente de tubarão, partindo tendões e abrindo artérias com eficiência mortífera. Dardos envenenados eram lançados pelos cavaleiros que estavam nos limites do bando, fazendo com que os casuares e os goblins saíssem rolando pelo chão, retorcendo-se horivelmente conforme as toxinas tomavam conta de seus corpos.

— Não machuquem os gremlins! — berrou Fletcher, com o que restava de seu fôlego, esmagado sob o peso de Mason e do goblin morto.

Ele conseguiu levantar os corpos dos dois e colocá-los de lado; então, cambaleando, ele se pôs de pé. A dor atravessou seu crânio, ofuscando a batalha fervorosa que acontecia ao redor. Suas mãos sentiram o cabo da lança no pescoço de Ignácio, e ele a arrancou dali. Por um instante ondas negras de náusea tomaram conta dele; a agonia do Drake era como um grito em sua mente enquanto ele desenhava o feitiço de cura. Então começou a emitir uma pulsação de luz branca e curadora na ferida.

O mundo clareou, a dor diminuiu. Armas passaram a ser disparadas novamente, enquanto, ao redor, maras passavam correndo, saltando alto para permitir que seus cavaleiros gremlins cortassem o pescoço dos goblins. A batalha tinha sofrido uma dramática reviravolta. Havia goblins mortos espalhados por toda parte, como peixes encalhados, com os olhos vidrados da morte. Um casuar manquitou de volta para a selva, arrastando consigo um cavaleiro morto preso em suas garras. Não restava mais que meia dúzia de goblins agora, e, enquanto Fletcher curava o restante das feridas de Ignácio, estes foram mortos

com tiros dos Raposas que ainda estavam de pé.

Então tudo acabou, e a única coisa que se ouvia eram os gemidos dos moribundos.



50

Fletcher voltou seu feitiço de cura para a própria bochecha, depois cambaleou pelos cadáveres até chegar aos feridos, ignorando os gremlins que desmontavam ali perto. Ajoelhou-se ao lado de Dália, emitindo luz branca pulsante pelo dedo para curar sua ferida, apagando o corte em ziguezague, como se estivesse derramando água limpa em uma mancha de tinta vermelha.

Rotherham reorganizou os soldados sobreviventes em um círculo, alerta para mais inimigos. Somente Rory e Genevieve foram poupados, caídos no chão a seu lado, para que pudessem ajudar na cura.

— Quase não tenho mais mana — disse Genevieve, as mãos tremendo de fraqueza.

— Faça o que puder — rouquejou Fletcher, com a garganta subitamente áspera de sede.

Era uma tarefa árdua, e sua própria reserva de mana estava drenando-se com mais rapidez que ele gostaria. Os mais feridos foram curados primeiro, e o coração de Fletcher se apertou ao passar sobre um anão que morrera antes que pudessem chegar até ele, seu uniforme verde agora vermelho de sangue por conta das duas lanças que lhe atravessaram o peito.

Outros tinham braços quebrados e fraturas cranianas, que Fletcher não podia curar por medo de fundir o osso e causar uma desfiguração permanente. Quando Genevieve e Rory ficaram sem mana, todos fizeram o que podiam para colocar talas nos braços e pernas quebrados, usando tiras de tecido e pontas partidas de lança, mas os soldados feridos não voltariam a combater tão cedo.

— Qual a conta do estrago? — gritou Fletcher, enquanto curava o último homem de uma ferida profunda na coxa. Sir Caulder saiu a passos decididos do círculo de soldados que rodeava os três magos de batalha e se ajoelhou.

— Quatro mortos — respondeu ele. — Um anão, dois homens e um

elfo. E tem um jovem rapaz com um afundamento na cabeça, e outros dois com pernas ou braços quebrados.

Fletcher fechou os olhos. Como aquilo tinha acontecido?

— Muita calma aí, rapaz — disse Sir Caulder, a voz baixa no ouvido de Fletcher. — Nós nos saímos bem. Eram quase duzentas daquelas pestes. Podia ter sido muito pior. Confie em mim: já vi acontecer.

Fletcher assentiu, mas não conseguiu conter uma lágrima, que lhe rolou pela bochecha e se misturou ao sangue seco ali. Eles tinham se saído bem, mas homens e mulheres bons haviam morrido. Teria sido culpa dele, por tê-los levado para tão perto da orla da selva? E quem sabia quantos mais poderiam ter sido perdidos se não fosse pela aparição repentina dos gremlins? Ele correu uma mão pelas pálpebras, sem querer se levantar ainda. Uma exaustão súbita tomara conta de seu corpo.

— Quanto a nossos salvadores... parece que um deles quer falar com você. — Sir Caulder apontou com o polegar por cima do ombro.

Fletcher soltou um suspiro e lutou para se pôr de pé, então abriu caminho pelo círculo de soldados. Ao fazer isso, abaixou os mosquetes que os homens apontavam para os gremlins e deu um sorriso forçado de encorajamento. Depois de tantos anos encarando os gremlins como inimigos, ele mal podia culpar os soldados por sentirem apreensão, ainda mais tendo em vista a aparência semelhante entre aquela raça e a dos goblins. Ele mesmo sentira a mesma coisa, não fazia muito tempo.

Havia uns quarenta gremlins caminhando pelo campo, esfaqueando as centenas de cadáveres dos inimigos para ter certeza de que estavam mortos. Era algo brutal de se ver, mas os guinchos ocasionais revelaram que alguns goblins estiveram fingindo, mais por instinto animal que por alguma artimanha calculada — Fletcher sabia por experiência própria que a inteligência dos goblins era um pouco maior que a de um chimpanzé selvagem; eram incapazes de linguagem complexa ou raciocínio refinado.

Um dos gremlins estava parado à frente dos demais, com as mãos nos quadris e as pernas bem afastadas. Fletcher o reconheceu instantaneamente pelo toco de orelha na lateral de sua cabeça. Era Meia-orelha, um dos líderes gremlins que ele tinha conhecido no Viveiro em sua missão.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Fletcher, abaixando o corpo para ficar mais próximo do nível do gremlin de baixa estatura.

Meia-orelha cruzou os braços e cuspiu de forma zombeteira. Estava evidente que a escolha de ajudá-los não tinha sido sua. O gremlin apontou por cima do ombro na direção da orla da selva. Fletcher ficou boquiaberto com o que viu ali.

Havia centenas de gremlins piscando à luz do sol enquanto saíam da vegetação alta: mulheres, velhos, crianças, a maioria carregando fardos de comida, armas e ferramentas nas costas. A seu lado vinha caminhando uma multidão de animais — não apenas maras, mas jiboinhas pequeninas, sendo conduzidas em correias de trepadeiras, parecendo ratos por causa das orelhas muito grandes, com pernas traseiras magrelas que lhes permitiam saltar como cangurus. Perameles arrastavam trenós de crianças pequenas e farejavam o chão à frente com seus focinhos parecidos com os de musaranhos. Ainda em maior número havia vombates, usados como animais de carga, transportando cestos de frutas e peixe seco nos lombos e parecendo ursinhos em miniatura.

Mas, apesar da procissão de animais e gremlins, os olhos de Fletcher estavam fixos no vulto à frente, que ele reconheceu mesmo daquela distância, do outro lado do campo. Azul.

O gremlin vinha montado em uma fossa, uma criatura que podia ser resultado da cruz de um gato e um furão, que vinha caminhando sinuosamente pela grama, com graça felina.

Ao ver Fletcher, Azul enterrou os calcanhares no animal e o fez vir em disparada em sua direção. Parou bem na frente do rapaz, com um sorriso largo no rosto de sapo, os olhos grandes e bulbosos cheios de alegria.

— Nós se encontra de novo, Fletcher — disse Azul, saltando da montaria para postar-se ao lado de Meia-orelha. — Você sortudo, acha eu.

— Sortudo é pouco — respondeu Fletcher, forçando um sorriso, apesar de os corpos de seus homens mortos estarem ali tão perto.

— Eu espera que você bem? — perguntou Azul, arrastando os pés nervosamente.

A seu lado, as massas de gremlins diminuíram o passo, mas havia ainda mais saindo da selva: agora eles contavam pelo menos mil indivíduos, e os mosquetes atrás de Fletcher foram aos poucos levantando-se mais uma vez. Não era hora de papo furado.

— Azul, vamos deixar de lado as gentilezas, tudo bem? — pediu, abaixando a voz para que os homens não pudessem ouvir o que ele dizia. — O que você está fazendo aqui? Cadê Mãe?

Ao ouvir o nome da velha matriarca, Azul achatou as orelhas e seus olhos grandes se encheram de lágrimas.

— Morreu. Orcs matando ela — respondeu Azul, a voz sussurrante agora trêmula, como se ele estivesse prestes a soltar um soluço. Até mesmo Meia-orelha olhou para o outro lado, e seu rosto, em geral cheio de ódio, virou um retrato de tristeza.

— Eles tá avançando — disse Azul, apontando para a selva. — Eles atacando todos os nossos Viveiros de uma vez só, enche de fumaça,

manda hienas lá embaixo. Eles tá caçando nós até extinção.

— Até mesmo os escravos? — perguntou Fletcher, horrorizado.

— Eles tá matando escravos. Uns foge — disse Azul, com voz ondulante, retorcendo os dedos com membranas enquanto falava. — Não muitos não.

— Por quê? — Ele mal conseguia acreditar na loucura daquilo. — Orcs escravizam gremlins há milhares de anos.

— Porque Khan falar que logo logo eles têm escravos humanos. Não vai precisar mais de gremlin.

Azul agora estava falando mais depressa, estimulado pela proximidade do grupo de refugiados que vinha se aproximando a suas costas.

— Tem invasão acontecendo agora — disse Azul, com a voz baixa e urgente. — Milhares e milhares de orcs ataca as linhas de frente. Todas as tribo deles luta junto. É a batalha que vai terminar todas outra.

Ele apontou para o leste, para além das montanhas, onde ficava a fronteira sulina de Hominum. Seria aquele barulho a explosão distante de canhões? Ou apenas o eco do vento?

— Minha nossa — murmurou Fletcher. — Preciso avisar...

— Tá sendo tarde — interrompeu Azul, balançando a cabeça com tristeza. — Já começou.

Fletcher mordeu o lábio, refletindo sobre aquela notícia. Ele poderia estar no combate dali a uma hora, caso saísse voando.

No momento que o pensamento lhe atravessou a cabeça, ele olhou para Ignácio, que tinha se arrastado um pouco para longe do campo de batalha e se enrodilhado sobre um trecho de grama espessa. O Drake estava semiadormecido, mas o horror de terem escapado por um fio ainda fervilhava na cabeça do demônio. Poderia Fletcher conduzir Ignácio pelos ares e enfrentar perigo mais uma vez, depois de terem escapado com vida por tão pouco?

— Quer dizer que os cavaleiros de casuares... estavam caçando vocês? — perguntou Fletcher, enquanto os primeiros refugiados tímidos passavam esgueirando-se por ele, dividindo-se em duas filas, como um rio que se abre em dois, em torno do pequeno grupo de Raposas.

— Não — respondeu Azul, olhando mais uma vez por cima do ombro. Pela primeira vez, Fletcher percebeu que ele não olhava para os outros gremlins, mas para a selva atrás deles. — Os orcs atacando em dois exércitos. Orcs a leste. Goblins a oeste... aqui. — Azul abriu os braços, depois os dobrou de frente um para o outro. — Um movimento de... como diz vocês? Pinça.

— Então foi isso, não é? — perguntou Fletcher, sentindo um nó gelado de apreensão atingir a boca do estômago. — Nós acabamos de

matá-los.

Azul fez que não, achatando as orelhas mais uma vez.

— Aqueles foi vanguarda, batedor. Mais vindo a pé. Talvez uma hora distância daqui.

— Quantos? — perguntou Fletcher, olhando para trás, para seus soldados exaustos e manchados de sangue.

Azul não respondeu nada. Em vez disso, montou novamente a fossa e afagou o pelo sedoso da cabeça do animal.

— Eu perguntei quantos — repetiu Fletcher irritado, e sua apreensão começou a se transformar em medo abjeto.

Azul fechou os olhos e respondeu com uma única e brutal palavra:

— Milhares.



51

Fletcher convocou um conselho de guerra urgente com os oficiais e sargentos, distante dos soldados. A massa de refugiados em êxodo já tinha transposto a Fenda e seguia rumo à segurança incerta dos campos de Hominum. Fletcher enviara com eles os feridos, assim como uma mensagem a Berdon, avisando-o do exército que se aproximava e instruindo-o a evacuar para Corcillum.

— Não podemos defender o desfiladeiro sozinhos — disse Sir Caulder, o primeiro a falar depois que Fletcher lhes deu a tenebrosa notícia.

— Não estamos sozinhos — disse Fletcher. — Azul prometeu nos dar 42 guerreiros gremlins como reforço.

— Tão poucos assim? — perguntou Genevieve.

— Segundo disseram, a maioria dos guerreiros gremlins morreu na fuga — respondeu Fletcher. — Tiveram de enfrentar uma batalha contínua de lá até aqui, e usando a maioria de seus dardos, devo acrescentar. Temos sorte de ele sequer estar cedendo estes. É a maioria dos machos adultos que restou de toda a espécie.

— Grande ajuda serão para a gente — resmungou Rotherham. — Eles pegaram os gremlins de surpresa e por trás, em campo aberto. Não sobreviveriam à batalha que estamos prestes a enfrentar.

— Vamos pensar mais tarde em como os usaremos — decidiu Fletcher. — Agora o que é importante é que não precisamos vencer, só precisamos segurar os goblins até os reforços chegarem.

— Que reforços? — perguntou Rory. — Você acha que o povo da cidade vai nos ajudar? Eles não sabem nem carregar um mosquete.

Ele estava de olhos arregalados de medo enquanto Malaqui flutuava nervosamente em torno de sua cabeça.

— Não — respondeu Fletcher. — Eles são colonos, não soldados. Eu nunca lhes pediria isso.

— Então quem? — indagou Genevieve.

Fletcher respirou fundo.

— Didric — disse ele.

— O quê? — soltou Rory. — Perdeu a cabeça de vez?

— Existem sessenta soldados treinados a não mais que poucas horas de marcha daqui — retrucou Fletcher. — Se isso significar a salvação de Raleighshire, vou aceitar sua ajuda.

— E se eles não forem o bastante? — retrucou Rory, com um tom de raiva na voz. — Seu amigo gremlin disse que são milhares de goblins. Quantos? Dois mil? Dez mil? Há uma grande diferença!

— Digamos que ele não tinha como parar e contar — respondeu Fletcher, irritado. — O negócio é o seguinte: se não defendermos o desfiladeiro, os goblins irão marchar direto para Raleighshire e atacar as linhas de frente por trás antes do cair da noite. Não podemos permitir que isso aconteça.

— Menos de cem soldados... que se odeiam, devo acrescentar... e uns poucos gremlins esqueléticos contra todos os goblins que existem no mundo. Meio que te faz parar e pensar quantos nasceram antes de você destruir o resto — resmungou Sir Caulder para si mesmo.

— Nós não vamos fugir — disse Fletcher. — Mas você tem razão: mesmo com os homens de Didric, pode não ser o suficiente. Vamos mandar um recado ao rei e aos homens da frente a oeste. Reforços montados poderiam chegar daqui a meio dia, com sorte.

Ele se virou para Rory e Genevieve.

— Preciso que vocês dois voltem depressa para a carroça e escrevam cartas em meu nome, explicando a ameaça a Hominum. Genevieve, escreva para Didric implorando que ele retorne. Rory, preciso de mensagens para o rei Harold, Arcturo, Otelo, Lovett... qualquer um que possa estar nas linhas de frente. Depois mandem todos os seus Carunchos até lá com recados presos às costas.

— Não temos mais mana — disse Rory. — Sem nossos demônios, seremos...

— Iguais a qualquer um desses soldados, sim — cortou Fletcher, olhando cada um deles nos olhos. — Mas vou precisar de sua liderança e de sua coragem. Vocês são mais que magos de batalha: são oficiais, e muito bons se querem saber.

Eles assentiram, soturnos.

— Agora vão, não temos muito tempo — ordenou Fletcher, fazendo-os saírem às pressas

Sua mente disparou, tentando encontrar uma maneira de virar aquela batalha a seu favor. Ele correu os olhos pela paisagem adiante, os olhos indo para a frente e para trás. As primeiras ideias começaram a surgir, mas pela metade, e ele não tinha meios de saber se dariam certo. Porém precisava tentar.

Ele se virou e caminhou até seus soldados, com as mãos às costas.

— Certo, rapazes — declarou Fletcher, tão repentinamente que viu Kobe dar um pulo de susto. — Escutem aqui. Temos outra batalha à frente.

Ele viu o medo em seus olhos; alguns chegaram mesmo a olhar para a Fenda atrás de si, como se buscando uma escapatória.

— Vocês me deixaram orgulhoso hoje. Fomos emboscados por duzentos cavaleiros e vencemos, e nada mais nada menos que em campo aberto, além disso. Agora estamos preparados para enfrentá-los. Vamos mostrar a eles aquilo de que realmente somos capazes.

Alguns assentiram, concordando ferozmente, mas houve uns poucos que começaram a cochichar: Logan e alguns de seus companheiros.

— Estou pedindo a vocês que confiem em mim — prosseguiu Fletcher, caminhando até a frente de Logan e obrigando o rapaz a olhar em seus olhos. — Vocês sabem quem eu sou. Combati hordas de goblins no próprio coração da terra dos orcs e sobrevivi. Enfrentei os xamãs e suas Serpes sozinho num Abismo desconhecido e, contudo, aqui estou. Vencer é possível.

Ele correu os olhos por suas tropas, deixando que vissem sua convicção.

— Sou amigo tanto dos anões quanto dos elfos. Sou um conjurador e mago de batalha treinado. Um homem de sangue nobre com criação de plebeu e ficha de criminoso.

Suas palavras ecoaram pelo desfiladeiro, acompanhadas pelo farfalhar suave da grama ao vento.

— Sou todas essas coisas, porém nenhuma se comparara ao que *nós* nos tornaremos esta noite. É aqui que faremos nosso nome. É aqui que combateremos o inimigo.

Fletcher fez uma pausa, permitindo que suas palavras assentassem.

— Quero que saibam que, do outro lado das montanhas, está acontecendo uma batalha nunca antes vista. Milhares estão morrendo neste exato momento, e o resultado ainda será determinado. Entretanto, se não interrompermos o inimigo bem aqui, eles marcharão até Raleighshire e destruirão tudo o que consideramos precioso. Não existe mais ninguém além de nós. Nós *vamos* segurar a frente de batalha até os reforços chegarem.

Os soldados olhavam para Fletcher agora, e ele viu sua determinação se acender, as mandíbulas se enrijecerem, os olhos endurecerem. Era o bastante. Tinha de ser.

— Rotherham, leve dez homens e os faça resgatar o que for possível de munição, espadas e mosquetes dos cadáveres — ordenou ele, apontando para as formas caídas dos soldados mortos de Forsyth. — Kobe, Gallo, cortem a mancenilheira em pedaços e a tragam para mim. Cuidado com a seiva, e não toquem na árvore com as mãos nuas.

— Aquela árvore, senhor? — perguntou Kobe, cheio de hesitação.

— Temos menos de uma hora até a chegada do inimigo. Vamos! — A voz de Fletcher estalou como um chicote.

Os homens saíram apressados para cumprir as ordens.

— Quero os atiradores de rifle no alto da torre de vigia, preparados e com as armas carregadas. O resto de vocês vai até a selva para cortar uma braçada de bambu; depois me encontrem na Fenda. Depressa!

Não havia tempo a perder, e logo Fletcher estava a sós com os corpos mortos dos próprios soldados. Olhou para eles com vergonha, marcando aquela imagem a fogo na memória. Não havia tempo para enterrá-los, tampouco os corpos dos soldados de Forsyth. Um destino indigno para aqueles homens e mulheres corajosos.

Então alguém pigarreou atrás dele.

Mason. Fletcher tinha se esquecido do jovem, pois ele mesmo quase parecera um cadáver, esparramado entre os corpos. O garoto estava tomando água de um cantil que pegara emprestado.

— Obrigado por curar minhas feridas, milorde — agradeceu Mason, tocando a testa. — Eu tava quase morto.

— Me conte o que aconteceu — pediu Fletcher, indo direto ao que interessava.

— Os Forsyth me promoveram por eu ter ajudado tanto na missão, e tudo o mais. Me mandaram pra cá e disseram que ia ser um serviço facinho.

— Suponho que eles erraram — disse Fletcher.

— O problema é que nosso capitão era um bestalhão se o senhor perdoa meus modos — disse Mason, balançando a cabeça com desgosto. — Acampamos do lado errado, porque ele queria se bronzear, o tosco maldito. Nos apanharam com as calças arriadas, como o povo diz.

— E a árvore? Por que você?

— Bom, cê sabe, eu matei alguns deles, por isso foi vingança, tô achando. Eles queriam que eu morresse bem devagarzinho. Por isso me deixaram de isca pra quem chegasse depois. Só que em uma hora eu mesmo já teria batido as botas também.

— Eu não diria tão cedo assim — disse Fletcher, levantando um mosquete do chão e colocando-o entre as mãos de Mason. — Vamos precisar de todos os homens que pudermos para defender a linha de frente. Isso significa você também.

— Vou lutar por ocês — decidiu Mason, olhando-o cara a cara. — Vou lá pegar uma espada então, e depois bambu, num é? Pra que precisa dessas coisas?

— Não se preocupe com essa parte — avisou Fletcher, com jeito misterioso. — Agora vá depressa. Não temos um instante a perder.



52

Eles se agacharam atrás do muro baixo de pedra, observando as árvores oscilantes através da Fenda. A última hora tinha sido frenética, mas eles estavam tão preparados quanto possível. Os soldados mortos tinham sido removidos, levados até o desfiladeiro da montanha e cobertos com tendas em sinal de respeito.

A mureta era frágil, construída com as rochas soltas desmoronadas da torre de vigia e uma mistura de argamassa argilosa, que consistia da terra farelenta a seus pés misturada a água potável. Ela curvava-se em formato de U, de modo que o inimigo recebesse fogo de todos os lados quando entrasse na área após a Fenda. Os soldados de Fletcher tinham se espalhado ao redor em uma única fileira, e seus mosquetes carregados miravam a selva. Havia trinta mosquetes a mais, apanhados dos soldados de Forsyth: apesar de nem todos possuírem mosquetes, aquilo permitiu que os homens de Fletcher tivesse um mosquete extra para disparar antes de precisarem recarregar.

Azul e seus companheiros gremlins estavam por perto. Eram incapazes de ver o que havia além do topo do desfiladeiro, mas estavam preparados com varetas para carregar os mosquetes extras depois que estes tivessem sido disparados. O rosto de Meia-orelha era uma carranca: ele ainda estava com raiva por suas montarias terem sido enviadas com os refugiados, pois seriam de pouca utilidade nas áreas estreitas do desfiladeiro.

— Está vendo alguma coisa? — perguntou Sir Caulder, e seus joelhos rangeram quando ele espiou por cima do parapeito.

— Nada ainda — respondeu Fletcher.

Usava seu cristal de visualização, que prendera como um tapa-olho ao rosto. Nas alturas, Atena encontrara uma fresta onde se abrigar, e observava a selva com olhar atento, mas, apesar da clareza da imagem, a folhagem obscurecia o que havia dentro da floresta. O exército poderia estar aguardando a poucos centímetros da linha de

árvores, sem que Fletcher soubesse.

Quanto a Ignácio, Fletcher aprendera a lição depois daquela batalha. O Drake não contava com uma armadura como uma Serpe, mas ainda assim era um alvo grande, vulnerável aos dardos e lanças em um combate prolongado. Por isso, Ignácio fora enviado para os céus, a fim de interceptar quaisquer demônios batedores que pudessem estar sobrevoando acima do exército de goblins, e depois servir de reforço caso o rumo da batalha virasse. De vez em quando, sua sombra os cobria, quando o Drake dava meia-volta em um rasante, ansioso para lutar.

— Como estamos de munição? — gritou Fletcher por cima do ombro.

— Temos algumas centenas de projéteis a mais! — Foi a resposta de Gallo, levantando um cartucho amassado. — Só que não estão nada bonitos.

Gallo e três outros soldados tinham recebido a tarefa de derreter os lingotes de chumbo em uma pequena fogueira e fabricar balas de mosquete, enquanto outros dois as enrolavam em papel com o que ainda lhes restava de pólvora. Tendo em vista o número de goblins que iriam passar pela abertura, Fletcher sabia que precisava recebê-los com uma saraivada de balas, e que seu atual estoque de munição se esgotaria muito rapidamente.

A mureta também servia a um propósito diferente: além de protegê-los da chuva de dardos e lanças, também os abrigaria dos outros planos de Fletcher — se tudo desse errado, claro. Ele reservara uma surpresa para os primeiros goblins que atravessassem a Fenda.

— Acabou o chumbo — gritou Gallo, erguendo o último saco pesado de cartuchos recém-fabricados. — Isso é tudo. Raspamos o tacho da pólvora, também.

— Certo, bom trabalho. Entreguem os novos cartuchos aos soldados — ordenou Fletcher, apontando para os outros sacos aos pés de Gallo. — E mandem alguns para o alto da torre de vigia também. Depois que acabar a munição dos rifles, eles vão poder disparar estes aqui bem de perto.

Gallo empalideceu ao ver o caminho estreito até a plataforma elevada à direita, onde os canos dos rifles podiam ser vistos, equilibrados no círculo baixo de pedras que um dia formara a base da torre de vigia. Rotherham estava lá em cima com eles, orientando seu pequenino esquadrão de atiradores de elite.

— Deixe isso comigo — ofereceu Logan, ao ver a expressão de Gallo. Ele saiu correndo e apanhou o saco da mão do anão que, lívido, lhe deu um aceno de cabeça respeitoso.

Fletcher sorriu, apesar do nervosismo. Aquilo era uma vantagem em meio a tantas desvantagens: quaisquer rancores que os soldados

tinham antes uns com os outros haviam ficado para trás. Se eles sobrevivessem àquela batalha, os Raposas seriam tão unidos quanto qualquer grupo de soldados no exército de Hominum.

Sentiu uma pontada de empolgação de Ignácio, justamente quando Sir Caulder soltava um resmungo baixinho.

— Onde diabo estão esses...

Um cadáver caiu com um baque surdo a seu lado em uma névoa de penas pretas e brancas, e Sir Caulder soltou uma sequência de palavrões ao ser salpicado de sangue. Era o corpo quebrado de um Picanço, com um corte enorme na cintura. Acima, Ignácio rugiu em desafio. Um segundo Picanço, menor que o primeiro, caiu sobre a mureta, e seu cadáver soltou uma das pedras, em meio a uma nuvem de poeira. O Drake era mestre naquele campo de batalha, e Fletcher o viu dando rasantes e mergulhando enquanto pontinhos pretos formavam uma fila em sua direção. Aquilo só podia significar uma coisa.

— Começou — disse Fletcher, sacando Chama do coldre e apoiando-a no parapeito da mureta.

Mas suas palavras foram abafadas, pois um barulho horrendo começara. Era como centenas de vozes berrando em agonia, acompanhadas por um chacoalhar que não era desse mundo. Aquilo ecoou tenebrosamente pelo desfiladeiro, até chegar à ravina onde eles estavam, deixando Fletcher de cabelo em pé.

E então, da orla da floresta, eles avistaram os primeiros goblins, marchando para fora das árvores em uma onda cinzenta. Centenas.

— Não atirem ainda — gritou Fletcher, observando o homem a seu lado apertar a arma com mais força, tanta que os nós de seus dedos empalideceram.

Os olhos de Fletcher se focaram na cobertura rosada do cristal de visualização. Havia goblins demais para contar, marchando pela grama em uma grande massa desordenada, que saía aos borbotões da selva. Tal como seus companheiros que chegaram montados nos casuares, aqueles goblins não usavam nada mais que uma tanga para proteger sua duvidosa modéstia. Porém, além da variedade costumeira de lanças, porretes cravejados de pedras e dardos, eles também levavam escudos de couro cru no braço esquerdo e ali batiam as armas enquanto marchavam para dentro do cânion, o que explicava em parte aquele barulho terrível; mas não os gritos.

— De onde vem esse barulho? — berrou Logan, ao retornar de sua visita precária ao topo da torre de vigia.

— São apitos da morte — respondeu Mason, que estava agachado à esquerda de Fletcher, ainda sem camisa, mas agora armado com a espada curva semelhante a uma faca de açougueiro. — Você vai ver alguns orcs usando isso. São umas coisas terríveis, malditas, feitas

para meter medo nos inimigos. Ignorem-nas, rapazes.

E, de fato, orcs começavam a emergir da folhagem atrás da primeira leva, carregando grandes macanás, espadas-porretes, presas às costas. Levavam hienas, que latiam em correias de couro, e estalavam chicotes de couro cru nas costas dos goblins próximos, conduzindo-os como se fossem gado à frente. Quando o olhar de Atena se focou neles, Fletcher viu os apitos de argila em forma de crânio entre suas presas, a fonte daquele barulho aterrador.

— Bem, está funcionando! — estremeceu Logan, assumindo seu posto na mureta.

Mesmo do alto, atrás da mureta, Fletcher sabia que os goblins estavam fora do alcance dos tiros de rifle. Rotherham escondera duas filas de estacas ao longo das savanas, portanto os homens saberiam quando atirar: uma para os que portavam rifles, outra para os mosqueteiros. Agora o exército inimigo aguardava logo além da primeira paliçada, ordenados a parar pelos latidos guturais dos comandantes orcs.

— Venham só, deixe a gente acabar com vocês! — Fletcher ouviu Rotherham grunhir de seu posto acima.

Porém os goblins não caminharam mais, e o barulho começou a morrer. Em breve o silêncio reinava no cânion coberto de grama alta. Eles tinham visto o que Fletcher lhes preparara logo além.

Os cadáveres dos cavaleiros goblins tinham sido espalhados pela grama, organizados em um espetáculo macabro de pernas e braços esticados e feridas abertas. Os casuares jaziam a seu lado, em lamentáveis montes de penas negras. Fletcher sabia que o fedor da carne apodrecendo seria intenso em suas narinas, mas não, na verdade, por causa dos cadáveres de seus aliados — eles estavam frescos demais para isso.

Não: Fletcher tinha dado um uso para os barris de durião retirados da carroça de suprimentos. Abrira cada um e os escondera estrategicamente embaixo dos cadáveres, dando-lhes o fedor característico da morte. O inimigo tentara usar o medo a seu favor; ele lhe devolveria o mesmo truque, dez vezes mais intensamente.

Sua vanguarda estava morta, cada um daqueles goblins, e não havia nem sinal dos assassinos. Poderia muito bem haver mil homens do outro lado da Fenda; eles não tinham como saber.

— Rotherham, uma saraivada de tiros de rifle! — gritou Fletcher, a voz ecoando anormalmente alta na ravina. — Mire nos orcs. Mate os líderes.

— Certo — respondeu o sargento. — Beleza, rapazes, façam esses tiros valerem.

— Eles estão fora de alcance, senhor! — Foi a resposta nervosa.

— Bem, então é melhor mirar em seu peito — disse Rotherham,

animadamente. — Com calma. Escolham os alvos. Apertem o gatilho devagar enquanto expiram. Quando eu disser... *Fogo!*

O barulho dos rifles atingiu os ouvidos de Fletcher, e meio segundo mais tarde a saraivada de balas chicoteou sobre as fileiras maciças. Um tiro perdido atirou um goblin ao chão, e outro soltou um pedaço de uma das estacas de Rotherham, mas todos os outros acertaram seus alvos. A cabeça de um dos orcs chacoalhou para trás, os corpos de outros sacudiram-se, como se tivessem sido alvejados; dois caíram de joelhos, outro agarrou o braço. Nem uma única bala atingiu o mesmo alvo, prova do bom treinamento de Rotherham.

Começaram os guinchos. Eles se espalharam pela massa de goblins, que recuou uns 3,50 metros, tropeçando desajeitadamente uns nos outros, tomados de medo repentino. Para eles, os tiros tinham vindo do próprio céu.

— Fechem essas bocas e recarreguem! — ecoou a voz de Rotherham, lá em cima. — Isso aqui é uma guerra, não uma prática de tiro!

O barulho das varetas seguiu-se logo depois, mas foi abafado pelo rugido súbito das dezenas de orcs remanescentes, um ruído primal de raiva profunda. Com um salto repentino, uma hiena, latindo, mordeu o pescoço de um goblin que batia em retirada, e o sacudiu de um lado para o outro, como se fosse uma boneca de trapo. Chicotes estalavam acima, e a sorte mudou mais depressa que no início. Os goblins foram caindo uns sobre os outros enquanto retornavam a suas posições, alguns inclusive tropeçando mais para a frente, nos corpos de seus companheiros cavaleiros.

— Como se pastoreassem um maldito rebanho de ovelhas — sussurrou Mason.

— Só que esses aí não são cães de pastoreio — retrucou Logan. — Parecem mais lobos.

— Silêncio nas fileiras! — bradou Sir Caulder, aquietando a dupla.

Porém a atenção de Fletcher estava em outro canto. Seus olhos se focaram em um movimento no cristal de visualização. Uma perturbação dentro da selva, tão grande que as árvores se balançaram em uma lenta fila móvel que seguia diretamente até eles. O barulho seco de passos, que pareciam sacudir o próprio chão, reverberou pelo cânion, sufocando os guinchos dos goblins em pânico.

Então um gigante de pele cinzenta emergiu da floresta, espalhando goblins para a esquerda e para a direita enquanto saía em disparada rumo à claridade. Suas grandes orelhas agitavam-se ao vento, e seu corpo gigantesco tornou-se claramente visível ao caminhar a passos largos pela clareira.

— O que é diabos é essa coisa? — murmurou Logan.

Era um Fantauro, o mais raro de todos os demônios orcs: um

elefante bípede que assomava sobre os orcs, como uma mãe a um filho. Sua pele era coriácea e tão grossa que nenhuma bala conseguiria penetrá-la, e seus grandes punhos eram tão formidáveis quanto a tromba longa agitada e as presas serrilhadas que oscilavam de um lado ao outro acima do solo.

O demônio parou quando seu xamã emergiu da orla da selva. Em seu cristal, Fletcher viu que era um espécime decrépito e corcunda, com boca desdentada e um manto esfarrapado de trama fiada. Um cajado retorcido estava em suas mãos, e o velho orc inclinava-se sobre ele a cada passo vacilante. Por um instante, Fletcher sentiu pena.

Então, o orc levantou um dedo comprido e cinzento, e, mesmo sem precisar da imagem de Atena, Fletcher viu o cintilar alaranjado de uma bola de fogo na orla da floresta, maior que qualquer uma que ele já vira.

— Protejam-se! — berrou o rapaz.

Ele e os homens atiraram-se ao chão, rente à terra, para salvar a própria vida. Subitamente a mureta de pedra lhe parecia tão sólida quanto uma folha de papel.

Na pedra de visualização, Fletcher viu a bola de fogo aumentar de tamanho sem parar, tornando-se tão enorme que apagava a imagem do xamã atrás de si. Em seguida ela se soltou, saiu reluzindo pelos ares em um grande arco curvo, deixando para trás um rasto de fumaça e ar tremeluzente. Nenhum escudo de Fletcher poderia ter esperanças de conter tal ataque — não com a quantidade mínima de mana que lhe restava. A bola continuou crescendo, tão reluzente e ofuscante que era como se Atena olhasse o sol.

Quando a bola começou sua descida vagarosa, o Fantauro soltou um guincho de trompete que fez Fletcher ranger os dentes. Dois momentos de silêncio espantado se passaram.

E, então, como uma onda imparável, os goblins arremeteram pela savana, soltando guinchos agudos sedentos de sangue.

A batalha por Raleighshire começara.



53

— Ignácio, depressa! — berrou Fletcher.

Lá em cima, o Drake já caía na direção da bola de fogo, as asas para trás, coladas junto ao corpo, em um mergulho de raptor. Ele atravessou os ares como uma flecha atravessa uma maçã, e a explosão de luz cegou a visão de Atena.

Fletcher não sentiu nenhuma dor da parte de Ignácio. A pele do demônio passou pela chama ilesa, enquanto a bola de fogo se dividia em montes de feitiços menores que se espalharam pela encosta da montanha em uma chuva de raios luzidios.

Meia dúzia destes conseguiu atravessar a Fenda e iluminou o chão e a mureta à frente com poças de luz. Rochas explodiram da barricada improvisada, lançando soldados pelo chão. Um anão berrou freneticamente quando a manga de sua camisa pegou fogo, e se pôs a lhe bater com a jaqueta. A bola de fogo se apagou com uma rajada de vento quando Ignácio passou em um rasante pelo desfiladeiro e retornou aos céus para combater os demônios dos orcs mais uma vez, lá em cima.

— Preparem-se! — berrou Sir Caulder, esvaziando o cantil sobre o tecido fumegante do braço do anão.

Ouvu-se o barulho dos pés de centenas de goblins enquanto os Raposas se levantaram desajeitadamente, apoiando os mosquetes na barricada. Poças de rocha derretida borbulhavam na frente das paredes, já se fundindo em cristais ao esfriar. Fletcher ergueu Chama e agradeceu aos céus pelo fogo não ter atingido a surpresa que seus homens haviam preparado.

Pela abertura, ele vislumbrou um turbilhão móvel de corpos cinzentos arremetendo contra eles. Os rifles já cuspiam balas, os orcs sendo atingidos e tropeçando pela munição que descia em espiral, mas, apesar disso, uma ira frenética impulsionava os corpos feridos para a frente. Os primeiros goblins passaram correndo pela segunda

linha de estacas.

— Fogo! — bradou Sir Caulder.

Um ruído único e fumaça espiralada atingiram os sentidos de Fletcher, e então ele puxou o gatilho. Goblins foram atirados para trás quando uma saraivada de balas de mosquete atingiu as primeiras fileiras, fazendo com que os que vinham atrás tropeçassem sobre os corpos caídos. Os mosquetes dos homens de Forsyth foram apanhados e segurados com mãos trêmulas.

— Fogo! — berrou Fletcher.

Uma segunda leva de balas atingiu as massas, de modo mais irregular que a primeira, mas não menos letal. Uma névoa de sangue tomou o ar quando mais goblins caíram, mas a multidão raivosa continuou investindo para a frente, incitada pelos chicotes de seus mestres orcs. Rifles disparavam lá em cima, e outra cabeça de orc foi sacudida para trás. Não era suficiente, porém. Somente uma coisa poderia parar aquilo agora.

— Carreguem — ordenou Sir Caulder, com a voz alta, mas calma, enquanto caminhava por trás dos homens. — Firme agora, rapazes, com calma.

Uma Vespe caiu no chão com um baque surdo, quase cortada ao meio pelo bico de Ignácio, lá em cima. Varetas foram chacoalhadas dentro do cano das armas, e um homem soltou um palavrão ao deixar a sua cair no chão. Cinquenta passos. Quarenta.

— Disparem à vontade, rapazes! — grunhiu Sir Caulder. — Botem pra quebrar.

Balas de mosquete foram atiradas esporadicamente por cima do muro, e os disparos mais de perto derrubavam os goblins no chão com força. Seus corpos desapareciam no meio da multidão conforme eram pisoteados.

— Acabem com os que estão na vanguarda — berrou Fletcher, tirando Ventania do coldre e apontando-a para o punhado de goblins que tinham se destacado da horda.

Ele disparou e sentiu o coice da arma quando a bala atingiu o pescoço do goblin mais próximo, atirando-o a mais de 10 metros de distância da abertura. O segundo disparo errou o alvo e sumiu no meio do grupo em uma explosão de fumaça e sangue, mas uma bala maior de Mason deixou o alvo caído em cima do corpo do primeiro goblin.

O espaço em frente à mureta estava cheio de fumaça — uma névoa de enxofre misturada ao tom cinzento dos goblins quando os primeiros deles saíram em disparada pela Fenda, empunhando alto seus escudos. Disparos mataram esses corredores. Na cabeça de Fletcher, ele sentiu o medo de Atena e alguns fragmentos de dor de Ignácio, que combatia

dezenas de demônios menos poderosos no céu.

O corpo principal de invasores estava a vinte passos da Fenda. Só um pouquinho mais perto...

Dez passos. *Agora.*

Fletcher saltou a mureta.

— Não atirem — berrou Sir Caulder. — Carreguem as extras!

— Rifles, cubram-no — berrou Rotherham.

Então Fletcher desatou a correr. Uma chama retorcida irrompia da ponta de seu dedo. Apesar disso os goblins continuaram vindo, uma dúzia diminuindo a distância em uma corrida enlouquecida na direção de Fletcher. Ele pôde sentir o fedor de seus corpos não lavados conforme se aproximava, o sangue pulsando nos ouvidos, os pés batendo no chão com força. Tiros de rifle atingiram os goblins mais próximos, e um dardo passou por ele, abrindo um buraco no muro atrás de si.

Uma centena de inimigos tinha passado pela Fenda a essa altura, diminuindo o passo ao verem o homem solitário correndo em sua direção, mas logo avançando inexoravelmente, incentivados pelas massas berrantes às costas.

Fletcher deslizava em zigue-zague, a uma pedrada de distância dos goblins. O fogo se lançou de seu dedo em uma fita cor de laranja, direcionando-se ao alvo de Fletcher. À surpresa.

Uma fila de cem segmentos semienterrados de bambu, cada qual com um pavio rudimentar de cordão coberto de pólvora preso na ponta. E, no centro, estava o vulto maciço e enferrujado do canhão Thorsager, apoiado sobre um montinho de terra. Tudo aquilo, dos bambus ao canhão, estava cheio até a boca de pólvora e uma carga de pedregulhos.

Uma lança enterrou-se a seu lado e arrancou um pedaço do casaco. Os pavios faiscaram quando o feitiço de Fletcher espalhou-se pela fileira. E foram queimando até alcançarem as cargas explosivas com velocidade impressionante. Rápido demais.

— Corre! — berrou Rory, quando viu o que estava prestes a acontecer.

Fletcher correu.

Foi uma corrida enlouquecida, e o rapaz criou um escudo por cima de seu ombro no último segundo, sentindo o impacto dos dardos e lanças zumbindo acima. O barulho de tiros de rifle ecoou no alto, e então Genevieve gritou:

— Se abaixe!

Fletcher o fez, e o mundo tombou de lado.

Pó e fumaça uivaram sobre ele quando a explosão rugiu pela ravina. Em seu cristal, Fletcher viu sangue enevoar o ar assim que mil projéteis atravessaram a massa de goblins, atirando-os para trás, como

se um punho invisível gigantesco tivesse socado suas fileiras. O centro recebeu o grosso do estrago, uma vez que o canhão concentrou a explosão em um cone estreito de dispersão da morte que se estendia para além da Fenda até os grupos que ainda tentavam passar, lá atrás. Por um instante, a única coisa que se podia ouvir era o assobio do vento e os gemidos dos moribundos.

— Fogo! — berrou Fletcher.

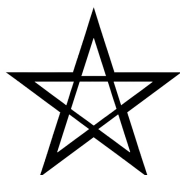
Uma pausa, e então uma saraivada de balas de mosquete atravessou a abertura, caindo sobre os sobreviventes atônitos.

— De novo! — gritou Sir Caulder, agarrando um mosquete que Azul lhe oferecia.

A segunda leva de balas caiu com força sobre as fileiras, atingindo goblins à esquerda e à direita. Os rifles dispararam um instante depois, e, dessa vez, os mais próximos das poucas dúzias de orcs que ainda restavam foram aniquilados; era impossível errar os disparos tão perto assim.

Lá no alto, Ignácio soltou um rugido de triunfo, e um Ahool caiu dos céus; seu coriáceo corpo alado tombou no chão com um baque surdo no meio dos cadáveres de goblins.

Então, como se fossem um só, os goblins se viraram e saíram correndo.



54

A maré tinha virado. Os vultos cinzentos dos goblins fugiram para a orla da floresta, deixando centenas de mortos para trás. Os orcs remanescentes gritaram ordens, mas como até eles tinham se transferido a uma distância segura, não puderam impedir que os goblins saíssem em disparada de volta à segurança da floresta tropical. No alto, Ignácio rugiu de novo quando os demônios inimigos começaram a bater depressa em retirada. Evidentemente, o Ahool devia ter sido o mais poderoso do grupo.

Apesar de tudo, o que mais horrorizou Fletcher era que mais goblins pareciam surgir, passando pelos companheiros em fuga, saindo de entre as árvores e rodeando o vulto imóvel do Fantauero. Quem saberia quantos mais estariam escondidos pela folhagem, fora de vista?

Ao sentar-se, Fletcher percebeu que seu escudo conseguira protegê-lo do impulso e do vento escaldante gerado pela explosão, apesar de a maioria dos tubos de bambus felizmente ter aguentado o tranco, direcionando seu conteúdo para fora pelas aberturas. No entanto, alguns dos tubos de madeira se estilhaçaram com o impacto e atiraram projéteis para todos os lados, inclusive para o seu. Tal estrago, combinado ao dos dardos e das lanças, significava que mal valia a pena reabsorver o escudo despedaçado quando ele se ergueu do chão. Mas ele o reabsorveu de toda forma, pois suas reservas de mana estavam quase vazias.

Quando chegou de volta onde estavam os Raposas, Azul e seus gremlins tinham pulado as barreiras e agora caçavam sobreviventes entre os goblins, repetidamente erguendo e baixando os punhais de dente de tubarão sobre os corpos. Fletcher tentou ignorar os mórbidos ruídos gorgolejantes e pulou a barricada, derrubando um pedaço na pressa de retornar à segurança.

Estava tremendo, mas, se era da adrenalina ou de medo, ele não

sabia dizer.

— Covardes malditos! — berrou Logan, o rosto marcado exibindo um largo sorriso.

Pelo cristal, Fletcher viu orcs chicoteando sem piedade os goblins em fuga; suas hienas, soltas das correias, vagavam pela orla da floresta e mordiam quem quer que passasse correndo. Não demoraria para que recuperassem o controle mais uma vez, ou que conduzissem um novo ataque usando as tropas recém-saídas das selvas.

Mesmo assim, agora eles seriam mais cautelosos. Um bom terço dos orcs tinha morrido, e era pouco provável que seus líderes se aventurassem a chegar muito perto novamente. Entretanto, em algum momento, os goblins voltariam a fazer uma nova investida para atravessar a Fenda, e não havia mais pólvora para outra explosão. Fletcher tinha apenas mais um truque na manga agora.

— Fletcher, uma palavrinha — gritou Rory.

Ele chamava o líder para longe da fileira de homens em comemoração. Fletcher viu que a bochecha de Rory estava manchada de fuligem dos disparos de seu mosquete, e que o cabelo loiro parecia vermelho devido a um corte no couro cabeludo.

— Temos um problema — murmurou Rory, tão logo ele e Fletcher estavam longe o bastante dos Raposas para não ser ouvidos. — Não contei a ninguém, e de qualquer maneira não houve tempo quando os goblins apareceram, mas... é Didric. Ele não virá.

Se Fletcher sentira mesmo que um pequenino alívio antes, agora ele sumira de vez em meio a uma onda fria de terror.

— Ele precisa vir! — sibilou Fletcher, irritado, lutando para não gritar. — Todo o futuro do império depende disso! Tem certeza de que explicou tudo no bilhete?

Rory balançou a cabeça, em desgosto.

— Sim, expliquei tudo. Ele está indo para o norte neste exato momento, de volta ao próprio castelo. As palavras exatas foram: “Para que mandar bons homens para salvar ruins?” Se é que dá para acreditar. Ele acha que a guerra já está perdida.

— Covarde — vociferou Fletcher.

— E tem mais uma coisa — prosseguiu Rory, evitando os olhos do amigo. — É o povo da cidade. Quando Malaqui deixou o recado, eles começaram a discordar sobre se deviam ir embora ou não. Berdon está fazendo o que pode, mas Malaqui não viu nem sinal deles enquanto esperava pela decisão de Didric na ponte. Acho que eles ainda não partiram.

— Tolos — disse Fletcher, com raiva, olhando de volta para o cânion e para a savana. A distância, viu o vulto das construções da cidade. Tão próximas. Será que eles não tinham escutado os tiros, as explosões?

— Não podemos nos preocupar com isso agora. E o resto de suas mensagens? — indagou Fletcher, tentando conter o pânico na voz.

— Ainda estão a caminho. E enviei Malaqui para ajudar na busca pelo rei, por um general ou por qualquer um que possa nos ajudar. A maioria das mensagens deverá chegar daqui a uma hora nas frentes de batalha, incluindo as de Genevieve, mas... meus Carunchos ouvem o som de bombas, veem fumaça e clarões no horizonte. Seja lá que batalha estejamos travando, não é nada comparado ao que está acontecendo ali. Encontrar alguém importante para transmitir uma mensagem poderá ser difícil.

Fletcher segurou com força os ombros de Rory.

— Se não conseguirmos ajuda logo, vamos todos morrer, e milhares de goblins vão atacar o exército de Hominum pela retaguarda. Se não saquearem Corcillum no caminho antes disso.

Rory arregalou os olhos, assustado, e Fletcher o soltou com um suspiro.

— Conte a Genevieve, mas não fale disso a mais ninguém. Vocês precisam fazer a mensagem chegar. Eu mandaria Ignácio, mas ele está patrulhando lá em cima. Vocês são nossa única esperança agora.

O jovem oficial saiu apressado, e Fletcher viu o rosto de Genevieve empalidecer quando ele lhe deu a notícia. Seu olhar cruzou com o de Fletcher, e ela acenou a cabeça com determinação.

— Certo, rapazes, chega de comemorar. — A voz de Sir Caulder interrompeu os gritos de júbilo dos Raposas. — Dália, Gallo, tragam os barris de água da carroça; lutar dá sede. O resto de vocês vai limpar a pólvora dos canos obstruídos. Usem a água... ou mijem se for preciso.

Atiçada pelas ordens de Sir Caulder, a mente de Fletcher voltou-se para a batalha que viria. Uma vez que não haveria nenhum reforço a caminho tão cedo, era provável que a munição acabaria em breve. As alabardas seriam essenciais, de uma maneira ou de outra.

— Logan, Kobe, acompanhem-nos — ordenou Fletcher, voltando à mureta e olhando para os grupos que se reuniam. — Quero que a pedra de amolar seja trazida para cá, e que todas as alabardas sejam afiadas ao máximo.

Os dois rapazes resmungaram, mas foram cumprir o ordenado, deixando-o a sós com Mason. O garoto não tinha se juntado às comemorações, o que não era surpreendente, pois conhecia muito poucos deles.

— Você foi corajoso em ficar aqui — elogiou Fletcher.

— Luto com eles a vida toda — disse Mason. — E também minha mãe e irmãs moram em Corcillum. Num seria certo ir embora.

— Tem algum conselho para mim? — perguntou Fletcher, apontando com o queixo para os goblins que começavam a se reunir.

— Eles são covardes no fundo, esses goblins — disse Mason. — Se tu machucar bastante, eles vão virar as costas e dar no pé. O problema é que foram pisoteados pelos orcs a vida toda, então têm mais medo deles do que de qualquer outra coisa.

Os olhos de Fletcher se voltaram para a pilha de madeira de mancenilheira, que vertia uma seiva branca no lugar onde as alabardas a tinham cortado.

— Isso é o que veremos — disse.



55

As alabardas foram afiadas. Kobe sentou-se atrás de uma roda giratória de pedra áspera que ele manejava com um pedal, enquanto os soldados se ajoelhavam a seu lado para afiar as lâminas em uma chuva guinchante de faíscas. Até Fletcher teve sua vez com o khopesh, depois que terminou de recarregar Chama e Ventania.

As armas foram limpas, inspecionadas e limpas de novo, enquanto o muro era reparado e reforçado, com uma combinação de lama com lanças e escudos retirados dos mortos. Os gremlins haviam trazido mórbidos troféus de guerra do campo de batalha, e Meia-orelha desfilava orgulhoso com um colar feito de orelhas de goblin enfiadas em um fio sujo. Fletcher não os desencorajou; chegou até a pedir que os gremlins exibissem seus troféus ao lado dos corpos perto da Fenda — um aviso para quaisquer outros goblins que quisessem se aventurar por ali de novo.

Enquanto isso, orcs latiam e berravam ordens guturais, forçando goblins a entrar em formação nos limites do alcance dos rifles. As hienas foram soltas na floresta, presumivelmente para caçar os goblins fugitivos e trazê-los de volta à carnificina. O que Fletcher sabia com certeza é que um imenso ataque viria pela frente e que não havia muito tempo para se prepararem.

A carroça chegara com pás, que eles usaram para revirar a terra e fazer argamassa de lama para as barreiras. Fletcher, porém, criou mais um uso para elas: o chão logo à frente da Fenda fora aberto pelas explosões das bombas de bambu, e Fletcher enviou um contingente de homens para aumentar o buraco e criar uma trincheira que chegava à altura da cintura. Depois, soltaram e cravaram as pontas de pedra das lanças dos goblins no fundo, cobriram todas com a lona das tendas dos soldados de Forsyth e a camuflaram com uma fina camada de terra.

Era estreita demais para impedir que os goblins a saltassem, e além disso eles não tinham como esconder dos olhos dos inimigos o que

faziam, mas Fletcher tinha certeza de que, no caos da batalha, pelo menos alguns goblins cairiam ali e se machucariam nas pontas de lança lá embaixo.

Quando à madeira da mancenilheira, Fletcher ordenou que fosse transferida para o espaço em frente à mureta e acrescentou à pilha as lonas de tenda, lanças e bambus que sobraram. Ainda era um monte bem menor do que ele desejava, mas teria de servir.

— Rory, alguma notícia? — perguntou, aproximando-se do jovem oficial.

Ele e Genevieve estavam sentados longe dos outros, com os olhos cerrados e as testas franzidas em concentração. Seguravam pequenos fragmentos de cristais de visualização, e Fletcher viu ali as imagens velozes de uma paisagem arrasada pela guerra.

— Só conseguimos ver e ouvir coisas de Malaqui e Azura — respondeu Genevieve, antes que Rory pudesse fazê-lo —, pois são os que conectamos a nossos cristais de visualização.

— Claro — disse Fletcher, mordendo o lábio.

Rory falou, ainda de olhos fechados:

— Os outros têm suas instruções, mas não poderemos ouvir quem eles contatarem. Saberemos apenas que a mensagem foi entregue, e sentiremos as emoções de nossos Carunchos. Se estiverem felizes, podemos supor que o resgate está a caminho.

— Resgate não, reforço — repreendeu suavemente Genevieve.

Foi somente então que Fletcher viu que os dois estavam de mãos dadas. Ele sorriu. Já era tempo.

— Uma mensagem foi entregue — disse Rory subitamente, um sorriso abrindo-se no rosto pálido. — Esperem... acho que...

— Milorde, movimentação! — berrou Kobe.

Os olhos de Rory se abriram de repente, e o casal voltou aos trambolhões aos respectivos esquadrões dos dois lados do muro, esquecendo-se do que diria.

Fletcher focou novamente seu cristal de visualização, e seu coração se encheu de horror gélido. Era o Fantauro. O enorme monstro avançava, com as grandes orelhas caídas a balançar, os braços estendidos à frente. A reboque, vinha seguindo uma coluna com o que parecia ser cerca de cem goblins, protegendo-se às costas do demônio gigantesco, os escudos de couro cru levantados.

O demônio tinha passado a primeira fila de estacas e estava quase ao alcance dos tiros de mosquete. A cada passada, o coro de apitos da morte e o chacoalhar aumentava aos poucos de volume, acompanhados pelos guinchos das muitas centenas de goblins atrás deles.

Sir Caulder respirou fundo e estava prestes a ordenar uma saraivada de balas, mas Fletcher o interrompeu:

— Não atirem! — berrou ele para os Raposas. — A pele é grossa demais.

— Então o que vamos fazer? — vociferou Dália, mirando com o mosquete independentemente daquela ordem. — Deixar que venham e acabem com a gente de uma vez? Assim que estivermos em combate corpo a corpo, o restante nos atacará.

— Não — disse Fletcher.

Sua mente tentava pensar rápido, e então ele se virou para os atiradores de elite no círculo de pedra da antiga torre de vigia.

— Vocês conseguem acertar os olhos? — perguntou.

— Temos pouca munição, mas vale a tentativa — gritou em resposta a voz de Rotherham.

— Então atirem — ordenou Fletcher.

O Fantauro já estava na linha de alcance dos mosquetes, e Fletcher viu os goblins atrás dele por entre as aberturas de suas grandes pernas em formato de tronco. Seria melhor ordenar que atirassem?

Mas mesmo os atiradores de elite estavam fracassando. O primeiro tiro passou de raspão no focinho do monstro, e, então, quando outros tiros o atingiram, a besta gigantesca apenas dobrou as orelhas por cima do rosto, protegendo-o, e desacelerou o passo, aproximando-se da Fenda. Ela estendeu os braços, andando às cegas.

Fletcher olhou para Sir Caulder, torcendo para que ele lhe desse uma solução, mas o velho simplesmente ficou olhando para o monstro cada vez mais próximo, os nós dos dedos embranquecendo, tamanha era a força com que segurava a espada.

Fletcher precisaria solucionar aquilo sozinho.

Sua mente voltou para as aulas na Vocans. Lá ele tinha lido diários empoeirados de magos de batalha mortos havia muito que falavam que a ponta da tromba dos Fantauros era como um polegar e um indicador, dotadas de sensibilidade e destreza semelhantes. Ele aprendera nesses livros que a pele dos Fantauros era tão grossa que somente uma lança em grande velocidade seria capaz de atravessá-la, e que aqueles demônios usavam os feixes de nervos da sola dos pés para pressentir tremores de possíveis parceiros para acasalamento a uma distância de até dois quilômetros.

Foi então que Fletcher soube o que fazer. Aquilo exigiria um pouco de sorte e seria extremamente arriscado, mas ele não pretendia se deixar vencer sem uma boa luta.

— Rory, preciso de seu esquadrão — disse Fletcher, saltando a mureta de novo. — Somente os de alabardas.

Rory abriu a boca. Por um momento, Fletcher pensou que ele iria lhe perguntar alguma coisa, mas então o rapaz assentiu melancolicamente e deu as ordens. Fletcher olhou para a plataforma lá em cima.

— Rotherham, quero disparos contínuos naquelas orelhas! Que ele continue sem enxergar!

— Sim, senhor! — respondeu o sargento, pontuando a resposta com um tiro de seu rifle.

Àquela altura, Rory e seus quinze soldados já tinham saltado a mureta. Houve um breve momento de confusão quando os três anões do grupo tentaram subi-la. Gallo e Dália eram parte do esquadrão e, para surpresa de Fletcher, Meia-orelha, Azul e um punhado de gremlins juntou-se a ele, saltando desajeitadamente a mureta.

— Nós ir também — disse Meia-orelha com desdém, lambendo malevolamente um punhal sinistro.

Fletcher sorriu e acenou para que os soldados seguissem logo. Se tudo corresse conforme o plano, a luta duraria pouco. Se não corresse... bem... não faria mal contar com mais alguns guerreiros.

— Tem cem goblins e um Fantauro vindo pra cá — avisou Mason, menos preocupado com as boas maneiras que os outros homens. — Espero que cê saiba o que está fazendo.

— Nos deem cobertura, só isso — retrucou Fletcher, falando alto para o esquadrão de Genevieve ouvir.

Então, sem olhar para trás, ele sacou a espada e saiu correndo na direção da Fenda.



56

O clamor dos goblins era quase ensurdecedor conforme eles se aproximaram da entrada da Fenda, onde Fletcher e seus soldados aguardavam agachados ao lado da pilha de madeira e bambu, a fim de se proteger de algum projétil que os goblins pudessem atirar por trás do Fantauro. Por sorte, o demônio era uma barreira tão grande aos dardos dos goblins quanto era aos tiros de mosquete dos Raposas, e a maioria errou o alvo.

— É melhor a gente atacá-los na Fenda, onde a abertura é estreita — sussurrou Rory, abaixando-se ao lado de Fletcher. — Saltar a trincheira e partir para as pernas do Fantauro. Aí o número de soldados não importará tanto.

— Não, melhor esperar — instruiu Fletcher, observando a grande besta continuar sua jornada lenta. Ela estava quase na Fenda agora, e seu corpo enorme estava escondido pela sombra da montanha.

— Fletcher, se não fizermos algo agora, será tarde demais! — exclamou Rory, aos sibilos.

— Eu disse não, Rory — insistiu Fletcher, torcendo para o Fantauro andar mais depressa. O monstro levantou uma orelha por um breve segundo, depois abaixou-a quando um tiro passou de raspão em uma de suas presas serrilhadas. Fletcher viu as marcas dos lugares onde ele tinha sido atingido pelas balas, com a pele inchada, e algumas até vertendo sangue, mas nenhuma fora fundo o bastante para causar qualquer estrago verdadeiro.

— Vai logo... — sussurrou Fletcher.

O Fantauro agora tinha atravessado a Fenda, e o chão tremia a cada passada de suas patas redondas. Os goblins estavam aglomerados atrás dele, reunindo coragem para atacar.

Uma pata se levantou e, em seguida, caiu no chão com um baque surdo, do outro lado da trincheira. Droga. Então a outra começou a se balançar... longe demais.

Fletcher sacou Ventania e a disparou em um único movimento fluido, esvaziando os dois canos. Um tiro passou de raspão na barriga do Fantauro com uma nuvem de poeira, mas o outro atingiu a ponta sensível da tromba. O monstro soltou um guincho de dor e recuou um passo: direto na trincheira.

— Agora, Raposas! — berrou Fletcher, avançando na direção do inimigo.

O ar encheu-se de gritos de guerra, que foram, contudo, instantaneamente abafados pelo berro de agonia do Fantauro quando a sola sensível de seus pés foi empalada pelas pontas de lança. Ele rodou os braços e caiu, amassando uma dúzia de goblins sob o corpo em um estalar de ossos quebrados e gritos de terror.

Ignácio soltou um urro ao dar um rasante lá de cima, convocado pela consciência de Fletcher. Então, em um instante, eles já estavam entre os goblins, brandindo as alabardas. Um espécime com uma cicatriz no rosto tentou enfiar uma espada na barriga de Fletcher, mas ele desviou o golpe com a parte cega de sua lâmina e deu uma coronhada no goblin com um barulho satisfatório. Então foi hora de enfrentar o inimigo por trás enquanto Rory empalava o goblin com seu espadim e Fletcher cortava o ombro de outro até o osso. Depois puxou a lâmina da espada que estava enterrada no corpo do goblin e ele caiu no chão, onde Meia-orelha o aguardava com o punhal.

— Faça eles recuarem! — berrou Fletcher, abaixando-se quando a tromba do Fantauro tentou atingir os inimigos. — Protejam Ignácio!

Os rifles estavam disparando a todo vapor agora, e as balas ricocheteavam perigosamente da cara desprotegida do demônio gigantesco, atingindo os goblins reunidos atrás. O monstro moveu as orelhas, cobrindo os olhos novamente, e então os rifles voltaram a mira para os próprios goblins. Os tiros passavam desconfortavelmente perto das orelhas de Fletcher. Até uns mosquetes estavam atirando agora, mirando os inimigos que davam a volta pelo pequeno grupo de Raposas.

— O restante vem vindo aí! — Fletcher ouviu Rotherham berrar, então olhou para seu cristal: as multidões reunidas do exército inimigo corriam na direção da Fenda, centenas e centenas de selvagens berrando, enlouquecidos. Ele tinha menos de um minuto.

Com uma rajada de vento, Ignácio aterrissou no peito do Fantauro e enterrou as garras fundo na pele do demônio. A besta balançou as presas para um lado e para o outro, mas o Drake astuto tinha enfiado a cabeça entre elas, dando nesse momento uma bicada na tromba do demônio.

— Depressa! — gritou Fletcher, esfaqueando um goblin enlouquecidamente.

Ele transmitiu um sentimento de urgência pela consciência

enquanto o rugido do exército atacante já começava a tomar conta dos ares. Rory saltou por cima dele, atacando como um louco a fim de manter os goblins para trás, cortando seus rostos em fatias. Do outro lado do Fantauro, Dália cantava uma canção élfica de batalha, e sua voz pura e suave era carregada acima do clangor da batalha.

Fletcher virou-se para ajudar Ignácio, mas o Drake já tinha cravado as garras dos dois lados da boca elephantina do Fantauro, abrindo-a com uma força brutal. Fletcher sentiu o mana enovelar-se da consciência do demônio, e então o bico de Ignácio soltou a tromba e enfiou-se na abertura cavernosa. Chamas detonaram com força explosiva. O calor era palpável na Fenda estreita enquanto o Drake despejava bolas de fogo goela abaixo do Fantauro.

A besta conseguiu dar um último guincho: a fumaça irrompeu da ponta de sua tromba oscilante. Então ela ficou em silêncio, carbonizada por dentro. Morta.

— Recuar! — berrou Fletcher, puxando Rory para longe dos goblins.

O rapaz estava cambaleando, mas o seguiu para fora da Fenda, o chão tão repleto de cadáveres de goblins que eles tropeçaram por cima dos braços e pernas espalhados e os rostos congelados em um fitar eterno. Nenhum dos sobreviventes do regimento do Fantauro foi atrás dos dois, atônitos com a ferocidade do contra-ataque.

O restante dos homens não precisou ouvir a ordem duas vezes: saltaram para fora da trincheira e desataram a correr de volta à mureta. Fletcher parou diante da pilha de madeira enquanto Rory passava em disparada à frente. Ignácio usara quase todo o mana dos dois naquele ataque, mas ainda restava um pouquinho. O suficiente para um último feitiço.

Fletcher fechou os olhos e puxou o que restava de suas reservas, permitindo que o que havia de suas energias atravessasse as veias. Ouviu-se um baque quando Ignácio aterrisou diante de si, e um lampejo de dor quando um dardo atingiu os flancos do Drake. O demônio usava o próprio corpo como escudo para Fletcher.

Com um grito primal de fúria, o jovem mago lançou uma onda de fogo sobre a madeira, transformando-a em uma fogueira que estalou com intenso calor.

— Eles estão quase na Fenda! — berrou Genevieve de trás das barreiras. A cauda de Ignácio envolveu a cintura de Fletcher e o puxou para trás, e naquele mesmo instante mais dardos enterraram-se no chão próximo. Fletcher vislumbrou uma coluna de fumaça subindo ao céu.

Então Ignácio abriu as asas e começou a batê-las em um ritmo longo e lento que atirava a neblina negra para o gargalo entre as montanhas. Foi aí que os gritos começaram.

Fletcher cambaleou para se pôr de pé e segurou o khopesh.

— Atacar! — gritou sem fôlego, correndo na direção da Fenda mais uma vez.

Os Raposas urraram e seguiram seu líder para o combate, umas poucas dúzias de almas corajosas contra uma interminável legião de selvagens.

Eles assumiram as posições dos dois lados da trincheira, os mosquetes mirando a nuvem profunda de fumaça, o cabelo flutuando a cada batida das asas de Ignácio. Fletcher identificou a forma vaga do Fantauro bloqueando a abertura com o corpo imenso. A fogueira continuou crepitando, e Fletcher viu a fumaça manchando as paredes da Fenda com uma substância semelhante a piche, tão espessa eram as suas cinzas.

Então a primeira leva de goblins entrou cambaleando para dentro da neblina, segurando os olhos e tossindo, esquecidos das lanças e escudos. A fumaça tóxica da mancenilheira os cegara e sufocara, como Fletcher sabia que aconteceria.

— Fogo! — vociferou Sir Caulder, e os tiros ondularam pela linha de batalha, fazendo os goblins tombarem.

Os gremlins entregaram seus mosquetes extras, e a ordem foi vociferada uma vez mais:

— Fogo!

A morte espalhou-se pelo terreno, diminuindo as fileiras de goblins, que guinchavam e agarravam a garganta. Dois deles caíram na trincheira, e seus gritos roucos de dor foram abafados quando eles foram empalados pelas pontas de lança no fundo. Então os gremlins rodearam a trincheira e se enfiaram no meio dos goblins restantes, cortando o tendão de seus tornozelos e joelhos com um abandono enojante, fazendo com que mais inimigos caíssem aos tropeços no buraco atrás deles. Os homens carregavam as armas freneticamente enquanto, lá em cima, Fletcher ouviu Rotherham gritar:

— Foi a última leva; usem munição de mosquete, rapazes!

Pouco importava: àquela distância, os atiradores de Rotherham não tinham como errar. Sete outros disparos zumbiram no meio das fileiras atordoadas.

Agora a fumaça começava a diminuir, e Fletcher viu montes de goblins segurando o rosto, atolando a entrada da Fenda em sua desordem. Alguns tentaram subir em cima do cadáver do Fantauro, mas foram derrubados pelos atiradores de elite de Rotherham, fazendo com que restassem dois canais estreitos de ambos os lados por onde goblins poderiam passar. Era ali que os Raposas de Fletcher concentraram os disparos.

Saraivada após saraivada atingia o inimigo. Quando os Raposas pararam para carregar e uns poucos goblins escaparam pela Fenda, os

gremlins os ceifaram: sua baixa estatura os protegia dos disparos que choviam acima. Foi um massacre tenebroso. Longe de se sentir triunfante, Fletcher sentiu-se enojado com a visão do chão encharcado de sangue e as pilhas de mortos de olhos vidrados.

— Senhor, estamos quase sem munição! — gritou Gallo.

O bigode do anão estava preto de tanto abrir cartuchos com a boca. Enquanto ele falava aquilo, Fletcher percebeu que alguns Raposas estavam colocando os mosquetes às costas, enquanto outros vasculhavam desesperadamente os alforjes de cartuchos. Uma última saraivada irregular foi disparada pelos canos sujos; depois, silêncio.

A fumaça branca dos últimos tiros misturou-se com a fumaça negra da mancenilheira, que estava se transformando em uma pilha de brasas brilhantes. Em seu cristal de visualização, Fletcher viu os restos de fumaça sendo carregados pelo cânion até a orla da floresta. Lá, os goblins tossiam catarro e cobriam os olhos, escondendo-se atrás dos escudos de couro cru, como se isso, de alguma maneira, pudesse protegê-los da fumaça opressora. Os efeitos não eram tão intensos quanto ali, mas ainda assim foram o bastante para provocar coceiras e borrar a visão, além de deixar a garganta dos goblins ardendo por causa das toxinas.

Muitos deles já estavam se virando para sair correndo, porém, uma dúzia de orcs havia se espalhado pela orla da selva, os chicotes prontos para atingir qualquer um que se aproximasse. Tudo se tornou uma massa cinzenta espreada quando os goblins hesitaram, sem saber se batiam em completa retirada. Os mosquetes, porém, estavam vazios, e já não havia mais fumaça na Fenda.

— Mais uma investida! — berrou Fletcher. — Por Raleighshire. Por Hominum!

Eles atacaram em sincronia.

A batalha se transformou em um massacre. Os goblins não conseguiam enxergá-los, nem mesmo escutá-los por cima dos gritos rachados de agonia de seus compatriotas. As alabardas desciam sobre eles, sem parar, martelando e cortando com os dois lados da lâmina. O inimigo caía como trigo ceifado.

Alguns goblins foram tentando subir uns sobre os outros para escapar, os da frente recuavam, os de trás empurravam adiante com medo dos mestres orcs. Então os primeiros goblins começaram um contra-ataque; eram das novas tropas vindas do vale. Seus olhos vermelhos e lacrimejantes piscavam sem parar, e eles estavam sufocados, mas ainda assim os primeiros homens de Fletcher começaram a gritar: uma lança atravessou o ombro de um elfo, o cotovelo de um garoto foi esmagado por um porrete.

Eles, no entanto, continuaram lutando. A batalha transformou-se em um esmagamento amargo de corpos nos confins estreitos entre os

ombros do Fantauro e as paredes escarpadas do gargalo da Fenda.

Então, Ignácio aterrisou sobre o Fantauro, chicoteando com a cauda para empalar goblins lá do alto. Ele abriu a boca e rugiu, e o barulho estrondoso explodiu pela Fenda e pelo cânion.

Com aquilo, os goblins viraram e saíram correndo.



57

O mundo se encheu com o barulho dos mortos e dos moribundos. Fletcher não olhou para baixo enquanto cambaleava de volta à segurança do muro, tentando ignorar os gritos agudos dos feridos enquanto os gremlins terminavam o serviço, liquidando os sobreviventes. Seus homens seguiram atrás, tontos com a vitória. Alguns mancavam, outros gemiam por conta dos ferimentos, mas nenhum parecia mortalmente ferido.

Em seu cristal de visualização, Fletcher viu que os goblins batiam em retirada. Passavam correndo pelos orcs, apesar das chicotadas cruéis que levavam. Não mais que um punhado restou no campo de batalha, olhando para a vala apinhada de cadáveres entre as paredes de pedra da montanha.

Então Fletcher o viu, e seus olhos tornaram a focar para além do cristal. Um vulto imóvel, sentado com as costas encostadas na parede. Rory.

O garoto fitava o vazio, com um pequeno sorriso no rosto. Suas mãos apertavam a barriga, onde o sangue tinha se espalhado pelo tecido verde do uniforme.

— Rory... — balbuciou Genevieve, deixando cair a espada e correndo para seu lado. Ela o sacudiu, com lágrimas correndo pelo rosto. — Não, não, não, não.

Ela não parava de repetir aquela palavra, batendo no rosto do rapaz, de início suavemente, depois com mais força enquanto tentava trazê-lo de volta à vida. Fletcher ajoelhou-se ao lado dela e a puxou para longe, segurando suas mãos entre as próprias.

— Ele se foi — disse Fletcher, abraçando-a. Ele mesmo quase não conseguia acreditar em suas palavras.

Não tinha visto Rory naquela última batalha. Sua mente voltou ao jovem oficial, vendo-o cambalear à frente depois da batalha com o Fantauro.

Rory devia ter sido ferido na luta corporal. Se Fletcher tivesse percebido, poderia ter salvado o amigo. Mas, agora, era tarde demais.

Seria culpa sua?

— Ele... não me disse que tinha sido ferido — sussurrou Fletcher, incapaz de tirar os olhos do rosto de Rory.

Sir Caulder se agachou ao lado dele e fechou os olhos do garoto com suavidade.

— Venham agora — chamou ele, levantando os dois. — Vamos deixá-lo em paz.

Mas Genevieve se recusou. Ela deslizou na parede ao lado de Rory e segurou a mão dele entre as suas uma vez mais.

— Ele ainda está quente — disse, afagando seus dedos.

Sir Caulder fungou, e Fletcher viu o brilho de uma lágrima em seu olho. Os Raposas se reuniram em torno, de cabeça abaixada.

— Ele morreu lutando por seu país — disse Fletcher, as palavras saindo com dificuldade por causa do nó na garganta. — E era um homem mais corajoso que eu. Vamos garantir que ele não tenha morrido em vão.

Quando Genevieve começou a soluçar, Fletcher virou as costas. Somente minutos depois, quando as tropas tinham ido embora, foi que se permitiu chorar.

Duas horas se passaram. Metade dos orcs permaneceram, com uma centena de goblins, espalhados pelo cânion. Eles usavam seus escudos para se proteger do sol alto, esperando as ordens seguintes.

Os Raposas usaram aquele tempo para afiar de novo as lâminas, mas fora isso a única coisa que podiam fazer era descansar e revezar-se para vigiar os goblins, a meio caminho, pela torre de vigia acima.

Ignácio foi infundido, pois não havia mana para ele se curar, e as feridas causadas pelos dardos eram profundas nos flancos e no lombo do Drake. Fletcher lhe agradeceu com um beijo no bico.

Sentiu a dor de Ignácio quando este desapareceu dentro de si.

Quanto a Genevieve, ela continuou ao lado de Rory, os olhos ardendo de raiva enquanto seus Carunchos continuavam a busca em meio a uma batalha frenética nas linhas de frente, segundo disse a Fletcher, repleta de tiros e de gritos de moribundos.

Assim, Fletcher aguardou junto ao muro, observando os desdobramentos com seu cristal de visualização. Não havia mais nada que pudesse fazer, além de torcer pelo melhor.

— Talvez os orcs tenham fugido — sugeriu Logan, cuspidando sobre o muro. — Talvez a gente os tenha assustado.

— Sem chance — disse Fletcher, tomando um gole imenso de água do cantil que levava consigo. — O Fantauro viu nossos poucos números antes de morrer, o que significa que um xamã também sabe

disso. Eles não irão desistir. Vamos apenas torcer para que Genevieve receba uma mensagem de volta. O Corpo Celeste pode chegar a qualquer momento, se tivermos sorte.

Enquanto ele falava, um barulho ecoou pelo cânion — um chifre, sendo soprado com força e por muito tempo, servindo de trombeta. Era grave e alto, reverberando nas paredes que os rodeavam. Fletcher sentiu uma rajada de medo pulsar por Atena em um aviso frenético. Olhou para a tela rosada de seu cristal de visualização.

Centenas e centenas de goblins estavam emergindo da orla da floresta. Hienas rondavam as fileiras, acompanhadas de seus mestres orcs. A primeira onda de goblins tinha sido pastoreada de volta, e, pior, Fletcher viu espécimes de olhos irritados espalhados pelo meio das massas. Os inimigos que eles tinham acabado de enxotar estavam voltando, juntando-se à horda que tinha retornado ao campo de batalha.

— O que foi? — gritou Mason. A Fenda estava tão repleta de corpos que eles não tinham como ver a tempestade prestes a cair sobre eles.

Fletcher não iria mentir. Eles não tinham munição. Estavam sem pólvora, e os truques tinham acabado. Não sobreviveriam ao próximo assalto. Mal conseguiriam conter sua ferocidade antes que os goblins inundassem Raleighshire.

Olhou para seus corajosos soldados, que tinham combatido um exército que o superava em cem para um. Que tinha enfrentado um exército projetado para fazer toda Hominum cair de joelhos — e eles o tinham derrotado duas vezes.

E viu o rosto imóvel de Rory, além da fila de corpos cobertos pelas tendas mais adiante. Ele não poderia pedir aos homens que morressem, não em uma batalha que não tinham chance de vencer. Eles já lhe tinham dado tanto.

— Eles estão vindo, e nós estamos partindo — disse Fletcher. — Logan, Kobe: tragam a carroça para cá. Joguem fora a comida e coloquem os corpos de nossos Raposas ali. Deixem os dos Fúrias de Forsyth, não há lugar para eles agora.

Os dois soldados se colocaram em ação, correndo a toda velocidade pelo cânion. Fletcher foi até Rory e gentilmente o colocou nos ombros. Chamou os Raposas, que estavam transpondo as paredes de pedra.

— Quero os feridos e os gremlins na carroça também; vamos para a Ponte Watford.

No cristal, Fletcher viu os goblins se reunindo para o ataque. Os orcs não tinham pressa; esperavam enquanto cada vez mais goblins vinham pela floresta, hienas com dentes arreganhados logo atrás. Ele contou os segundos, sabendo que cada instante significava mais alguns passos à frente daquela horda. Será que eles iriam conseguir escapar? A carroça era ao mesmo tempo uma bênção e uma maldição, capaz de

transportar os que não podiam andar, mas provavelmente mais lenta que os que podiam correr. Seria uma corrida a toda velocidade, de duas horas de duração, até a Ponte Watford, se eles seguissem apenas pelas estradas.

Enquanto ele refletia sobre a situação, o transporte chegou. Logan agitava as rédeas dos dois javalis que a arrastavam. Fletcher permitiu que Genevieve levasse o corpo de Rory até a carroça, incapaz de resistir a seu olhar cheio de tristeza quando ela esticou os braços para apanhá-lo de seus ombros.

— Você fez mais que qualquer pessoa poderia pedir — disse Sir Caulder, abraçando os ombros de Fletcher com seu braço bom. — Seus pais sentiriam orgulho do homem que se tornou.

Fletcher observou o último homem de Rotherham descer da plataforma. Estava na hora.

— Não vai fazer a menor diferença — disse Fletcher, chutando terra. — Teremos sorte se eles não nos alcançarem. Melhor você ir na carroça. Com sua perna...

— Bem, aí é que está — começou Sir Caulder, dando um sorriso triste a Fletcher. — Eu não vou.

— Como assim? — perguntou Fletcher, escutando um tanto distraído enquanto observava os feridos e os gremlins subindo na parte de trás da carroça.

— Tenho contas a acertar — revelou Sir Caulder, levantando a espada.

— Sir Caul...

— Não — disse o soldado idoso, interrompendo-o. — Aqui é meu lugar. Falhei com Raleighshire uma vez, não falharei nunca mais. Eu vou segurá-los e dar a meus rapazes uma chance de escapar.

— Você nunca vai conseguir atrasá-los sozinho, seu saco de ossos tolo! — disse a voz de Rotherham atrás dele. — Eles teriam dois caminhos para passar, e um só cadáver para impedir.

Sir Caulder grunhiu.

— Escute, Rotter, agora não é hora de...

— Então acho melhor eu ficar aqui com você — interrompeu o sargento grisalho, sacando a espada. Olhou para ela e sorriu com carinho. — Você me vendeu esta espada, Fletcher. Engraçado isso, né? Como as coisas mudam.

— Escutem aqui, não temos tempo para essas maluquices! — exclamou Fletcher, exasperado.

— Então é melhor vocês irem andando logo — aconselhou Rotherham. — Porque não vamos mudar de ideia. Vão, senão vai ter sido tudo por nada.

Fletcher abriu a boca para gritar com eles, mas então viu o olhar

decidido nos olhos dos dois veteranos. Era inútil discutir.

— Eu... não sei o que dizer — balbuciou.

Sir Caulder deu um passo à frente e o abraçou. Seu corpo parecia muito frágil sob o tecido do uniforme.

— Cuide desse lugar depois que eu me for, certo, rapaz? — pediu ele, esfregando os nós dos dedos no rosto de Fletcher. — Você é verdadeiramente filho de seu pai. Foi uma honra.

Então ele se afastou a passos pesados, agitando a espada no ar.

— Vejo você do outro lado, garoto — disse Rotherham. — Uma última batalha para mim e este camarada rabugento. Vamos fazer com que seja digna de registro nos livros de História.

— Não vou deixar que ninguém se esqueça — assegurou Fletcher, sorrindo por entre as lágrimas.

— Não deixe mesmo! — grunhiu Rotherham, dando-lhe uma piscadela encorajadora.

Então ele também se foi, assobiando uma canção animada.

Fletcher observou os dois por um instante, seguindo resolutos para seu combate final, e depois virou as costas.

— Certo, Raposas! — chamou Fletcher, enxugando o rosto. — Vamos dar o fora daqui!



58

Eles correram. Correram até o peito arder pela secura do ar da savana, tropeçando pelo chão irregular em direção a Raleighshire, com o chacoalhar das rodas da carroça em seus ouvidos.

Fletcher deixara Atena sobre as rochas acima da Fenda, para que eles pudessem saber o quanto estavam na dianteira dos goblins. Fez o melhor que pôde para não olhar as duas silhuetas desamparadas que aguardavam com as espadas em punho lá embaixo. Contudo, os orcs continuavam esperando, para que suas fileiras inchassem com os reforços que não paravam de emergir da floresta. Logo eram tantos que tinham ultrapassado a primeira fila de estacas e quase alcançavam a segunda. Devia haver uns três mil goblins ali; um exército que poderia arrasar Corcillum, caso tivesse a chance.

Meia hora se passou, e Fletcher e seus soldados tropeçaram nas ruas de calçamento de pedra vazias de Raleightown e, em seguida, até a estrada de terra que começava do outro lado. Entretanto, justamente quando Fletcher sentiu uma onda de alívio ao ver a colônia abandonada, o ataque dos goblins começou.

Eles tinham aprendido a lição. Os orcs enviaram primeiro uma tropa de batedores, vinte e tantos goblins que entraram com passos assustados na Fendas coberta de cadáveres.

— Venham, seus feiosos tampinhas raquíticos! — Atena ouviu Rotherham gritar com voz fraca, e Fletcher deu um sorriso amargo.

Ele não podia assistir àquilo, mas ouviu os goblins guincharem quando descobriram os dois espadachins solitários à espera.

— Matei o canalha! — vociferou Sir Caulder, quando uma luta ferenha começou nos confins estreitos da Fenda.

Fletcher desviou os olhos do cristal. O sol terminava sua longa jornada em direção ao horizonte. Teria mesmo tanto tempo se passado? Talvez a batalha tivesse sido perdida e milhares de orcs estivessem invadindo Hominum. E onde estariam Berdon e os outros

colonos? Teriam conseguido voltar sãos e salvos até Corcillum, ou teriam saído tarde demais e estariam a poucas milhas de distância à frente?

Enquanto os gritos dos goblins reverberavam em sua cabeça, o coração de Fletcher afundou no peito. Logo atrás de um pequeno arvoredor, era possível avistar um grande comboio de carroças. Que não se movia.

— Que diabos ainda estão fazendo aqui?! — berrou Fletcher, com voz rouca, enquanto saía correndo na frente de seus soldados.

Viu Berdon, o cabelo ruivo flamejando à luz do crepúsculo. O homenzarrão estava agachado atrás dos fundos da última carroça, rodeado por uma dúzia de colonos.

Os olhos do pai de Fletcher se arregalaram quando ele viu as roupas sujas de sangue e fuligem. Então o rapaz foi envolvido em um abraço de urso, tão apertado que quase sentiu as costelas se quebrarem. Ele deu tapinhas nas costas de Berdon, sem parar, até que aquele homem afetuoso, que mais parecia um urso, deixasse os pés do filho pousarem no chão novamente.

— Você está vivo — constatou Berdon, enxugando uma lágrima do olho.

— Não por muito tempo se não formos embora depressa — disse Fletcher, resistindo à vontade de chorar também. — Vocês já deviam estar em Corcillum a esta altura.

Os colonos ao redor murmuraram sombriamente.

— São as carroças — explicou Berdon, chutando a carroça mais próxima com um grunhido frustrado. — Alguém veio na noite passada e serrou os eixos quase que totalmente. Tivemos sorte de conseguir chegar até aqui antes de começarem a partir. A sua é a única intacta, porque na hora que fizeram isso nós a estávamos carregando.

— Didric — disse Fletcher, baixinho. — Ele nos sabotou para prejudicar nosso comércio.

— Sim — concordou Berdon, inclinando-se mais para perto de Fletcher. — Aquele canalhinha desprezível. E agora esses tolos não querem partir, não sem suas coisas.

Fletcher virou-se para os colonos. Mais gente tinha se reunido ao redor, ao verem os soldados exaustos. Fletcher notou crianças e velhos entre eles. Gente demais para colocar na carroça.

— Escutem aqui — disse Fletcher, os olhos fixos nos deles, olhando para os homens e mulheres ali reunidos. — Daqui a menos de uma hora, milhares de goblins se espalharão por estas terras. Sir Caulder e Rotherham ficaram para trás a fim de atrasá-los. Seu sacrifício nos dará alguns poucos minutos de vantagem. Não vou permitir que eles morram enquanto discutimos os pertences de vocês e desperdiçamos a

dádiva que eles nos deram. Nós *vamos* partir. Quem quiser ficar que fique. Estará nos fazendo um favor: matá-los irá atrasar os goblins.

Ele sabia que suas palavras eram duras, mas a verdade gritava em cada uma das sílabas.

— Quem não puder acompanhar o ritmo, pode se juntar aos feridos na carroça... as crianças, os idosos. O restante, deixem tudo menos as roupas do corpo. Agora vamos!

Os soldados os tinham alcançado àquela altura, e a carroça praticamente nem parou para permitir que os idosos e as crianças menores entrassem, pelos fundos. Com o peso extra, os javalis redobram os esforços, e o veículo ia se movendo lentamente, bem mais que Fletcher desejaria.

Os gremlins começaram a saltar da carroça para aliviar o peso e se puseram a caminhar ao lado do grupo com facilidade, apesar das pernas curtas.

— Troquem nossos javalis por uma dupla de javalis descansada — ordenou Fletcher para Gallo, quando a carroça começou a arrastar-se pela grama. A estrada de terra estava bloqueada pelo comboio danificado. — E tragam tantos quantos puderem para deixar as pessoas mais lentas os montar. Vamos precisar trocar os da carroça com frequência se quisermos chegar até Corcillum.

O barulho da batalha era intenso em sua mente, e então Atena deu um rasante entontecedor sobre os rochedos acima. Dez goblins saíam mancando do canal enquanto Sir Caulder, ensanguentado, mas triunfante, levantava a espada para saudar a Griforuja. Rotherham estava apoiado pesadamente na lateral do corpo do Fantauro, as mãos agarrando um ferimento na perna, mas sorrindo ao gritar por cima do cadáver do demônio.

O chifre soou mais uma vez, tão alto que Fletcher estremeceu quando o ruído reverberou em seu crânio. Então as hordas avançaram pelo cânion, pisoteando o grupo de batedores que tinha sido enviado na frente e que agora batia em retirada.

— Não — disse Fletcher baixinho, enquanto Atena rodeava lá no alto.

Ele se concentrou em colocar um pé na frente do outro, mas não conseguia tirar os olhos da cena que se desenrolava no cristal colocado na frente de seu olho.

Um número duas vezes maior de goblins atacou, e mais uma vez os inimigos foram mantidos a distância pela habilidade e coragem dos veteranos. Um exército invasor, impedido de entrar no gargalo de um império apenas por dois velhos corajosos. O coração de Fletcher inchou-se de orgulho, embora os tentáculos do desespero comessem a se apoderar. Aquilo não tinha como durar.

Os goblins começaram a escalar o corpo do Fantauro e a atirar dardos e lanças, obrigando os combatentes a recuar. Os dois lutavam de costas um para o outro, juntos, as espadas relampejando em estocadas, enviando goblin atrás de goblin para a morte enquanto a massas guinchante fazia pressão sobre eles. Um orc abriu caminho e estalou um chicote aos pés dos dois, puxando Rotherham para que ele caísse de joelhos.

Sir Caulder brandiu sua espada e com ela atravessou a garganta do orc. Então ele enrijeceu o corpo, pois uma lança o empalara pelas costas.

— Hora de partir, Atena — sussurrou Fletcher, ordenando que a Griforuja se afastasse.

Ele olhou uma última vez para os dois homens, rodeados pelas hordas barulhentas: Sir Caulder de joelhos, Rotherham a seu lado, erguendo a espada desafiadoramente. Os goblins reunidos ali soltaram um uivo de vitória.

Então Fletcher já não pôde mais vê-los.

Ele sentiu lágrimas amargas rolares pelo rosto enquanto Berdon silenciosamente abraçava seus ombros.

— Eles se foram — disse Fletcher.

Seus dois amigos tinham morrido em combate... e Raleighshire havia caído.



59

Atena não pôde mais se demorar, porque os demônios que haviam lutado com Ignácio no céu por fim retornaram. Fletcher a abraçou junto ao peito quando ela aterrissou a seu lado, absorvendo o amor e o conforto que ela lhe dava. Sentia saudades dos amigos.

A viagem era lenta, pois a carroça estava sobrecarregada de feridos e idosos. Mesmo quando as crianças saíram para ir de cavalinho nas costas dos pais, a Fletcher o ritmo mais parecia o de uma procissão fúnebre. Aqui e ali, ele via sinais de por onde os gremlins haviam passado antes deles: um pouco de casca de fruta espalhada aqui, as fezes de um pequeno mamífero ali. Azul e Meia-Orelha papeavam alegremente ao ver aquilo, chegando até a farejar e amassar o esterco para determinar a quanto tempo de distância os gremlins estariam dali.

À medida que os minutos passavam, Fletcher distraía-se com suas responsabilidades: observava se os javalis estavam sendo trocados a cada meia hora enquanto eles arrastavam sua carga pesada pela precária estrada de terra; enviava Atena para ficar de olho no terreno que deixavam para trás.

Ela não levou mais que uma hora até avistar a nuvem de poeira causada pela perseguição dos goblins, que manchava o horizonte, como um hematoma. Eles estavam se movimentando em um ritmo furioso, disse Fletcher tinha certeza.

E, durante todo aquele tempo, seu coração estava desesperançado, retorcendo-se no peito. Porque, à medida que o inimigo se aproximava, ele percebeu que eles não iriam conseguir chegar. Não até Corcillum.

Teriam sorte se conseguissem sequer chegar até a ponte a tempo. Entretanto, apesar disso, ele os incitava adiante. A Ponte Watford era um bom lugar para guerrear, pois seus soldados poderiam enfrentar os goblins em grupos de dez, lado a lado, até o último homem. Talvez o

resto das pessoas tivesse uma chance de escapar então, escondendo-se no meio da paisagem áspera e irregular enquanto os goblins voltavam os olhos para Corcillum.

— Genevieve, alguma novidade? — gritou Fletcher. A jovem oficial estava cambaleando, como uma sonâmbula, os olhos fixos no cristal de visualização que levava entre as mãos. Ela balançou a cabeça, em choque.

Assim, eles seguiram em frente pela savana, observados por antílopes curiosos e um bando preguiçoso de leões. Fletcher ia atrás, apressando os retardatários e observando a névoa de poeira crescente que se espalhava pelas planícies. A vanguarda dos inimigos agora não estava a mais que alguns minutos de distância.

Fletcher ouviu gritos lá na frente. Havia uma ladeira ali, parte de um morro amplo, sobre o qual a estrada de terra continuava na frente da ponte. Os javalis estavam tendo dificuldades para puxar sua carga pesada pela estrada, exaustos depois daquela viagem a toda velocidade pela savana. Pior, a estrada tinha ficado sulcada por causa de todos os comboios que haviam passado por ela nos últimos meses, e agora as rodas da carroça giravam em falso naqueles canais profundos.

Berdon e os outros acrescentaram seu peso aos fundos da carroça, esperando que assim ela se inclinasse para cima, mas não adiantou: os javalis se recusavam a puxar. Um deles tombou sobre os joelhos dianteiros, completamente exaurido.

— Lorde Raleigh! — berrou Mason.

Fletcher virou-se e viu os primeiros goblins avançando pela savana alta em sua direção. Eles tinham menos de um minuto até que os goblins os alcançassem. Atrás, os vultos imensos dos orcs podiam ser vistos no calor tremeluzente, as pinturas de guerra contrastando com a pele cinzenta.

— Raposas, comigo! — chamou Fletcher. — Berdon, tire todo mundo da carroça e atravessem a ponte. Vamos lutar aqui para vocês fugirem.

Porém, enquanto os soldados de Fletcher se reuniam exaustos a seu redor, Berdon juntou-se a eles, acompanhado de uma dúzia dos colonos mais fortes. Alguns carregavam machados consigo, enquanto outros levavam picaretas e facas de cozinha.

— Thaisa e Milo estão cuidando disso — resmungou Berdon, brandindo um martelo de sua forja. — A gente não vai deixar vocês lutarem sozinhos.

— Berdon... — Fletcher começou a dizer.

— Não! — interrompeu o ferreiro, segurando-o pelos ombros. — Eu não vou perder você de novo. Vamos ficar juntos, não importa o que aconteça!

Fletcher olhou para o rosto do pai e viu o ar de desafio ali. Não havia como impedi-lo.

— Vão para trás, então — disse Fletcher, dando um sorriso triste para Berdon.

Os homens entraram em formação atrás da carroça, e Fletcher livrou os javalis das amarras. Os animais caíram exaustos no chão, cansados demais para se mexer. Atrás deles, os colonos estavam carregando os feridos morro acima; alguns já tinham desaparecido no alto. Fletcher esperava apenas que conseguisse conter os goblins por tempo suficiente para que eles se escondessem.

Fletcher procurou Rotherham para dar a ordem, ou Sir Caulder, ou mesmo Rory. Seu coração se apertou ao perceber que eles não estavam ali. Os olhos de Genevieve estavam foscos e sem vida enquanto ela voltava trôpega para a carroça. Ainda estava em estado de choque.

Aquilo dependeria apenas dele.

— Enfrentem o inimigo e recuem em formação de meia-lua! — ordenou Fletcher. — Fiquem de olho nos flancos!

Eles formaram um meio círculo irregular, as alabardas pendendo de seus braços cansados. Era tudo inútil. Ali, lutando em campo aberto, eles não durariam mais que alguns minutos.

Os goblins estavam a uns cem passos de distância agora, reunindo coragem para atacar o pequeno grupo de sobreviventes. Porém, quando Fletcher começava a ter esperanças de que conseguiriam subir o morro e alcançar a ponte estreita localizada além dele, um chifre soou. Com um grito de ódio, a onda cinzenta arremeteu para a frente.

— Ponto final, Raposas! — Fletcher ouviu Kobe gritar. — Vamos levar alguns deles conosco.

Os soldados soltaram um grito de encorajamento, as vozes fracas mal se ouviram no meio do estrondo dos clarins. Agora Fletcher sentiu um tremor sob os pés conforme centenas de goblins desataram a correr, os escudos erguidos, gritando selvagememente por sangue.

Mas o barulho que ecoa pelas planícies não vinha do inimigo. Não. Vinha de trás deles. Fletcher virou-se para olhar para o alto do morro, piscando ante a luz do sol que se erguia acima de seu zênite.

O chão agora estava tremendo, e o coração de Fletcher congelou quando uma fileira de sombras surgiu no cume. Os goblins os tinham encurralados.

— Formem um Schiltron! — gritou Fletcher, desesperado. — Berdon, Azul: ponham seus homens no centro!

Mas não havia tempo: os vultos do alto do morro estavam em movimento, e Fletcher ouviu o barulho ritmado de cascos, viu o luzir do metal.

Porém aqueles não eram goblins.

Eram anões, as barbas ao vento enquanto cavalgavam javalis ensandecidos em uma investida trovejante. Eles se separaram como um rio se divide em dois ao redor do pequeno grupo de combatentes de Fletcher e caíram em cima dos poucos corredores goblins, brandindo os machados de batalha, os elmos cintilando à luz da aurora. E Otelo vinha à frente, empunhando um enorme machado com amplos movimentos dos braços poderosos.

— Corra, Fletcher! — berrou Otelo.

— Eles vieram — disse Fletcher, baixinho, a esperança acendendo-se em seu peito. Entretanto, enquanto seus salvadores digladiavam com o inimigo, ele soube que aquela luta não seria fácil.

Havia apenas uma centena de cavaleiros, e atrás dos batedores dispersos, as hordas aguardavam com uma parede maciça de lanças. Meia dúzia de anões já tinha sido abatida; seus javalis foram mortos ou estavam prestes a morrer, atravessados por lanças. Os remanescentes recusaram-se a passar pela fileira: davam as costas e iam pelos cantos. Fletcher sabia o que precisava fazer. Os anões precisavam de uma abertura na muralha de lanças. Ele não abandonaria Otelo, não agora.

— Ataquem! — gritou ele. — Por Hominum!

Eles se lançaram ao inimigo, correndo caoticamente pela ladeira, as alabardas estendidas à frente. Aos gritos, caíram em cima das linhas semiformadas de goblins, dando machadadas ao lado das lanças e atingindo as criaturas espantadas com abandono frenético. Otelo berrou uma ordem.

— Fogo!

Bacamartes soltaram nuvens de chumbo nas hordas reunidas, abrindo buracos na formação cerrada. Fletcher rosou ao enfiar a espada na garganta de um goblin enquanto o martelo de Berdon lhe dava cobertura na lateral. Os gremlins guincharam abaixo, atacando com seus punhais para incapacitar o inimigo, antes que as alabardas os despachassem com golpes rápidos e brutais das lâminas de machado.

Então os javalis começaram a pisotear os goblins ao lado, arrasando suas fileiras falhas, como ceifadores nos campos. O ar tremeu com um trovejar baixo quando o vulto áspero de Salomão caiu sobre os sobreviventes que estavam atrás em um ataque indomável, fazendo os goblins saírem voando alto pelos ares, com grandes golpes em arco de seus punhos.

Uma dor lancinou Fletcher quando uma lança atingiu seu antebraço, e Berdon rugiu para esmagar o culpado pelo golpe até a morte. Um relâmpago estalou à direita, fazendo um punhado de goblins morrer em convulsão. Fletcher viu Cress correndo por cima

deles, berrando seu grito de batalha enquanto conduzia os anões que tinham perdido seus javalis em um ataque, Tosk saltando a seus pés. Os reforços aumentaram os flancos do exército de Fletcher enquanto, unidos, seus combatentes pressionavam as massas de selvagens, abrindo caminhos que os cavaleiros de javalis pudessem explorar. Ele ouviu os roncões das feras porcinas às costas, viu goblins rodopiando pelos ares depois de serem perfurados pelas presas compridas e amarelas.

Agora eles tinham avançado fundo no meio da horda, num círculo de homens e anões combatentes, enquanto os inimigos os fechavam por trás. Os goblins, porém, estavam virando de costas, tremendo de medo, conforme tentavam escapar do massacre insano e suicida dos corajosos aliados.

Fletcher subitamente percebeu que sua lâmina atravessava o ar vazio, pois os goblins agora começavam a fugir aos trambolhões de seu pequeno grupo de soldados. Ele viu a luminosidade azul de um feitiço, mas, antes que pudesse virar-se para ver o que era, uma parede de barulho o engolfou a toda velocidade. A onda de choque atirou-o para longe — o mundo girava e rodopiava enquanto ele cambaleava pelos ares. Ele aterrissou na grama, ainda segurando com firmeza a espada.

Sentiu sangue em seus lábios quando esforçou-se para se pôr de pé.

Então sua mente começou a rodar quando ele viu a devastação adiante. Uma explosão cinética atirara uma centena de goblins para as cucuias no centro do exército inimigo. Alguém tinha usado todo o seu mana em um ataque único e brutal.

Nos limites da detonação, goblins cambaleavam, tontos e sem as armas, que tinham sido perdidas. Havia pelo menos mil ainda de pé, e uns quinhentos que se levantavam novamente. Seus guinchos tinham sido subitamente silenciados pela explosão.

Agora eles encaravam os anões, que continuavam massacrando os goblins que tinham escapado da explosão perto das linhas de frente da batalha, e os corpos de seus irmãos, que cobriam o terreno.

Então, como se fossem um só, viraram as costas e saíram correndo.

Foi um grande êxodo cinzento, em que os orcs iam à frente do bando em uma tentativa desesperada de escapar de quaisquer perseguidores. As armas foram deixadas para trás, e os mais lentos acabavam sendo pisoteados pelos que vinham atrás, à medida que a onda de inimigos se deslocava.

Em breve restavam apenas os feridos, que mancavam o mais depressa que podiam, enquanto os anões liquidavam os que restavam em suas linhas de frente.

Eles tinham vencido. Fletcher caiu de joelhos, as mãos trêmulas enquanto soltava o khopesh. Sentiu os braços de Berdon o enlaçarem,

e enterrou o rosto no peito do pai, ofegando de alívio.

— Avante! — berrou um anão. — Sigam-nos até a floresta!

A terra tremeu ali perto quando os javalis passaram a galope na perseguição.

— Infantaria, comigo! — Fletcher ouviu Cress ordenar. — Matem os sobreviventes.

Fletcher afastou-se do pai, e Berdon o pôs de pé. Eles ficaram ali, parados, exaustos demais para juntar-se ao massacre dos goblins, muitos dos quais estavam caídos, feridos e moribundos, em meio à confusão de carcaças que se estendia ao longo da linha de batalha. Fletcher viu a trilha de cadáveres que deixaram atrás de si, uma via de corpos cinzentos e grama manchada de sangue. Mas havia uniformes verdes entre eles. Ele desviou os olhos; não queria ver seus rostos. Não conseguiria suportar. Ainda não.

Os gremlins e anões não compartilhavam do mesmo mal-estar, e Fletcher teve de desviar o olhar enquanto eles levavam a cabo sua tarefa sangrenta. Ele estava farto de tanta morte, de tanto sangue. Os urubus já começavam a circular no alto, esperando pelo banquete. Não havia nenhuma glória ali.

Então ele ouviu um grito de agonia de Cress. Alguma coisa não estava certa. Ela estava ajoelhada entre os cadáveres, com a cabeça baixa, segurando um corpo flácido e barbado em seus braços.

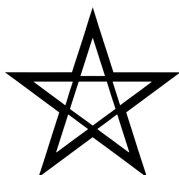
Um rosto que ele reconhecia.

— Otelo — soluçou Fletcher, cambaleando pelos corpos quebrados.

— Não. Não, não, não.

Ele repetia aquela palavra sem parar enquanto se aproximava de Cress e caía de joelhos ao lado da anã.

— Ele se foi — chorou Cress, afastando um cacho ruivo da testa manchada de sangue do jovem anão. — Não consegui curá-lo.



60

Fletcher segurou as mãos do anão entre as suas, sem conseguir acreditar naquilo. Sentiu-se enjoado, o mundo rodopiando ao redor.

— Vai ficar tudo bem — sussurrou. — Ele não está morto. Não está.

A distância, Fletcher viu o vulto sulcado de Salomão perseguindo os goblins, alheio a tudo aquilo.

Não. Não podia ser. O Golem saberia.

Então um pássaro gritou no céu. Um Caládrrio, voando alto e chorando seu pesar. Foi então que Fletcher percebeu — aquela constatação foi como uma pedra gelada na boca de seu estômago. Não era Otelo. Era Átila.

Seu irmão gêmeo.

Tinha terminado. Humanos, anões e elfos vagavam pelo campo de batalha, sem acreditar na própria vitória. Havia tantos cadáveres. Mais ainda que na Fenda.

— Você nos salvaram — disse Fletcher para Cress, enxugando os olhos. — Pensamos que não viriam.

Eles se sentaram ao lado do corpo de Átila, sem conseguirem deixá-lo sozinho entre os cadáveres. Não havia mais lágrimas para derramar.

— Foi Átila quem salvou todos nós — fungou Cress. — Ele correu até o meio deles com nossa última ampola de mana e detonou aquele feitiço bem ali. Esses ferimentos... ele sabia que não sobreviveria.

Fletcher olhou para o amigo, que dera tanto apenas para que os outros pudessem viver. O anão parecia quase sereno, o rosto voltado para os céus ainda cálidos.

— Como vocês nos encontraram? — perguntou Fletcher, tentando controlar o tremor de emoção em sua voz.

— Foi Malaqui — respondeu Cress, olhando para a paisagem, abraçando os joelhos junto ao peito. — Ele nos encontrou, mas os generais não queriam nos deixar vir.

Ela apertou as mãos ao lembrar.

— Os céus sabem o quanto queríamos vir, mas as linhas de frente estavam desfalcadas. Milhares de orcs nos atacavam das selvas. Sem aviso, sem preparativos; a primeira hora da batalha foi um massacre.

Cress olhou para ele, os olhos cheios de tristeza.

— E os demônios! Centenas e centenas. Os orcs os enviavam a todos para a morte, depois conjuravam outros com papiros que tinham guardado. Eles estiveram planejando isso por anos.

— O que aconteceu? — perguntou Fletcher, olhando para leste, como se, de alguma maneira, conseguisse ver o campo de batalha a quilômetros de distância.

— Nós recuamos, de novo e de novo. Tantos morreram. Dezenas de milhares. Estamos perdendo terreno, mas a guerra ainda não acabou. Pelo menos, não quando saí para vir até aqui.

Silêncio. Fletcher mal conseguia acreditar naquilo. Eles estavam perdendo.

— O rei está torcendo para que os elfos cheguem logo para nos ajudar — murmurou Cress. — Disse que o exército saiu de suas terras alguns dias atrás. Eles são nossa última esperança.

— Então, por que vocês vieram? — perguntou Fletcher, horrorizado. — Hominum poderia cair de vez, isso se ainda não caiu. Vocês são necessários.

— O rei nos deu ordens para vir — respondeu ela, encontrando seu olhar. — Malaqui conseguiu chegar até ele também. Mas confesso que estou surpresa; como esse Carunchinho conseguiu fazer isso? Ele estava agindo de modo estranho quando nos deixou. Como se todo o espírito de luta o tivesse abandonado.

O coração de Fletcher se retorceu ao ouvir essas palavras. O Caruncho valente continuara sua missão, apesar da morte do mestre. Fletcher não teve forças para contar a Cress o que tinha acontecido com Rory.

— Mas não foi para impedir o avanço dos goblins que viemos — continuou Cress, sem perceber a dor nos olhos de Fletcher. — Nem para salvar Raleighshire. Foi para salvar você, Fletcher.

— Eu? — perguntou ele, sem entender.

— Existe um motivo para estarmos perdendo a guerra — disse Cress, falando depressa agora, como se tivesse acabado de se lembrar do motivo pelo qual estava ali. — É Khan. O demônio dele... é... é como uma versão gigantesca de Ignácio. Só que tem uma carapaça, como uma Serpe.

— Um Dragão — sussurrou Fletcher, lembrando-se do encontro no vulcão, meses antes.

— Nosso Corpo Celestial tentou matá-lo, mas... o fogo. Está

matando tudo. Sempre que pensamos que conseguimos uma vantagem, ele surge e transforma tudo em cinzas. Ninguém é capaz de chegar perto. A não ser...

Ela deixou a frase no ar.

— A não ser eu — disse Fletcher, e aquela constatação deixou-o inerte.

Ele era imune ao fogo, assim como Ignácio.

A batalha de Fletcher ainda não tinha terminado... estava apenas começando.

Fletcher queria esperar até que Otelo retornasse da perseguição aos goblins; queria estar ali quando ele visse seu irmão falecido. Mas não havia tempo.

Despediu-se de seus amigos e soldados, a maioria incapaz de levantar — por conta dos ferimentos ou da exaustão.

— Volte inteiro, está me ouvindo? — disse Berdon, com voz sufocada, quando Fletcher lhe deu um abraço de despedida.

— Pode deixar — sussurrou Fletcher.

Um último abraço de Cress, muito breve, pois ela estava comandando os anões dispersos.

Então, subiu em Ignácio e saiu em um voo trôpego pelo céu.

O pobre Drake ainda estava padecendo com as feridas que tinha sofrido na batalha com o Fantauro, portanto o trajeto foi errático e lento. Fletcher viu os buracos irregulares nas asas de Ignácio, o sangue que coagulava em torno de seus flancos depois que uma lança o penetrara fundo. Eles estavam em péssimas condições, mas não havia escolha — nada mais seria páreo para o Dragão.

Cress mal conseguira cuidar dos ferimentos de Ignácio; com o restinho de mana que lhe sobrara, cicatrizara um arranhão na pata dianteira do Drake. Agora eles estavam rodeando o campo de batalha, para se orientar. A distância, Fletcher viu Otelo e seus anões perseguindo o exército de goblins e deixando um rastro de retardatários mortos. Ele lhes enviou um agradecimento silencioso e manobrou Ignácio na direção certa.

Quando viraram, com Atena deslizando pelos ares a seu lado, Fletcher ouviu um grito agudo lá no alto. O Caládríio vinha descendo em espiral pelas nuvens, parecendo um pombo caído do paraíso. Ele aterrissou suavemente nas costas de Ignácio, e Fletcher viu uma estranha aura em torno do demônio, com uma névoa borrada ao longo das bordas.

O Caládríio estava sumindo de volta para o éter, pois seu mestre se fora e o chamado da selva o convocava. Fletcher fitou, pensativo, o demônio cujos olhos azuis o encaravam enquanto abria suas asas

compridas e delicadas sobre as de Ignácio. Ele viu dor naqueles olhos.

Uma luz resplandecente branca envolveu o corpo de Ignácio. Fletcher sentiu a dor do Drake diminuir, e, diante de seus olhos, as feridas começaram a sumir, encolher-se e cicatrizar, como se o tempo estivesse rebobinando. Então a ferida de seu próprio braço também desapareceu.

Durante todo aquele tempo, o demônio o observava. A luz branca diminuiu de intensidade, e o Caládrío afagou sua bochecha com a ponta do bico. Em seguida, ele se foi, deslizando para longe para lamentar sua perda no meio das nuvens lá em cima.

Fletcher certa vez ouvira falar que parte da alma de um conjurador continuava viva em seus demônios — que suas consciências se mesclavam após a morte. Era uma história da carochinha, da qual o major Goodwin zombara quando Serafim lhe perguntara a respeito em uma aula. Ele respondera que o caráter dos mestres poderia ao longo dos anos acabar sendo absorvido por seus demônios, mas isso era tudo.

Entretanto agora, voando para o leste, Fletcher já não tinha tanta certeza. Seu olhar voltou-se para Atena, que o amara incondicionalmente desde o momento que se conheceram. Será que seu pai continuava vivendo, através dela? Teria a cura do Caládrío sido um presente de despedida de Átila?

Ele encontrou conforto nesse sentimento enquanto Atena mostrava o caminho, usando sua audição para guiá-los na direção dos tiros de canhão que ecoavam pelas terras devastadas abaixo. A cada minuto que passava, o sol continuava sua descida vagarosa para o horizonte, seus raios tingindo o mundo de sépia.

Foi só então que a enormidade de sua tarefa começou a pesar sobre seus ombros — e o destino de um império se revelava um peso imenso. Será que conseguiriam? Teriam uma chance? Dúvidas assolavam sua mente.

Em pouco tempo Fletcher pôde ouvir os ecos distantes da batalha, carregados pela brisa morna da tarde. Com medo de estar atrás das linhas inimigas, o jovem mago de batalha manobrou Ignácio para o norte.

Eles continuaram voando, agora às cegas, esperando avistar Corcillum em algum lugar na distância para que pudessem se orientar. Em vez disso, contudo, ele avistou outra coisa.

Um grande rebanho de alces, espalhados pelos campos verdejantes abaixo. Montados neles, armados com arcos e espadas compridas, estavam elfos.

Eles tinham se dividido em dois clãs, cada qual indicado pela cor de sua armadura. Na dianteira, Fletcher avistou o tom vermelho da família de Sylva. Um elfo montado em um alce seguia na frente, um

vulto alto de costas eretas que só podia ser o pai da amiga. Atrás dele, um poderoso alce sacudia suas galhadas, ansioso pela batalha.

Diante dos olhos de Fletcher, a cavalaria abriu um galope, disparando pelo terreno. Fletcher avistou o alvo — uma nuvem de fumaça ali perto, embaixo da qual havia clarões de luz e o som de tiros de armas de fogo.

Então ele arregalou os olhos. No centro de tudo isso, avistou a silhueta de um castelo antigo, delineada contra o horizonte. Era Vocans. De alguma maneira, os orcs tinham forçado o exército de Hominum a recuar até o interior das terras do império. Corcillum, com todos os seus habitantes inocentes, estava a não mais que poucas horas de marcha dali. O próprio futuro de seu mundo agora estava por um fio.

Um clarão de advertência de Atena pulsou na mente de Fletcher. Lá embaixo, uma criatura vinha voando em sua direção. Um Grifo.

Seu coração deu um pulso.

Sylva.

Em questão de instantes, ela estava a seu lado, segurando a lâmina longa e curva de sua falx. Usava a armadura lamelar vermelha de seu clã, e seu cabelo estava trançado em um coque na nuca.

— Fletcher — gritou ela, guiando Lisandro para perto. — Você está vivo. Pensei que... estou feliz por você estar bem.

Ele viu o alívio no rosto da amiga, os lábios entreabertos, os olhos arregalados de emoção.

Apesar do medo que tomava conta de si, Fletcher não pôde conter um sorriso ao vê-la. Com ela a seu lado, talvez ele tivesse alguma chance.

Sylva parecia feroz como nunca, com pintura de guerra vermelha nas bochechas. Ele sentiu vontade de estender o braço e segurá-la, revelar a ela seus sentimentos, e que se danasse a política.

Mas não havia tempo.

— Pensamos que você fosse Khan em seu Dragão — disse Sylva, levantando a voz para que ele pudesse ouvi-la apesar do vento que separava os dois. — Nossos batedores relataram que não há esperanças, que ele está dizimando o campo de batalha.

— Ele está lá — retrucou Fletcher, apontando para a nuvem de fumaça que se aproximava cada vez mais. — E eu vou enfrentá-lo.

— Bem, vamos lá, então — disse Sylva, incitando Lisandro a sair voando em uma explosão de velocidade.

— Sylva, volte para seu clã. Somente eu sou capaz de fazer isso — berrou Fletcher. — Eu sou imune às chamas.

Sylva se virou e gritou por cima do ombro:

— Tente só me impedir!

Com isso, ela desapareceu no meio da fumaça.



61

Eles estavam em toda parte. Milhares de orcs, mais do que Fletcher jamais pensara que pudessem existir, espalhados em uma grande horda sobre a paisagem fumegante. As vilas e árvores atrás deles ardiam como piras fúnebres.

E, algumas dezenas de metros à frente, espalhados em uma estreita linha vermelha na frente dos portões de Vocans, estavam o que restava do exército de Hominum. Talvez tivessem sobrado mil homens vestidos em uniformes vermelhos, e mais algumas poucas centenas de outros em uma variedade de fardas de outras cores, sobreviventes dos regimentos nobres que tinham sido dizimados na luta. Além disso, havia um único batalhão de anões, espalhados no centro em filas de dois ou três.

— Tão poucos — disse Fletcher, com voz sufocada, através da fumaça.

O fedor de enxofre pesava no ar; uma mistura entontecedora de pólvora e fumaça dos edifícios das cidadezinhas que tinham sido incendiados a 2 quilômetros de distância. O mundo inteiro estava tingido de laranja pelas chamas distantes, mesclando-se ao brilho vermelho do sol poente. Em breve cairia a noite.

Enquanto o mundo abaixo ardia em brasas, Fletcher reparava em cada movimento de Sylva a seu lado, e torcia para que de alguma maneira fosse possível eles continuarem ali, juntos, distantes da batalha. O cabelo de Sylva esvoaçava atrás da elfa enquanto Lisandro arremetia pelos ares. As pontas de suas asas roçavam as de Ignácio. Ela parecia gloriosa ao sol poente, o rosto cheio de determinação, a falx empunhada para o combate.

— Vamos conseguir — disse a elfa, olhando nos olhos dele.

Fletcher sustentou aquele olhar e arriscou-se a compartilhar daquela esperança. Com determinação renovada, ele virou-se para encarar a cena lá embaixo.

Agora se viam clarões, raios de luz e fogo na terra de ninguém que separava os dois exércitos. Uma batalha estava sendo travada ali. Animais se atacavam mutuamente em colisões poderosas de garras, escamas e pelos. Centenas de demônios estavam guerreando lá embaixo, em um preâmbulo do confronto final entre as civilizações.

Ele viu uma fileira de magos de batalha espalhados na frente dos homens, atirando bolas de fogo e raios em seus equivalentes xamânicos através das ruínas em brasas de sua terra. Harold e seu pai estavam na frente, rodeados por um escudo semelhante a um domo de vidro, ordenando que um bando novo de Licantropos e Anubídeos entrasse em combate.

À frente deles, os Dracons combatiam no centro do campo de batalha em si. Suas montarias atacavam Onis humanoides e Nanauês, parecidos com tubarões, em meio à relva arrasada. O cabelo escuro de Arcturo esvoaçava às costas enquanto ele recuava com seu Hipalectrion e conduzia um contra-ataque na direção do fronte oeste. O orgulho inchou o peito de Fletcher quando seu mentor atacou as linhas do inimigo e sustentou sua posição contra todas as expectativas. Mesmo daquela distância, Fletcher percebeu que os demônios de Hominum estavam em desvantagem numérica.

Um rugido, lá de cima.

Ignácio moveu-se antes mesmo que Fletcher pudesse pensar, arremetendo para o alto na direção da neblina de fumaça e névoa. Estava escuro, e o manto tingido de fumaça vaporosa bloqueava os raios vermelhos do sol poente. Agora, tudo estava em silêncio.

Não. Asas. Como o pulsar vagaroso de um coração, em algum ponto ao sul. Em seu cristal de visualização, ele viu Atena pairando embaixo do banco de nuvens, procurando pistas do paradeiro do Dragão. Nada.

Então, de repente, ali estava ele. Dando um rasante para fora das nuvens, uma massa negra de asas coriáceas. Estendeu as garras e sulcou a terra, arrasando uma matilha de Canídeos de Hominum e carregando um deles no bico. Deslizou ao longo do campo de batalha e engoliu sua presa em um único movimento, depois curvou para uma segunda investida.

Quando ele virou, Fletcher viu que era igual a um Drake em tudo, menos no tamanho e na pele — seu corpo era coberto de escamas que formavam uma armadura. Devia ser tão grande quanto três Fantauros juntos, e a envergadura de suas asas eclipsava o sol conforme ele se manobrava ao longo do horizonte.

— Fletcher! — gritou Sylva.

Lisandro emergiu do banco de nuvens com um guincho frustrado, girando as asas no ar.

— Estão todos mortos ou escondidos no Corpo Celestial — vociferou Sylva, com desprezo. — Eles mataram todas as Serpes, mas

apenas a capitã Lovett e Ofélia Faversham continuam lutando, tentando cegar Khan no meio das nuvens... mas o Dragão atira fogo sobre elas sempre que se aproximam.

Atrás de Sylva, Fletcher viu as sombras da dupla flutuando logo atrás das nuvens.

Entretanto, antes que ele pudesse cumprimentá-las, um clarão lampejou, e Fletcher virou-se para ver o que era.

O demônio gigantesco estava dando um novo rasante, lançando um vasto tsunami de fogo para devastar a terra ao longo da frente de batalha de Hominum. Dracons se espalharam para saírem do caminho, e, se não fosse um salto voador de sua montaria, Arcturo não teria escapado da trilha ardente de destruição. Atrás, os menos afortunados gritavam, até restarem apenas esqueletos carbonizados.

Das mandíbulas do Dragão emergiu um rugido de triunfo. Em seu lombo, Fletcher avistou o vulto pálido de Khan, montado no pescoço da criatura. O orc agitou sua grande macaná. Uma. Duas vezes.

Era um sinal. Em uma gigantesca onda, as fileiras dos orcs arremeteram para a frente, correndo pela terra arrasada pelas chamas, com um coro ululante de gritos de guerra que fez Fletcher sentir um calafrio até os ossos. Vindo pelas beiradas, cavaleiros montados em rinocerontes avançaram, os animais com o chifre em riste prontos para o impacto. Era uma onda imparável de bárbaros.

Tiros vieram da fileira de homens. Os orcs rodopiaram, atingidos, e caíram, mas outros apareceram, sem cessar, sem dar trégua. Quinze metros. Doze. Relâmpagos e fogo eram lançados pelos magos de batalha e demônios, fazendo com que inimigos tombassem ao chão, abrindo buracos nas hordas, mas não era suficiente. Nem de perto.

Entretanto, havia algo mais. Um tremor. Um estrondo de cascos e... um canto. Vozes, cantando em harmonia, enviando palavras élficas rodopiando pelo terreno.

E então, galopando graciosamente em torno da fileira estreita de homens desesperados, vieram os alces, com a cabeça abaixada como os chifres de um bode, mirando nos flancos da investida dos orcs.

Chifres atiraram orcs para o lado enquanto arcos disparavam flechas nas fileiras atacantes, zumbindo ao atingirem crânios e pescoços com precisão letal. Foices eram brandidas ali e acolá, arrancando dos ombros as cabeças com presas.

Rinocerontes e alces colidiram em choques estilhaçantes, e, de ambos os lados, cavaleiros saíram voando das montarias no meio da confusão. No centro do campo, os mosqueteiros de Hominum miravam para o interior do ataque, a fim de concentrar os disparos nos pontos onde o ataque em pinça dos elfos não tinha alcançado. Seis metros.

Orcs foram atirados para trás pela ferocidade dos tiros, e os que estavam mais próximos foram arremessados, como marionetes,

sacudindo-se em seus cordões. Cambalearam e caíram, arrasados por uma dúzia de ferimentos. A investida órquica fraquejava.

A leste de Fletcher, o Dragão soltou um rugido e circulou em um longo arco, preparando-se para atacar. Ele viu o que estava prestes a acontecer. As chamas caíam sobre a fileira estreita de homens. A massa de elfos seria afogada em um mar de fogo. Era isso o que Khan estivera esperando. Antes tudo não passara de um joguinho para ele, só aguardando os exércitos aliados se encontrarem.

Contudo, ao ver a guinada vagarosa do monstro, Fletcher descobriu o que deveria fazer.

Um último lance de dados.

— Encontre Lovett e Ofélia e escondam-se nas nuvens acima — berrou Fletcher para Sylva, enfiando os calcanhares nas laterais do corpo de Ignácio. — Esperem meu sinal.

Ignácio mergulhou, e Fletcher ouviu a resposta da elfa antes que o vento a levasse embora:

— O que você vai fazer?

Mas ele estava decidido. Não havia tempo para responder.

— Obrigado, meu amigo — disse Fletcher, baixinho, abraçando o pescoço do demônio.

Sentiu uma pulsação amorosa do Drake valente quando eles investiram na direção do Dragão. O vento lhe açoitava o cabelo e ardia em seus olhos. Ou eles venceriam, ou morreriam juntos. Não havia outra alternativa.

Continuaram voando, sobre os gritos da batalha e os disparos das armas de fogo. Ele viu o Dragão completar sua volta mais à frente e começar a travessia rumo aos aliados reunidos. Um grito de Atena o advertiu do perigo.

Era agora ou nunca. Ele desenhrou o feitiço de amplificação em seu pescoço, espremendo o restinho de mana que ainda lhe restava.

— Khan! — berrou, a voz ribombando sobre as planícies.

Mesmo no meio do turbilhão da batalha, o orc albino escutou suas palavras. O Dragão olhou para cima enquanto Fletcher descia direto até eles, o khopesh a postos.

Khan balançou a cabeça, ignorando-o. O alvo lá embaixo era tentador demais. Milhares de inimigos, todos reunidos em uma longa fileira no campo de batalha.

— Venha me enfrentar, seu covarde! — provocou Fletcher, atacando o orgulho do líder órquico.

Agora Khan olhou para ele, os lábios arreganhados sobre as presas em um sorriso desdenhoso. Levantou uma das mãos, e Ignácio desviou-se para o lado bem a tempo. Um raio passou estalando ao largo, mas eles continuaram descendo velozmente até seu inimigo.

— Cadê suas Serpes, hein, Grande Khan? — berrou Fletcher. —

Perdeu as que tinham sobrado depois de sua derrota no éter?

Agora o Dragão estava angulado para cima, as asas gigantescas atirando poeira pelo campo de batalha. Estava funcionando. Khan falou, e suas palavras foram levadas para cima:

— Eu sou o Redentor. — Sua voz estava tingida de fervor religioso.
— Sou o Escolhido.

— Então prove! — berrou Fletcher em resposta. — Venha lutar comigo! Ou será que “o Escolhido” tem medo de um mero garoto?

Houve um rugido, tão alto que Fletcher sentiu em seu peito, e então o Dragão saiu voando em sua direção, com a bocarra escancarada. Em seu interior, Fletcher viu um princípio de chamas.

— Vá — sussurrou Fletcher.

Ignácio interrompeu o mergulho e soltou um uivo. Sua velocidade criou uma ventania tão veloz quanto um vendaval, que quase arrancou Fletcher de onde estava sentado. Então eles começaram a subir na direção das nuvens ao alto. Ignácio batia as asas com todas as forças, mas não era rápido o suficiente.

Khan gargalhava agora, agitando a macaná com ansiedade. Os segundos se passaram em um átimo enquanto o Dragão reduzia a distância entre eles, com o vento causado pelo bater de suas asas os empurrando para baixo. Quase lá. Fletcher sentiu a umidade das nuvens, viu o tom branco-acinzentado de uma aglomeração delas a uma pedrada de distância.

Lá embaixo, a boca do demônio se abriu ainda mais, como a de uma cobra. Havia fogo acumulado dentro dela, banhando Ignácio em um brilho alaranjado.

— Agora, Sylva! — berrou Fletcher.

Três vultos irromperam do alto e dispararam a toda velocidade em sua direção. Fletcher viu de relance o Alicórnio de Lovett, a galhada de um Periton. E Lisandro, que soltava um grito de águia.

Um clarão relampejou sobre eles quando as chamas foram lançadas pelo ar.

— Agora — disse Fletcher, baixinho.

Ignácio desdobrou suas asas e as manteve completamente imóveis no céu. O fogo os atingiu em cheio. Chamas bateram no corpo de Fletcher, esmagando-o de encontro ao lombo de Ignácio. Ele inspirou aquele inferno, sentiu o calor seco no peito. Sua camisa e sua jaqueta viraram cinzas.

Ele abriu os olhos, viu o fogo abrir-se em torno deles e retorcer-se no céu, bloqueado pelas asas abertas de Ignácio. Era um vórtex de chamas — e três demônios desciam pelo túnel vazio criado em seu centro.

O fogo cessou com a diminuição da intensidade do ataque do Dragão. Ele ouviu o calor chiando na pele, e um grito de ódio quando

Lovett, Sylva e Ofélia passaram a toda velocidade por eles. Então, ele e Ignácio também começaram a mergulhar, com as asas do Drake completamente voltadas para trás, coladas ao corpo, conforme se juntavam ao ataque.

E em um instante Ofélia já se fora: o Periton jazia flácido no bico do Dragão, enquanto o corpo da maga de batalha se retorcia em sua descida vertiginosa até o chão abaixo.

A lança de Lovett atingiu a bochecha do demônio de Khan, e ela quase foi atirada para fora da sela, e a arma, lançada em cambalhotas em um caos de asas e cascos. Depois Sylva saltou, com a falx em punho. O Grifo rosnou junto à asa do monstro e mordeu sua membrana delicada. Ouviu-se um rugido de dor quando a lâmina da elfa se enterrou no olho do Dragão, e ela ficou ali pendurada para não cair.

O tempo pareceu correr mais devagar.

Ignácio colidiu com a cabeça do Dragão, e, para ganhar vantagem, suas garras cravaram nas escamas protetoras. Fletcher foi atirado para fora do lombo do Drake com o impacto e girou pelo ar, chocando-se com Khan em uma confusão de pernas e braços.

Eles estavam despencando pelos ares. Rodopiando. Ele viu Vocans vindo a toda velocidade em sua direção. O domo de vidro em seu centro. Estilhaçando-se.

Escuridão.



62

O átrio ondulava frente aos olhos de Fletcher. A dor era demais; esmagava seu crânio, como um torno. Ignácio. Ele precisava encontrar Ignácio.

A superfície coriácea sob ele tinha amortecido sua queda: uma asa quebrada, espalhada ao longo do comprimento de um saguão cavernoso. Ele cambaleou para se levantar, e saiu caminhando trôpego pelas cristas irregulares daquele apêndice despedaçado.

O Dragão estava morto.

Seu pescoço estava virado para trás em um ângulo reto grotesco, o bico semiaberto, a língua balançando. E, perto da base de seus ombros, Fletcher viu um vulto flácido, rubro.

— Ignácio! — gritou Fletcher, indo aos tropeções na direção do Drake. Os ecos suaves da batalha lá fora desciam do alto.

O demônio levantou a cabeça quando Fletcher se aproximou. Ele ganiu e tentou se levantar, mas caiu, pois a dor era demais. A agonia na mente do rapaz dobrou de intensidade, e ele caiu de joelhos. Cacos de vidro tinham cravado no pescoço e nas laterais do corpo de Ignácio, cada um do tamanho e profundidade de uma espada. Enrodilhada junto ao peito do demônio, Fletcher viu a forma inconsciente de Sylva. A criatura valente a protegera com o próprio corpo quando eles caíram pelo domo acima.

— Você vai ficar bem — sussurrou para o Drake, pousando uma das mãos sobre a lateral do corpo do demônio. — Sylva vai acordar e curar você.

Ele sacudiu a elfa, mas ela permaneceu imóvel e inconsciente. O único sinal de vitalidade nela era o subir e descer vagaroso de seu peito. Ele viu um hematoma espalhado em sua testa, e o sangue de Ignácio pingando no piso de mármore. O demônio não possuía nenhum mana para curar a si mesmo. Ele estava morrendo.

— Eu estava errado — falou alguém.
O coração de Fletcher encheu-se de horror.
Lentamente, um vulto pálido emergiu da escuridão.
Khan.

Ele caminhou até a luz que vinha do domo quebrado acima, e seus longos cabelos brancos reluziam como prata à luz fraca do anoitecer. Não vestia nada além de uma simples tanga, tão branca quanto a pele de quem a usava.

O orc levantou sua macaná e a apontou para Fletcher.

— A Salamandra das profecias não era a minha. Era a sua.

Os olhos de Fletcher dardejaram de um lado para o outro, procurando uma arma. O khopesh havia desaparecido, perdido em algum lugar das profundezas do átrio. Então ele viu um brilho atrás do orc enorme: era a falx de Sylva, enterrada profundamente no olho do Dragão. Ele precisava apanhá-la.

— Você perdeu, Khan — disse Fletcher, tentando rodear o oponente. — A profecia era uma mentira.

O orc sorriu embaixo das presas e interrompeu-o com um passo lânguido para o lado. Fletcher mal podia acreditar no tamanho daquele orc. Ele assomava com 2,50 metros de altura, e sua espada era quase do mesmo tamanho de Fletcher.

— A profecia é verdadeira — declarou Khan, balançando a cabeça.
— Aquele que tiver a Salamandra vencerá a guerra.

Fletcher distraiu-se. Atena. Ele sentiu sua presença, escondida entre as vigas que sustentavam o grande teto do salão. Obrigou-se a manter os olhos focados em Khan e ignorar a Griforuja que veio deslizando até o chão acima deles e escondeu-se atrás das grades protetoras de metal do saguão.

— Se isso for verdade, então eu já venci — disse Fletcher.

— Não — rosnou o orc. — Não se eu tomá-la de você.

Fletcher levantou a mão tatuada, e Khan estremeceu ao vê-la.

— Seu Dragão está morto — blefou Fletcher. — Você não tem mais mana. Eu poderia matá-lo em um segundo.

Enquanto os olhos do orc focavam-se em seus dedos, Fletcher tornou a rodear Khan, conseguindo aproximar-se alguns centímetros da espada.

— Então me mostre — disse Khan de repente.

— Não me faça rir — rebateu Fletcher, desdobrando o dedo com a tatuagem de raio. Ele deu alguns passos mais para perto da espada.

— Eu disse, então me mostre! — berrou Khan, e atirou-se em cima de Fletcher.

Fletcher mergulhou para a frente e sentiu a macaná passar de raspão pela cabeça quando o orc tentou atingi-lo. Então saiu rolando pelo piso de mármore e apanhou a falx.

Ele a arrancou do olho do Dragão com um barulho doentio e a ergueu à frente.

Khan gargalhou.

— Ah, então o filhotinho quer brincar — zombou ele, girando a macaná em sua mão. — Gosto disso.

A lâmina comprida era pesada e estranha nas mãos de Fletcher: ele nunca tinha segurado uma arma daquelas antes.

— Venha, vamos começar logo — convidou Khan, agitando a macaná na direção de Fletcher.

Suas espadas se encontraram, e os braços do rapaz estremeceram com a potência do golpe do orc, que quase arrancou a arma das mãos de Fletcher. O jovem saltou para trás e escorregou no mármore liso.

— Isso foi só um toque fraco — desdenhou Khan.

O golpe tinha arrancado fora um pedacinho de obsidiana do porrete comprido de ponta negra, que caiu no chão e saiu ricocheteando até as sombras. Fletcher sabia que o vidro vulcânico era quebradiço, mas, mesmo assim, mais afiado que o mais preciso dos bisturis, capaz de cortar a carne com muito mais facilidade. Não dava para enfrentar o orc frente a frente. Seria suicídio.

Khan brandiu a macaná outra vez, e seu golpe passou zunindo pela cabeça de Fletcher quando este se abaixou. Seguiu-se então um golpe por trás, incrivelmente veloz, e Fletcher precisou sair rolando pelo chão para evitá-lo. Se tivesse tentado aparar aquele golpe, a macaná teria cortado sua defesa ao meio.

— Agora dance, garotinho! — gargalhou Khan.

Rotherham o ensinara a mirar os joelhos.

Fletcher brandiu a falx ao se levantar, um golpe desajeitado que Khan defendeu com a parte achatada do porrete. Um de seus pés girou para a frente e acertou as costelas de Fletcher, lançando-o ao outro lado do átrio. A lâmina quase saiu voando de sua mão, chocando-se no piso de pedra, e a agonia espalhou-se ardente pela lateral de seu corpo.

— Chega de joguinhos! — rosnou Khan, enquanto Fletcher se punha de pé. — Tenho um império para derrubar.

— Você... já... perdeu — ofegou Fletcher.

Ele mal conseguia levantar a falx; algo tinha se quebrado dentro de si. Doía até respirar.

Atena sentiu sua dor. Agachou-se acima de Khan, os olhos mirando as costas expostas do orc branco. Era agora ou nunca. *Agora*.

Fletcher saiu correndo na direção do orc com um grito feral, lutando contra a dor que o arrasava. Atena mergulhou, com as garras esticadas para a frente. Khan brandiu a espada bem no momento em que a Griforuja o atacou e cravou as garras profundamente em seus olhos. Cego, errou o golpe, que por um fio de cabelo não atingiu o

rosto de Fletcher, mas, em vez disso, cortou-lhe a orelha.

Fletcher atacou com toda a força de que foi capaz. Sentiu a espada entrar na perna de Khan, chocar-se contra o osso. Ouviu o clangor da macaná caindo no chão.

Porém faltou força ao ataque, pois suas costelas quebradas prejudicaram o golpe. Atena soltou um guincho quando uma mãozorra a afastou com um tapa. Fletcher sentiu dedos rodearem seu pescoço e levantarem-no do chão.

Khan rugiu diante de seu rosto, trazendo-o para perto do seu, como a um amante.

— Morra! — rosnou o orc através das presas.

Fletcher deu-lhe um chute na barriga. Foi como chutar uma pedra. As mãos de Khan intensificaram o aperto quando ele o trouxe ainda mais para perto.

— Olhe em meus olhos — sibilou o orc, as órbitas vermelhas dos próprios olhos estreitando-se enquanto ele apertava mais. — Quero ver a luz morrer dentro de você.

O mundo entrava e saía de foco. A escuridão pressionou as bordas de sua visão. Ele viu Atena arrastar-se pelo chão, sentiu a dor dos ossos quebrados do demônio espelhar a própria. Ignácio. Mal conseguia sentir Ignácio.

Ele estava morrendo. Fletcher fechou os olhos e esperou pelo fim.

E, então, a pressão afrouxou. Ele caiu no chão, ofegando em busca de ar. Sangue formava uma poça no chão a seu lado, escorrendo pelas pernas brancas e poderosas do orc.

Ele olhou para cima e viu a lâmina de sua khopesh enterrada na lateral do corpo de Khan. Viu o gigante girar e derrubar seu atacante com um golpe rápido do punho esticado.

Sylva.

— Elfa nojenta — rosnou Khan, chutando o corpo dela pelo chão e pisando em cima de seu pescoço. Sylva ficou ali, lutando fracamente enquanto ele inclinava o corpo na direção dela e ela tentava agarrar a própria garganta com as mãos.

— Não — ofegou Fletcher. O mana. Ela precisava usar o mana.

Porém ela estava alheia àquilo, as mãos tentando segurar o pé que esmagava seu pescoço.

Uma onda de náusea tomou conta de Fletcher quando ele tateou em busca da falx. Suas mãos encontraram um punho. A macaná.

Ele ouviu Sylva gorgolejando e a gargalhada rouca do orc albino enquanto ele a sufocava até a morte.

Então ele sentiu: um filete de mana, vindo das consciências gêmeas que havia dentro dele. Ignácio e Atena. Eles estavam lhe dando tudo o que tinham, mesmo quando mais precisavam de mana. Era o bastante para uma última tentativa desesperada.

Ele levantou a mão, a dor retalhando toda a lateral de seu corpo. Levantou um dedo, apontou-o para a parte interna do joelho de Khan. E lançou o último resto de mana que ainda tinha em uma explosão cinética.

A perna do orc sacudiu para a frente e Khan caiu de joelhos, berrando de raiva. Então, com os últimos vestígios de suas forças, Fletcher levantou-se de uma só vez e saiu berrando e brandindo a macaná com toda a sua força.

O tempo pareceu andar mais devagar no momento que o imenso porrete atravessou o ar. Um instante de dúvida, enquanto a lâmina de obsidiana encontrava a carne pálida, e então ela atravessou o pescoço do orc, fazendo a grande cabeça cair rolando no chão. O corpo de Khan dobrou-se para a frente e despencou como um grande naco de carne.

Porém não havia tempo para alívio, nem mesmo na vitória. Ele precisava curar Ignácio.

Sylva virou a cabeça, ofegando como um peixe fora d'água.

— Vim assim que pude — sussurrou ela.

Os olhos dela estavam desfocados, e o hematoma em sua testa tinha se espalhado em uma mancha feia até a têmpora.

Fletcher sentiu uma onda de tontura tomar conta de si quando lutou para se levantar. A cada respiração, sentia suas forças retornarem, o bastante para conseguir ir cambaleando até Sylva e arrastá-la pelo chão de mármore, embora a dor em suas costelas ardesse como atizadores em brasa, atravessando seu peito. Ele arfou, escorregou no sangue de Khan e praguejou contra a própria fraqueza.

Os olhos do Drake estavam fechados; o sangue formara uma poça em torno dele em um grande halo vermelho. Fletcher buscou sua consciência. Ainda havia um fraco lampejo de vida. Que se esgotava rapidamente.

A cabeça de Sylva rolava para um lado e para o outro, seus olhos beirando a inconsciência.

— Acorde! — berrou Fletcher, sacudindo Sylva. — Você precisa curar Ignácio!

Ela abriu os olhos e estendeu uma mão fraca. Um dedo rodou no ar, e o símbolo do coração foi desenhado com um fio azul. Dele pulsou uma luz branca, que flutuou por cima dos estilhaços de vidro.

Lentamente as feridas se fecharam, longos fragmentos de cristal retirados, caindo tilintando no chão. A faísca de consciência de Ignácio voltou a arder, de início uma luzinha pequena na mente de Fletcher, depois um fogo feroz quando o demônio se levantou e arfou em uma grande inspiração.

Fletcher soluçou e atirou-se num abraço ao pescoço do demônio.

Alívio inundou-o como uma droga, suavizando a dor na lateral de seu corpo.

Ele sentiu um corpo cheio de penas deslizar por baixo do braço, afagando o local de seu ferimento — Atena tinha voltado até ele. Estava cheia de hematomas, mas viva e bem. Ele soltou-se do abraço ao Drake e levou a Griforuja até o peito.

— Obrigado — sussurrou, beijando a testa do demônio.

Então ele percebeu. O silêncio. A ausência de tiros, de gritos, de armas chocando-se.

— Será que vencemos? — sussurrou Sylva.

Ela estendeu o braço, e Fletcher a ajudou a levantar-se. Eles se apoiaram um no outro, como marinheiros bêbados.

Apesar do silêncio, Fletcher não sentiu medo. Aquilo já não estava mais em suas mãos. Ele tinha feito tudo o que podia.

— Vamos sair e descobrir.

Ignácio se abaixou até o chão, e Fletcher estremeceu de dor quando eles subiram no lombo do Drake. Sylva sentou-se na frente de Fletcher, para que este pudesse mantê-la no lugar caso ela caísse inconsciente mais uma vez. Ela apoiou a cabeça em seu ombro.

— Tem certeza de que tem forças suficientes para isso, amigo? — perguntou o rapaz, afagando a lateral do corpo de Ignácio. — Você perdeu muito sangue.

O demônio latiu, e com um salto vagaroso eles começaram a voar, espiralando para cima na direção do domo estilizado. Fletcher estremeceu quando eles atravessaram o buraco irregular e saíram voando pelos céus vazios, deslizando ao vento.

Segurou Sylva com força quando eles viram o resultado da batalha lá embaixo, obscurecida pela fumaça dos canhões e armas de fogo, pelo sangue e pela lama. Os gritos dos feridos eram trazidos pelo vento, e ele sentiu o corpo de Atena estremecer junto ao peito.

A morte e a destruição tinham transformado o campo de batalha em um caos de terra carbonizada e cadáveres. Homens andavam como sonâmbulos pelos campos de mortos, livrando os orcs que restaram de sua agonia.

A distância, alces e seus cavaleiros cavalgavam pelas planícies. E, logo além, uma horda de orcs batia em retirada em direção ao horizonte manchado de vermelho.

— Nós vencemos, Sylva — sussurrou Fletcher, abraçando a elfa junto ao peito. As mãos dela cobriram as dele, e eles fitaram os horrores abaixo.

Não havia nenhum triunfo naquela vitória. Somente tristeza. Somente perda.

— Nós vencemos.



Epílogo

Fletcher achou que nunca tinha visto Lovett mais linda que quando Arcturo a conduziu pela rampa da igreja de Raleightown. O povo gritou vivas quando ele a levantou da cadeira e a carregou até a carruagem puxada por cavalos.

Ela ficava bem de branco. Ela ficava bem... casada.

Arcturo sorria de orelha a orelha, o rosto vermelho por conta do vinho que tinha tomado na recepção. Fletcher atirou mais um punhado de arroz no casal, e Sacarissa espirrou quando o arroz caiu a seu redor. Seu pelo tinha sido escovado e cacheado, e haviam amarrado um laçarote ao redor de seu pescoço, como uma gola. Ela olhava com ar sombrio para os festejadores, desafiando alguém a vir afagá-la. Fletcher não conteve um sorriso.

— Espere, espere — pediu Lovett, parando Arcturo.

Ele a virou, e ela segurou o rosto de Fletcher, depois lhe deu um beijo na bochecha.

— Obrigada por organizar esta festa — agradeceu ela, com o rosto brilhando de alegria.

— Não foi nada, eu devo mil vezes mais a vocês dois — disse Fletcher, levantando a voz para que ela pudesse ouvi-lo por sobre os gritos de alegria das pessoas.

Toda a cidade tinha comparecido, bem como a maioria dos funcionários e empregados da Vocans, um punhado de magos de batalha e algumas dúzias de anões. Até o rabugento do major Goodwin viera, embora agora estivesse dormindo embaixo do altar da igreja depois de tomar uma jarra inteira de cerveja. Fora uma comemoração memorável. Fletcher só lamentava que sua mãe não estivesse ali, mas ela continuava doente demais para sair do hospital,

e Berdon também, pois tinha sido chamado para resolver um negócio urgente em Corcillum.

Os convidados tinham se reunido pelas ruas, esperando para gritar vivas aos noivos assim quem eles passassem por ali a caminho da capital, onde Harold tinha preparado um quarto para eles no palácio. Agora que Alfric estava morto, assassinado por um orc no campo de batalha, o jovem rei tinha total domínio do lugar.

— Fletcher, pare de distraí-los — comentou Otelo, abraçando o peito do amigo. — Senão eles vão se atrasar para o jantar com Harold.

Fletcher estremeceu de dor. Mesmo depois de um mês, suas costelas ainda estavam doloridas.

Sacarissa cutucou Arcturo com o focinho.

— Está bem, está bem — disse Arcturo, rindo, deixando que ela o empurrasse para a frente. — Nós voltaremos em breve para uma visita, Fletcher.

— É melhor mesmo! — gritou ele de volta, às costas dos dois, enquanto Arcturo carregava Lovett para a carruagem.

Fletcher sentiu um braço delicado enlaçar o seu enquanto ele acenava para se despedir do casal e as pessoas passaram por ele, correndo atrás da carruagem que seguia pelas ruas de calçamento de pedra.

— Como eles estavam felizes! — disse Sylva, sorrindo. — Quem diria, hein?

— Ah, eu tinha uma ideia — falou Fletcher.

— Seu mentiroso! — interrompeu Otelo, depois levantou a voz. — Cress, Fletcher disse que sabia que Arcturo e Lovett gostavam um do outro.

— Mentiroso! — gritou Cress, comendo um pedaço de bolo na porta da igreja.

Fletcher sorriu e começou a caminhar com Sylva pela rua.

— Vamos, eu ainda não mostrei a vocês — chamou ele, pedindo aos anões que o acompanhassem.

No caminho, Fletcher viu alguns gremlins espreitando nos limites da cidade, embora alguns tivessem reunido coragem para entrar e participar das festividades. Azul tinha montado uma nova colônia ao lado da Ponte Watford, onde a comida era abundante, e o solo, estável o suficiente para que cavassem um novo Viveiro. Eles vendiam seus peixes para o povo da cidade, e uma amizade tinha nascido entre os dois assentamentos. Apesar disso, a maioria dos gremlins era tímida e se limitou a assistir às comemorações da segurança da savana.

Os quatro passaram pela estátua que Fletcher tinha erigido na antiga passagem em frente à prefeitura. A estátua fora instalada naquela manhã, para grande admiração dos convidados. Um anão, um homem e um elfo, de pé lado a lado. E, embaixo, uma placa, com os

nomes de todos os que haviam morrido em defesa de Raleighshire.

Nomes como os de Átila, Rory, Dália, Sir Caulder, Rotherham e mais de uma dúzia de outros. Nomes demais. Otelo parou diante da placa, e uma sombra de dor atravessou seu rosto.

— Eles morreram para que pudéssemos viver. — Foi tudo o que disse, correndo o dedo pelo nome de Átila.

— Heróis, todos eles — respondeu Fletcher solenemente. Olhou para o rosto do anão, e o rosto de Átila o olhou de volta.

— Seria legal se você tivesse colocado também uma estátua de Didric, quem sabe na frente das latrinas — disse Cress, chutando um montinho de terra. — Com uma placa contando tudo o que ele fez, para que sua covardia jamais fosse esquecida.

— Acho que a solução do rei foi bem mais eloquente — disse Otelo, com um discreto sorriso nos lábios.

A recusa de Didric de lutar não passara despercebida pelo rei Harold. Em sua nova posição de governante, ele punira não apenas Didric, como também o resto do Triunvirato. Multas elevadas foram aplicadas às três famílias, e o dinheiro arrecadado foi usado para reconstruir o que fora destruído pelos orcs.

Pelo que Fletcher ouvira falar, a família Cavell ficou sem um tostão e foi vista pela última vez em um navio rumo a Swazulu, carregando apenas a roupa do corpo.

Melhor ainda, as montanhas do Dente de Urso, que cobriam metade das terras de lorde Faversham e todas as terras de Didric, foram presenteadas aos anões como uma compensação pelos crimes contra eles cometidos pelo Triunvirato. As colônias de anões já começavam a se espalhar pelos picos, com novos lares escavados dentro da rocha.

Quanto a lorde Forsyth e o Inquisidor Rook, os dois foram presos nas masmorras de Corcillum, onde passariam o resto da vida em cativeiro. Fletcher achou um fim apropriado para os dois, embora considerasse que era melhor do que ambos mereciam.

O sorriso de Otelo se transformou num risinho, e ele passou um braço em torno dos ombros de Fletcher enquanto eles caminhavam na direção do antigo campo de treinamento dos Raposas.

Porém, algo estava diferente agora, assomando da paisagem na frente do campo. As ruínas da mansão dos Raleigh tinham sido reformadas pelo povo de Raleighshire enquanto Fletcher se recuperava de seus ferimentos. Até os gramados tinham sido limpos, e os entulhos, todos retirados.

— Caramba, é bom ver como vive a outra metade, né, Otelo? — brincou Cress.

— Eu ainda nem entrei, na verdade — disse Fletcher.

— Por que não? — perguntou Sylva.

— Não parece certo — respondeu ele, encolhendo os ombros. — Pelo menos não ainda.

— Ele é maluco — disse Cress. — Eu fico com ela se você não quiser.

— Como melhor amigo dele, eu tenho direito primeiro — brincou Otelo.

— Ah, não — disse Cress. — Eu vou escolher meu quarto.

Fletcher sorriu quando Otelo e Cress saíram correndo na direção da antiga mansão.

— Melhor você se apressar, antes que eles peguem os melhores — brincou Fletcher, virando-se para Sylva.

Ela sorriu fracamente, com os olhos no horizonte.

— Sabe de uma coisa? É melhor eu ir andando — disse ela, desenrolando um pergaminho de conjuração retirado de um bolso de seu vestido. — Meu pai precisa de mim na fronteira sul. Os elfos vão ficar ali até que Hominum reconstrua o exército.

— Tão cedo? — perguntou Fletcher, com tristeza no coração. — Todo o exército orc fugiu quando viram o Dragão de Khan cair. Eles não acreditam mais na profecia.

— Eles começaram a tentar incursões de saque — respondeu Sylva, balançando a cabeça, arrependida. — Existe um exército de orcs sem líder na fronteira. Eles não sabem fazer mais nada, foram criados para lutar. Esta guerra ainda não terminou.

Ela percebeu a expressão arrasada de Fletcher e fez uma pausa. Inclinou-se para a frente e beijou seus lábios.

Fletcher ficou tão surpreso que não teve nem tempo de reagir. Logo Lisandro se materializou, e ela pulou sobre o lombo do Grifo com um salto ágil.

— Eu venho te visitar — disse ela, baixinho.

E então ela se foi, desaparecendo no céu.

Fletcher observou sua partida com tristeza, não se permitindo sentir esperanças, mas sorrindo mesmo assim. Ela era imprevisível, mas só o tempo iria dizer. Por enquanto, ele estava feliz por simplesmente estar vivo. Por estar livre de todo o peso do futuro de Hominum.

Um cavalo relinchou. Fletcher virou-se e viu uma carruagem passando pelo gramado, deixando sulcos profundos na grama bem aparada.

— Ah, isso vai deixar marca — resmungou Fletcher.

E saiu correndo até a carruagem.

— Você chegou tarde! — gritou para o cocheiro. — Se você andar depressa, talvez os alcance a caminho de Corcillum.

Ele apontava para a rua quando a porta da carruagem se abriu. Berdon saiu, com um sorriso tímido.

— Desculpe, filho — disse o ferreiro, dando-lhe um abraço simpático. — Esqueci que eles tinham reformado a casa.

— Não me importo com o gramado; eu me importo por você ter perdido a cerimônia — disse Fletcher. — Quer saber, seu negócio, seja lá o que era, podia ter esperado. Não sobrou nem bolo; Cress comeu tudo.

— Bem, aí é que está — começou Berdon, sorrindo para Fletcher. — Meu negócio não podia esperar. Tem alguém querendo te ver.

Fletcher, entretanto, não estava mais ouvindo. Porque uma mulher havia saído da carruagem.

Alice. Sua mãe.

Ele ficou olhando, sem entender. Os olhos dela. Era como se ela estivesse olhando diretamente para ele. Fletcher deu um passo hesitante para a frente.

— Fletcher? — disse ela, incerta.

— Vá, filho — disse Berdon, empurrando o garoto de leve.

Foi quando lágrimas começaram a correr pelo rosto de Fletcher, e ela estava ali, abraçando-o junto ao peito. Era como se uma represa tivesse explodido dentro de si, inundando-o de alegria. Depois de todos aqueles anos, de tudo o que ele havia passado... agora tinha a mãe de volta.

— Sinto muito — desculpou-se ela, soluçando. — Sinto muito mesmo.

Fletcher afastou-se para olhá-la. Tocou sua bochecha, mal acreditando que ela era real.

— Não precisa se desculpar — disse ele. — Eu estou aqui agora. Você está aqui agora.

Ela sorriu por entre as lágrimas.

— Venha — disse ela, puxando-o pela mão.

Eles caminharam na direção da mansão, Berdon acenando para ele, incentivando-o com uma gargalhada ribombante que preenchia o ar.

Fletcher nunca se sentira tão feliz.

Porque, finalmente, ele estava em casa.

Demonologia

Pyrausta – Nível 2 – Otelo Thorsager

Pyraustas são demônios tão raros que, até então, não havia registros de sua captura. Sua forma de lagarto alado parece ser formada a partir das partes do corpo de um inseto. Suas antenas multifuncionais funcionam como sensor de calor, captam a vibração do ar e detectam umidade.

Donzela – Nível 3 – Verity Faversham

Um demônio-inseto; uma libélula gigante com carapaça iridescente e asas. Essas criaturas são velozes no ar, mudando de direção num piscar de olhos. Parentes dos Carunchos, têm irmãos até 3 vezes mais letais e são comuns no éter.

Kamaitachi – Nível 3

Demônio similar a uma doninha, com placas ósseas serrilhadas no lugar das patas. Comum nos domínios órquicos do éter, sempre atacam as linhas de frente de Hominum.

Vespe – Nível 4

Parecidos com uma vespa gigante, são demônios difíceis de capturar, porque voam em enxames. Dotados de um ferrão tão potente quanto o da Donzela e fortes mandíbulas, são um dos favoritos dos xamãs orcs.

Estirge – Nível 4 – Inquisidor Damian Rook *Bastante confundido com a Griforuja, o estirge se parece com corujas, mas tem quatro garras. As penas são vermelhas, dando a ele uma aparência amedrontadora. Comum em partes conhecidas do éter, raramente são capturados por conta de sua natureza agressiva. Estirges matam e comem seus irmãos quando atingem a maturidade.*

Griforuja – Nível 4 – Fletcher Raleigh

É uma combinação de gato e coruja, próxima dos Grifos e dos Chamrosh, porém mais raro. O bico e as garras são sua maior arma, mas é a inteligência e agilidade que fazem dele um demônio tão desejado. Solitário por natureza, cria laços fortes com seu conjurador e demônios companheiros.

Raiju – Nível 5 – Cress Freyja

Tão raro que apenas cinco foram capturados até hoje. Um híbrido de esquilo, guaxinim e mangusto, tem olhos grandes e amarelos e pelos azul-escuros, com espirais e listras irregulares em cerceta. Têm um alto mana e seu ataque de eletricidade é capaz de matar um orc. Gosta de dormir na barriga de seu conjurador, se enroscando ao redor do umbigo do mestre.

Salamandras – Nível 5 – Fletcher Raleigh *Salamandras são demônios raríssimos. São imunes ao fogo e, se expostos continuamente à lava vulcânica, podem se metamorfosear num Drake e, no estágio seguinte, num Dragão.*

Enfield – Nível 5 – Verity Faversham

É mais raro e menor que seu primo, o Vulpídeo, e é do tamanho de um grande cão. Tem cabeça de raposa, patas dianteiras de águia, tronco de galgo e quartos traseiros de lobo. Suas garras frontais são afiadas e as penas castanhas se misturam aos pelos vermelhos e cinza.

Chamrosh – Nível 5

Esse híbrido de cão e falcão é bem menor que seu parente, o Grifo. O Chamrosh é conhecido por sua lealdade e natureza amorosa. E se sentirá sozinho se separado do seu mestre. Um dos demônios mais utilizados pelo Corpo Celestial, ele também é um favorito entre os conjuradores.

Araq – Nível 6 – Didric Cavell

O Araq, ou Arach, é uma enorme aranha, quase do tamanho de um javali. Suas oito patas são habilidosas e permitem que o demônio salte até 3 metros. O Araq tem 3 fortes habilidades. A primeira é o feitiço de seda; a segunda é o ferrão temível, com um veneno letal; finalmente, o Araq é capaz de lançar seu pelos das costas no ar, ferindo e até cegando seus oponentes. Apenas seu conjurador é imune ao Araq.

Caládrío – Nível 7– Átila Thorsager

Um dos pássaros elementais, o Caládrío é próximo da Fenix nascida nas chamas, a gélida Polárior e a relampejante Alcione. Com penas brancas de pomba, o alto mana desse demônio e seus poderes de cura são muito desejados, apesar de suas pequenas garras. Passam a maior parte do tempo acima das nuvens do éter, onde o ar é muito rarefeito para que outros demônios o encontrem.

Fênix – Nível 7

Um pássaro enorme com plumas alaranjadas e uma longa cauda de pavão. A Fênix é o mais raro das aves primas. Com um mana muito alto e capaz de lançar fogo como a Salamandra, esses demônios supostamente habitam as proximidades de vulcões ativos no éter.

Alcione – Nível 7

É a mais comum das quatro aves dos elementos, com penas brilhantes e metálicas que o fazem brilhar quando voa. Com garras muito afiadas, mana elevado e a habilidade de lançar um golpe de energia da cauda, sua única desvantagem é ser muito nobre.

Polárior – Nível 7

Voam sobre os mares no éter, usando suas habilidades congelantes para caçar qualquer presa que salta para fora d'água. Poucos avistamentos reportam que esse demônio tem plumagem azul-escura e barriga branca. Com mana alto e a habilidade raríssima de congelar seus inimigos, é uma ótima aquisição para qualquer conjurador.

Alicórnio – Nível 8

Um cavalo com asas de cisne e apenas um chifre. Esses demônios equinos dificilmente são capturados, graças a sua velocidade no ar e na terra. Seus rebanhos atravessam as áreas de Hominum do éter uma vez a cada década. E os que são lentos o bastante para serem capturados tendem a ser os que estão doentes, machucados, ou ainda são muito novos.

Hipogrifos – Nível 8

É um híbrido de águia e cavalo. Apesar de ser rápido na terra, não tem tanta força nas

garras como o Grifo. Por isso, usa mais seus golpes com o bico e os cascos. É popular no Corpo Celestial, perdendo apenas para o Periton.

Nanauê – Nível 9

Esse tubarão humanoide é um dos demônios favoritos entre os xamãs orcs, graças a suas presas e mandíbulas ferozes, garras afiadas e agilidade impressionante. Com uma postura mais parecida com a de um chimpanzé do que a de um humano, é excelente em escaladas e pode pular grandes distâncias. Existe em diversas espécies, sendo os mais comuns o tubarão branco, o tubarão-martelo e o tubarão-tigre.

Periton – Nível 9

Favorito do Corpo Celestial, o Periton é como um veado grande com asas e majestosos chifres. As patas dianteiras terminam em cascos e as traseiras em garras como as de um falcão, mortais a ponto de causar sérios ferimentos nos inimigos. No lugar da cauda dos veados, esses demônios têm uma elegante e longa cauda de penas. Como seus rebanhos atravessam as áreas de Hominum do éter, são as montarias aladas mais comuns para os conjuradores.

Sobeks – Nível 9

São enormes criaturas bípedes, semelhantes a crocodilos, que usam as garras e mandíbulas para destroçar seus oponentes, isso se suas grandes caudas não os espancaram até a morte antes.

Oni – Nível 10

Onis têm corpos e estaturas parecidos com os de orcs e são um dos favoritos dos xamãs veteranos. Têm a pele carmesim, um par de grandes chifres e caninos superdesenvolvidos. Apesar de parecerem espertos, são menos inteligentes que carunchos.

Mantícora – Nível 12 – Charles Faversham *Esse raro demônio tem asas e membros anteriores de morcego, um rabo de escorpião e o corpo de leão, com seu pelo escuro misturado a espinhos afiados. A cabeça de leão aparenta ser quase humana e é capaz de expressar emoções complexas. Seu veneno é tão potente que apenas uma gota pode matar um humano. Dizem que os membros da família Raleigh são imunes a ele.*

Ifrit – Nível 12

É um elemental aparentado do Golem, mas formado com fogo em vez de pedra. Parente próximo do Jotun, a pele parece lava. É incrivelmente forte e pode até lançar chamas da boca. É um dos demônios mais poderosos que os orcs são capazes de capturar em suas áreas do éter.

Jotun – Nível 13

Jotuns são conhecidos apenas por uma rápida menção num texto élfico muito antigo, apesar de acadêmicos sempre duvidarem da autenticidade do texto. Descritos como humanoides gigantes que parecem ser feitos de gelo e supostamente são capazes de congelar tudo o que tocam, é dito que esses demônios vivem nos mais altos picos gelados das montanhas do éter.

Wendigo – Nível 13 – Zacarias Forsyth

É um demônio raro, conhecido por seguir as baixas nas migrações pelo éter, comendo as carcaças de suas vítimas. Apesar da fama de comedor de carniça, é muito poderoso, com músculos definidos sob sua pele fina. Com mais de 2 metros de altura, galhadas e cabeça

de lobo, tem braços longos que usa para bater no chão, como um gorila. A pele é manchada de cinza e fedorenta, por conta de seu hábito de comer carne podre.

Serpe – Nível 15

São as maiores armas contra os demônios do Corpo Celestial. Enormes, têm asas como as de um morcego, caudas espinhosas e cabeças de crocodilo, com chifres. Sua pele é tão firme que apenas armas muito afiadas podem lhe ferir. Além das presas, sua maior arma são os poderosos membros inferiores, que possuem grandes garras. São mais lentos do que a maioria dos demônios voadores, normalmente contando com a retaguarda de Picanços, Estirges e Vespes.

Zaratan – Nível 15

Demônio similar a uma gigantesca tartaruga anfíbia, com uma cabeça reptiliana e íris dourada. Seu casco enorme pode ser confundido com uma ilha por desavisados, e podem ficar muitas vezes maiores quando chegam à idade adulta.

Fantauro – Nível 20

Com cabeças de elefante, grandes presas, punhos robustos e uma altura de mais de 3 metros, é uma grande força para se contar numa batalha. Sendo o mais raro e poderoso demônio disponível para xamãs orcs, apenas um foi visto. Sabemos muito pouco sobre seu comportamento e habitat. O único Fantauro já capturado passou pela posse dos xamãs orcs ao longo de suas gerações, e sua origem se perdeu no tempo.

O mago da batalha

Facebook do autor:

<https://pt-br.facebook.com/authortaranmatharu/>

Twitter do autor:

<https://twitter.com/taranmatharu1?lang=pt>

Watpad do autor:

<https://www.wattpad.com/user/TaranMatharu>

Goodreads do autor:

http://www.goodreads.com/author/show/7979840.Taran_Matharu

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.